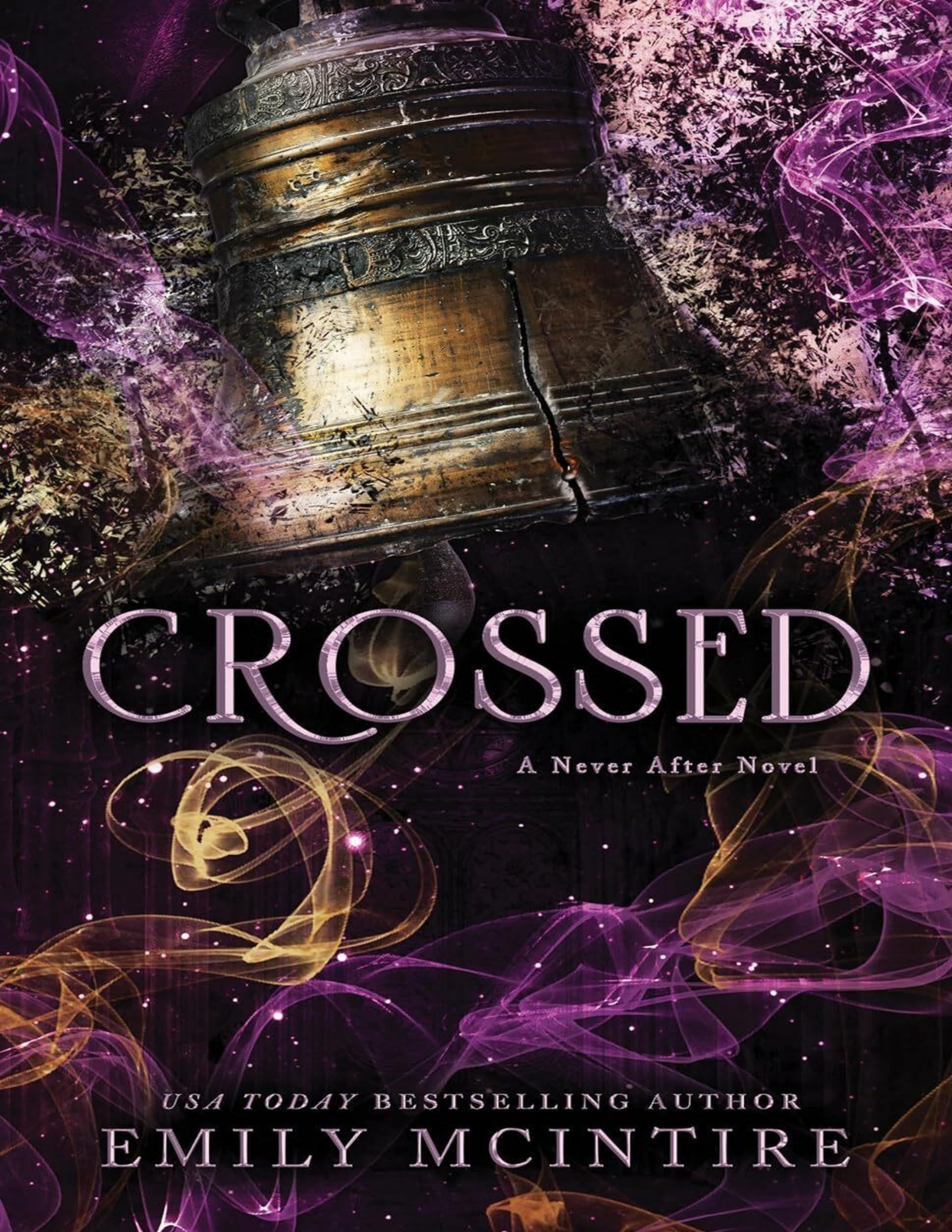




CROSSED

A Never After Novel

USA TODAY BESTSELLING AUTHOR
EMILY MCINTIRE

CROSSED



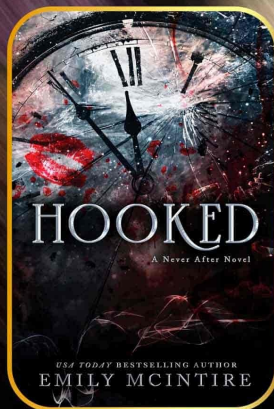
CROSSED

O grupo SB, composto por fãs da autora, traduz obras sem previsão de publicação no Brasil para incentivar a aquisição oficial e ampliar o acesso a novos autores. Sem fins lucrativos, buscamos divulgar escritores que, de outra forma, seriam desconhecidos para leitores brasileiros.

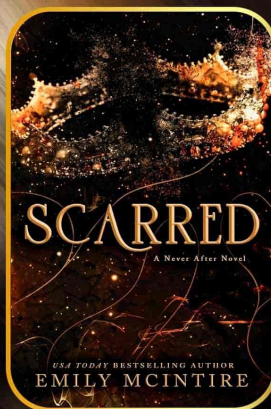
Para respeitar direitos autorais, o grupo pode suspender ou remover traduções caso a obra seja lançada oficialmente no país. O download é para uso pessoal e privado, sendo proibida sua divulgação sem autorização prévia. O leitor assume total responsabilidade pelo uso indevido da obra, isentando o grupo de qualquer vínculo com atos ilícitos, conforme o art. 184 do Código Penal e a Lei 9.610/1998.

NEVER AFTER

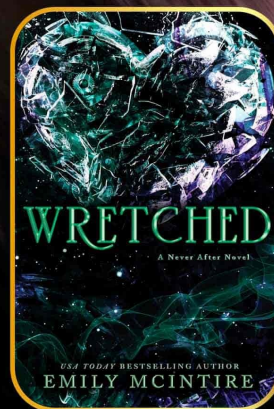
#1



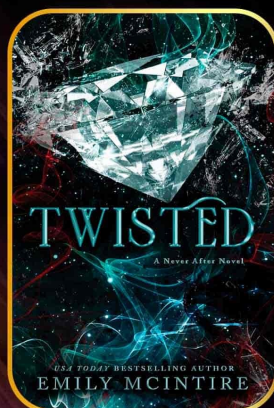
#2



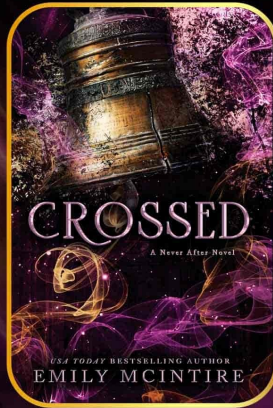
#3



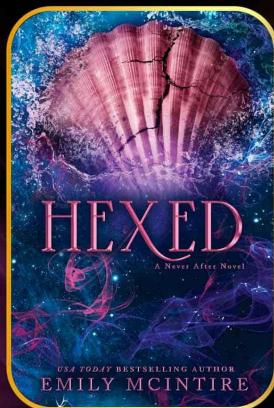
#4



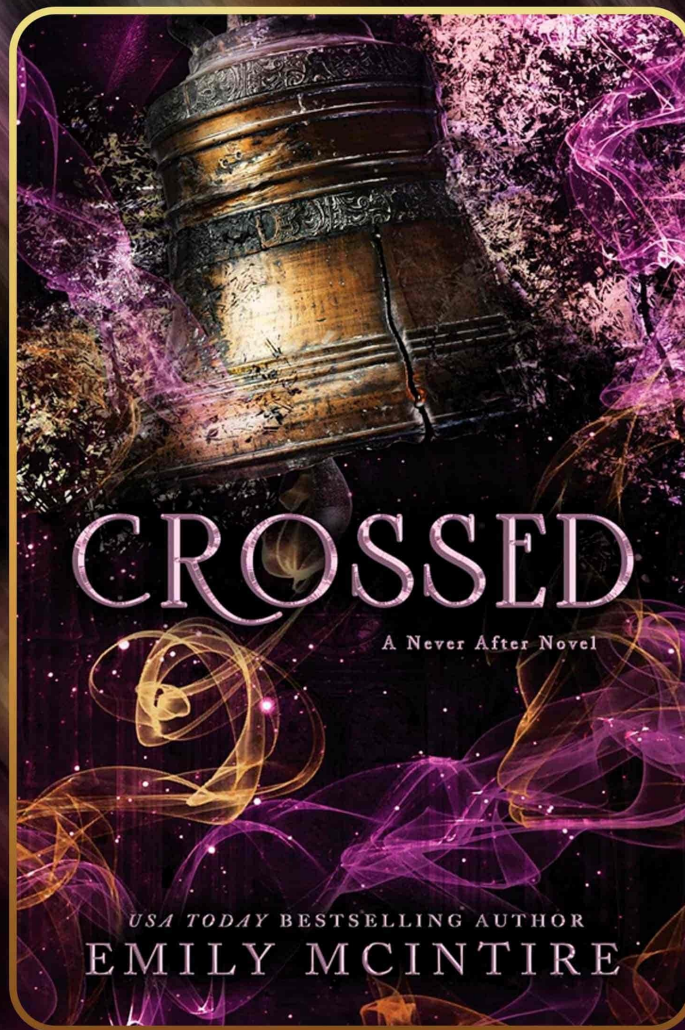
#5



#6



NEVER AFTER
LANÇAMENTO



CROSSED

SINOPSE

Ele é a retidão. Ela é o pecado.

O padre Cade Frédéric é um homem santo. Criado nas ruas de Paris, dedicou sua vida à igreja. Mas há um monstro que espreita logo abaixo da superfície. Uma enfermidade. Algo que sangra escuridão e se alimenta dos condenados. Quando recebe a missão de se tornar o padre de Festivalé, Vermont—uma cidade bela em sua arquitetura, mas repleta de desespero—sua enfermidade canta, exigindo que ele livre o lugar do mal.

Amaya Paquette é o belo mistério de Festivalé. Passa os dias cuidando de seu irmão mais novo e as noites transformando-se em Esmeralda, dançando para olhos gananciosos e lábios sem vergonha. Embora anseie por amor, evita qualquer companhia, temendo ser abandonada novamente.

Quando o padre Cade põe os olhos em Amaya, encontra-se enfeitiçado, convencido de que ela usa feitiçaria para atraí-lo. Ele não consegue comer. Não consegue respirar. Não consegue pensar em nada além dela.

E a tentação é uma amante devastadora.

Ela é sua fraqueza, então ele decide que será sua ruína... mesmo que isso signifique matar a única mulher que talvez possa amar.

Lista de reprodução

“Seven Devils” - Florence + the Machine

“My Mind & Me” – Selena Gomez “Come as You Are” – Nirvana

“Unholy” - Sam Smith, Kim Petras

“Monster” - Shawn Mendes, Justin Bieber

“God Is a Woman” - Ariana Grande

“Elastic Heart” - Sia

“Lovely”- Billie Eilish, Khalid

“Bleeding Out” – Imagine Dragons

“Figure You Out” - VOILÀ

Para quem tem medo de errar. Errar é humano. Dê a si mesmo um pouco de graça.

Quando te vi duas vezes, quis te ver mil vezes, quis te ver sempre.
Então “como parar naquela encosta do inferno?” então eu não pertencia
mais a mim mesmo.

- *Victor Hugo, O Corcunda de Notre-Dame*

Prólogo

Cade

Festivalé, Vermont, parece diferente na calada da noite.

É uma cidade suja.

Imunda. Cheia de escuridão.

O meu superior enviou-me para revitalizar a zona histórica. Para trazê-la de volta ao caminho da retidão, onde ela esteve ausente por muito tempo.

Quando cheguei hoje cedo, uma onda de nostalgia passou por mim. Sentei-me no banco do passageiro do SUV enquanto ele rodava lentamente pelas estradas, a arquitetura colonial francesa me lembrando da minha infância – de crescer nos becos de Paris, implorando por restos e roubando apenas para me manter vivo e alimentado.

Esta cidade, assim como Paris, goteja pecado, embora falte sutileza.

Em vez de se apegar ao que *deveria* ser uma história rica, preservada desde quando Vermont fazia parte da Nova França em 1700, Festivalé parece uma caricatura. Uma ode ridícula a algum lugar ao qual não pertence. O nome da cidade em si nem é francês de verdade.

Ainda assim, se eu fosse um homem de esperança, olharia pelas janelas empoeiradas e veria potencial. Mas existe um mal que polui o ar, tornando-o espesso e abafado, uma nuvem escura que cobre o vale e cria doenças em tudo o que toca. Posso sentir o cheiro a cada inspiração.

Prová-lo a cada respiração. Uma parte de mim teme que isso possa me infectar também, mas rapidamente deixo esse pensamento de lado, sentindo minhas defesas se fortalecerem até ficarem tão fortes quanto o aço.

Não tenho certeza de que horas são agora, só que já se passaram horas depois da minha chegada e, quando saí da minha nova casa, já era quase meia-noite. Eu não pretendia me aventurar lá fora tão logo depois de chegar, mas havia uma *necessidade* surgindo dentro de mim, uma necessidade familiar que tento ignorar.

E eu sou apenas humano.

Quando minha própria doença se concretiza, fico impotente contra sua influência.

Il est miséricordieux.

Ele é misericordioso.

Esta noite, o ar está frio, e ando pelas calçadas rachadas e pelos becos, uma pitada de gelo beliscando meu nariz e as pontas das orelhas até que uma dormência pungente percorre minha pele. Mergulho a cabeça, a gola do meu casaco preto roçando as laterais do meu pescoço enquanto caminho pelo que imagino ser a parte mais difícil da cidade.

A lua cheia lança um brilho misterioso nas ruas tranquilas, meus passos ecoando no ar parado.

De repente, uma porta à minha esquerda se abre, uma luz amarela sangrando pela entrada, destacando a silhueta de uma mulher. Sua voz ressoa nos prédios de tijolos em ruínas que têm tábuas podres e vidros quebrados nas janelas.

Hesito, franzindo a testa por baixo da aba larga do meu chapéu

enquanto ela sai da varanda e se aproxima de mim. Eu examino a área. Não há ninguém aqui fora, exceto nós.

Ela para bem na minha frente, seu olhar nebuloso fixando-se no meu, as pupilas dilatadas, deixando seus olhos pretos como carvão.

Meu estômago cai.

Une démone.

Um demônio.

— Você é novo, — ela canta. Sua voz é rouca de uma forma praticada que tenho certeza que foi aprimorada para fazer o pau de um homem se contorcer e seus instintos mais básicos avançarem. Mas há anos não sinto um único desejo sexual por uma mulher.

A repulsa queima o fundo da minha garganta e uma voz sussurra em minha mente, mas tento ignorar os pensamentos perversos. Não saí para *agir* de acordo com meus impulsos, apenas para eliminá-los de minha psique.

Olho para ela, elevando-me sobre seu corpo magro, embora ela não seja baixa de forma alguma. Uma rajada de vento gelado sopra em meu rosto, meus dentes cerrados para não bater.

Arrepios brotam ao longo do peito exposto e cremoso da mulher, e ela se mexe, deixando as folhas estalando sob seus pés.

Sua palma se estende e desliza pela lapela do meu casaco preto, e isso me estimula a me mover, abrindo minhas mãos enluvadas para agarrar seus dedos com força. Um suspiro de surpresa deixa seus lábios vermelhos e frouxos.

— Qual é o seu nome, démone? — Eu rosno.

O choque desaparece de suas feições, um brilho de curiosidade tomando seu lugar.

— Esse é o sotaque. — Ela se aproxima. — Você pode me chamar do que quiser, desde que possa pagar, querido. Dinheiro ou... ou heroína, se você tiver.

Minha doença canta.

E antes que eu possa empurrá-lo de volta, meu monstro “aquela *doença*” explode, afundando em meus ossos até doer.

Solto o pulso da mulher e dou-lhe um breve aceno de cabeça.

Seu sorriso se estende até atingir os cantos de seu rosto encovado. — Me siga.

Ela se vira e caminha de volta para a porta aberta, e eu examino a área uma última vez, garantindo que ninguém esteja por perto para ver.

Ainda sozinho.

A casa dela é pequena e imunda. Apenas um quarto de solteiro com um colchão sujo no chão e uma luminária sem abajur piscando no canto. A cama em si está cheia de manchas, e posso sentir o cheiro dos acasalamientos profanos que permeiam o ar, tão denso que me faz sentir como se não conseguisse respirar.

Anos atrás, eu teria inveja deste espaço. Eu teria desejado um colchão debaixo de mim à noite e um teto sobre minha cabeça.

Mas isso foi antes.

A mulher se vira para mim e percebo as marcas de varíola espalhadas por seu rosto magro, um desespero selvagem nadando nas profundezas de suas feições, tentando capturar *minha* energia com suas sombrias

garras negras.

O homem em mim quer se afastar, mas o monstro a chama para mais perto.

Seus quadris ossudos balançam enquanto ela se aproxima, e algo azedo provoca os cantos da minha boca enquanto observo seu corpo desnutrido tentar a sedução. Suas mãos deslizam pela frente do meu casaco, desfazendo os botões lentamente. Eu deixo, e quando o material se abre, seus olhos se fixam no colar distinto em volta do meu pescoço, alargando-se quando sua cabeça se levanta para encontrar meu olhar.

Ela estremece, mas eu a agarro com força suficiente para machucar, arrastando-a contra mim.

— *Le diable est à l'intérieur de toi*, — sibilo.

Ela balança a cabeça. — Eu não... eu não sei o que isso significa.

Eu me inclino até que minhas palavras sussurrem contra seu cabelo áspero e emaranhado. — Isso significa que o diabo está dentro de você.

Minhas mãos deslizam por seus braços até envolver sua garganta frágil, a batida de seu coração tão alta que posso senti-la através do couro das minhas luvas. A excitação explode como uma piñata na base do meu estômago, e agora meu pau se contorce.

Eu não me importo que ela seja claramente uma profissional do sexo. Não é *o que* ela faz que chama meu monstro, é o que está *dentro* dela. Eu só desejo libertá-la de seus demônios.

— Não se preocupe, minha filha, — continuo. — Eu vim para ajudar.

E então eu pressiono, aplicando pressão em sua delicada traquéia. As mangas do meu casaco sobem com o movimento, e suas unhas cravam em meus pulsos expostos, arranhando a pele, fazendo meus músculos

ficarem tensos.

Eu gosto do jeito que ela luta. Soltando-a logo antes que ela perca a consciência, desfaço o lenço do pescoço e enrolo-o em volta do pescoço dela, cruzando as pontas e puxando.

Lentamente, seu corpo afrouxa, e é só quando vejo a vida deixar seus olhos dopados que a *necessidade violenta* dentro de mim desaparece até não ser nada além de cinzas queimadas, minha doença se dissipando como se nunca tivesse existido.

Deito seu cadáver no chão, respirando fundo enquanto pego meu cachecol, abotoo meu casaco e me agacho sobre seu corpo. Meus dedos tocam sua testa, depois a parte inferior do peito, antes de passar por cada ombro no sinal da cruz.

— Dê graças ao Senhor, porque Ele é bom, — murmuro.

Os tentáculos da culpa já estão tecendo em meu corpo, enrolando-se até que minha respiração fique entrecortada e minha visão comece a tremer.

Mas não consigo controlar isso.

Tenho essa *coisa* dentro de mim desde que nasci, amaldiçoado desde o primeiro suspiro. É somente na servidão que posso tentar limpar minha alma.

— *Há um monstro em você, criança. E Deus quer que eu supere isso.*

Afasto a voz do meu passado e me levanto rapidamente para sair, garantindo que o caminho esteja limpo antes de voltar para o centro da cidade.

Para minha nova casa.

Será uma longa noite. Não poderei descansar até expiar, tanto pelo ato pecaminoso de tirar a vida quanto pela falta de remorso depois de fazê-lo.

A culpa aperta minha barriga por *não* sentir absolutamente nada.

Eu aceitarei a dor.

Ele é misericordioso.

Cerro os dentes contra o ar áspero enquanto ando, tentando lembrar onde coloquei minha disciplina: o chicote que guardo para momentos como este.

Demoro vinte minutos para voltar, a Catedral de Notre-Dame brilhando sob a lua cheia, seus dois campanários de design complexo pairando sobre a praça principal como uma promessa. A arquitetura exterior é muito gótica e uma réplica quase exata da catedral com o mesmo nome em Paris, embora numa escala muito menor.

Esta cidade inteira é como uma cápsula do tempo, uma história que não pertence *verdadeiramente* a estas pessoas ou a este país que sufoca o ar com a sua potência mal colocada. Porém, atrai turismo e dinheiro, e se os Estados Unidos se destacam em alguma coisa, é na ganância.

Acelero os passos e estou prestes a passar pelas portas e dar a volta no pátio dos fundos, onde fica a reitoria, quando um movimento na base dos degraus da catedral chama minha atenção.

Há um homem encostado na pedra, com os olhos fechados e os cabelos emaranhados enquanto tenta se aquecer sob um cobertor furado e luvas sem dedos.

Minha garganta aperta. Eu sei como as noites frias podem ser implacáveis quando você dorme em ruas de concreto.

Eu me aproximo e descanso minha mão em seu ombro, apertando suavemente quando ele acorda. Meus olhos piscam onde nos tocamos, alguns arranhões profundos marcando meu pulso pálido, e uma memória vívida dos meus dedos envolvendo a garganta daquela mulher apenas alguns momentos antes faz meu sangue aquecer e uma explosão de adrenalina correr por mim.

— Entre antes que você congele. — Aceno para as portas da catedral.

O olhar do homem se arregala e ele hesita apenas por um momento antes de murmurar um agradecimento e me seguir escada acima. Passamos pelas gárgulas de pedra que se alinham na frente e entramos no calor do nártex, que é o saguão logo depois da entrada abobadada.

— Você pode dormir aqui ou na nave, se desejar. — Aponto o queixo em direção aos bancos do santuário antes de me virar para seguir pelo corredor que me levará à saída dos fundos, até a pequena cabana nos fundos da propriedade da igreja que agora chamo de lar.

— Quem é você? — Pergunta o homem, sua voz ecoando nos tetos altos e nos vitrais. — Eu nunca vi você antes. — Faço uma pausa, mas não me viro para encará-lo.

— Eu sou o senhor Frédéric. Mas você pode me chamar de padre Cade.

Capítulo 1

Amaya

— Porra...

Respiro fundo, afastando a mão do fogão a gás, e corro para a pia, abrindo as torneiras para que a água caia em cascata sobre minha pele chamuscada. Lágrimas picam atrás dos meus olhos por causa da dor aguda, mas cerro os dentes, deixando o líquido morno acalmar a queimadura.

Eu gostaria de culpar os aparelhos de má qualidade pelo meu acidente, mas era só eu que estava me perdendo em pensamentos. Mesmo agora, enquanto observo a água jorrando do bocal enferrujado da pia da minha cozinha, a pequena cachoeira se quebrando ao encontrar meu dedo, começo a me afastar, perdida em algum lugar no fundo da minha mente. Em algum lugar eu não sinto dor. Em algum lugar eu não sinto absolutamente nada.

Balançando a cabeça, fecho a torneira, suspirando enquanto olho ao redor do apartamento de três quartos, procurando por meu irmão mais novo.

— Quin, — eu grito quando não o vejo.

O barulho vindo da frente penetra pelas paredes finas como papel da pequena sala de estar, e minhas sobranceiras franzem. Vou até a porta, o ar frio do amargo outono de Vermont sangrando pelas frestas, fazendo um arrepio percorrer minha espinha. Olho para cima, notando que a

fechadura que mantenho no alto da porta está destrancada, e uma sensação pesada toma conta de mim. Eu *sempre* a mantenho trancada.

Quinten foge e é meu trabalho garantir que ele permaneça seguro quando estiver se auto-regulando.

Não acredito que não tranquei.

Há um xale que deixo pendurado no cabide, e estendo a mão rapidamente, arrancando-o e enrolando-o nos ombros enquanto abro a porta e saio para a varanda da frente. A brisa gelada me dá um soco no rosto, mas eu a ignoro, meus olhos percorrem a calçada em ruínas e descendo a rua.

Assim que vejo o amontoado de crianças na esquina, minha garganta aperta e corro em direção a eles, minhas longas pernas diminuindo a distância.

Um dos meninos ri, seu pé voltando como se estivesse prestes a chutar alguma coisa na sua frente. — O gato comeu sua língua, seu *idiota do caralho*? — Meu peito tem espasmos.

— Ei, — eu grito.

A perna do idiota congela e ele se vira, junto com as outras quatro crianças: dois meninos e duas meninas que estão ao seu lado. Meu estômago embrulha quando vejo quem é o principal.

Bradley Gammond. Aquele pequeno filho da puta.

A mãe dele é advogada de defesa do estado e ela me odeia absolutamente, da mesma forma que odiava minha mãe. E da mesma forma que, aparentemente, Bradley odeia Quinten.

Quando as crianças ficaram tão más?

Seus olhos se arregalam quando me veem, e as bochechas de Bradley ficam rosadas sob sua pele clara. Sua mão se estende, agarrando o braço do garoto ao lado dele. Todos eles fogem, seus passos rápidos batendo na calçada.

Minhas sobrancelhas se franzem enquanto avanço, vendo uma forma curvada com cabelo preto curto e fofo balançando para frente e para trás no meio da calçada.

Quinten.

Um nó de culpa cresce no meio da minha garganta. Não acredito que não percebi que ele estava aqui.

— Fodidos valentões! — Grito atrás das crianças, pegando uma pedra de tamanho médio e jogando nelas antes de me agachar ao lado do meu irmão mais novo. O frio do concreto sobe por dentro da minha saia roxa longa e esvoaçante e se agarra à minha pele, mas não me importo. Não sou estranha ao frio em Vermont e, anos atrás, tornei-me uma profissional em fingir que minhas roupas finas fornecem calor suficiente.

Quinten está tremendo, suas mãos fechadas em punhos com tanta força, sua pele lisa e morena está ficando branca, e eu sei, sem ver, que suas unhas estão cortando as palmas das mãos. Faço uma rápida oração para que ele não esteja sangrando o suficiente por causa da auto-infligência para precisar de anti-séptico.

Ele odeia que coisas toquem suas mãos. Honestamente, ele odeia ser tocado em geral.

— Quin, — murmuro, certificando-me de não segurar seu braço até que ele me reconheça.

Sua cabeça se vira para mim, seus olhos verdes idênticos aos meus,

grandes e redondos, mas ele não emite um único som.

Merda.

Ele não fala com frequência e, quando o faz, normalmente são frases que aprendeu com outras pessoas. Foi apenas no ano passado que ele começou a manipular as palavras em suas próprias frases, e quando as emoções aumentam, ele tende a se fechar, então seu silêncio agora não me surpreende.

Foi só no seu terceiro aniversário que ele começou a formar palavras, ecoando as pessoas ao seu redor e escrevendo coisas que já tinha ouvido.

Ecolalia¹ e Processamento de Linguagem Gestalt², como seus terapeutas chamam.

Mas isso não significa que ele não seja inteligente, apesar do que aquelas crianças diziam. Quinten é o garoto de seis anos mais inteligente que já conheci. E o melhor. Ponto final.

— Eles são idiotas, ok? — Eu digo, não tenho certeza de quem estou tentando acalmar: eu ou ele.

Ele baixa meu olhar.

Uma sensação de fracasso escorre do nó alojado em minha garganta e desce pelo meu interior, fazendo meu coração apertar. Aperto a maxilar, não querendo mostrar minha luta na frente de Quinten.

É meu trabalho ser forte por ele.

E eu tento, *Deus*, eu tento. Mas às vezes é tão difícil.

É um lugar cruel aqui na terra, cheio de pessoas que não entendem. Que *optam* por não entender que só porque alguém é diferente, não significa que seja inferior. Quinten merece o mundo inteiro, e eu faria

qualquer coisa para protegê-lo da dura realidade de alguém que se recusa a oferecer-lhe até mesmo um pequeno pedaço.

As pessoas de Festivalé tornam tudo ainda pior. Quinten sendo meu irmão mais novo o torna culpado por associação. Eu sou a pária da cidade e ele é *diferente*. Embora eles culpem-me por isso, é claro, junto com tudo o mais que dá errado nesta cidade.

Não consigo nem contar quantas vezes sonhei em fazer nossas malas e desaparecer para outro lugar. Em algum lugar onde possamos começar de novo.

Assim como minha mãe sempre fazia.

Mas isso não é realista. Tenho contas e a terapia de Quinten e mil tipos diferentes de responsabilidades aqui. Além disso, não posso simplesmente arrancá-lo do único lar que ele conheceu.

Quando eu era pequena, muito antes de Quinten nascer, minha mãe costumava nos mudar logo depois que eu me sentia confortável em qualquer lugar em que estivéssemos e depois nos colocava em algum lugar novo. Aprendi rapidamente que fazer amigos era uma habilidade inútil e que ter um sentimento de pertencimento era uma quimera que li nos livros, e não uma que experimentei na vida real.

A última coisa que quero é que Quinten tenha a mesma experiência comigo.

Ele é meu mundo. A única coisa que importa.

Estendo minha mão, segurando-a na frente de sua forma enrolada, esperando até que ele coloque a palma na minha. Eu aperto, dando um amplo sorriso enquanto o puxo e o levo de volta para nossa casa.

Assim que entramos, ele imediatamente caminha até a pequena mesa

retangular da cozinha e se senta no assento de madeira gasto, pegando seu tablet e se perdendo em sua rede de segurança. Não posso dizer que o culpo; se eu pudesse, correria para me enrolar na cama ou iria para o estúdio mais próximo, só para desabafar e me perder no corpo em vez de na mente. O pole dancing é a única coisa que me fez sentir como *eu*.

A conta de internet não paga pisca para mim no balcão da cozinha, onde a guardei e tentei esquecer que ela existe. Mas esta manhã e a maneira como Quinten correu para seu tablet são lembretes claros de que seus aplicativos não são apenas um luxo, eles são uma *necessidade*, e se eu não posso pagar a conta, ele não pode se sentir seguro em sua própria casa.

Esta noite é segunda-feira, que geralmente é minha noite de folga, e é uma que eu tinha planejado passar com Quinten para descansar e relaxar, mas antes que eu possa me questionar, pego meu celular para enviar uma mensagem para minha única amiga, e colega de quarto, Dalia, enquanto me sento em uma das cadeiras.

Há uma chamada perdida e eu me encolho, meu estômago revirando quando leio o nome Parker na tela e deslizo a notificação para digitar meu texto.

Eu: Ei, vou trabalhar hoje à noite. Você pode olhar Quin?

Uma resposta chega rapidamente e suspiro de alívio.

Dalia: Pode apostar. Estarei em casa às
4.

Passo a mão na testa e olho para meu irmão mais novo, do outro lado da mesa. Seu rosto está sem emoção, como se o que quer que tenha acontecido nem o tenha afetado. Como se ele já tivesse esquecido disso.

Mas as aparências enganam.

Quinten nunca esquece nada.

Além disso, mesmo que ele pareça se recuperar rapidamente, eu não o faço. A sensação que surge ao saber que alguns garotos idiotas estavam tentando machucá-lo fisicamente ficará comigo para sempre, outro entalhe cortado na superfície já marcada do meu coração.

Nos momentos realmente difíceis, pergunto-me se esses entalhes se transformarão em tecido cicatricial, tornando uma parede impenetrável demasiado espessa para ser rompida.

Alguns dias, eu desejo isso.

Meu telefone toca novamente e olho para baixo, *Parker* aparecendo na tela.

Meu coração vacila, mas silencia a chamada. É muito cedo para lidar com ele.

Parker Errien é a ruína da minha existência e a razão pela qual Quinten e eu vivemos em dívidas perpétuas. Ele apareceu pela primeira vez quando estava namorando minha mãe, depois que nos mudamos para cá, há pouco mais de cinco anos.

Não tenho certeza de como ela se envolveu com ele, mas não foi uma surpresa. Minha mãe era uma mulher linda. Semelhante a mim em quase todos os aspectos, com seus longos cabelos negros e impressionantes olhos verdes. Suas pernas longas e bonitas acentuavam suas coxas e

quadris grossos. Quando necessário, ela procurava dinheiro com facilidade, mesmo quando não tinha nenhum, e era uma sereia para os homens, chamando-os e lançando-os sob seu feitiço com um único olhar.

Ela e Parker começaram a namorar quase imediatamente depois que chegamos, e foi só depois que ela desapareceu que descobri que ele a estava “alugando” secretamente para amigos importantes. O tipo de amigo que precisa de discricção e está disposto a pagar um bom dinheiro para garantir isso. Mas em público, Parker Errien e Chantelle Paquette rapidamente se tornaram o assunto da cidade e, pela primeira vez, tive uma sensação de pertencimento. Mesmo quando seus olhares demoravam um pouco demais e suas mãos vagavam um pouco longe demais.

Somente quando ela desapareceu, ele não o fez. Ele simplesmente mudou seu foco dela para mim.

Ele não gostou que ela o deixasse sozinho, deixando seus “clientes” sem uma mulher para aquecer a cama e o dinheiro que já haviam pago pelo privilégio. Então agora estou presa pagando as dívidas dela. A maior parte do dinheiro que ganho acaba nas mãos sujas de Parker, e ele gosta de me fazer precisar dele de todas as maneiras que pode.

Um arrepio percorre minha espinha e balanço a cabeça, voltando minha atenção para Quinten.

— Você está com fome, Quin? — Pergunto, minhas unhas batendo na madeira desgastada da mesa. É uma merda, assim como tudo neste lugar. Peguei-a na lixeira da rua há cinco anos, logo depois do meu aniversário de dezenove anos, o que também foi logo depois que nossa mãe me tornou inimiga da cidade e depois desapareceu, deixando um bilhete com seis palavras.

Cansei. Ele é sua responsabilidade agora.

Engraçado como ter uma filha aos quinze anos era administrável, mas um bebê rebelde com um dos muitos “amores de sua vida” aos trinta e três anos que mostrava sinais de espectro autista era demais para suportar.

Foda-se ela.

Arrastei a mesa para dentro e passei alguns dias higienizando-a até meus dedos sangrarem, mas não me importei. Eu estava muito feliz em dar a Quinten e a mim um lugar para comer que não fosse o chão, determinada a provar que eu era melhor do que nosso lixo doador de óvulos que não nos amava o suficiente para sequer *tentar*.

— Quin.

Quinten não olha para cima, e o pavor começa a tomar conta do meu interior, sabendo que não tenho seus ovos mexidos normais para oferecer porque acabei de queimar todos eles no fogão. Tem sido seu alimento reconfortante nos últimos seis meses, a *única* coisa que ele come no café da manhã, e se há algo que eu quero fazer é confortá-lo.

— Que tal alguns waffles com gotas de chocolate? — Eu sorrio largamente, tentando seduzi-lo. Acho que ainda restam alguns. Eles podem estar um pouco queimados no freezer, mas serviriam em apuros.

Ele balança a cabeça, fazendo um clique no fundo da garganta antes de dizer, — Você quer ovos?

Não é uma pergunta. O fraseado é apenas parte de seu processamento de linguagem gestalt.

— Eu quero ovos, — respondo.

— Eu quero ovos, — ele repete, depois acrescenta seu próprio

pensamento. — Isso soa bem.

— Você acertou, cara. — Minha garganta aperta quando balanço a cabeça, sabendo que terei que correr para a porta ao lado e pedir um pouco ao Sr. Brochet, e ele é um velho rabugento e mal-humorado que não gosta de ser incomodado.

Mas faço isso mesmo assim, porque se Quinten quiser ovos, é isso que vou garantir que ele receba.

Capítulo 2

Cade

Parker Errien.

Eu sabia o nome antes mesmo de vir para a cidade. Meu superior, Bispo Lamont, mencionou-o com frequência suficiente para que eu saiba que Parker é o catalisador que me inspirou a ser enviado para cá. Mas esta é a primeira vez que o encontro pessoalmente.

Ele é um homem decentemente atraente, com pele de porcelana, cabelo loiro claro que está ficando grisalho e um ar de ego pomposo que estou salivando para transformar em sujeira. Ele entrou no meu escritório, no corredor dos fundos da igreja, há vinte minutos, agindo como se fosse o dono do mundo, o que suponho que, pelo menos neste pequeno lugar do universo, ele seja.

Parker dirige a Errien Enterprises: uma holding que detém setenta por cento das *outras* empresas entre aqui e as cidades vizinhas. O nome de Parker está presente nas laterais de quase todos os edifícios nobres de Festivalé. Não é preciso dizer que ele é podre de rico, o melhor amigo do prefeito e um dos maiores doadores locais para a Catedral de Notre-Dame, e é o rei por excelência de Festivalé.

E ele tem meu superior, bispo Lamont, no bolso.

Mas posso sentir o mal sangrando de sua alma e me pergunto o que um homem como Parker precisa fazer para garantir que seu trono nunca seja tocado. Quantas pessoas ele paga, quantos pecados ele está disposto a cometer.

Acho muito difícil acreditar que fui trazido aqui para realmente mudar a cidade, e minha suposição é que, aos olhos de Parker, sou apenas mais um peão para ele manipular.

Afinal de contas, o meu antecessor, Padre Clark, foi vocal nos seus últimos dias. Eu o ouvi ao telefone falando furiosamente no ouvido do Bispo Lamont sobre como o Sr. Errien não era seu mestre e ele não se curvaria a ninguém além de Deus.

Parker ficará muito desapontado ao saber que não sou diferente.

— Ouvi dizer que você era da velha escola, — diz Parker, olhando para mim enquanto me sento atrás da minha grande mesa de noqueira.

Meus dedos estão unidos sob meu queixo, os cotovelos cravados nos braços da minha cadeira acolchoada.

— Mesmo tenso, — ele continua.

Mesmo assim, não respondo.

Ele faz uma careta. — Você fala inglês, Sr. Frédéric?

Eu levanto uma sobrancelha. — Depende se há alguém com quem vale a pena conversar, Monsieur Errien.

Um olhar sombrio passa pelo olhar de Parker enquanto ele se recosta no assento, com as pernas bem abertas. Tenho certeza de que ele pensa que é um ato de domínio, ficar preguiçoso no *meu* escritório como se fosse o dono, mas tudo o que faz é mostrar que ele é um homem que não sabe o que fazer com o pau entre as pernas.

— Isso é algum tipo de coisa católica? — Ele zomba. — Padres que pensam que estão acima de qualquer suspeita?

O músculo do meu maxilar se contrai. — E a que religião você

prescreve, Monsieur Errien? Eu presumi que você *fosse* católico.

Suas sobrancelhas saltam até a linha do cabelo. — Claro que sou.

Vibrando, eu me levanto, contornando a borda da minha mesa até estar perto o suficiente para que ele tenha que esticar o pescoço para olhar nos meus olhos.

— Sou um homem de Deus, Monsieur Errien, o que significa que estou *mais* sujeito a reprovações, — digo. — Apesar de eu perdoar muitas coisas que uma pessoa inferior não perdoaria, pelo bem do nosso futuro... *relacionamento*, acho que deveríamos estabelecer limites.

— Eu concordo.

— Perfeito. Vou começar. — Eu sorrio. — Não importa quanto dinheiro você gasta ou quantos outros caem de joelhos e o adoram como uma espécie de falsa divindade por causa desse dinheiro. Não vou tolerar desrespeito.

Os dentes de Parker rangem, alto o suficiente para eu ouvir. — Nem eu.

Eu rio, inclinando-me para frente até que minha sombra paire sobre seu corpo. — Não entre em meu escritório, em *seu* local de adoração, e ostente seu desrespeito, insinuando que minha fé é algo para zombar. Aqui, nesta casa, *eu* sou o poder.

— Você só está nesta posição porque eu desejo isso, — Parker cospe de volta. — Você *não tem* ideia do que sou capaz.

Endireitando-me, passo a mão pela frente da minha camisa preta e me encosto na borda da minha mesa. — Isso é verdade. E a igreja é eternamente grata pelas suas doações mais que generosas. Eu sei que você e o padre Clark não concordaram na limpeza das ruas de Festivalé,

então sugiro que você pare um momento de reflexão e busque profundamente a gratidão que deveria estar sentindo, sabendo que ouvi seus apelos e apoie sua causa.

Ele zomba, mas não perco a forma minúscula como seus ombros caem, sua arrogância se encolhendo da maneira que a falsa confiança geralmente faz quando atingida por um golpe de domínio.

— Nós estamos entendidos? — Eu pressiono.

Ele não responde além de um aceno de cabeça e um sorriso aparece nos cantos da minha boca. Deixo o silêncio engrossar o ar e perfurar sua pele até que ele se mexa com um desconforto óbvio.

— De onde você disse que era originalmente? — Ele finalmente pergunta.

— Eu não disse.

— E há quanto tempo você é padre?

— Tempo suficiente.

O colarinho engomado roça meu pescoço com sua pergunta, e eu limpo a garganta.

Parker cantarola, batendo os dedos grossos na madeira da cadeira, os olhos calculando de uma forma que nunca haviam feito antes.

Provavelmente foi um erro ser tão duro com ele, mas estar aqui, nesta cidade, me deixou desequilibrado. Meu temperamento é explosivo e meu fusível está aceso.

— Tenho algumas ideias para a sua homilia deste domingo, — diz ele, mudando o rumo da nossa conversa.

Minha coluna se arrepia.

— Eu não esperaria nada menos, — respondo, acenando com a mão em direção à porta. — Infelizmente o dever chama e não tenho tempo para ouvir. Se precisar de confissão, pode falar com o padre Jeremiah, o pároco que os está atendendo hoje.

Parker se levanta, abotoando o paletó antes de colocar a palma da mão no ar entre nós, sempre o empresário. Eu olho para ele, mas não aceito a oferta de um aperto de mão. Ele me insultou e não tenho intenção de deixá-lo encontrar conforto dentro destas paredes.

Hoje não.

— Não somos tão diferentes, você e eu, — ele reflete. — E independentemente do título que você ocupe aqui, Sr. Frédéric, sugiro que *você* se lembre por que o detém.

— Não há necessidade de formalidades, Parker. — Eu sorrio. — Por favor me chame de Pai.

Seu maxilar aperta, mas ele balança a cabeça. — Tenha um bom dia, Pai. — E então ele se vai.

Solto um suspiro lento, movendo minha cabeça para o lado até que um estalo agudo ressoa em meus ouvidos, a tensão se transformando em alívio. Manobrando de volta à minha mesa, sento-me, pego uma caneta e bato-a em um ritmo metódico contra a madeira, meus olhos fixos na porta por onde Parker acabou de sair. Eu não deveria tê-lo provocado, deveria ter mordido a língua e sorrido, permitindo que ele pensasse que detém o poder.

Mas há algo estranho nele. Uma escuridão em seus olhos que me lembra do meu passado. Da irmã Agnes quando ela me bateu até ficar preto e azul.

— Cade Frédéric! — Irmã Agnes grita, sua voz ecoando nas paredes de concreto do refeitório.

Eu me acovardo atrás da mesa mais longa nos fundos, tentando me esconder no canto, mantendo-me nas sombras e torcendo para que ela não consiga ver. Se ela me encontrar, com certeza vai levar o cinto para mim de novo, e ainda não me recuperei da semana passada, quando roubei o brinquedo daquele menino novo. Desta vez, não fiz nada.

Na verdade, não.

Passos se aproximam e eu me agacho ainda mais, deslizando de joelhos para a barriga, tentando me manter o mais encostado no chão que posso. Meus olhos estão abertos em busca de algum sinal dela, e meu coração dispara até a garganta quando vejo seus sapatos pretos lisos entrando na sala. Ela se aproxima e, a cada passo, meu estômago afunda, arrependimento por ter perdido o controle de mim mesmo e quebrado aqueles pratos na cozinha me atingindo com força total.

Mas eu estava tão... bravo. E eu precisava tirá-lo.

Seus passos param bem na frente da mesa onde estou escondido, e seus joelhos estalam quando ela se agacha, seu hábito a faz parecer ainda mais ameaçadora do que se estivesse à paisana.

Seus lábios apertam. — Saia daí de baixo neste instante.

Meu estômago embrulha e eu rastejo para fora da mesa, com a cabeça baixa e as mãos cruzadas nas costas, mas não digo uma palavra. Não gosto de falar inglês com ela. Tropeço nas minhas palavras e esqueço a frase adequada. Cada vez que eu erro, ela acrescenta outra chicotada.

Ela estende a mão e agarra minha orelha com força, torcendo até

parecer que vai arrancá-la completamente. Eu sibilo, mas sei que não devo lutar contra a dor.

— Vejo que você bagunçou as coisas de novo, criança. Sempre se metendo em problemas. Você sabe quanto dinheiro nos custou desta vez? Dezenas de pratos quebrados na cozinha. Tanta destruição para uma criança de cinco anos.

— Je suis désolé, — murmuro.

Ela torce minha orelha com mais força. — Inglês, criança.

— D-desculpe, irmã. Me desculpe, — eu gaguejo.

Ela solta minha orelha, a dor irradiando por todo o lado esquerdo do meu rosto enquanto ela faz isso.

— O que fez você fazer isso desta vez? — Ela olha para mim com desprezo.

— Os p-pais do André voltaram para buscá-lo.

Ela cruza os braços. — E isso deixou você com raiva?

Eu concordo. Isso me deixou com raiva. E com ciúmes. — Oui.

Suspirando, ela diz: — Não é culpa sua, Cade. Você está doente.

Engolindo em seco, aceno novamente. — Eu sei.

— Vamos. — Ela agarra meu braço e me arrasta pelo refeitório até a cozinha. Dezenas de pratos quebrados estão espalhados pelo chão, e ela me coloca no centro deles antes de se aproximar para pegar uma colher grossa de madeira.

Quando ela está bem na minha frente, ela se aproxima, seu olhar encontrando o meu. É rápido, mas juro que vejo suas pupilas dilatarem

e um brilho negro em seus olhos. Isso deixa meus ombros tensos e minha boca seca.

— Há um monstro em você, criança. E Deus quer que eu supere isso.

Suspirando, saio da memória e olho para o calendário que ocupa a maior parte do espaço vazio da minha mesa, um lembrete de que minhas funções são enraizar-me nos espaços aqui, conhecer a paróquia, supervisionar o pároco... Padre Jeremiah, meu aprendiz que ainda não conheci. Estou aqui para levar as pessoas de volta ao caminho de Cristo. Para ajudar Festivalé a se tornar uma terra justa em vez de um poço pecaminoso.

Já sei que não farei nenhuma dessas coisas hoje.

Em vez disso, sigo Parker, precisando saber mais sobre o homem que tem os ouvidos do bispo e o fedor da corrupção.

Capítulo 3

Amaya

Desço do ônibus na beira da rua Carnival, virando a esquina até onde fica Chapel³, o clube de strip onde dancei nos últimos três anos. Uma cruz roxa brilhante – quebrada no meio – pisca acima das luzes de néon douradas, como um farol para os depravados se reunirem.

O clube em si fica a duas cidades de Coddington Heights, a cerca de uma hora de Festivalé. Perto o suficiente para chegar, mas longe o suficiente para manter o anonimato sem muita preocupação.

Não é porque tenho vergonha do que faço, muito pelo contrário, na verdade. Só não posso arriscar que Parker descubra onde trabalho. Se ele souber, vai estragar tudo, só para me fazer depender mais dele.

E isso não é algo com que eu queira lidar.

Mas adoro danças exóticas.

Gosto de ver a luxúria nos olhos das pessoas quando me observam no palco, usando o poste oco de aço como uma tela em branco enquanto pinto meu corpo ao redor dele como uma pincelada. E gosto especialmente da sensação de controlar minha sexualidade, sangrando dinheiro das pessoas que vêm assistir. Contar e embrulhar as pilhas no final da noite me dá uma onda de adrenalina, que parece muito com o sucesso - não importa quão fugaz seja a sensação. Tenho sido objetivada desde que me lembro, a puberdade me atingiu cedo e mostrando o quão pouco as pessoas se importam com a idade de uma menina, desde que ela

seja esteticamente agradável aos seus instintos mais básicos. É uma das muitas razões pelas quais minha própria mãe era um pedaço de merda. Ela era uma mulher amarga, que não conseguia lidar com um filho autista que ela nunca quis *e com* uma filha bem dotada que chamava mais atenção simplesmente por existir.

Se fossem pessoas aleatórias na rua, ela ficava irritada. Quando eram os homens que ela trazia para nossa casa, ela ficava com ciúmes.

Quando eu era jovem, as piadas sutis e os olhares maliciosos me deixavam com medo. Mas quando cheguei aos dezenove anos e fui deixada para cuidar de mim e de Quinten, aprendi que são as *mulheres* que têm o verdadeiro poder, só que a maioria das mulheres não percebe isso. Eu percebi. Eu dominei como utilizar tudo em meu arsenal, então agora sou eu quem está no controle. Pelo menos em todas as áreas que posso estar.

É a principal razão pela qual não namoro. Na verdade, não tenho interesse no sexo oposto. Passei minha vida inteira testemunhando o que acontece quando você se aproxima de um homem através das lentes da minha mãe, e é sempre a mesma coisa.

Com corações nos olhos, não consigo comer, não consigo dormir, tipo de paixão. Flores e presentes e “Oh, *desta* vez é diferente, menina. Ele é o único.”

Depois vêm as palavras duras, as brigas amargas, o som dos punhos batendo nos rostos. O choro noturno e a necessidade de que sua filha cuide de *você*, e não o contrário.

E então, finalmente, o desaparecimento. Fazer as malas e ir embora quando você perceber que o homem por quem você se apaixonou não é o homem que você pensava que ele era.

Minha mãe era uma nômade de coração e era quase impossível para ela ficar parada o tempo suficiente para fincar os calcanhares no chão. No segundo em que ela começasse a afundar demais, ela se despedaçaria, e eu seria a infeliz bagagem arrastada enquanto ela procurava por algo que sempre parecia fora de alcance.

Eu me pergunto se ela ainda está procurando agora que está sem nós.

Realisticamente, ela provavelmente está morta em uma vala em algum lugar, sufocada por seus vícios ou por um dos homens que ela dizia amar.

Quando eu era pequena, eu fingia que era uma princesa perdida, roubada do meu castelo e carregada de um lugar para outro, escondida de propósito para que meus pais fictícios, aqueles que me amariam direito, não pudessem me localizar. Foi reconfortante pensar que havia pessoas desesperadas para me encontrar. À medida que fui crescendo, parei de buscar minha imaginação e comecei a observar minha mãe. Era mais fácil de ser preparada dessa forma.

Semelhante à religião, seus padrões nunca mudaram.

Quando o sorriso dela começou a diminuir e as flores se transformaram em bolsas de gelo, eu sabia que era hora de ir embora.

Chantelle Paquette não aguentava tantos abusos, só conseguia se envolver *tão* profundamente com os homens que ela achava que a amavam, antes que escapássemos no meio da noite como criminosas escapando por barras de metal. Outra cidade. Outro homem. A mesma educação negligente.

Mas a experiência nos molda, queiramos ou não, e as *experiências* que ela me deu foram lições valiosas.

Aprendi a não plantar raízes quando você não estivesse por perto para cuidar do solo.

Como cuidar do meu irmão, lembrando-me de todas as maneiras como gostaria que ela tivesse cuidado de mim.

O mais importante é que aprendi a não confiar em quem diz que te ama, porque no final das contas é sempre quem mais se ama.

E apesar de tudo isso, apesar de eu ver isso acontecer com ela uma e outra vez, nunca em toda a minha vida pensei que ela iria *me* deixar.

Mas as coisas mudaram quando ela teve Quinten.

Eu afasto as memórias. Eu *nunca* serei como ela.

Meus tênis de cano alto pretos e surrados esmagam o cascalho do estacionamento do clube, e vou em direção à entrada dos funcionários que fica nos fundos, minhas leggings, boné e moletom enorme me envolvendo em seu tecido.

Benny, um dos seguranças, está parado do lado de fora, seu corpo volumoso e cabelos cacheados projetando uma sombra do poste de luz amarelo que paira acima da porta. Não há muito para assistir, mas há um beco escondido das câmeras externas e conectado à rua principal, então geralmente alguém está aqui apenas para garantir que nada dê errado.

Ele me dá um aceno de cabeça e se move, destrancando a maçaneta da porta para que eu possa entrar.

Sorrio em agradecimento antes que a porta se feche atrás de mim e sigo pelo corredor, o piso de linóleo brilhante rangendo sob meus tênis enquanto vou para a sala dos fundos.

As outras dançarinas estão relaxando, cada uma cuidando de sua vaidade, ajustando-se enquanto descansam entre as apresentações ou se

preparam. Conheço a maioria delas pela aparência, mas é isso. Não tenho certeza se as notaria na rua e, de qualquer forma, nenhuma delas é minha amiga.

Não tentei conhecê-las. Não estou aqui para socializar.

A terapia de Quinten é cara, e entre o preço astronômico do seguro, tentando manter as luzes acesas e tudo mais na minha vida, preciso de todo o dinheiro que puder conseguir. Essas mulheres são minhas concorrentes tanto quanto eu gostaria que não fossem. A maioria delas é muito unida e anseio por esse tipo de camaradagem.

A única pessoa com quem encontrei foi Dalia, e ela não trabalha mais aqui.

Então mantenho minha cabeça baixa e foco no que importa.

Deixo minha bolsa em um dos pequenos armários cinza que ficam na parede dos fundos e giro a fechadura que coloquei no lugar, certificando-me de que meus pertences estão seguros.

Quando me viro, Phillip, o proprietário, está vindo, e dou-lhe um pequeno aceno enquanto ele passa por mim para conversar com uma das outras garotas.

De todos os homens que conheci, ele é o que menos odeio. Ele me deu um emprego quando ninguém mais o faria, e quando eu quis deixar de ser garçonne e aprender pole, ele me arranhou a melhor dançarina “Dalia” e fez com que ela me desse aulas enquanto ele pagava a conta. Ele fingiu que estava simplesmente sendo legal, mas não sou ingênua o suficiente para realmente acreditar nisso. Eu sei que provavelmente foi porque ele viu potencial e pensou que eu seria um investimento valioso. De qualquer forma, agradeço o que ele fez. Pole dancing é minha válvula de escape. Além disso, ele me deixa usar o estúdio vazio que ele possui,

do outro lado da cidade, para dançar nos meus dias de folga, e só isso já vale seu peso em ouro.

Ele não é necessariamente atraente no sentido clássico, com seu cabelo loiro espetado, pele clara e olhos castanhos turvos. Ele tem um queixo mais suave do que a maioria, e eu olho para ele quando uso salto alto, mas ele é corpulento e gosto de um homem que me faz sentir segura sem ser opressor.

Como eu disse, não gosto de perder o controle.

Ele passa direto por mim, sem me dar um único olhar, e ignoro a forma como uma leve pontada de ciúme me atinge quando ele para e sorri para outra das dançarinas. Não porque eu queira a atenção dele em mim, mas porque existe um tipo de energia familiar em todos no clube, da qual estou excluída. Da mesma forma que sou excluída em Festivalé.

Rangendo os dentes, eu me bato internamente e mudo para uma penteadeira aberta.

É hora de se transformar de Amaya em *Esmeralda*.

Vinte minutos depois, termino, meu cabelo preto escondido sob uma peruca vermelha que cai em cascata até meus quadris, preso por fita adesiva e grampos, lentes de contato roxas e maquiagem completa, meus cílios longos e brilhantes roçando a parte de baixo dos meus olhos toda vez que pisco. E quando finalmente volto para o palco principal, com a voz do DJ ressoando na minha introdução, me torno alguém completamente diferente.

Sinto-me sensual enquanto me movo pela plataforma elevada e ao redor do mastro, lentamente fazendo strip-tease, permitindo que o erotismo do momento se misture com a arte do meu ofício. Imagino minha energia como uma cor vermelha pulsante, derramando-se e

cobrindo toda a área, atraindo os olhares de todos e, mais importante, dólares para *mim*.

Perdendo-me no momento, minha mente flutua, todas as minhas preocupações e problemas deixam de existir enquanto o poder de manter a atenção cai em cascata pelos meus membros e ao redor da minha forma quase nua, infundindo-me com confiança e sensualidade.

Mas então algo afiado e quente atravessa o entorpecimento nebuloso, meus olhos se arregalam e balançam pelo andar principal.

Meu coração dispara no peito quando meu olhar se fixa em uma figura escura no canto de trás, atrás dos sofás macios com serviço de mesa. Ele está encostado na parede, com as mãos nos bolsos e o corpo virado para mim. Não consigo distinguir nenhuma característica, a não ser o fato de que ele se eleva acima de todos os outros, mas seu rosto está coberto pela aba de um chapéu preto à moda antiga, como se ele fosse algum tipo de mafioso dos anos 1920, e o resto dele é envolto nas sombras. E de alguma forma, eu sei, como sei *de qualquer coisa*, que ele é a razão do calor que atualmente está cortando minha calma.

Balanço a cabeça e desvio o olhar, não gostando da sensação, e em vez disso examino os rostos ansiosos perto da frente do palco. Estendo a mão por cima de mim e agarro o mastro, deslizando minha bunda pelo metal até que estou agachada com as pernas abertas em convite.

Um homem atarracado, com cabelo loiro penteado para trás e nariz comprimido está na frente e no centro, e meu estômago dá uma cambalhota violenta quando o reconheço. Perco o equilíbrio, tropeçando o suficiente para sentir um pequeno puxão no tornozelo.

Parker Errien.

Porra. Porra. Porra.

O pânico percorre meus nervos e minhas palmas ficam úmidas enquanto eu me endireito e continuo com o resto da minha série, meus dedos escorregando no mastro, fazendo meus movimentos parecerem desleixados e inseguros. Cerro os dentes, repassando os últimos momentos da minha dança, e no segundo em que ela termina, eu avanço, agarrando minhas roupas e as poucas notas jogadas no palco antes de sair mancando. Não paro, não penso, não *respiro* até que minhas costas batam na parede do corredor dos funcionários, meus membros tremendo.

Acho que ele não me reconheceu, mas Jesus.

O que diabos ele está fazendo aqui?

Espio o corredor quando meu coração se acalma e examino o andar principal, a ansiedade atormentando minha mente com perguntas e se. É um risco sair por aí e tentar dançar em particular porque *realmente* não quero que ele me reconheça, mas minha necessidade de dinheiro vence a batalha.

Além disso, se ele fizer isso, vou apenas explicar que *ele* é parte do motivo pelo qual preciso do dinheiro. Encolhendo-me, visualizo como seria esse resultado. Provavelmente o mesmo da última vez que tentei dizer a ele que não estava pagando a dívida de merda da minha mãe, e o gato que eu havia resgatado dois meses antes, ao qual Quinten se apegou fortemente, apareceu morto com a cabeça decepada e colocada no chão. em nossa caixa de correio. Encontrei peças aleatórias ao longo da semana, enfiei nas saídas de ar da nossa casa, embaixo do armário, embaixo das ripas da minha cama.

A bile sobe pela minha garganta quando me lembro de perceber que Parker era muito mais perigoso do que eu imaginava. Que a frente do empresário era apenas a ponta do iceberg. Que ele poderia entrar em minha casa a qualquer hora e não havia como mantê-lo fora.

E então ele provou que isso era verdade um mês depois, quando decidiu tirar o que queria de mim sem meu consentimento.

Minha garganta fica seca quando penso no que ele fará na próxima vez que eu decidir discordar.

Respirando fundo, endireito meus ombros, sacudindo meu cabelo ruivo falso até que ele faça cócegas no meio das minhas costas, e vou até o chão, certificando-me de ficar nas pontas, caso precise me esconder.

Só quando uma rajada de ar quente sussurra na minha nuca, arrepios brotando ao longo dos meus braços, é que percebo o quão distraída estou. E então uma voz ressoa, tão profunda e autoritária que juro por Deus que vibra em meus ossos.

— Olá, *petite pécheresse*⁴.

Capítulo 4

Cade

Eu me convenci de que seguir Parker o dia todo é trabalho de reconhecimento. Ele acha que serei seu fantoche, e o Bispo Lamont parece ter me trazido aqui sob falsos pretextos de ajudar, só para me dizer que preciso concordar com os pedidos de Parker. Mas não me curvo diante de ninguém além de Deus, e isso me deixa desconfortável, saber que meu superior é facilmente influenciado por algo tão simples como a ganância e o dinheiro.

Além disso, em um nível mais pessoal, meu monstro *deseja* livrar Parker de seus demônios.

E agora ele está aqui.

Péchant.

Pecando.

Assim como o resto deles.

Não estou surpreso. Parker Errien tem muito dinheiro, inúmeras quantias, e é isso que o dinheiro faz. Ele gira, tortura e corrompe até que não reste nada além de um ego inflado e uma alma vazia. Mais uma vez, minha mente voa para o Bispo Lamont. Para a igreja pela qual fiz votos. Dediquei minha *vida*. Isto não pode ser o que Deus tem em mente para o Seu povo.

Ando no meio da multidão espalhada pelo clube de strip, a repulsa

revirando meu estômago enquanto me aprofundo no casaco e no chapéu. O clube em si fica longe o suficiente de Festivalé para que não precise me preocupar em ser reconhecido, mas sou sempre cauteloso, só para garantir.

A Chapel está repleta de artefatos religiosos sendo profanados, e isso me dá coceira na pele. Encontro um canto escondido atrás de longos sofás roxos e macios e encosto o ombro na parede, observando Parker empurrar seu corpo viscoso através da multidão em direção à frente do palco.

Sua cabeça balança e oscila, e minha visão dele continua sendo momentaneamente bloqueada por uma stripper no sofá na minha frente, sua boceta mal vestida roçando no colo em que ela está.

Meu lábio superior se curva, irritação e julgamento sangram por dentro. Eu olho ao redor da sala, catalogando todas as almas perdidas aqui. Imagino que a maioria delas esteja vazia, procurando algo para preencher os buracos dentro de si, ansiando por sentir que têm um propósito. Seu significado.

Eles não vão encontrar isso aqui. Não tenho certeza se eles encontrarão isso em *algum lugar*, não que eu fosse admitir isso em voz alta.

Parker aparece novamente na minha linha de visão no topo do palco principal, sua atenção voltada para a mulher que está girando sem esforço em torno do poste no centro.

Esmeralda, acho que o DJ anunciou.

Seu joelho está enrolado no metal e o resto de seu corpo está flutuando no ar, suas mãos correndo pela frente, uma grande pedra verde brilhando em um colar que pende no vale entre seus seios. Sua tez é

avermelhada em um tom marrom claro e a faz parecer etérea, como uma pedra preciosa de topázio cintilante. A maneira como ela usa o palco e arremessa o corpo no ar ao redor do mastro faz parecer que ela está voando, bem acima do solo, com os músculos se tensionam e se formam em torno da barra prateada. É arte, pura e simples, e tira um pedaço de gelo do meu peito, fazendo o calor explodir em meu centro.

Todos os pensamentos sobre Parker desaparecem.

Ela é hipnotizante.

Meu pau engrossa e eu aperto meu maxilar para não me mover e aliviar o desconforto.

Se estar aqui é pecaminoso, então esta mulher é o pecado, envolta em um arco de fogo.

Meu estômago embrulha, uma onda de pânico toma conta de mim. Observá-la me faz sentir como se *eu* estivesse girando, meu foco sendo desequilibrado até que meus pés estão lutando para encontrar chão sólido. Uma fina camada de suor escorre pela minha testa à medida que nado nessas emoções desconhecidas, e minha língua gruda no céu da boca.

Desvie o olhar, digo a mim mesmo.

Mas eu não desvio. Não posso.

Ela se vira, deslizando o corpo de volta ao chão, os joelhos afastados, exibindo a seda branca da calcinha, deixando apenas o suficiente para a imaginação. Mas sei que todos os homens aqui estão pensando as mesmas coisas que eu. Imaginando o que há por baixo do tecido, desesperado para ver se sua boceta está rosada e vermelha, implorando por uma língua para aliviar sua dor.

Antes que eu possa tentar lutar, meu monstro surge, rasgando sua jaula como se estivesse tentando romper minha pele e devorar toda a sua atração carnal ardendo em minhas veias até que tudo que posso ver é ela.

Seus longos cabelos ruivos caem em cascata por seu corpo como uma cachoeira, acariciando suas curvas como um amante, mas a maneira como ela se move no palco é o que realmente rouba a energia da sala. Algo arranha meu cérebro enquanto a observo. Uma voz pequena e tímida, gritando para eu desviar o olhar. Para lembrar de tudo que prometi.

Mas a tentação é uma amante devastadora.

Não é minha culpa, lembro a mim mesmo. Eu sou só humano. E ela está... consumindo tudo.

Como o fogo do inferno.

Nossos olhos se encontram e uma possessividade descontrolada toma conta de mim. Não entendo, mas não consigo controlar e, embora não faça sentido, tenho que afastar a voz que soa em meus ouvidos, me dizendo para mutilar cada pessoa que tenha olhos redondos nela.

Eles não merecem olhar para ela.

Os pensamentos desequilibrados, tão violentos e viscerais, me fazem ver o vermelho, e em algum lugar, suave e manso no fundo da minha mente está minha sanidade, implorando para que eu lembre quem eu sou. Quem eu *me esforço* para ser. *“Você está doente, Cade.” Chicote.*

Corte.

Dor.

A voz da irmã Agnes levanta sua cabeça feia bem a tempo, e funciona, permitindo-me recuperar um mínimo de controle. O suficiente para

sentir como minha garganta ficou seca e meus músculos tensos, prontos para fazer... *algo ruim*.

Eu me perdi de vista tão rapidamente com ela. Ela é como uma droga para minha doença, fazendo-a gritar de alegria. Essa é a única explicação para a obsessão que me atinge como um maremoto e afoga os espaços da minha alma que deveriam ser reservados para Ele.

Ela desvia o olhar, cortando nossa conexão, e parece que um pedaço do meu peito está rasgado quando ela faz isso. Seus olhos se arregalam quando se concentram em algo próximo ao palco, e ela tropeça. Sigo sua linha de visão, irritado por não prender mais sua atenção. Minha visão se concentra em Parker, que está bebendo dela como se fosse uma ambrosia.

Ela dança para ele? Senta no colo dele e se esfrega contra ele até ele gemer e bagunçar seus ternos de mil dólares?

Meu queixo treme.

Ela sai correndo do palco antes que a última nota da música soe nos alto-falantes e, embora eu tente lutar contra isso, reprimir a vontade de segui-la e mantê-la bem trancada, não consigo.

Deus me perdoe, não posso.

Estou atrás dela tão rapidamente quanto ela saiu, incapaz de pensar além da necessidade pulsante de estar mais perto. Sou um homem simples que foi reduzido aos seus instintos básicos de caçar, capturar e manter.

Eu quero ouvir a voz dela.

Cheirar sua pele.

Pintar minha doença em sua alma.

Um único olhar em sua direção e sou um cachorro faminto, desesperado por uma migalha. Meu ombro afunda em alguém quando passo por eles, e eles gritam um insulto, mas eu os ignoro.

Deixe alguém tentar me impedir.

Encontro-a passando por uma placa que diz “*Somente funcionários*”.

Ela está encostada na parede com as roupas pressionadas contra o peito arfante, os olhos bem fechados e a boca aberta como um convite. Ela está vulnerável agora. Seria tão fácil valsar, deixá-la cair de joelhos e deslizar meu pau grosso por sua garganta apertada.

O visual é tão forte que faz meus passos vacilarem, a familiar pontada de culpa beliscando meu corpo, diferente do que normalmente é, porque normalmente eu não tenho esses desejos sexuais. Apenas os violentos, e com esses violentos eu já aceitei. Fiz um acordo com Deus, lembrando-me que Ele é misericordioso em todos os sentidos. Contanto que nos arrependamos.

Ele perdoará os pecados da carne da mesma forma?

Ela se arruma rapidamente e começa a se mover, e meu raciocínio lógico se dissipa.

Eu a sigo de volta ao andar principal, notando o modo como ela gruda nas bordas, como se estivesse lutando consigo mesma entre permanecer escondida ou sair para a luz. Meu estômago dá mil nós quando chego perto o suficiente para respirar em seu pescoço. Perto o suficiente para ver os pelos finos de seu corpo se arrepiarem enquanto arrepios espalham-se por sua pele como gotas de chuva.

— Olá, *petite pécheresse*, — sussurro em seu ouvido.

Ela enrijece e eu me aproximo, a parte de trás de sua cabeça batendo

na parte inferior do meu peito. Meus dedos ficam tensos, querendo agarrar seus quadris e puxá-la contra mim até que meu pau possa deslizar entre a fenda de suas nádegas.

Não toque.

É mais fácil arrepender-se dos pensamentos do que da ação, e minhas costas já estão em carne viva por causa da expiação da noite passada.

O ar muda como se estivesse sob seu comando e ela gira, esticando o pescoço para sorrir para mim. É um sorriso praticado e eu odeio isso. Quase tanto quanto odeio o roxo falso de suas íris e seus cílios brilhantes.

Anseio vê-la nua, vestindo nada além daquela joia verde brilhante que está enrolada em seu pescoço.

— Olá, — ela diz.

Ela não parece ser tão afetada por mim quanto eu sou por ela.

Ela faz isso com todos os homens que vê?

Eu olho para ela, o pensamento acendendo um fósforo com meu temperamento explosivo, e ela começa a recuar, mas se detém e fica mais ereta.

— Você não fala inglês? — Ela tenta novamente, inclinando a cabeça.

— Eu falo.

Suas sobrancelhas grossas e escuras se erguem e ela balança a cabeça lentamente, seu lábio inferior maduro e carnudo ficando brilhante quando sua língua passa por ele. Meus olhos seguem o movimento, fixando-se na umidade.

Ela estende a mão descaradamente, suas unhas curtas arranhando a

lapela do meu casaco. Observo o movimento, enojado por saber que ela provavelmente fez o mesmo movimento com centenas de outras pessoas, mas ainda estou paralisado demais para impedi-la.

— Você quer dançar? — Ela pergunta.

Minha coluna endurece. — Absolutamente não.

Seu sorriso desaparece junto com seus dedos, e eu solto um pequeno suspiro de alívio quando ela se afasta, um pouquinho de lógica filtrando-se com o espaço minúsculo que ela criou ao se afastar.

Ela parece desapontada.

— Não está acostumada com o fracasso da sua bruxaria? — Eu pergunto.

Não sei por que as palavras escapam dos meus lábios, mas é a única coisa em que consigo pensar. Por que mais ela me enfeitiçou dessa maneira se não fosse de propósito?

Suas sobrancelhas se franzem com preocupação, como se ser chamada de bruxa fosse algo muito próximo da realidade, mas então suas feições se suavizam e uma risada tilintante sai de sua boca.

Um estrondo vibra através de mim em resposta.

Minha mente gira junto com a batida do meu coração que está batendo forte como uma debandada em meu peito, porque eu nunca reagi a *nada* do jeito que reagi a ela.

— Você é francês, — ela afirma.

Aproximo-me, curvando-me para que meus lábios passem pela concha de sua orelha. *Não toque*, lembro a mim mesmo, mas rapidamente ignoro. Talvez para ver até que ponto meu controle aguenta,

se consigo sobreviver estando tão perto dela sem nunca ter apreciado seu sabor. — *Oui*. — Claramente, sou um masoquista.

Sua respiração fica presa. — Se você não quer dançar, então o que você quer?

— Não tenho certeza, — digo honestamente, endireitando-me novamente. A mudança de controle oscila entre minha doença e o que sei que é certo, fazendo meu estômago revirar e minhas palmas ficarem úmidas e grudadas na parte interna das luvas.

Se estivéssemos sozinhos... se não estivéssemos em público, eu permitiria que a escuridão vazasse dos meus poros como tentáculos e envolvesse sua garganta delicada, apertando até que o tom sensual de sua voz deixasse de existir.

Meus dedos se contraem, querendo fazer isso de qualquer maneira, apesar de todo mundo ver.

Seus olhos passam por trás do meu ombro, examinando os arredores, e assim como aconteceu quando ela estava no palco, perder a atenção me incomoda. Minha mão se aproxima dela, meus dedos agarrando seu queixo e virando-a de volta para olhar para mim.

Uma pequena lufada de ar escapa dela, e meu estômago se contrai de medo porque, mesmo através do couro das minhas luvas, tocá-la dessa maneira é o que imagino que seria uma dose de heroína nadando em minhas veias.

— Olhos em mim, — eu exijo.

Ela balança a cabeça lentamente, e sua aquiescência envia uma onda de luxúria pela minha espinha.

— Eu não vou foder com você, se é isso que você quer.

Meu polegar aperta seu queixo até que sua boca se abre com um leve *estalo*, e a ponta roça seu lábio inferior, a raiva quebrando meus nervos como um raio.

— Não tenho interesse em *foder* com você, — minto, mesmo quando a imagem dela embaixo de mim, enquanto suas unhas cortam a pele cicatrizada das minhas costas, ataca meu cérebro. Um arrepio percorre minha espinha como aranhas, e meu monstro as engole como carne.

Algo sombrio passa por seu rosto, mas é passageiro, e então ela se solta do meu aperto, seus olhos se arregalando enquanto eles se movem atrás de mim. Inclino a cabeça, observando enquanto ela gira, correndo e voltando pelo corredor dos funcionários.

Por uma fração de segundo, considero persegui-la, meu coração batendo rapidamente com o pensamento, mas me livro disso, percebendo que esta deve ser *Sua Graça*, me dando alívio da tentação.

Olho ao redor para ver o que a assustou, e não fico surpreso quando Parker está por perto, com uma bebida na mão e os olhos examinando a sala.

Então ela o conhece.

Ver Parker me lembra por que vim aqui em primeiro lugar, e certamente não foi para ser vítima de uma mulher perigosa que não oferece nada além de condenação.

Foi para aprender mais sobre Parker, porque ele é certamente meu inimigo aqui e não meu amigo, e para mantê-lo sob controle, preciso saber o que o motiva.

Mas mesmo me lembrando disso, reconhecendo como ela me afeta e sabendo que deveria ficar longe, não fico para espionar Parker.

Em vez disso, persigo as sombras, esperando que Esmeralda vá embora. Eu sei o momento em que ela o faz, embora seu corpo perfeito esteja escondido sob um grande moletom com capuz e o cabelo comprido que cai sob um boné de beisebol seja preto em vez de vermelho. Ela olha ao redor enquanto passa sob o poste de luz, seu rosto brilhando em uma visão perfeita, e a maneira como isso envia fogo pelas minhas veias me faz segui-la até o ponto de ônibus.

E então entro no meu carro e continuo seguindo-a até Festivalé. Não estou surpreso que ela more aqui, não depois de ver sua reação visceral a Parker.

Foi uma tolice falar com ela.

Eu me pergunto se talvez os pecados dela sejam muito fortes e é por isso que sinto a atração.

Porque há um monstro dentro dela, um *demoné*, e é meu trabalho extingui-lo.

capítulo 5

Cade

Sou um homem santo, mas meu monstro do é inferno.

Durante os primeiros sete anos de minha vida, a irmã Agnes tentou moderar essa parte de mim, e seus ensinamentos permaneceram muito depois de minha fuga. Mas não importa o quanto eu tente extinguir a doença dentro de mim da mesma forma que faço com os outros, sou fraco ao seu chamado.

Se eu não alimentar a fera com restos, ela estará faminta quando surgir. Então eu cedo aos desejos. Ouço os sussurros em minha cabeça, o diabo por excelência em meu ombro, porque isso me permite manter uma aparência de controle.

Quando as pessoas se confessam, identifico-me com a sua situação e, ao longo dos anos, aceitei o fato de que a minha capacidade de identificação com as suas falhas me torna um ouvinte melhor. Um padre melhor. Eu *entendo* a escuridão porque ela existe dentro de mim.

Nos meus momentos mais sombrios, me pergunto se o Senhor me deu a doença do mundo para que eu a reconhecesse nos outros. Vivendo em sua sombra enquanto procura a luz. Não odeio *as* pessoas que mato, muito pelo contrário. Eu simpatizo com elas. Desejo libertá-las de uma forma que nunca conseguirei. E então espero que Deus entenda por que devo fazê-lo.

Poucos homens seriam fortes o suficiente para resistir à tempestade

que assola dentro deles, e quando a doença cobre minha mente como uma névoa, é um lugar aterrorizante. Aquele em que não me importo com a moral. Com o certo e o errado. Eu só me importo com meu próximo golpe. A adrenalina inunda minhas veias como uma droga, queimando tudo em seu rastro, deixando para trás nada, exceto uma satisfação potente que aquece meu interior como uma dose de uísque.

Nesses momentos, *sou* um deus.

Mas a queda de volta à terra é um lembrete claro de que somente com arrependimento poderei ser temporariamente libertado. Não sinto remorso pelos assassinatos. Sinto culpa porque Deus pode não aprovar.

Entrei no seminário pela primeira vez porque era fácil. A igreja me abrigou quando precisei, me ofereceu alívio de uma barriga vazia e de um passado torturado. Padre Moreau me colocou sob sua proteção e me ensinou como buscar o perdão. Como ser um homem melhor. Como abandonar os pequenos crimes e o sexo sem sentido e encontrar refúgio em algo diferente de mim mesmo.

Eu não era uma pessoa religiosa enquanto crescia. Eu era órfã e a única figura adulta em minha vida era a irmã Agnes. Depois vivi nas ruas quando escapei da prisão dela no dia em que completei sete anos.

Mas apesar da irmã Agnes ser minha única experiência com religião, a igreja me ofereceu carinho.

Comida.

Propósito.

E trabalho todos os dias para ser o que me propus ser.

Mas mesmo os soldados mais leais têm suas fraquezas.

E neste momento, não sou um homem digno.

Não quando estou mergulhado até o pescoço em águas negras, atravessando essa obsessão que se estendeu e se enrolou em meu pescoço como um laço, me sufocando até que eu não consiga mais respirar.

Esmeralda.

Embora eu tenha certeza de que esse não é o nome verdadeiro dela.

Minhas calças estão abertas no segundo em que volto para o meu escritório, meu pau na mão antes que eu possa trancar a porta, e acaricio meu comprimento furiosamente pela primeira vez em anos, desesperado por alívio. É *doloroso* esse desejo. Uma pulsação em meu corpo, uma dor que deixa minhas bolas pesadas e minha mente nebulosa de luxúria. Sempre me orgulhei de ser um homem lógico e firme, mas isso está longe de ser lógico. Antes de entrar no seminário, houve várias mulheres, e também homens, mas esses encontros eram inconsequentes se comparados a um único pensamento sobre ela.

Nunca experimentei nada parecido.

Ainda assim, se eu não cuidar do desejo, não poderei funcionar.

Arrasto a palma da mão para cima, torcendo a mão no topo do meu pau, onde já estou vazando esperma. Eu o espalho por todo meu corpo, criando uma lubrificação que faz meus quadris empurrarem e um gemido sair dos meus lábios.

Já faz muito tempo que não sinto prazer sexual.

Eu tinha esquecido como isso suaviza as bordas e obscurece a dor.

Meus movimentos aceleram quando me inclino sobre minha mesa, minha mão livre batendo no carvalho enquanto uma pontada aguda de prazer atravessa meu núcleo. Meus dedos formigam ao lembrar da pele de Esmeralda, da maneira como seus grandes olhos de corça retratavam a

máscara perfeita de inocência. E então eu a imagino de joelhos, carente e implorando aos meus pés enquanto agarro seu queixo do jeito que fiz no clube, descansando meu pau em seus lábios carnudos enquanto meu esperma se espalha pela sua língua.

Eu fecharia sua boca e acariciaria sua garganta, sentindo o ato dela engolindo cada gota de mim.

O visual faz meu saco apertar. Mais pré-sêmen escorre da minha ponta e desliza pelo meu comprimento, cobrindo o topo dos meus dedos com excitação.

Outro gemido escapa dos meus lábios e eu jogo minha cabeça para trás, meus abdominais se contraem de prazer, incandescentes e ofuscantes, percorrem a medula dos meus ossos e explodem pelos meus poros, minhas bolas pulsando em um ritmo constante enquanto meu eixo se sacode na minha palma descontroladamente em meu corpo.

É sujo.

Depravado.

Incrível.

Minha visão fica preta, o esperma jorrando com força, pousando nos poucos papéis e no grande calendário que marca minhas responsabilidades para com a igreja.

Demora minutos, talvez horas, até que minha respiração se normalize e eu consiga relaxar na cadeira, avaliando o que acabou de acontecer e como me sinto agora que encontrei alívio. Eu esperava que o ato me livrasse da tentação, mas posso dizer imediatamente que não é o caso. Ele está apenas enterrado ainda mais, ronronando como um gato, criando um zumbido que vibra em meu peito.

Franzo a testa com a sensação, a mesma sensação de pânico de quando ela estava perto de me estender a mão e me agarrar com força, apertando até minha visão ficar embaçada.

Ela é um problema que precisa ser resolvido o mais rápido possível.

Enfio meu pau, agora flácido, de volta na calça, aliviado porque pelo menos o nó apertado de tensão se afrouxou e um pouco de clareza penetrou nas bordas confusas da minha mente, mas não demora muito até que a culpa se instale cobrindo minha língua até ficar enjoado com o gosto.

E só há uma cura para isso.

Eu salto para frente, arrancando o calendário manchado da base e jogando-o no lixo antes de correr ao redor da minha mesa e sair do meu escritório. Meus passos apressados ecoam pelo longo corredor e pela saída dos fundos que leva à reitoria isolada. É uma pequena cabana, feita de madeira escura e uma pequena varanda envolvente, e abro a porta da frente com força, desesperado para reparar minhas transgressões.

Faço barulho enquanto caminho pela sala de estar, incapaz de observar o que está ao meu redor, mas isso não importa. Ninguém mais mora aqui, meu pároco, padre Jeremiah, mora em um lugar menor, a poucos metros de distância.

Minha respiração fica acelerada quando chego ao meu quarto e bato a mão no peito, tentando submeter meus pulmões. Meus dedos passam na raiz do meu cabelo enquanto ando em frente à modesta cama grande e à mesa de canto vazia.

Il est miséricordieux. Ele é misericordioso.

A frase não diminui a ansiedade porque não tenho certeza se Ele o faz

quando se trata desse tipo de pecado. Eu raciocinei sobre os atos violentos, sabendo que há um propósito por trás do que faço. Mas isso... isso não tem razão.

Apenas um homem fraco cedendo à tentação.

Mas enquanto nos arrependermos, Ele perdoará.

Balançando a cabeça para mim mesmo, solto as mãos e me endireito, minhas vértebras se encaixando com propósito, o pânico diminuindo. Eu me abaixo, desabotoando minha camisa, a fina camada de suor cobrindo meu corpo fazendo o tecido grudar na minha pele. Minhas costas doem, as feridas abertas e com crostas da noite passada puxando com o movimento.

Eu me deleito com a dor, usando-a como um lembrete de quão fraco realmente sou.

Assim que tiro a camisa, coloco-a no colchão, alisando as rugas antes de caminhar até a arca de madeira que está empurrada no canto do quarto. Abro-a, as dobradiças de latão rangendo, e me curvo e agarro a disciplina na mão, passando as borlas grossas da corda ao longo da palma.

— Será uma santa convocação para vós; e afligireis vossas almas, — murmuro para mim mesmo enquanto a corda com nós arranha minha pele.

Respirando fundo, fico de pé, meu corpo rígido e meus músculos travados, meus dedos apertando a base grossa do chicote. Minhas narinas se dilatam quando imagino *seu* rosto, uma onda de luxúria passando por mim agora, mesmo quando eu deveria estar vivendo apenas para Ele.

Levanto meu braço para o alto e o desço sobre o ombro oposto, as

múltiplas borlas com pontas amarradas cortando as feridas abertas em minhas costas. Repito o movimento e meus dentes rangem contra a queimadura.

Pois, assim como Cristo sofreu por nós na carne, armem-se igualmente com o mesmo pensamento: pois aquele que sofreu na carne cessou o pecado.

Meus movimentos aceleram, meu pau endurece vergonhosamente enquanto minha mente e meu corpo vibram com a dor. Eu me bato com mais força até que um líquido quente escorre pela minha espinha e cai no chão em pontos vermelhos.

Um golpe para cada pensamento impuro, dez para cada golpe pecaminoso.

Continuo até mal conseguir ficar de pé, com o corpo molhado de sangue e a cabeça tonta por causa do castigo.

Normalmente, sinto alívio depois. Como se minha alma tivesse sido limpa, meu propósito voltou à vista como uma janela suja lavada. Mas enquanto estou deitado na cama, sentindo as pontadas de dor que irradiam pelas minhas costas e pelos meus membros, não sinto como se tivesse sofrido o suficiente. O terror toma conta dos meus pulmões e rouba meu fôlego porque não tenho certeza se algum dia me sentirei purificado novamente.

Porque mesmo agora, ela já está voltando.

Está estranha.

Ma petite pécheresse.

Minha pequena pecadora.

Capítulo 6

Amaya

Minha mãe não era uma boa pessoa, por isso faz sentido que ela não fosse uma católica particularmente boa. Não que isso a tenha impedido de me arrastar para fora da cama todos os domingos de manhã para a missa.

Eu me vestia com as roupas mais bonitas que tinha e íamos a pé até qualquer igreja que houvesse na região. Mudávamos muito, mas não importava para onde íamos, a religião parecia nunca mudar. Sempre as mesmas regras e regulamentos rigorosos.

Fazem isto. Não faça isso. Ele é perdoador, mas irá derrubá-lo.

Foi o suficiente para me convencer de que estávamos cometendo pecado apenas por *estarmos* ali. Visões de um relâmpago separando as nuvens e trovejando pelo centro do santuário encheram minha cabeça. Eu tinha certeza de que buscar perdão por algo de que não estávamos realmente arrependidos era uma blasfêmia suficiente para o inferno. E eu sei que minha mãe não sentiu remorso por suas ações porque ela continuou a praticá-las continuamente.

Mesmo assim, todas as semanas íamos, e todas as semanas nada acontecia.

E ninguém na igreja pareceu perceber que minha mãe era hipócrita. Uma falsa. Ou talvez sim, e simplesmente ficaram quietos. Afinal, as pessoas muitas vezes ignoram características dos outros que existem

dentro delas.

Talvez simplesmente não tenhamos ficado em um único lugar por tempo suficiente para que alguém realmente se importasse.

Mas quando aparecemos em Festivalé tudo isso mudou.

Porque alguém *se importou*. Florence Gammond.

Já estamos em Festivalé há meses e acho que posso contar nos dedos de uma mão quantas vezes minha mãe ficou um dia inteiro por aqui. Ela bebe café, com o cabelo preso em um rabo de cavalo enquanto anda pela pequena cozinha do nosso apartamento, cantarolando para si mesma enquanto se prepara para sair.

— *Que horas estará em casa?* — pergunto, batendo as unhas na mesa. *A irritação ferve profundamente em minhas entranhas enquanto a observo.*

— *Hum?* — *Ela gira, seus olhos nem conseguem encontrar os meus.*
— *Oh, provavelmente tarde. Tenho algumas coisas a fazer e então Parker vai me levar para as Montanhas Verdes para uma escapadela de fim de semana. Não é tão romântico?*

Suas bochechas coram e meu estômago embrulha.

— *Mas Quin tem uma consulta hoje. Você prometeu que estaria aqui.*

Ela me acena. — Você pode levá-lo até lá, certo?

Suspiro quando um peso cai no meio do meu peito. — Sim, mãe. Eu cuidarei dele.

Não acrescento que estou sempre cuidando dele. Que tenho quase certeza de que ele já deveria estar imitando ou sorrindo e fazendo

barulho. Falar sobre minhas preocupações só vai deixá-la com raiva, e ela gosta de jogar coisas quando fica brava. Seu humor pode mudar tão rápido quanto um interruptor, e aprendi anos atrás a escolher minhas batalhas.

Além disso, isso não é novidade. Mamãe desaparece quase todos os dias, me deixando sozinha para cuidar de Quinten. Desde que ela voltou do hospital.

Ela nunca me contou quem é o pai dele.

Depois que ela sai, coloco Quinten em um carrinho e vou para as ruas pitorescas da cidade para passar o tempo antes do check-up. Vivemos na periferia da cidade, onde a arquitetura francesa começa a desmoronar e os moradores de rua dormem em barracas, mas fica a apenas vinte minutos a pé da praça principal, e gosto de ir lá sempre que posso para apreciar o exteriores de tijolos escuros e telhados íngremes. Há algo tão mágico em Festivalé, algo que me faz querer mergulhar na sua história e absorver a sua cultura.

A praça em si está repleta de pessoas, a maioria provavelmente turistas, que vêm à área para vivenciar a “Pequena França” sem sair do país. A principal atração é a Catedral de Notre-Dame, que foi erguida no final de 1800 e tem sido lindamente preservada desde então. Vamos lá aos domingos para a missa, mas fora isso fico longe.

A religião me assusta.

O sol bate na minha cabeça enquanto empurro o carrinho de Quinten pela Champlain Patisserie e estou prestes a me virar e ir para o consultório médico quando um som ressoa no beco e chama minha atenção para o barulho.

Meu queixo cai quando vejo o namorado da minha mãe. Parker tem

uma mulher pressionada contra a parede de tijolos, a perna branca e pastosa enrolada em seu quadril e o cabelo ruivo contrastando com o loiro.

Paro no meio do caminho, sacudindo o carrinho com tanta força que Quinten começa a chorar.

Os corpos de Parker e da mulher misteriosa se separam e, ao fazê-lo, ela aparece totalmente à vista.

Florence, a mulher que sempre ajuda na comunhão durante a missa e sempre olha feio para minha mãe. Ela alisa a frente da saia, sua aliança de diamante gigante brilhando ao sol da tarde, e os olhos de Parker se estreitam quando eles se concentram em mim.

Eu me viro e saio correndo antes que qualquer um deles possa dizer uma palavra, meu coração batendo forte enquanto tento compartimentar o que acabei de ver e se devo contar para minha mãe.

Se eu contar a ela, tenho certeza de que ela fará nossas malas e estará pronta para partir antes que o sol se ponha completamente. E eu adoro isso aqui. Eu quero ficar. Não importa o que.

Três noites depois, muito depois de eu ter colocado Quinten na cama e deitar para adormecer, Parker entrou no meu quarto.

Lembro-me do meu sangue bombeando em meus ouvidos e meu estômago apertando de medo quando o colchão caiu atrás de mim, seu grande corpo envolvendo o meu enquanto sua mão se estendia ao meu lado e cobria minha boca.

— Não faça barulho, — disse ele.

Eu fiz.

— O que quer que você *pense* que viu outro dia, sua mãe não precisa saber. Acene com a cabeça se você entendeu.

Lentamente, balancei a cabeça. Minha boca ficou seca, mas mordi a língua para ficar quieta.

— Posso tornar sua vida *muito* difícil, doce Amaya. Eu odiaria que você descobrisse o quão depravado eu posso ser.

Sua mão correu pela frente da minha camisola e deslizou entre minhas pernas, e meus dentes morderam minha língua com tanta força que o gosto de cobre começou a inundar minha boca. Lágrimas brotaram em meus olhos, meus músculos tensos e prontos para lutar, mas suas palavras seguintes me paralisaram.

— Diga uma palavra e eu a matarei na sua frente e depois pegarei essa boceta para mim enquanto ela sangra ao seu lado. É isso que você quer, doce menina? Você quer que a última visão da sua mãe na terra seja o homem que ela adora foder a versão mais jovem e *mais apertada* dela?

A bile subiu pela minha garganta e balancei a cabeça, meus pulmões queimando pela necessidade de soltar um soluço.

— Bom.

Ele deu um beijo na minha bochecha e então se foi, tão rápido quanto chegou.

Eu nunca contei para minha mãe.

Mas ela descobriu sobre Florence de qualquer maneira.

E depois que ela fez uma cena na frente de toda a cidade, ela desapareceu, como sempre havia feito antes. Só que desta vez ela não nos levou com ela. E quer ela soubesse ou não, ela me entregou a Parker em uma bandeja de prata.

Mas não há nada que eu possa fazer sobre isso agora. Não se eu quiser manter Quinten seguro e um teto sobre nossas cabeças, e a estranha fixação de Parker em mim se presta a um tipo de proteção que eu não conseguiria em nenhum outro lugar. Ele é o melhor amigo do prefeito. Ele é um homem perigoso e poderoso. E embora as pessoas ainda zombem e sussurrem sobre os rumores que minha mãe deixou atrás de si, quando ele está por perto, pelo menos não dizem isso na minha cara.

— Amaya, — diz Parker enquanto entra em seu escritório.

A fechadura faz um clique quando ele fecha a porta, e sua voz irrita minha pele, deixando-a em carne viva.

— Parker. — Eu forço um sorriso tenso.

Eu o observo de perto, tentando descobrir se ele me reconheceu no trabalho. Ele nunca esteve lá antes, e ele aparecer do nada me preocupa. A ideia de ele arrancar o último pedaço da minha liberdade me deixa mal do estômago. Do jeito que está, ele acha que ganho dinheiro fazendo trabalho freelance de entrada de dados no conforto da minha casa.

Seus dedos deslizam pela minha nuca enquanto ele passa por onde estou sentada, o toque é tão leve que pode ser considerado um acidente. Mas eu sei melhor. Parker não *tem* acidentes. Tudo o que ele faz é metódico.

Ele se move para sentar atrás de sua mesa, seu olhar me despindo como se eu fosse um presente enviado só para ele.

Não gosto do olhar dele e gosto menos ainda de olhar para *ele*.

Não é que o rosto dele não seja atraente; é verdade, e a maioria das mulheres desta cidade baba ao vê-lo simplesmente porque seu dinheiro

faz dele o solteiro mais cobiçado de Festivalé. Mas para mim, ele é apenas mais um canalha imundo. Um homem mau vestido com ternos de mil dólares.

Ele continua a me observar, e minhas mãos ficam úmidas no silêncio. Se ele não falar logo, posso vomitar em seu elegante piso de madeira.

— Você está linda, — ele finalmente diz. — Tudo bem com Quinten?

— Ele está bem. — Meu peito dói. Não gosto dele fingindo que se importa.

Ele balança a cabeça lentamente. — A escola o trata bem?

Cerro os dentes porque *não*, não trata, e estou bastante confiante de que Parker sabe disso. Quinten e a escola pública não combinam. Há muitos estudantes e não há apoio suficiente para alguém desse espectro. Ele não se dá bem em ficar em filas ou em ter que ficar quieto e calado em uma mesa, e não importa quantas vezes eu lute por acomodações que lhe permitam se sentir seguro e confortável, seus professores fecham isso. Seu iPad faz parte de sua autorregulação, e eles não permitem isso nas aulas. Então ele age, e então recebo um telefonema e acabo lutando contra as lágrimas enquanto imploro que reavaliem seu IEP: seu programa educacional individualizado. A escola tem falta de pessoal e financiamento, e eles não se importam com o *motivo* pelo qual Quinten pode estar passando por dificuldades. Eles só se importam que ele é.

Mas não posso me dar ao luxo de colocá-lo em outro lugar.

— É o mesmo de sempre, — respondo com cuidado.

Parker suspira, levantando-se e movendo-se até afundar na cadeira ao meu lado, estendendo a mão para agarrar meus dedos. — Não sei por que você insiste em resistir a isso. Eu poderia cuidar de você. *Quantas*

vezes podemos ter essa mesma conversa?

— Não estou interessada em saber como teria que pagar por isso. — Puxo minha mão de volta.

O músculo de sua mandíbula se contrai e ele passa a mão pelo cabelo penteado para trás. — Seria realmente tão ruim? Estar comigo?

— Não é que seria *ruim*, — digo, embora fosse. — Simplesmente não seria real.

— Eu posso abrigar você, — ele argumenta. — Cuidar de você. Colocar Quinten na melhor escola particular do estado. Nunca mais lhe falará nada.

Eu estaria mentindo se dissesse que não fiquei tentada, mas ele usando o que mais me importa para tentar me controlar faz o ódio queimar em minhas veias. Parker me conhece bem o suficiente para saber que eu faria absolutamente qualquer coisa por Quinten, e meu maior medo é um dia não ter escolha a não ser me acorrentar a um homem que usaria a estabilidade e as pessoas que amo como moeda de troca.

Ele já tomou tanto.

— Parker, — imploro, desejando que ele parasse de fazer isso *todas* as vezes. — Não posso.

— Tudo bem. — Suas feições caem, a suavidade se molda em arestas ásperas, uma frieza entrando em seu olhar. — Você pegou meu dinheiro?

Uma risada aguda me escapa antes de dizer. — Não faço isso sempre?

— Não vejo o que há de tão engraçado, — ele cospe.

— Você. — Eu aceno minha mão entre nós. — *Isso*. Você quer que eu fique com você, me *case* com você, mas você é a razão pela qual estamos

lutando tanto em primeiro lugar.

Ele zomba, tirando um fiapo invisível da manga do paletó. — Sou um empresário, Amaya. Sua mãe fez um acordo comigo e foi embora antes de cumprir sua missão. Como seu parente mais próximo, isso cabe a você.

Levanto uma sobrancelha. — Você a apresentou aos seus clientes. Você não assinou um contrato de um milhão de dólares. Dificilmente resistiria no tribunal.

— Semântica. — Ele dá de ombros. — Ele se mantém onde é importante. Devo lembrá-la disso de novo?

Engulo, minha garganta repentinamente seca, porque *não*, ele não precisa me lembrar. Recebi a mensagem em alto e bom som depois que mamãe foi embora e tentei dizer não a ele.

Bufando, enfio a mão na minha bolsa gasta e retiro o maço de notas, quase tudo que consegui fazer na semana passada, deixando-o cair no pequeno espaço entre nós.

Ele o pega imediatamente, o polegar passando pelo topo das notas com elástico. — Isso parece leve.

Meu coração gagueja. — Só por cem dólares, Parker. Eu preciso... preciso manter a internet ligada.

— Isso não é problema meu.

Eu engulo.

— Você não vai *deixar* que isso seja problema meu, — ele altera.

— Bem, pagar você também não deveria ser problema *meu*, — eu mordo de volta.

Rindo, ele estende a mão e segura minha bochecha. Para alguém de

fora, pareceria um momento de ternura entre nós, mas seu aperto é forte e seus olhos estão vazios. — Contanto que seu sobrenome seja Paquette, é.

Ele então se levanta, segurando o dinheiro na mão e virando as costas, efetivamente me dispensando. Eu sigo o exemplo, minhas pernas formigando por causa do sangue correndo de volta para elas, e caminho até a porta do escritório, abrindo a fechadura.

— Mesmo horário na semana que vem, Amaya, — ouço atrás de mim.
— E não seja reduzido ou você não vai gostar de como farei você pagar.

Capítulo 7

Cade

Padre Jeremiah é um sacerdote recentemente ordenado, com vinte e poucos anos. Ele é jovem e está ansioso para aprender. Seus olhos ainda brilham de alegria, e há esperança e inocência em seu olhar, do tipo que só existe quando você não experimentou coisas pesadas, como a dor gerada por um trauma. Ele foi aprendiz do meu antecessor, Padre Clark, então quando Clark foi expulso e eu fui contratado, Jeremiah permaneceu para facilitar a transição.

Uma pontada de culpa me atinge quando penso em como já se passaram dias e só agora estamos nos conhecendo. Ele deveria ter sido o primeiro que procurei, mas as distrações parecem estar mais fortes aqui em Festivalé. Jeremiah não parece se importar. Nos primeiros dez minutos de convivência, ele está atrás de mim como um cachorro ávido por um osso, o que para mim está ótimo. Será benéfico tê-lo nas minhas costas.

Hoje estamos dirigindo para o mosteiro no meio das Montanhas Verdes. Fica a cerca de uma hora de distância da cidade, e no segundo em que Jeremiah mencionou isso para mim, decidi que era imperativo visitá-lo. Aparentemente, é um segredo bem guardado, ligado à igreja local, mas afastado da população de Festivalé e arredores. Está reservado exclusivamente às freiras carmelitas que prometem uma vida de solidão. E estou sempre procurando um lugar tranquilo quando preciso fugir. Às vezes, uma mente silenciosa e um lugar para me recuperar das noites de

feridas auto infligidas são as únicas coisas que desejo.

— Você morou em Festivalé a vida toda? — Pergunto-lhe.

— Sim, nascido e criado, — ele responde.

— E você gosta?

Ele dá de ombros. — Tanto quanto qualquer um faz. Minha mãe administra o café na Champagne Street, então esta cidade e seu povo são tudo que conheci.

Meus dedos batem na porta do carro enquanto o observo. — E o que fez você querer ser padre, Jeremiah?

Ele sorri, seus dentes brancos e brilhantes contra o marrom profundo de sua pele. — Era isso ou me tornar um guia turístico.

Eu rio. — Não há muito para passear em Festivalé fora da praça da cidade, não é?

Ele balança a cabeça. — Suponho que não. Mas há história em tudo. A maioria desses edifícios existe desde 1700, sabe? A Grã-Bretanha conquistou o território na Guerra dos Sete Anos, mas as nossas raízes francesas são fortes.

— Acho que você teria sido um guia turístico maravilhoso, Jeremiah.

Ele ri. — A igreja é minha vocação, padre. O mesmo que você, tenho certeza.

Duvidoso.

Concordo com a cabeça em vez de expressar meus pensamentos.

— Nunca quis fazer outra coisa, — continua ele.

— Você é jovem, — afirmo.

— Você também.

— Trinta e seis anos não é *tão* jovem. — Um sorriso aparece em meus lábios. — Então, além da história de Festivalé, o que você ama na cidade?

— É apenas casa.

A inveja me atinge com força, porque não consigo me identificar. Nunca tive uma casa. Não na verdade.

— Senhor Errien parece pensar que as pessoas estão se afastando muito de Deus. — Olho para Jeremiah enquanto digo isso, avaliando sua reação. Eu realmente não preciso ouvir sua resposta. Já cheguei à conclusão de que Parker só queria que eu estivesse aqui para ter outra pessoa no bolso, mas estou curioso para saber o que Jeremiah pensa dele.

— Bem, ele provavelmente saberia, — diz Jeremiah.

— Será?

— As pessoas não vêm à missa como antes. Eles não buscam confissão. As coisas estão... calmas.

— Hum. — Não estou surpreso em ouvi-lo dizer isso. — E você confia em Parker?

— Claro. — Ele dá de ombros. — Ele nunca me deu uma razão para não fazer isso. Ele faz muito pela cidade. Conseguiu o cargo de prefeito para seu melhor amigo, tenho certeza.

— E você não acha que isso é errado? Usar seu dinheiro e influência para garantir que certas pessoas acabem no cargo?

Jeremiah franze os lábios. — Com todo o respeito, Parker é intocável nesta cidade. Ele financia os programas da cidade e preserva a história comprando os edifícios em vez de deixar que outros os destruam. Se ele

mandou chamar você, é porque nos últimos anos vimos a epidemia de drogas se espalhando pelas ruas. Pessoas pobres mendigando nas janelas dos carros. Padre Clark não se importava em ajudar sua própria paróquia quando eles estavam em necessidade.

Eu levanto uma sobancelha. — Então por que Parker não cuida disso sozinho com sua enorme riqueza e alcance infinito?

— Bem... — A cabeça de Jeremiah se inclina. — Foi por isso que ele chamou você aqui, não foi? Ajudar.

— Hmm, talvez sim. — Viro-me para olhar pela janela, deixando o silêncio envolver o carro.

As estações estão prestes a mudar, o céu azul gelado como uma tela pintada contra os galhos sem folhas e os pinheiros verde-escuros. É diferente do que estou acostumado, e a paz que vem com a natureza intocada desliza sobre a linha das árvores e se pinta em minha alma. Mergulho nessa sensação, sabendo que é uma pausa temporária na batalha constante que travo por dentro.

Os pneus do nosso carro rangem no cascalho solto quando saímos da estrada da montanha e subimos uma estrada longa e sinuosa, parando em frente a uma cabana.

É um edifício antigo com um telhado vermelho desbotado. Os picos em forma de A se projetam, sombreando as janelas em arco abaixo. Eu não diria que é um lugar amplo, mas grande o suficiente para abrigar confortavelmente alguns quartos e um pequeno local para adoração, e há uma vibração definitivamente amadeirada que complementa a atmosfera.

Entendo por que as freiras carmelitas ficam aqui. A solidão não parece tão ruim quando é nisso que você existe.

— Quantas pessoas vivem aqui? — pergunto, desafivelando o cinto de segurança e abrindo a porta para sair.

A porta do carro de Jeremiah bate depois da minha, e ele se espreguiça, suas costas estalando enquanto vira as chaves do carro com o dedo indicador. — Irmã Genevieve.

Levanto uma sobrancelha. — E?

— É só isso agora.

— Ela mora aqui sozinha? — Viro-me em direção ao prédio, olhando para as janelas do segundo andar.

Ele acena com a cabeça enquanto subimos o pequeno caminho até os degraus da frente. — Poucas pessoas conhecem este lugar. E ela prefere a solidão.

Apesar da sensação árida do inverno que se aproxima, esta é uma terra exuberante, repleta de vida. O cheiro de pinho é forte, e há um pequeno riacho que corre ao longo do lado esquerdo da entrada e desaparece além do mosteiro, a água brilhando com manchas de gelo fino, provocando a mudança das estações.

As portas duplas da frente têm entalhes intrincados, grandes cruces bem no centro, e quando as abrimos e entramos, o calor atinge meu rosto, fazendo as pontas das minhas orelhas queimarem com a mudança de temperatura.

Tiro as luvas lentamente enquanto olho ao redor.

É uma cabana confortável com sofás creme na pequena e pitoresca sala de estar, uma lareira de madeira crepitando no canto e uma Bíblia na mesa de canto ao lado de uma cadeira de leitura com manta xadrez. Há um pequeno santuário à esquerda com três fileiras de velhos bancos de

madeira e uma escada bem na nossa frente que presumo que leva aos quartos.

— A irmã Genevieve estará por aqui em algum lugar, — Jeremiah murmura enquanto caminha mais para dentro da sala.

Ouve-se um rangido de madeira e então uma mulher aparece na esquina, vestida com um simples hábito preto.

— Aqui está ela. — Jeremiah sorri.

Ela é diferente do que eu esperava.

Seus olhos são impressionantes, de um verde brilhante que acentua o bronze profundo de sua pele, penetrando onde quer que ela olhe, e ela é muito mais jovem do que eu imaginava, embora as linhas ao redor de seu rosto esculpem a história de uma vida difícil. Ela é pequena em estatura, mas há uma energia que a envolve, uma energia que me diz que há escuridão dentro dela, assim como há dentro de mim.

Imagino que ela trance seus demônios, enquanto eu solto os meus para brincar.

E aqueles olhos... há algo quase assustador neles. Como um déjà vu ou uma lembrança que não consigo compreender.

— Você deve ser o padre Frédéric, — ela diz com uma pequena inclinação dos lábios.

— Padre Cade está bem. — Eu inclino minha cabeça. — Irmã Genevieve, estou supondo?

— Isso mesmo, — ela responde. — Por favor, vocês dois entrem e se aqueçam.

Ela nos leva rapidamente, nos levando para a pequena sala de estar e

depois desaparecendo na cozinha.

O calor da lareira é forte ao meu lado enquanto me acomodo no sofá e espero. Jeremiah está sentado à minha frente, com o tornozelo cruzado sobre o joelho oposto, enquanto descansa confortavelmente como se já tivesse estado aqui mil vezes. Talvez ele tenha.

Em pouco tempo, a irmã Genevieve está de volta, colocando uma bandeja com pequenos doces antes de se sentar na cadeira de leitura perto do fogo. — Desculpe, não tenho nada melhor para oferecer. Eu não sabia que você faria a viagem.

— Não vamos ficar com você, — eu prometo. — Só fazendo a ronda. Você sabe como é.

— Hmm, — ela cantarola.

— Há quanto tempo você mora aqui?

— Alguns anos, — ela responde. — Eu estava no noviciado aqui com a Irmã Anna.

Eu levanto minhas sobrancelhas. — Noviciado? Você ainda está treinando?

Isso me surpreende porque ela parece praticada e refinada de uma forma que as freiras mais novas normalmente não são. E ela é um pouco mais velha que a maioria das noviças que conheci. Geralmente, eles fazem os votos jovens.

Não posso deixar de me perguntar que tipo de vida ela deve ter vivido antes e o que a levou a Cristo.

Ela balança a cabeça. — Não mais. Fiz meus votos finais no ano passado, logo após a morte de Anna.

Concordo com a cabeça lentamente, catalogando o modo como seu corpo se mexe desconfortavelmente, apertando-se a cada uma das minhas perguntas. Ela está em guarda e quero saber por quê.

Infelizmente, não descubro. Enquanto conversamos por mais alguns minutos, estamos simplesmente enchendo o ar com conversas fúteis, e eu não saberia dizer o que foi dito. Estou muito ocupado observando as dicas do corpo dela. A maneira como seus olhos se movem atrás de nós, para a escada, como se ela mal pudesse esperar para terminar de entreter nossa presença e como, de vez em quando, seus dedos se entrelaçam e apertam, empalidecendo sua pele.

Normalmente, isso chamaria minha atenção a ponto de eu não conseguir me concentrar em mais nada. Mas mesmo agora, mesmo quando estou aqui, minha mente vagueia para uma mulher pecadora que está totalmente fora dos limites e definitivamente é alguém em quem eu não deveria estar pensando. Da mesma forma que ela tem se infiltrado em meus pensamentos desde o momento em que a conheci. A vontade de ir até onde ela mora e sentar-se do lado de fora da janela só para saciar essa *necessidade* é forte.

— Estamos interrompendo alguma coisa, irmã? — Eu finalmente pergunto, incapaz de suportar a tensão que aperta seu corpo.

Ela balança a cabeça. — Desculpe. Não estou acostumada a ter gente aqui. Eu gosto da minha solidão. Os convidados me deixam nervosa.

Concordo com a cabeça e me levanto, gesticulando para Jeremiah fazer o mesmo. — Então, por favor, deixe-nos sair do seu caminho.

Ela sorri, seguindo-nos enquanto nos dirigimos para a porta.

Quando chegamos lá, olho para Genevieve, apertando meu casaco e calçando as luvas enquanto Jeremiah mantém a porta da frente aberta. —

Você estará presente na Santa Missa? — Eu já sei a resposta.

Ela ri, um som leve e tilintante. — Oh, não, padre. Eu não saio do mosteiro.

Meus olhos percorrem as linhas de seu rosto. — Pena.

— Você sabe como me encontrar. — Ela inclina a cabeça e eu sorrio, aproveitando a sutil demonstração de subserviência, mesmo quando sei que não deveria. — Mas só um lembrete gentil: este lugar é um santuário *privado*, longe de todo o barulho. Gostamos de manter silêncio sobre seu paradeiro.

— Eu entendo.

Quando voltamos ao carro e não estou fazendo perguntas a Jeremiah, ele fica quieto, quase pensativo, e me pergunto se ele está sempre tão contido ou se é por minha causa. De qualquer maneira, não consigo encontrar vontade de me importar, minha mente já está vagando para lugares que não deveria, me perguntando se serei capaz de escapar sem que ninguém perceba quem eu sou ou que fui embora.

Mesmo que eles *percebessem*, não duvido que isso me impediria. E agora que estive no Mosteiro da Montanha Verde, tenho um lugar para me esconder e curar se o chicote cortar muito fundo.

Quer a Irmã Genevieve me queira lá ou não.

Capítulo 8

Amaya

— Você já sentiu falta disso? — pergunto a Dalia, sentando-me na cadeira de madeira clara da mesa de jantar e envolvendo as mãos em torno da caneca de chá quente.

Estamos tomando uma bebida antes de ela preparar o jantar para Quinten e eu sair para trabalhar, algo que tentamos fazer todos os dias. Apenas uma chance de fazer check-in e ter algum tempo privado com garotas.

Infelizmente, o apartamento é pequeno, então sentar à mesa no meio da cozinha quadrada, cercada por armários verdes claros e panos de prato incompatíveis, é o mais privado possível.

Não importa. Adoro esses momentos simples. Gosto de pensar nisso como uma substituição das memórias amargas que minha mãe e Parker infundiram neste apartamento por novas. *Melhores*.

Dalia pisca para mim com seus olhos castanhos por cima da borda de sua xícara. — Falta do quê?

— Dançar.

Ela dá de ombros. — Ninguém pode dançar para sempre, sabia?

Eu sei que ela está certa, mesmo que eu não goste de pensar nisso. — Sim.

A resposta dela é a mesma sempre que toco no assunto, mas, por

algum motivo, continuo perguntando, como se eu pressionasse o suficiente, ela mudaria o que diz e admitiria que o vazio que passa por seu olhar é por ter perdido um pedaço dela quando ela perdeu a habilidade de dançar.

Dalia e eu nos conhecemos através do nosso chefe, Phillip. Bem, acho que só meu chefe agora. Ela era a melhor artista lá, e quando comecei a trabalhar como garçone, mal sabendo como me equilibrar com os pés descalços e muito menos com sapatos de plataforma, Phillip nos conectou. Nós nos demos bem imediatamente, e ela foi a única pessoa na minha vida que realmente consegui chamar de amiga. Ela brilhava sob os holofotes, e eu a admirava, até a invejava, porque ela sempre parecia saber exatamente quem era. Ainda mais do que isso, ela *amava* quem ela era. Corpo longo e esguio, pele marrom-avermelhada e seio grande, ela era a favorita no Chapel. E então, uma noite, um motorista bêbado bateu nela de lado enquanto andava a cento e vinte em uma rua de 60, e eles tiveram que usar um aparelho hidráulico para tirá-la do carro. Ela não é mais a mesma desde então, nem sua perna direita, que foi quebrada com o impacto.

Sem emprego e sem dinheiro, ela estava sem opções. Então fiz com que ela fosse morar comigo e com Quinten. Hospedagem e alimentação grátis se ela cuidasse dele enquanto eu trazia o dinheiro para nós dois. Não há muito espaço, apenas o suficiente para Quinten e eu, com uma pequena sala de estar e um corredor ao lado da cozinha, mas há três quartos, e o que era da minha mãe estava sem uso. Eu realmente não conseguia me forçar a entrar lá, então ter Dalia assumindo o controle foi catártico em mais de um aspecto.

Dália jura que está bem, que está feliz. Mas apesar do que ela diz, toda vez que saio para dançar tenho que engolir a culpa.

— É por isso que é bom que você trabalhe tanto agora, — ela continua.

— Economize tudo que puder, Amaya. Ganhe esse dinheiro e guarde-o para quando precisar.

Suas palavras caem sobre meus ombros como placas de concreto. Deus, eu *gostaria* de poder guardar dinheiro suficiente para ter algumas economias, mas essa não é a minha realidade. Eu poderia fazer com que chovesse aos milhares, e Parker ainda garantiria que eu não guardasse o suficiente para me manter à tona.

Não, a menos que eu concorde em ser dele.

Mas não posso contar isso a ela porque ninguém sabe das minhas relações obscuras com Parker. Ele é meu segredinho sujo, com areia que penetra em meus poros e é impossível de lavar.

Além disso, conhecendo Dalia, ela nunca deixaria cachorros dormindo, e não preciso que ela tente resolver meus problemas como se fossem dela.

— É chato você sempre me perguntar isso, sabe? Sobre dançar, quero dizer, — ela corta.

Balanço a cabeça, tomando um gole de chá. — Não estou tentando ser chata. Eu só... eu te amo e quero ter certeza de que você está feliz.

Ela franze o rosto. — Por favor. Temos a configuração perfeita. Você está brincando? Quin é meu cara.

— Eu sei mas...

— Mas nada, garota. As coisas estão bem. *Estou* bem, ok?

— OK. — Concordo com a cabeça, mas nós duas sabemos que

provavelmente perguntarei novamente. Eu não posso evitar. A última coisa que eu gostaria é que ela percebesse que o que está acontecendo aqui não é suficiente e fizesse as malas para nos deixar e encontrar um novo propósito.

Eu sacudo o pensamento da minha cabeça.

— Eu tenho que te contar uma coisa, — Dalia suspira, sua caneca batendo na madeira enquanto ela mastiga o lábio inferior. — É sobre Candace.

— Oh Deus, o que é isso? — Eu gemo.

Candace é prima de Dalia, e até o nome dela me irrita pra caramba. Ela existe desde o início da minha amizade com Dalia, principalmente considerando que ela mora aqui em Festivalé e, até recentemente, Dalia morava em Coddington Heights. Elas nunca foram próximas, mas de vez em quando elas se dão bem, e eu não gosto dela por aqui. Candace é uma viciada violenta, e não quero colocar a mim mesma ou a Quinten no caminho dela mais do que o necessário. Além disso, Candace é uma coisa desagradável, aproveitando todas as oportunidades para enfiar suas palavras em meu lado, certificando-se de que elas deixem um arranhão.

Eu sei que as pessoas não são elas mesmas enquanto estão nas garras do vício, e odiá-la provavelmente me torna uma pessoa de merda, mas não consigo evitar.

Tomo outro gole de chá.

— Ela está morta.

Meu peito queima, um líquido quente jorrando da minha boca enquanto cuspo minha bebida do outro lado da cozinha. — *O que?*

Os olhos de Dalia são solenes, seus lábios franzem enquanto ela

balança a cabeça lentamente, claramente tentando manter suas emoções sob controle, e a empatia me atinge bem no peito. Claro, eu não gostei da mulher, mas a morte é tão... final.

— Meu Deus, Dal.

Ela dá de ombros, mas vejo como seu maxilar ficar rígido como o fio afiado de uma faca. — Todos nós sabíamos que isso aconteceria eventualmente. Sempre achei que seria a droga que a levasse, não uma *pessoa*.

Minha cabeça se inclina. — O que você quer dizer com “uma pessoa”?

Dalia balança a cabeça, passando as costas da mão na boca. — Ela foi assassinada. Estrangulada até a morte. Seu senhorio nojento a encontrou quando passou para exigir o aluguel do mês.

Meu estômago revira. — Puta merda.

Nunca fui boa quando as pessoas me demonstram emoções, e pedir desculpas não parece ser suficiente, mas não tenho certeza de como mostrar apoio quando não me sinto triste pela perda. — Eles... você sabe se há alguma pista? — *É apropriado perguntar isso?*

Ela zomba. — Provavelmente aquele velho senhorio bastardo. Ou talvez sua esposa. Todo mundo sabe como Candace pagava aluguel quando não tinha dinheiro para dar.

— Existe uma investigação? — Eu pergunto.

— Talvez. — Ela dá de ombros novamente. — Mesmo que exista, quanto esforço você acha que eles farão para que uma trabalhadora do sexo morta, com problemas com drogas, esteja constantemente pedindo que o pior dos piores entre em sua casa? Eles provavelmente estão felizes por ela ter ido embora.

Aceno lentamente, mas meu corpo está tenso. O apartamento de Candace fica a poucos quarteirões do nosso.

— Então poderia ter sido qualquer um, — eu digo, olhando para o corredor onde Quinten está brincando em seu quarto.

Meus olhos encontram os de Dalia, minha calma anterior desaparecendo como a lua quando arrasta a maré.

Ela estremece quando nossos olhares se chocam, sua língua passando pelos lábios. — Candace estava envolvida em muitas coisas ruins com muitas pessoas terríveis, Amaya. Duvido que tenha sido aleatório.

— Você provavelmente está certa, — respondo, levantando-me e atravessando a mesa até ela. Eu me inclino e a envolvo em um abraço. — Sinto muito pela sua prima, Dal.

Sinto sua cabeça se mover contra meu ombro, o som de sua respiração trêmula em meu ouvido. — Sim eu também.

Soltando-a, ando pelo corredor até espiar a porta aberta de Quinten, observando enquanto ele se ajoelha ao pé da cama, inspecionando suas estatuetas antes de colocá-las em fileiras perfeitas. — Quin? — Eu chamo. — Volto mais tarde, ok? Seja bom para Dalia. — Ele não me reconhece, mas sei que ele ouviu.

— Posso ganhar um abraço? — Eu tento de novo.

Isso chama sua atenção, e ele deixa cair os brinquedos que está enfileirando e corre, inclinando seu corpo em mim com as mãos ao lado do corpo. Ele não levanta os braços e não os envolve em volta de mim, mas não me importo. Isso é mais que suficiente.

Eu inspiro seu perfume, meu coração está pesado. — Amo você,

garoto.

— Te amo de volta, — ele murmura.

Chego até a porta da frente, giro a maçaneta e saio com um pé antes de hesitar, com a morte de Candace fresca em minha mente. Viro-me para olhar para Dalia, que está na pia enxaguando nossas xícaras, de costas para mim.

— Dalia, — eu digo.

Ela faz uma pausa, mas não se vira.

— Tranque atrás de mim, sim?

E depois vou para Chapel, onde posso deixar os problemas de Amaya na porta.

Capítulo 9

Cade

Estou fazendo confissão hoje.

Admito que não tinha certeza do que esperar. Da forma como o Bispo Lamont e Parker falam sobre Festivalé, perguntei-me se alguém viria, mas tem havido um fluxo constante de pessoas aqui para limpar as suas almas antes de comungarem amanhã. Já ouvi de tudo, desde uma dona de casa chorando por dormir com o enteado até um adolescente que rouba alguns trocados do caixa onde trabalha para poder alimentar sua família. A compaixão ilumina meu coração por este último, e meu monstro avança querendo livrar o demônio do primeiro. À medida que a manhã se transforma no final da tarde, as pessoas diminuem até que haja longos intervalos entre elas. Estou prestes a voltar para a reitoria quando um ruído arrastado atinge meus ouvidos, seguido pela respiração leve e arejada de alguém novo entrando no outro lado do confessionário.

Um cheiro agradável flutua pela divisória, como fogueira e baunilha, uma mistura inebriante que já guardei na memória. Um que inalei quando *ela* estava perto o suficiente para tocá-la. Cada músculo do meu corpo congela, os nervos percorrendo minha pele como um choque elétrico.

Petite pécheresse.

Vi-a dançar novamente ontem à noite no Chapel, mantendo-me escondido nas sombras e depois seguindo-a até sua casa. Eu tinha

planejado matá-la então, para me livrar dela, mas não consegui, embora não saiba por quê.

— Eu não... eu não sei o que estou fazendo aqui, — ela sussurra suavemente.

O sangue inunda minha virilha ao som de sua voz mansa, e minhas mãos se fecham em punhos para me manter sob controle. Não estou preparado para ela estar aqui e isso me faz sentir incrivelmente vulnerável.

— Quanto tempo se passou desde sua última confissão? — Eu falo, lambendo meus lábios como se eu pudesse sentir o gosto dela no ar.

— Anos, — ela murmura, ainda mais suavemente do que antes. — Eu não planejei vir aqui. Eu só... estava passando e por algum motivo...

Meus olhos se fecham e conto até três, o desespero tomando conta de meus ossos, *precisando* ouvir seus pecados. — Qual é o seu nome, criança?

Não sou tolo o suficiente para acreditar que é Esmeralda.

— Amaya.

Meu coração dispara e fico com raiva porque, mais uma vez, meu corpo não está sob meu controle quando ela está aqui.

— Amaya, — repito. As sílabas se formam na minha língua e se instalam como um sabor permanente.

Eu me pergunto se ela reconhece minha voz. Tivemos apenas uma breve interação em Chapel, mas de forma egoísta, embora eu saiba que não é provável, espero que ela esteja aqui para me procurar, que ela esteja mergulhando nas profundezas da obsessão com a mesma certeza que eu e de alguma forma me localizou e descobriu quem eu sou.

— Eu estou... Devo dizer uma certa coisa...

— Diga-me por que você veio, — eu digo, interrompendo-a. Não é a maneira apropriada de fazer uma confissão, mas não me importo.

Agora que ela está aqui, minha mente está confusa com tudo, exceto ela. *De novo*. Estou selvagem em ouvir suas transgressões passarem por seus lábios.

— Oh, eu... — Ela faz uma pausa novamente, e eu cravo minhas unhas nas palmas das mãos para não pular do meu lado da cabine e arrancar as palavras de sua garganta eu mesmo. — Não sei. Trabalhei até tarde ontem à noite e não consegui dormir, então dei uma caminhada hoje e meio que...

— Não há julgamento aqui, — eu acalmo. — Apenas perdão.

— Não é isso, — ela retruca. — Eu só... não sei o que dizer. Pecar é subjetivo.

Sua ingenuidade faz meu pau engrossar. Vergonhosamente, estendo a mão e pressiono a palma da mão contra ele, desejando que ele volte para baixo. Isso apenas o torna mais rígido.

— Então me conte sobre você, — eu forço. — O que você faz da vida, Amaya?

Gosto da sensação do nome dela saindo da minha língua, como uma fruta madura que explode nas minhas papilas gustativas, a mistura perfeita de açúcar e sabor picante.

— Eu danço, — ela responde, e posso ouvir o sorriso em sua voz.

— Como você dança? — Eu pressiono, querendo que ela diga isso claramente.

— Pole. E eu tiro a roupa, — ela se apressa. — Mas não acho que isso seja pecado.

Ela está errada. Sua dança criará pecado suficiente para inundar as ruas da cidade. Quero atacar, dizer que *qualquer pessoa* que veja o corpo dela, além de mim, apenas garantirá sua morte. Mas isso seria ridículo, porque o pensamento em si é ridículo, então afasto as palavras.

— Então você acredita que sua imoralidade sexual herdará o reino de Deus?

— Não sei se quero o reino dele, — diz ela. — Além disso, gosto do que faço.

— O pecado muitas vezes está impregnado de prazer, — observo, as feridas abertas em minhas costas ardendo com o lembrete de quão verdadeiras são minhas palavras.

— Eu pago as dívidas da minha mãe. E isso me faz sentir mais suja do que qualquer tipo de trabalho sexual jamais poderia.

Minha coluna enrijece, meu olhar se volta para ela, tão focado no laser que estou surpreso que ele não queime a barreira entre nós. — Pagar dívidas *como*?

— Todos os padres são tão agressivos? — ela questiona.

Eu rio, levantando um pouco enquanto ajusto as pernas da calça, tentando dar espaço para o meu pau respirar de onde está sendo sufocado pelo tecido.

Ouve-se um farfalhar e depois um fraco — Eu não deveria ter vindo, — antes que ela saia do confessionário, seus passos ecoando pelo teto abobadado e pelas paredes de pedra.

Tudo dentro de mim quer persegui-la, girá-la e forçá-la a ficar de

joelhos enquanto arrasto seus segredos de seus lábios, depois saboreio sua morte enquanto roubo seu último suspiro, mas não o faço. Em vez disso, agarro o banco embaixo de mim com tanta força que minhas unhas parecem que vão rachar.

Finalmente, saio da cabine, olhando para o espaço vazio onde tolamente esperava que ela ainda existisse.

— O que *ela* estava fazendo aqui?

Olho para trás, minha mente tentando acompanhar o presente. Jeremiah está segurando uma vela branca apagada e olhando para a entrada do santuário.

— Você conhece ela? — Meu estômago aperta.

Seus lábios se torcem. — Todo mundo conhece Amaya Paquette.

— Como assim? — Eu pressiono.

— A mãe dela namorou o Sr. Errien. — Minhas sobrancelhas vão até a linha do cabelo.

— Eu frequentava o seminário quando ela morava aqui, mas aparentemente todos vinham com ele à missa. Um dia houve uma briga na praça principal.

Minhas sobrancelhas sobem. — Uma briga?

Ele concorda. — Com ela e sua mãe.

— Onde está a mãe dela agora?

— Perdida. — Ele balança a cabeça, olhando para onde Amaya estava.
— A mãe dela a chamou de bruxa. Disse que ela *amaldiçoou* a cidade.

— Ridículo.

Ele concorda. — Você poderia pensar, mas...depois que elas se mudaram para cá, as coisas começaram a desmoronar em Festivalé. A pobreza começou a atingir as ruas. As pessoas se desviaram do caminho de Deus.

Meu estômago azeda. — As pessoas culpam a mãe de Amaya pela crise desta cidade?

Jeremiah balança a cabeça. — As pessoas culpam *Amaya*.

— Non, la sorcière?⁵

É possível que ela esteja realmente usando bruxaria? Ela me enredou tão facilmente.

Ele concorda. — Amaldiçoada, pelo menos. Desde que ela chegou à cidade, só tem havido problemas. A única razão pela qual ela não foi expulsa é porque o Sr. Errien não permite isso. Ele tem uma queda por ela, eu acho.

Eu olho para o espaço vazio onde ela estava momentos atrás. Eu me pergunto se eu respirar profundamente o suficiente, se seria capaz de inalar o cheiro dela ou se ele desapareceu tão rápido quanto sua forma física. — Ela está sozinha então?

Ele franze a testa. — Ela não deveria estar aqui.

— Todos os filhos de Deus são bem-vindos, — repreendo.

— Ela está além da salvação, Padre.

Aperto o maxilar, metade de mim querendo repreendê-lo por não aceitar minha palavra como lei e a outra metade deleitando-se com a ideia de ser quem a livrará da terra. Se o que ele diz for verdade, então ela tem um demônio dentro dela que precisa ser erradicado.

E cabe a mim libertar a alma dela.

— Ninguém está além da salvação. É por isso que estou aqui.

Capítulo 10

Cade

Jogo a caneta e passa a mão pelo cabelo, puxando a raiz. Há duas horas que tento escrever a homilia de domingo, mas a minha mente continua a vagar até Amaya como um pesadelo que perdura durante o dia.

Não sou alguém que acredita em amor à primeira vista e não tenho ilusão de que o que sinto por ela seja algo próximo da emoção, mas claramente a luxúria cravou profundamente suas garras. Apenas um momento na presença dela e ela se tornará a maior tentação da minha vida.

Olhando para minhas palavras no papel, franzo os lábios, odiando as linhas vermelhas marcadas nas passagens.

Precisa ser perfeito, mas posso dizer, a cada passada da caneta, que meus demônios pessoais estão se infiltrando nos ensinamentos.

Pela primeira vez, me pergunto se *preciso* do lembrete tanto quanto todo mundo. Balanço a cabeça para dissipar a ideia ridícula. Só preciso matar Amaya, só isso. Enquanto ela estiver por perto, ela será uma distração, e nunca precisei tanto de foco e clareza como agora. Talvez ela seja um teste enviado por Deus.

Estalando a língua contra a parte de trás dos dentes, passo o olhar entre o relógio na parede e os papéis na minha mesa, debatendo o que devo fazer. Já é noite e é dolorosamente óbvio que não estou preparado

para a Santa Missa da manhã, mas a necessidade de preparação diminui como a luz do sol num dia nublado quando a minha mente fica nublada com pensamentos sobre Amaya. Onde ela está. O que ela está fazendo.

Antes que eu possa me conter, estou saindo completamente da igreja, e quando acabo me aproximando do ponto de ônibus no final do quarteirão, tendo memorizado o horário que vai até Coddington Heights, a cidade onde Amaya trabalha, tiro a gola do meu pescoço, enfiando-a no bolso da minha jaqueta.

Como memorizei o horário, sei que faltam vinte minutos para o próximo ônibus e, nesse tempo, já me convenci a me virar, mas meus pés estão enraizados no chão como se estivessem cobertos de cimento.

Vou matá-la esta noite.

O pensamento é bastante erótico, na verdade. Há algo profundamente gratificante em caçar minha presa. Uma corrida inebriante para capturá-los e segurar suas vidas em minhas mãos.

Grandes faróis redondos cortam a noite fresca de dezembro, cegando-me para a razão enquanto o ônibus desce a rua, os freios zumbindo e guinchando ao parar, a porta sanfonada se abrindo, uma grande nuvem de fumaça saindo da parte traseira. Subo os degraus, olhando para os assentos vazios antes de enfiar o queixo no pescoço e sentar bem na frente para poder descer rapidamente se precisar.

Está quase vazio.

Há um homem mais velho e barrigudo na fileira do meio, com os olhos fechados e os braços cruzados encostado na janela, e uma jovem bem no fundo, com os olhos grudados na tela do telefone. Fones de ouvido gigantescos cobrem as laterais do rosto como protetores de ouvido. Não presto mais atenção neles e eles me ignoram completamente,

o que é bom. Até agora, pelo menos, o anonimato ainda me domina. Mas sei que depois da Santa Missa de amanhã não será esse o caso.

O ônibus avança e estamos saindo de Festivalé. Simples assim, não há como voltar atrás, não que eu tivesse, mesmo que houvesse. A adrenalina percorre minhas veias em um gotejamento constante, os nervos dançando sob minha pele como faíscas de fogo, aquela sensação sombria que mantenho trancada durante o dia, ansiosa para sair e brincar.

Demora mais de uma hora para chegar a Coddington Heights e, antes que eu possa piscar, estou em Chapel, pagando a taxa de entrada de vinte dólares e me escondendo nas sombras, como fiz da última vez.

Está movimentado esta noite, mas não importa. Eu a encontro quase imediatamente, sua aura como um farol, me cegando com seu brilho perigoso.

Ela está conversando com um homem no final do bar, sua cabeça voando para trás com sua risada vibrante enquanto ela tece sua magia como uma teia de aranha, atraindo outro pobre coitado para suas garras. Ele se inclina e sussurra algo em seu ouvido, e ela sorri antes de concordar, o cabelo ruivo falso sussurrando em suas costas, me deixando com ciúmes dos fios sintéticos.

E então eles vão embora, manobrando entre as mesas e os sofás macios ao longo das paredes antes de desaparecerem em um corredor, onde presumo que estejam as salas privadas.

Uma onda de possessividade desce pela minha espinha, espessa e quente.

Há uma fração de segundo em que considero minhas escolhas. Onde *tento* ser um homem decente. Mas é só isso: um segundo.

Ando pelo chão com determinação, refazendo seus passos até estar pairando na frente de uma sala fechada, separada por uma pesada cortina roxa em vez de uma porta de madeira. Olho ao redor, procurando por funcionários, por um segurança ou alguém que vai ver o que estou fazendo e me arrancar, mas há apenas uma cadeira vazia no canto mais distante do corredor e o som do baixo é tão alta que faz minhas entranhas tremerem. Meus dedos deslizam ao longo do material aveludado da cortina e eu a deslizo apenas o suficiente para olhar para dentro, meu coração batendo tão rápido que meu peito fica com câibras.

Minha garganta seca, uma corrente violenta de... *algo* percorre meu corpo com a visão que me cumprimenta. É diferente do que estou acostumado, mas chove sobre mim como uma monção, a doença dentro de mim me faz doer e pulsar de prazer em vez de dor.

Os dois estão perto da parede mais distante da pequena sala, no canto onde estou, apenas o perfil lateral dela visível. Amaya está no colo do homem, seus seios pesados beijando o ar livre, e isso é o suficiente para me deixar louco, flashes rápidos de seus mamilos duros me torturando como uma nuvem de tempestade que nunca chove enquanto ela se torce e esfrega em alguém que não sou eu.

Ele está completamente consumido por ela.

Eu me identifico.

Pela primeira vez desde que era criança, fico com raiva de Deus.

Como tudo isso seria *fácil* se eu não tivesse uma moral separando o que anseio daquilo que sei que é certo. *Por que você a colocaria no meu caminho?*

O ouro da aliança de casamento do homem brilha quando suas mãos se levantam e ele crava dedos carnudos na carne de sua bunda, um

gemido profundo retumbando dele enquanto ele empurra seus quadris para cima, simulando afundar-se dentro dela.

Eu cerro os dentes, meu pau doendo e duro e meu peito queimando de inveja.

— Não toque, — Amaya responde, estendendo a mão e removendo o toque. — Você conhece as regras, Andrew.

— Esmeralda, — ele murmura, suas mãos caindo de volta no sofá. — Que maldita provocação.

Há uma pilha de notas ao lado deles no sofá, e ele se move para pegar uma nota da pilha, enfiando-a na faixa do fio dental dela. Imagino quebrar seus dedos um por um, deleitando-me com os gritos que acompanhariam o *estalo*.

Ele sorri e ela ri, leve e arejada e falsa como o inferno.

Meu monstro levanta a cabeça como se sentisse cheiro de carne fresca.

Absorvo cada detalhe das costas nuas de Amaya, a reentrância em sua cintura que se alarga em quadris largos e perfeitos, os pequenos vislumbres de aréolas escuras recortadas pela curva de seu seio.

Meu pau vaza enquanto a excitação deixa minhas bolas pesadas de desejo.

— Ei, que porra você está fazendo? — Uma voz profunda interrompe o momento, e eu me endireito, irritado por ter ficado tão perdido no momento que parei de prestar atenção ao que estava ao meu redor.

Não respondo, me afastando da cortina e deixando-a cair de volta no lugar antes de me virar para encarar quem me pegou em flagrante.

— Ei, — repete o homem corpulento, aproximando-se. — Eu lhe fiz uma pergunta.

Sorrio quando ele se aproxima, diminuindo o homem na sombra da minha altura.

Suas sobrancelhas franzem, narinas dilatadas. — Você não pode voltar aqui.

— Eu estava saindo, — respondo, andando lentamente para trás com as mãos erguidas.

Ele não faz nada, embora eu não saiba por quê. Ele apenas cruza os braços e acena com a cabeça em direção à saída, e eu aproveito a oportunidade, saindo pela porta para o beco atrás do clube.

Mas eu não vou embora.

As horas passam e meus dedos ficam dormentes e rígidos, mesmo usando luvas, e minhas pernas gritam de exaustão enquanto me sento perto do estacionamento dos funcionários, observando e esperando.

Digo a mim mesmo que é só para segui-la até em casa, para terminar o que vim fazer aqui.

Mate-a e acabe com esse feitiço.

Mas quando ela volta para seu apartamento, eu também não saio.

Em vez disso, fico perto da janela lateral do beco, a desculpa esfarrapada para os arbustos cavando ao meu lado enquanto olho através do vidro manchado, observando-a balançar os quadris enquanto se despe no que ela acredita ser a privacidade de seu quarto.

Eu deveria entrar e matá-la. Meu corpo está *vibrando* com a chance de tomar a vida dela em minhas mãos, de ver a faísca desaparecer de seus

olhos e sentir minha obsessão desaparecer com ela.

Mas eu não. Deixo-a na cama, segura e sozinha, enquanto volto para a reitoria e me chicoteio por minha fraqueza.

— Dá, Senhor, força às minhas mãos para limpar toda mancha para que, sem poluição da mente ou do corpo, eu possa ousar servir-Te.

A água está fria enquanto escorre pelos meus dedos, e continuo com minhas orações enquanto pego meu amito, um pano branco que enrolo no ombro e no pescoço.

Hoje, parece que o tecido está me sufocando.

Depois disso vem a alva, e eu a visto, a vestimenta espalhando poeira no chão. — Lava-me, Senhor, e purifica-me dos meus pecados, para que eu possa me regozijar e me alegrar infinitamente com aqueles que lavaram suas vestes no sangue do Cordeiro.

Minhas costas estão em carne viva e sensíveis, fazendo-me sibilar enquanto as vestes arranham minha pele, a culpa e a aversão a mim mesmo correm por mim como lixo podre, rançoso e forte.

Depois vem o cinto. A textura semelhante a uma corda esfrega nas palmas das minhas mãos quando eu amarro-a na cintura, e me lembro de como expiei com um material semelhante na noite passada. Cada movimento que faço é doloroso por causa das chicotadas.

— Cinge-me, Senhor, com o cinto da fé, meus lombos com a virtude da castidade, e extingue neles o humor da luxúria para que a força de toda castidade possa sempre habitar em mim.

Meu peito se aperta de arrependimento enquanto falo as palavras, me odiando pela forma como Amaya me faz sentir, pelas coisas que ela me obriga a fazer.

Em seguida, agarro firmemente a seda roxa da estola, colocando-a sobre os ombros, deixando o material cair na frente do meu corpo. — Restaura-me, Senhor, peço-Te, a estola da imortalidade, que perdi na transgressão do primeiro pai, e embora indigno, ousa aproximar-me do Teu sagrado mistério com esta vestimenta, concede que eu possa merecer regozijar-me nele para sempre.

Inspirando profundamente, expiro minha mortalidade, permitindo que Sua palavra flua em minhas veias e em meu coração, porque é Ele quem celebra a Missa. E mesmo enquanto estou tumultuado, hoje não é sobre *mim*.

Então, finalmente, pego a casula. A vestimenta externa ornamentada e sem mangas desliza sobre minha cabeça com facilidade, caindo sobre mim como uma cachoeira que se acumula no chão.

Uma gota de suor escorre pela minha nuca, infiltrando-se por baixo das camadas de roupas e ardendo nas chicotadas nas minhas costas. Uso a dor como combustível, uma sensação de retidão se instalando enquanto me preparo para enfrentar o povo de Festivalé pela primeira vez como Padre Cade Frédéric.

Mas durante a homilia, meu olhar examina os bancos, e então fico em espiral, me perguntando onde *ela* está e como *está*. Se ela grita mais alto quando goza ou quando morre. Como, depois de fazer o último, nunca terei a chance de ouvir o primeiro.

Meu peito aperta com o pensamento.

Minha mente ainda está confusa enquanto dou a comunhão, e olho

para a mulher ajoelhada diante de mim e murmuro baixinho: — *Corpus Domini nostri Iesu Christi custodiat animam tuam in vitam aeternam*⁶, *amém*. — Coloco o corpo de Cristo em sua língua, os movimentos monótonos de uma forma que nunca foram, porque estou mentalmente muito longe de onde deveria estar.

A fila para a Comunhão continua, um por um, pedaços de pão e goles do cálice até que todos estejam em oração silenciosa em seus bancos.

A atmosfera é pesada, e minha voz ecoa nos arcos e nos vitrais. — Vá em paz para amar e servir ao Senhor.

Digo as palavras e falo *sério*, mas à noite, enquanto volto para um apartamento em ruínas, olhando pela mesma janela do quarto de antes, incapaz de me livrar dessa obsessão doentia, não é o Senhor que estou servindo.

E não sinto nada perto da paz.

Capítulo 11

Amaya

Quinten passa pelo corredor, arrastando os dedos dos pés no chão enquanto empurro o carrinho de compras atrás dele. É segunda-feira à tarde e, como todas as outras semanas, logo depois de buscá-lo na escola, vamos até a loja para fazer um estoque.

Hoje prefiro estar em qualquer outro lugar. As luzes do teto parecem estar martelando atrás dos meus olhos, e minha atenção está dividida, garantindo que Quinten não tropece enquanto ele fica na ponta dos pés enquanto tenta pegar nossas compras.

O cartão de crédito queima na minha carteira, praticamente me gritando para mantê-lo trancado e começar a pagar a dívida, sem adicionar mais. Mas não tenho escolha. Cada transação é mais um monte de sujeira na minha cova anônima, me enterrando viva. E a única pessoa que pode me desenterrar é o mesmo homem que está com a pá.

Eu poderia gritar, mas não há ninguém por perto que se importaria.

Estendo a mão e pego três caixas gigantes de cascas e queijo sem marca e jogo-as no carrinho. Tem sido o que Quinten pediu para jantar sem falhar todas as noites durante os últimos três meses, e embora eu saiba que está cobrindo seu interior com queijo sintético, pelo menos sei que ele está comendo.

— Observe para onde você está indo, — uma voz aguda sibila.

Minha cabeça se levanta no momento em que Quinten se encolhe,

correndo em minha direção e agarrando a perna da minha calça, seus lábios sugando para não demonstrar emoção.

Estreito os olhos enquanto me concentro em Florence Gammond.

Ela zomba enquanto me olha de cima a baixo, seu rosto comprimido azedando como se ela tivesse sido sugada por uma ogiva. Seu cabelo ruivo está primorosamente cacheado e seu terninho está perfeitamente passado, e levanto o queixo para não me sentir com cinco centímetros de altura na presença dela.

— Amaya, — ela diz, seus olhos castanhos turvos cortantes.

— Florence.

— Mantenha esse garoto na linha, — ela corta.

Meus dedos seguram a alça do carrinho de compras com tanta força que os nós dos dedos ficam brancos.

— Você não pode simplesmente deixá-lo fugir e se chocar com as pessoas, — ela continua. — Se ele não tem a capacidade de prestar atenção ou de pedir desculpas como uma pessoa normal, então talvez não devesse estar em locais públicos como este.

A raiva me inunda tão rapidamente que meu corpo treme. Olho para Quinten, mas ele já está passando para a próxima coisa, traçando as letras desbotadas do nome da loja na lateral do carrinho. Mesmo assim, sei que ele está prestando atenção, então tento conter minha raiva.

— Você é a adulta, Florence. Talvez *você* devesse prestar atenção. — Minha voz sai surpreendentemente firme.

É em momentos como este que agradeço a Deus pela minha cara de pôquer.

Florence adora farejar até a menor fraqueza. Principalmente comigo, ela encontrará um e o usará para me cortar até que eu não seja nada além de um fio solto que está desgastado no chão. Ela odiava minha mãe por ter Parker e me odeia porque sou tudo o que ele quer. Mas eu gostaria que ela colocasse na sua cabeça dura que eu não *o quero*.

Ela zomba, e eu toco levemente as costas de Quinten para chamar sua atenção antes de passar por ela. Nesta cidade, evitar é *fundamental*. Viramos quase todo o caminho para o lado direito, o que tem bastante espaço para nos desviarmos da bruxa, mas ela se move em *meu* caminho, seu ombro batendo no meu até meus pés tropeçarem.

Faço uma pausa, cerrando os dentes para não dar um soco na garganta dela.

— Você sabe, — ela sussurra. — Você deveria ter mais cuidado, Amaya.

A raiva percorre meu corpo, atingindo minha calma como um martelo em um prego.

— Eu odiaria que Quinten continuasse tendo desentendimentos na escola, — ela continua, olhando para suas unhas. — Você sabe que convidei o superintendente para um brunch na semana passada. Ouvi dizer que ele já está em seu último ataque.

Respirações profundas e constantes. Dentro e fora. Não mostre a emoção em seu rosto.

É difícil porque a *emoção* está rolando através de mim como um tambor batendo, ficando mais alto com cada batida violenta do meu coração.

Ela sabe muito bem que não é Quinten quem está causando os

problemas.

— Não acho que somos nós que precisamos ter cuidado, Florence.

Seus olhos brilham de alarme, mas ela disfarça rapidamente. — Você está me ameaçando? Isso é algum tipo de feitiço?

Eu sorrio. As pessoas ridículas desta cidade ainda pensam que sou uma bruxa, como se alguém aqui fosse importante o suficiente para eu direcionar *qualquer* energia. Tudo porque minha mãe me chamou de assim quando perdeu a cabeça no meio da praça depois de descobrir que eu sabia que Parker estava transando com Florence e não tinha pensado em contar a ela.

Minha mãe está brava comigo hoje.

O que mais é novo.

— *Sente-se direito, Amaya. Sua postura curvada é feia,* — ela sussurra para mim.

Estamos na missa de novo e, como sempre, estou entediada demais. A única coisa que me mantém unida é prestar atenção em Quinten, que acabou de completar um ano e atualmente está agitado nos braços da mamãe. Parker olha para ele e encara.

Mamãe imediatamente enrijece antes de me cutucar com força com o cotovelo nas costelas e depois passar Quinten. — Leve-o para outro lugar. Ele está causando uma cena.

A indignação queima meu peito, mas eu o pego dela e me levanto do banco, os olhos caindo sobre mim enquanto interrompo o serviço religioso para sair.

Quinten chora, seus dedinhos gordinhos agarrando a frente do meu vestido, e eu passo minha mão na parte de trás de sua cabeça enquanto

o carregó para fora e para dentro do saguão.

Devemos estar aqui fora há uns vinte minutos, e eu o enchi com aquelas tortas de framboesa nojentas que estão sempre ao lado do café. Agora ele está desmaiado, dormindo pacificamente no banco almofadado do corredor que leva aos escritórios.

— Você é bom com ele.

Respiro fundo e giro, ficando cara a cara com Parker.

— Você me assustou. — Pressiono a mão no peito, olhando para trás. — Acabou? Onde está a mamãe?

Ele se aproxima, até que estou de costas contra a parede. — Não, eu só queria te dar seu presente de aniversário.

Meu estômago fica tenso. — Oh.

— Dezenove é um número grande, hein? — Seus olhos me deixam em carne viva enquanto percorrem meu corpo, e meus braços se movem na minha frente como se eu pudesse me proteger de seu olhar.

Outro passo mais perto. Olho para Quinten e depois de volta. — Eu...

— O que diabos é isso? — A voz da minha mãe atravessa o ar e eu fecho os olhos, meu coração caindo aos meus pés.

Parker recua e sorri para ela. — Calma, Chantelle. Só estou desejando um feliz aniversário para sua filha.

Seus lábios apertam enquanto ela olha entre nós dois. — O serviço acabou.

Parker acena com a cabeça, indo até ela e agarrando-a pela nuca. É um movimento de poder, e eu poderia jurar que um lampejo de pânico

passa pelo seu olhar.

— Recomponha-se e depois me encontre na frente. Não gosto de ficar esperando.

No segundo em que ele se vai, os olhos dela estão em mim, afiados como uma lâmina.

— Mamãe, não foi...

— Quieta. Pegue seu irmão e vamos embora.

Engolindo as palavras que quero dizer, mesmo sabendo que serão inúteis, vou até onde Quinten está e o pego com cuidado, deixando sua cabeça descansar em meu ombro enquanto ele continua dormindo.

Saímos, atravessamos as pessoas que permanecem no nártex e entramos na praça principal. É um dia ensolarado e tomo banho de sol enquanto caminhamos pela frente e passamos pelas gárgulas.

Mamãe para assim que chegamos ao último degrau e eu bato nas costas dela. Quinten acorda de repente e se contorce até que eu o solte.
— Está tudo bem, amigo, — eu sussurro.

Ele balança as perninhas, pois aprendeu a andar há um mês. Eu mantenho a mão dele na minha.

Meu estômago embrulha quando sigo o olhar da minha mãe e a vejo concentrada em Florence e Parker, sorrindo largamente um para o outro na frente de todos.

Ela irrompe.

— Afaste-se dele, sua vagabunda! — ela grita tão alto que eu juro que cada cabeça se vira em nossa direção, o silêncio cobre a praça como se estivesse vazia.

Florence olha, com os olhos arregalados. Mas ela escuta e se afasta. E então ela vira seu olhar para mim e suas feições se contorcem em uma carranca. — Você contou para ela?

Respiro fundo, balançando a cabeça. O que ela está fazendo dizendo isso em voz alta? Ela não se importa que alguém possa ouvir?

Mamãe vira a cabeça em minha direção, os olhos brilhando com traição.

— Mamãe, não é...

— Eu quero que você vá embora, — ela retruca.

Minha respiração falha, porque devo ter ouvido errado. — Eu o quê?

— Você me ouviu, sua bruxinha. Não vou deixar você estragar o que tenho com Parker.

Meu queixo cai, a descrença toma conta de mim. — Não quero nada com Parker.

Florence solta uma risada. — Por favor.

— Eu não, — respondo, sem tirar os olhos da minha mãe. — Eu não estou indo a lugar nenhum. Se eu for embora, quem vai cuidar de Quin, hein?

Mamãe zomba. — Ele é meu filho.

— Já era hora de você se lembrar, — eu sibilo de volta.

Ela avança e me dá um tapa, meu rosto caindo para o lado, forçando a mão de Quinten a sair da minha.

Suspiros audíveis ressoam ao nosso redor, mas ninguém intervém.

Ninguém interfere.

Mamãe solta um suspiro e se endireita, flexionando os dedos enquanto olha para mim com nada além de gelo em seu olhar. — Meça suas palavras.

Sacudo a dor, contendo as lágrimas que ameaçam derramar.

— Chantelle. — A voz de Parker é severa.

Ela chicoteia em direção a ele. — Você está do lado dela? Depois de tudo que fiz por você? Tudo o que faço constantemente?

Suas feições endurecem e ele se afasta de Florence e se aproxima dela, baixando a voz até que não passa de um sussurro. — Pense bem antes de falar novamente.

Ela engole e balança a cabeça, mas olha em volta. Ela deve perceber então que cena ela fez. Mas isso não a impede de se voltar contra mim. — É você.

Meu queixo cai, meu peito se abre ao ver como ela está se voltando contra mim tão rapidamente, tão publicamente.

— Você é uma doença em tudo que você toca, — ela cospe, se abaixando para pegar Quinten como se fosse de mim que ele precisasse de proteção. — Uma bruxinha, seduzindo homens debaixo de mim.

Meus olhos se arregalam porque estou seriamente preocupada com o estado de espírito dela. — Mamãe, fale sério. Por favor.

Vozes murmuram ao longe, mas não escuto o que dizem.

Parker se coloca entre nós, quase como se estivesse me protegendo dela.

— Você vai ver. Todos vocês verão. — Ela levanta os braços como se

estivesse conversando com todos na cidade. — Ela vai amaldiçoar esta cidade assim como amaldiçoou minha vida!

— Chantelle, — ele diz novamente. — Você está se envergonhando.

Minha mãe enrijece a coluna, as narinas dilatadas enquanto ela olha dele para mim.

E pelo canto do olho vejo Florence fazendo o mesmo.

Olhando para mim, como se de alguma forma a estranha fixação de Parker fosse culpa minha.

Naquela noite, minha mãe desapareceu.

E Florence assumiu como missão pessoal tornar a minha vida um inferno.

Eu não sou uma. Uma bruxa, quero dizer. Embora eu *acredite* em muitas de suas práticas. A natureza tem tudo a ver com equilíbrio e acredito que a energia pode ser absolutamente exercida e manipulada. Talvez se alguma dessas pessoas dedicasse tempo para realmente aprender sobre o que tem medo, contra o que é *tendenciosa*, perceberia que não há nada a temer.

Ainda assim, eu me inclino para o terror deles, porque, no mínimo, eles têm tanto medo de que eu os amaldiçoe ou destrua a cidade que eles preferem evitar, em vez de odiar totalmente. Bem, a maioria deles. Florence é uma raça rara.

Encolho os ombros, chegando ao lado dela e pegando uma lata de molho de tomate, colocando-a no meu carrinho. — Ouvi dizer que o carma é uma vadia vingativa.

Desta vez, quando passo por ela, ela não se move nem um centímetro, e acelero meus passos, arrastando Quinten enquanto viramos a esquina, meu coração disparando tão rápido que posso senti-lo vibrando em meu pescoço.

Só quando estávamos a três corredores é que soltei a respiração que estava prendendo.

— Você lidou bem com isso.

A voz acentuada flutua sobre mim como um cobertor quente, e a familiaridade me faz parar. Eu já senti isso antes. Outra noite em Chapel. E novamente quando tomei a decisão de última hora de entrar na igreja como se eu pertencesse e confessar meus pecados porque é mais barato que terapia.

Isso me atinge tão de repente que me sinto uma idiota por não ter percebido isso antes. Talvez seja porque o sotaque francês não é totalmente incomum em Festivalé, ou talvez seja porque a própria ideia de um padre estar em um clube de strip é ridícula.

Mas não posso negar quando isso está bem na minha cara.

Meu homem misterioso e o novo padre de Notre-Dame são a mesma pessoa.

Put a merda.

Lentamente, eu me viro.

Seu rosto é severo, cheio de ângulos agudos e sombras assombradas, e suas mãos estão nos bolsos como se ele não quisesse ser incomodado. Ele está vestido com uma camisa preta simples, a cor combinando perfeitamente com seu cabelo, e um longo casaco por cima. Posso ver o menor indício de seu colarinho clerical espreitando seu decote.

O que diabos ele estava fazendo em um clube de strip?

Levanto uma sobrancelha. — Você é padre?

Só depois que as palavras escapam da minha boca é que percebo que podem ter sido um erro, porque por que eu ficaria surpresa com isso a menos que tivesse outra ideia dele na minha cabeça? Não creio que ele me reconheça do clube, mas há uma chance de que sim e foi por isso que me abordou.

Afasto o pânico que está crescendo em minhas entranhas, lembrando-me de que, mesmo que ele o faça, duvido que ele reconheça que estive lá.

Minha ansiedade diminui quando o reconhecimento nem sequer pisca em seu olhar.

— É tão óbvio? — Sua boca se inclina para cima enquanto ele olha para si mesmo, como se estivesse surpreso com o que está vestindo.

Ele está brincando, mas tudo que posso fazer é concordar, minha garganta de repente está muito grossa para engolir. Minha língua desliza pelo meu lábio inferior, e seu sorriso desaparece enquanto ele rastreia o movimento.

Limpando a garganta, olho para Quinten enquanto ele paira perto da prateleira de cereais a alguns passos de distância, lendo as palavras em voz alta na frente de cada caixa.

— Cade Frédéric. — Ele estende a mão, atraindo minha atenção como um farol.

Deslizo minha mão na dele, mas não ofereço meu nome em troca. Espero um aperto de mão, mas ele a leva à boca, passando os lábios pelas costas.

Meu estômago dá um pulo. Isto dificilmente parece apropriado.

— Prazer em conhecê-lo, Padre.

Algo brilha em seus olhos castanhos escuros quando falo, e ele deixa cair minha mão como se ela estivesse coberta de ácido.

— Aquela mulher foi muito rude com você, não? — Ele balança a cabeça em direção ao outro corredor.

— Você sabe como é, — eu digo, ignorando. — Talvez ela precise de Jesus. Aposto que você poderia convencê-la a confessar seus pecados.

Ele ri, dando um passo à frente até que as pontas dos seus sapatos pressionem contra os meus e se inclinando como se estivesse prestes a me contar um segredo. — Ah, sim, mas há um problema. Não tenho certeza se gostaria de oferecer perdão a ela.

Meu estômago se aperta e respiro fundo de surpresa, esperando que ele não tenha percebido.

Deus, que vergonha reagir dessa maneira com um maldito padre.

Ele olha para Quinten, que está agachado no chão com três caixas gigantes de cereal tamanho família dispostas em uma fileira. — E quem é este?

— Esse é Quin, meu irmão mais novo.

Ele se agacha para ficar no nível de Quinten e sorri largamente, covinhas marcando suas bochechas. — Ei, Quin, meu nome é Cade.

Quinten olha para ele antes de pegar os Flintstones Fruity Pebbles e enfiá-los na cara dele. — Oi. Olha, um dinossauro!

Os olhos de Cade se voltam para a caixa. — Você gosta de dinossauros?

Quinten começa a se balançar no lugar e meus lábios se abrem em um largo sorriso. Sempre adorei como Quinten demonstra sua felicidade e, neste momento, sua empolgação é algo tangível. Vibra através de seu corpo e ilumina o espaço como mil prismas de arco-íris refletindo o sol em um diamante.

— Você gosta de dinossauros? *Gosto* de dinossauros, — diz Quinten.

— Eu também, — responde o Padre Cade, virando-se para mim e piscando. — Não conte a ninguém.

Quinten se levanta, pulando descontroladamente na ponta dos pés. — Eu também!

Juro por Deus que meu peito parece que vai explodir, ele está tão feliz e livre.

Um nó se forma na minha garganta e vou controlar a queimação atrás dos meus olhos enquanto os observo juntos. Estou com tanta raiva que isso é algo que eu *tenho* que sentir, que alguém tratar Quinten como um ser humano é um presente e não o mínimo.

Mas a verdade é a verdade, não importa o quão feio pareça. E a *verdade* é que não estou acostumada com alguém interagindo com Quinten e sendo tão...normal. Pelo menos não nesta cidade. As pessoas fazem uma de duas coisas. Eles ou compensam demais, tentando acomodar Quinten tanto que acabam alienando-o de todos os outros, criando ressentimentos com as outras crianças, ou o evitam todos juntos, dando olhares largos e rápidos e afastando seus próprios filhos porque ele não age como eles.

A culpa bate em meu peito por não poder pegar essas experiências de Quinten e colocá-las em meus ombros.

Não tenho certeza se Cade percebe o que está fazendo, mas ele fez isso mesmo assim, e a gratidão me preenche tão intensamente que mal consigo respirar.

Cade se levanta e, ao fazê-lo, eu o observo novamente, essa pequena interação mudou minha visão dele para outra coisa. Algo mais suave.

Ele é alto, tipo, *muito* alto. E mesmo com alegria dançando em seus olhos, ele é uma figura imponente, seu cabelo preto desganhado combinando com a escuridão de seus olhos e o colarinho clerical em volta do pescoço não fazendo nada além de fazê-lo parecer ainda *mais* intenso. O poder sangra de seus poros. Ele nem está *se movendo* e sinto que ele está ocupando mais espaço a cada segundo.

Minha mão cai da alça do carrinho de supermercado quando me aproximo.

— Sabe, você é meio intimidante para um padre, — deixo escapar.

— Oh? Você conheceu muitos de nós?

— Já conheci o suficiente, — digo, levantando os ombros e voltando para o meu carrinho.

— Eu não vi você ontem na missa, não é?

Rindo, pego os Fruity Pebbles da mão de Quinten, jogo-os na cesta e depois sigo pelo corredor. — Não.

Padre Cade segue. — Por que não?

— Porque eu não fui.

Ele estende a mão e toca meu antebraço levemente, a palma da mão tão quente que queima minha manga longa, sobe pelo braço e queima meu peito. Paro bruscamente, firmando os pés no chão, apesar de cada

nervo do meu corpo soar como uma buzina de nevoeiro para correr na direção oposta.

— Vejo você na próxima semana, então?

Seus olhos encontram os meus, um desafio brilhando em seu olhar enquanto sua exigência sai como uma letra de seus lábios.

Eu zombo. — Duvidoso.

Ele pisca para mim e sua mão, que *ainda está* no meu braço, aperta um pouco. — Você virá.

Então ele se vira e desaparece, deixando-me com a irritação fervendo como fogo debaixo de uma panela fervendo.

Solto um suspiro, repassando aquela interação bizarra na minha cabeça. Ele acha que farei tudo o que ele disser só porque foi legal com Quinten? Foda-se ele. Não vou deixar que ele me faça exigências como se eu fosse uma criança. Estou meio tentada a marchar atrás dele e dizer-lhe onde ele pode enfiar sua Santa Missa, mas em vez disso, guardo isso e sorrio para Quinten. — Você está pronto para ir, cara?

— Pronto para ir? — ele responde. — Vamos para casa.

De repente, mal posso esperar para ir embora. Caminhamos pelo corredor até a frente da loja rapidamente, meu interior vibrando de impaciência enquanto Betty, a moça do caixa, leva seu tempo para registrar cada item.

Meus olhos examinam a área em busca do padre Cade enquanto espero e novamente enquanto caminhamos pelo estacionamento, com sacolas pesando em meus braços enquanto iniciamos nossa caminhada de meio quarteirão até o ponto de ônibus.

Mas ele não está lá. E não sei por que sinto uma pontada de decepção

quando ele não está.

Capítulo 12

Cade

Mais uma semana, mais uma santa missa nos livros.

E ainda não fiz nada além do mínimo para a paróquia. Mal conheci as pessoas.

Tenho estado muito distraído com Amaya. Espreitando nas sombras e esperando o meu momento de atacar. Ou talvez esperando por um motivo para não fazer isso. A indecisão está me partindo em dois, o homem em guerra com o monstro. Só que desta vez é o *homem* quem quer livrá-la da terra.

Todas as coisas vêm com o tempo, lembro a mim mesmo.

Depois da missa desta semana, estou chateado porque, mais uma vez, ela não apareceu. Mesmo que eu tenha dito especificamente para ela estar aqui. Quero ver como as pessoas da cidade interagem com ela neste cenário. Quando a *bruxa de Festivalé* vem rezar.

Eu uso o termo bruxa vagamente; eles a tratam mais como um mau presságio do que qualquer outra coisa, mas não estou convencido. Ela é capaz de *me* enfeitiçar com facilidade, e eu acredito em magia negra.

— O Festival dos Tolos está chegando.

Olho para Parker enquanto ele está sentado em uma ostentosa cadeira preta atrás de sua mesa gigante, me observando por cima dos óculos de leitura. — E?

Eu não tinha ideia de que o Festival dos Tolos era celebrado aqui. Não é muito difundido ou conhecido fora dos livros de história, e a igreja proibiu o festival em 1400. Não tenho certeza de como me sentir com a ressurreição, embora os poucos que vi *nada* mais sejam do que um carnaval comum. Artistas de rua fazendo cambalhotas para crianças pequenas com dedos de algodão doce e bocas de açúcar de confeiteiro.

— Seria bom acabar com isso. — Parker diz isso como uma ordem, e isso faz meu queixo travar.

Aqui está. A primeira de suas “sugestões”. Desde que cheguei, sei que não fui verdadeiramente chamado aqui por causa do que o Bispo Lamont disse. Embora as pessoas *vivam* em pecado e haja pobreza e conflitos nas ruas, não é ao nível em que fui levado a acreditar.

Parker Errien quer que eu seja seu fantoche de uma forma que o Padre Clark não era. Mas não recebo ordens de ninguém além de Deus.

— Certamente é pouco mais que um festival de rua, — respondo. — Não pode ser como era na Idade Média.

— É uma *blasfêmia*.

Minhas sobrancelhas se erguem e eu reprimo a réplica que quer escapar. É muito bom que Parker se lembre de sua religião quando lhe convém.

— Blasfêmia é uma palavra poderosa. — Eu me inclino para frente na cadeira, apoiando os cotovelos nos joelhos e olhando para ele com um olhar astuto. — Tem certeza de que se trata de desrespeito à igreja e não de desrespeito pessoal?

Tradicionalmente, o Festival dos Tolos era uma celebração no dia 1º de janeiro, onde os camponeses seriam o poder por um dia, nomeando

um rei dos tolos para sentar-se no trono do bispo e governar seu povo. Mas, como acontece com todas as coisas, o diabo infecta onde há fraqueza, e a igreja proibiu a celebração quando as pessoas da cidade se tornaram beligerantes, bêbadas e profanas.

Normalmente, eu concordaria com Parker que isso deve ser erradicado. Mas ele não precisa saber que estou do lado dele. Mostrar suas cartas às pessoas significa que elas podem planejar o próximo passo sem você, e essa é a última coisa que quero que Parker faça.

Além disso, descobri que gosto bastante de fazê-lo se contorcer.

— É tudo muito divertido, Parker. Deixe o povo ter sua alegria. — Eu aceno para ele. — É tudo fingimento. Considere isso um elogio. Eles querem *ser* você.

— Não é motivo de riso, padre. — A voz de Parker é baixa e perigosa.

O sorriso desaparece do meu rosto e eu me recosto, aquela queimação familiar começando a criar raízes nas partes mais profundas do meu corpo. — E me diga, *Parker*, o que você espera que eu seja capaz de fazer?

— Você é a *igreja*. — Ele acena com a mão agressivamente. — Você não deveria ser todo-poderoso? — *Eu sou*.

Parece que nossa conversa inicial não penetrou em seu cérebro teimoso, o que não é surpreendente. As palavras não atingirão o alvo quando você as disser a alguém que pensa que conhece o mundo e todos os seus segredos.

Mas minha ira cresce a cada respiração que ele respira. Eu me levanto, aproveitando o tempo para pegar meu casaco e deslizar meus braços lentamente para o calor antes de pegar minhas luvas de couro e

colocá-las. Dou três passos largos até sua mesa, pressionando os nós dos dedos contra a borda e me inclinando até que ele recue em uma linda demonstração de submissão.

— E o que faz você pensar que comanda a *igreja*?

— Eu comando *tudo*, — ele responde. — Você deveria aprender isso rapidamente.

— O festival continuará conforme planejado. — Eu me endireito antes que ele possa continuar e abotoo a frente do meu casaco. Terminei com essa conversa. — Na verdade, acho que pode ser bom para a igreja se envolver. Uma demonstração de boa fé para a comunidade.

Um sorriso surge em meu rosto quando vejo a raiva crescendo nas bochechas já coradas de Parker.

Ele abre a boca para responder, mas uma batida soa em sua porta, a maçaneta gira antes que ele possa dizer para voltarem mais tarde.

Viro-me em direção ao barulho, aproveitando a oportunidade para escapar, e quando chego à porta, ela se abre, deixando-me cara a cara com o pequeno pecador dos meus pesadelos.

Meu estômago se aperta, o sangue latejando em meus ouvidos, lembrando como ela gaguejou no palco quando viu Parker no meio da multidão. Como ele era um homem com uma missão, como um caçador tentando capturar uma presa.

A expressão no rosto de Amaya muda de choque para confusão tão rapidamente que tenho certeza de que a mudança se deve ao fogo brilhando em meu olhar.

Seus olhos fixam-se nos meus e o tempo desacelera até não haver nada além de nós.

Uma garganta limpa em algum lugar distante e isso a tira do transe, um lindo sorriso se estendendo por seu rosto. — Padre Cade, que surpresa. — Ela olha para além de mim e olha para Parker.

Meu peito puxa pela divisão em sua atenção.

— Espero não estar interrompendo, — diz ela.

Não tiro os olhos dela, mesmo agora, mesmo quando ouço Parker se aproximando, seus pés se arrastando no chão, posso ver em minha visão periférica o momento em que sua mão suja *ousa* tocar seu ombro.

Você não deveria se importar, digo a mim mesmo. Ela estará morta em breve de qualquer maneira.

— Não seja ridícula, doce menina. Você nunca é uma interrupção. — Ele a puxa para perto, pressionando os lábios viscosos em sua têmpora, e meu estômago se revira.

Ela se mexe desconfortavelmente, dando um pequeno passo para trás, e eu solto o ar dos meus pulmões.

— Você já conheceu o padre Cade? — ele pergunta a ela.

Ela dá de ombros. — Todo mundo já não fez isso?

— Amaya deveria *estar* na missa ontem de manhã. — Levanto uma sobancelha enquanto olho para ela. Um desafio brilha em seu olhar e meu pau se contrai.

Ela inclina a cabeça. — Você deve ter me confundido com outra pessoa.

Eu sorrio para seu desafio e não consigo resistir a dar um passo mais perto. — Impossível.

Parker limpa a garganta novamente, com os olhos brilhando. Ele se

vira para ela, estendendo a mão e levantando o queixo dela como se ela fosse dele. — Fique confortável, querida. Deixe-me acompanhar o padre Cade.

Ela acena com a cabeça e avança em seu espaço como se sempre pertencesse. O pensamento me incomoda mais do que deveria e, por um momento solitário, me pergunto se ela é dele. Mas então outro pensamento me toma.

Pago as dívidas da minha mãe, e isso faz com que me sinta mais suja do que o trabalho sexual jamais poderia sentir.

— Amaya, — eu lato. Minha voz é alta e rouca, meus olhos oscilando entre os dois. — Minha porta está sempre aberta se você precisar.

Ela balança a cabeça, um pequeno sorriso inclinando o canto dos lábios enquanto ela se sente confortável no escritório de Parker.

Volto-me para Parker. — Eu posso me ver fora.

Ele balança a cabeça, batendo a porta na minha cara, claramente tão desesperado para se afastar de mim quanto eu para ir embora. Ou talvez ele esteja desesperado para voltar para ela. Eu me identifico com sua situação.

Ela o enfeitiçou também?

Eu deveria voltar para a igreja. Ou talvez dar uma volta pela comunidade e certificar-me de que os sem-abrigo estão preparados para a frente fria que deverá atingir nos próximos dias. Talvez arrumar um lugar para eles ficarem secos e aquecidos.

Mas no fundo, sei que não farei nenhuma dessas coisas. Hoje não.

E quando vejo o rosto angelical de Amaya saindo pelas portas da Errien Enterprise, sigo-a até seu apartamento em ruínas, com um fogo

possessivo queimando em minhas veias.

Capítulo 13

Cade

— Estou pensando em participar do Festival dos Todos que está chegando.

— Por que? — meu superior, bispo Lamont, resmunga do outro lado da linha. — Parker diz que quer que isso pare, e não posso dizer que discordo.

— Bem, — eu começo, batendo meus dedos na borda da minha mesa. — Ele tem poder suficiente para pará-lo se realmente desejar. Ele não precisa de nós para isso. Além disso, é tradição na cidade, e que melhor maneira de ganhar a confiança das pessoas do que nos insinuarmos naquilo que elas amam? — Silêncio.

— Sem a igreja, são apenas eles zombando de nós. É embaraçoso que o padre Clark tenha permitido que isso durasse tanto tempo sem tentar intervir, honestamente. — Eu faço uma pausa. — Ou talvez Parker não tenha parado porque sabe que isso o colocaria em uma situação ruim. Você não acha que ele está tentando fazer a *igreja* parecer o bandido, acha?

— Tudo bem, — responde o bispo Lamont, com a voz áspera e entrecortada. — Mas você precisa trabalhar com Parker. Não gosto de ser chamado e informado de que você está dificultando as coisas. Ele é muito importante para a igreja. Ele sozinho mantém Notre-Dame à tona em Festivalé.

A irritação atinge meu peito. Ele só é *importante* por causa do dinheiro que fornece. Parker não é um homem piedoso. Este não é o Seu caminho. É o caminho da ganância e da corrupção. — Entendido.

Desligo o telefone e faço uma careta assim que Jeremiah entra.

— O que está errado? — ele pergunta.

Suspirando, passo a mão pelo cabelo e me inclino para trás, a cadeira balançando nas dobradiças. — O Bispo Lamont gostaria que envolvessem a igreja no Festival dos Tolos este ano.

Não é inteiramente verdade, mas fazer parecer que é ideia do meu superior pode amenizar as reservas de qualquer pessoa.

As sobrancelhas de Jeremiah se erguem. — Sério?

Eu concordo. — Você tem alguma recomendação sobre por onde começar?

Ele entra na sala e se senta em frente à mesa, cruzando as pernas e esfregando o queixo. — Você poderia tentar a Escola Primária Louis. Eles sempre fazem uma grande produção logo na frente com todas as crianças.

Meu rosto se contorce.

— Além disso, a diretora Lee é uma católica devota. Ela ficará muito feliz em saber que a igreja decidiu participar.

Falar com a diretora Lee é uma tarefa árdua. Ela é uma mulher deselegante com cabelo preto tão escuro que sugere azul e um complexo de deus que não é controlado pelo poder que ela exerce sobre as mentes

do nosso futuro. Só estou aqui há alguns momentos, mas já posso dizer que a Escola Primária Louis em geral é uma chatice, mas estou aqui por um motivo e não irei embora até que esse propósito seja atendido.

Jeremiah me contou que a escola primária costuma apresentar uma peça durante as festividades e que a diretora era uma das poucas mulheres que se esforçavam para defender a igreja. Agora que estou olhando para ela, percebo que a vi em todas as missas. Ela nunca faltou. Jeremiah está certo. Se quisermos participar ativamente do festival, então ela é o lugar por onde começar.

Então, esta manhã, fiz uma visita espontânea à escola, garantindo a diretora Lee que a igreja adoraria apoiar seus esforços. Dizer que ela está emocionada é um eufemismo.

— Mais do que tudo, precisamos de um lugar para as crianças ensaiarem, — diz a diretora Lee. — Temos nosso auditório, mas ele é ocupado pelos *ensaios* da peça escolar, e nenhum outro lugar do prédio pode acomodar tantos alunos ao mesmo tempo.

— Eles podem usar a igreja para os ensaios e a peça, — interrompi. — Temos muitos quartos no porão.

Um lampejo de alívio passa por seus olhos e uma risada distante ressoa pela porta aberta às minhas costas. Viro-me para ver o que é, olhando além da recepção e para o corredor, notando um garoto grande encurralando um menor, um pedaço de papel caindo da mão do garoto mais novo quando ele é empurrado contra a parede.

Aperto os olhos, percebendo que é o irmão mais novo de Amaya.

Qual era o nome dele? Quinten.

Eu não sabia que ele estudava em escola pública. Assim como na

primeira vez que o vi, uma estranha sensação de familiaridade me invade, aquecendo-me com sua presença. Há algo nele que me lembra quando eu tinha a idade dele e me torna protetor de uma forma que não estou acostumado a sentir. Presumo que seja por causa da minha obsessão doentia pela irmã dele, e isso está se manifestando em Quinten como outra forma de alimentar meu vício por ela.

Ou talvez seja porque me lembro de ser aquela criança, encolhida num canto enquanto as outras crianças do orfanato apontavam e riam.

As crianças – uma vez que perdem a inocência – são algumas das criaturas mais cruéis do planeta.

Quinten se encolhe. O garoto maior se inclina, pegando o papel caído e segurando-o diante dos olhos, um sorriso cruel distorcendo suas feições. A maneira como seu rosto se contorce de ameaça me lembra o de Parker.

Na verdade, muita coisa nessa criança me lembra ele.

Parker tem filhos?

Inclino a cabeça, observando o garoto murmurar alguma coisa, mas estou longe demais para ouvir. Ele se inclina, rasga o papel bem no meio, depois o deixa cair antes de pisar nele com a bota.

— Quem é aquele? — Eu pergunto.

A diretora Lee suspira e eu olho para ela, irritado com sua expressão comprimida.

— Esse é Quinten Paquette, — diz ela com uma voz monótona. — E Bradley Gammond.

Eu levanto minhas sobrancelhas. — Gammond? Ele é tão parecido com o Sr. Errien que quase presumi que o menino fosse dele.

A diretora Lee ri com força, se mexendo na cadeira. — Sim, bem... não. Sua mãe é Florence Gammond, advogada de defesa do estado. E o marido dela é *Samuel*.

— E o que Samuel faz? — Eu pressiono.

— Militar de alto escalão. Ele tem saído bastante. — Seus olhos percorrem o corredor e depois voltam.

— E isso é comum? — Eu aceno em direção à comoção.

— O que?

Aponto para o corredor. — Você permitir que as crianças se comportem dessa maneira?

— Rapazes serão rapazes. Você sabe como vai. — Ela balança a mão no ar como se estivesse soprando fumaça.

— Não, — digo lentamente, inclinando-me. — Como é que isso *vai*?

— Bradley, vá para a aula! — Uma voz adulta ecoa pelo corredor. Olho para trás e vejo o que presumo ser uma professora caminhando em direção aos dois meninos.

— Vê? — A diretora Lee sorri enquanto se levanta, indo em direção à porta e fechando-a antes de se virar para me encarar. — Lydia, a supervisora de Quinten, está lá. Nenhum dano, nenhuma falta.

Sua falta de cuidado arranha meus nervos como pregos em um quadro-negro, flashes da irmã Agnes me encontrando machucado e piorando-os em vez de me ajudar a curar.

— Amaya sabe que seu irmão sofre bullying?

As sobrancelhas da diretora Lee se projetam até a linha do cabelo. — *Bullying?*

— Como mais você chamaria isso?

Ela solta um suspiro incrédulo, cruzando os braços e se recostando na cadeira. — Com todo o respeito, padre Cade, não tenho certeza se você entende como são as crianças.

Suas palavras rompem a represa, e lembranças amargas do meu tempo no orfanato irrompem como águas inundadas. Tempos em que a crueldade da irmã Agnes sussurrava pelos corredores e dava liberdade às outras crianças para descontarem seus próprios traumas na pele dos meus braços ou na parte de trás das minhas pernas. A maneira como os adultos responsáveis desviavam os olhos ou sussurravam que *eu* era um encrenqueiro. Que eu merecia.

Ninguém me defendeu naquela época, da mesma forma que ninguém está defendendo Quinten agora.

Meu peito lateja e pressiono meus lábios.

— Presumo que você conheceu a senhorita Paquette, então? — A diretora Lee continua.

— Só de passagem.

Ela balança a cabeça lentamente, seus lábios se estreitando enquanto ela olha para mim. — Posso oferecer um conselho, padre? — Eu inclino minha cabeça.

— Eu ficaria longe dela.

Eu franzo a testa. — Você sabe, todo mundo continua dizendo isso, mas ninguém nunca me dá uma razão real para isso.

Ela dá de ombros. — Ela é uma má influência. Todos em Festivalé sabem disso.

Um sorriso aparece no canto da minha boca. — E você acha que posso ser *influenciado*, diretora Lee?

Digo isso em tom de zombaria, mas a verdade é que meu íntimo está inquieto com a conversa. Sou *influenciado* por Amaya, mais do que jamais fui por qualquer outra pessoa, inclusive Deus. Tanto o monstro *quanto* o homem.

Meu estômago se revira de ansiedade no segundo em que penso nisso, então engulo o pânico e empurro-o de volta para baixo.

A diretora Lee se inclina para frente, franzindo as sobrancelhas. — Esta cidade está impregnada de superstições, padre. Aprendemos há muito tempo a não questionar quando algo cheira mal. Preferimos arrancá-lo pela raiz. Eu odiaria pensar que nosso próprio padre não apoia a cultura de Festivalé, que foi transmitida de geração em geração.

— Hmm, — eu murmuro. Esta é a primeira vez que alguém diz isso tão claramente. Sobre Festivalé e a sensação misteriosa que cobre o ar. Mas acredito no que ela diz, tão certamente quanto acredito Nele. — E que papel Quinten desempenhará na produção? — Eu direciono a conversa.

A diretora Lee ri, como se eu tivesse feito uma piada.

— Oh não. Quinten não saberia como fazer isso.

— A presunção é um pecado contra a esperança, diretora Lee. — É mais do que óbvio que ela não se importa com o bem-estar do menino. — Você já deu a ele uma chance?

— Bem, eu... — ela gagueja.

— Ele ainda não foi feito à imagem de Deus? — Eu a interrompo.

— Não, claro que ele é. Eu acabei de...

— Ótimo. Está resolvido então. Quinten participará da produção.

Suas sobrancelhas se abaixam e ela balança a cabeça. — Agora, espere um minuto, padre. Não posso simplesmente *garantir*-lhe um papel.

— Se você quiser o apoio da igreja, você terá. — Eu me levanto, indo em direção à porta dela. — Voltarei amanhã e espero ouvir boas notícias.

Capítulo 14

Amaya

Há um pequeno estúdio perto de Chapel que é de propriedade do meu chefe. Ele deixa qualquer um dos dançarinos usá-lo, desde que não haja aulas, e as quartas-feiras geralmente são bem escassas, então eu sempre vou até lá enquanto Quinten está na escola para aproveitar o espaço.

Não é nada sofisticado, apenas pisos simples de madeira com espelhos borrados ao longo da parede dos fundos e um poste instalado bem na frente deles. Estou com meu telefone tocando música no alto-falante Bluetooth que Dalia me emprestou, e meus músculos doem por estar aqui nas últimas horas. É um sentimento que aprendi a amar e me pergunto como passei tantos anos sem saber que aquele poste era onde minha alma se sentia mais em casa.

Quando paro, meu corpo está encharcado de uma fina camada de suor e minha mente está calma pela primeira vez desde que conheci o padre Cade no supermercado e ele tirou meu mundo do eixo.

Vê-lo no escritório de Parker foi inesperado e meu estômago voou para a garganta, meu coração dançando como uma colegial apaixonada.

Uma queda por um maldito padre. Deixar que eu finalmente sinto atração sexual por um homem que está tão fora dos limites que é uma passagem só de ida para o inferno.

Reviro os olhos e gemo enquanto vou até o banco e pego meu

telefone, olhando para a tela. Giro meu pescoço, alongando os músculos tensos, um estalo satisfatório ondulando através de mim enquanto atendo minhas chamadas perdidas.

Escola primária Elementar Louis.

Ótimo.

O medo toma conta de mim enquanto pressiono o play no correio de voz, a voz da diretora Lee aparece na linha. Nunca é bom quando a escola está me ligando.

— Senhorita Paquette, aqui é a diretora Lee, como tenho certeza que você sabe, o Festival dos Tolos está chegando. Adorariamos que Quinten fizesse parte da peça que estamos apresentando, mas como a maioria dos ensaios ocorrerá fora do campus, precisamos que você entre e assine uma autorização. Obrigada.

Um suspiro de alívio sai de mim.

Eu tinha me preparado para o pior com essa ligação, sabendo que todos naquela escola estão ansiosos por uma chance de expulsar Quinten, mas talvez eu esteja projetando ou colocando os sentimentos de alguns nos ombros de todos, esperando que todos sejam iguais. A esperança pisca em meu peito. Eles nunca pediram para incluí-lo em algo assim antes.

Meu estômago embrulha só de pensar em participar de algo contra o qual tenho feito campanha ativamente há anos. Bem, não o festival em si, apenas o nome ridículo e desatualizado.

É um insulto.

Mas, por outro lado, como eu poderia dizer não a Quinten para fazer parte de algo com seus colegas? Ser tratado como qualquer outra criança?

Meu peito aperta.

Não posso. Ele precisará aprender a navegar neste mundo que não mudará para ele, e eu estaria prestando um péssimo serviço a ele ao impedi-lo de abrir suas asas só porque outras pessoas estão presas em seus caminhos.

Pegando uma toalha pequena, enxugo o suor do rosto e arrumo meus escassos pertences antes de trancar o estúdio e ir para casa tomar um banho rápido.

Menos de duas horas depois, estou andando pelos corredores da Escola primária Louis, o desconforto em meu estômago aumentando, mesmo quando aquela gavinha de esperança tomou conta de mim, envolvendo meus nervos e me fazendo imaginar que talvez estejamos na maré de algo novo.

Mesmo assim, odeio vir aqui. Minha experiência na escola não foi das melhores, por ter me mudado tanto foi impossível fazer amigos. E estar de volta aos corredores que cheiram a tênis de borracha e artes e ofícios traz o sentimento de solidão para o primeiro plano da minha mente. É tão estranho que não importa quanto tempo passe, um simples perfume pode trazer emoções que você enterrou por anos, rugindo de volta como se nunca tivessem saído.

Há um ginásio à esquerda da entrada, repleto de rangidos agudos de sapatos e gritos altos de crianças. Passo por ele, observando os amplos corredores revestidos de arte colorida, exibidos como se o próprio Monet tivesse criado as peças.

Quando viro a esquina, paro e vejo a diretora Lee apertando a mão do padre Cade, com um sorriso largo e dentes brilhando, o pescoço esticado desconfortavelmente para olhá-lo nos olhos.

Por que ele está de repente em todos os lugares onde estou?

Seu olhar imediatamente encontra o meu e, como uma mariposa diante da chama, dou um passo involuntário para mais perto.

Ele se afasta da diretora e se aproxima de mim, as mãos escorregando nos bolsos enquanto para a poucos centímetros de distância.

— Amaya, nos encontramos de novo? — Ele sorri. — Deus certamente me tem em Seu favor.

Levanto uma sobrancelha, um zumbido silencioso preenche meu corpo. — Me perseguindo, padre?

Ele ri, seu olhar olhando para cima e para baixo no corredor vazio da escola antes de se inclinar e abaixar a voz. — E se eu estiver?

Dou de ombros. — Provavelmente é uma perda de tempo. Eu não vivo uma vida interessante.

— *Non, ridicule*⁷. — Sua voz envolve os franceses como fumaça. — Você é o interesse.

Algo em seu tom faz meu estômago apertar, e há uma sensação incômoda, como se eu não me afastar agora, nunca o farei. Mas o peso de sua energia pressionando a minha é tão intenso que me mantém fisicamente cativa.

— O que será necessário para ver você em minha igreja?

Eu bufo, balançando a cabeça enquanto um pequeno sorriso surge em meu rosto. — Um milagre.

Seus olhos examinam todo o comprimento do meu corpo. E juro por Deus que parece que ele está tirando minha roupa peça por peça

agonizante. Engulo em seco, *odiando* o quão fora de controle ele me faz sentir.

Ele é um estranho, Amaya.

— Então vou rezar por um milagre.

Uma forte pontada de calor atinge entre minhas pernas, e eu me amaldiçoo por ter uma reação tão visceral a alguém que está tão fora de alcance que nem está no mapa.

Depois de perder minha virgindade com Parker quando ele voltou depois que minha mãe foi embora e eu ousei dizer não, meu desejo sexual esteve no nível mais baixo de todos os tempos. Inexistente.

Meu corpo *nunca* reagiu tão visceralmente a outra pessoa antes.

— O que você está fazendo aqui, afinal? — pergunto, finalmente me forçando a dar um passo para trás.

Ele o segue, mantendo-se tão perto que arrepios de eletricidade dançam em minha pele.

— Achei que você já soubesse? — Ele sorri, inclinando-se até que eu esteja envolvida em sua sombra, seus lábios roçando minha orelha. — Estou perseguindo você, *petite pécheresse*⁸. — Arrepios percorrem minha espinha.

— Senhorita Paquette, — uma voz aguda ressoa no corredor, seguida por um clique-claque de saltos altos.

Padre Cade recua imediatamente, mas eu juraria por tudo que seus lábios roçaram o topo da minha cabeça antes que ele recuasse.

— *Au revoir*⁹, senhorita Paquette.

E então ele se foi, com passos largos se afastando de mim e saindo

completamente do prédio.

Meu coração palpita, completamente fora do meu controle, e eu odeio a sensação que sinto.

Eu me viro e tento ao máximo limpar minha expressão. — Diretora Lee, eu estava vindo ver você.

Seus olhos passam por mim para onde o padre Cade estava e depois voltam. — Você deveria ter ligado antes de entrar.

Sua frieza não diminui a luz em meu coração por Quinten ter sido incluído, então ignoro as palavras mordazes e forço um olhar solidário. — Desculpe. Pensei em passar por aqui no caminho para pegar Quin. São apenas alguns recibos de permissão, certo?

— Isso mesmo.

— Obrigada por incluir Quin, — eu digo. — Não consigo explicar o quanto significa...

— Todos os alunos podem participar, senhorita Paquette, — ela me interrompe. — Normalmente os recibos são enviados para casa, mas, bem... eu não tinha certeza se eles chegariam até você.

Seu golpe sutil me atinge logo abaixo das costelas enquanto a sigo até o escritório principal. Tem cheiro de lasanha reaquecida e ar abafado, e enrugo o nariz enquanto nos dirigimos para a recepção.

— Carla, certifique-se de que a Srta. Paquette assine os formulários de permissão para Quinten participar das brincadeiras infantis durante o festival, — a diretora Lee orienta a secretária da escola.

Sorrio para Carla antes de voltar minha atenção para a diretora Lee, que está me encarando com o quadril encostado na mesa e os braços cruzados sobre o peito.

— Eu não sabia que você ainda era católica praticante, — diz ela.

— Desculpe? — Não é da conta dela qual religião eu sou.

— Padre Cade. — Ela acena em direção à porta aberta.

— Oh. — Eu inclino minha cabeça. — Eu não sabia que precisava ser católico para falar com ele. Afinal, o que ele estava fazendo aqui?

Na verdade, não é da minha conta, mas pergunto mesmo assim, a curiosidade superando minha necessidade de ser educada.

— Padre Cade esteve aqui a tarde toda nos ajudando a nos preparar para o festival. — Seus lábios finos. — Achei que você já soubesse disso.

— Por que *eu* saberia disso?

Sua atitude é cansativa e, honestamente, não tenho energia para continuar entretendo seus comentários sarcásticos e insinuações nada sutis sobre... seja lá o que for que ela esteja tentando insinuar.

Ela pisca para mim, confusa, antes de bater nos papéis que Carla acabou de colocar sobre a mesa e deslizá-los em minha direção.

— Porque foi ele quem sugeriu que Quinten participasse da peça.

Capítulo 15

Cade

Não era minha intenção encontrar Amaya na Escola primária Louis, mas mesmo com a ameaça de outras pessoas ao redor, acho impossível resistir a ela.

Pior do que isso é o sentimento de propriedade que brilha em mim como querosene, incendiando minhas veias quando a vejo. Quando penso *em* alguém além de mim tocando nela. É incômodo e, francamente, me deixa furioso por ter que me equilibrar constantemente na corda bamba entre matá-la rapidamente ou mantê-la viva para que eu possa observar cada respiração dela.

Essa obsessão não faz sentido, e não gosto de ser tão impotente diante dela.

Mas me recuso a ser uma vítima por mais tempo, e é por isso que esta noite, apesar de cada fibra do meu corpo estar dolorida para espiar pela janela dela, não o faço. Em vez disso, sento-me em minha casinha aconchegante e deixo a televisão ligada enquanto quebro uma barra de chocolate do tamanho do meu antebraço, preparando-me para jogá-la no leite que tenho fervendo no fogão a gás.

É uma delícia, algo que não costumo fazer, mas hoje à noite estou me sentindo nostálgico, querendo me lembrar de onde venho e o quão longe ainda tenho que ir, e o chocolate quente traz de volta as lembranças de quando saí das ruas para sempre. Quando o padre Moreau me acolheu e

me convenceu a voltar, enchendo-me de biscoitos açucarados e bebidas quentes, sem perceber que teria feito isso por uma única noite com um teto sobre a cabeça.

Meu estômago ronca, ecoando na grande pedra do lado de fora da Catedral de Notre-Dame de Paris. Meu rosto esquenta com o barulho, mas ninguém se virou em minha direção, então só espero que não tenham notado.

Talvez minha fome não seja tão forte para todos quanto é para mim.

Há muitas pessoas aqui hoje na Île de la Cité, perambulando e tirando fotos, mas não me importo com ninguém além do grupo de três mulheres americanas que venho acompanhando desde que saíram de seu hotel chique há quarenta e cinco minutos. Elas usam xales nos ombros, sussurrando sobre como é arcaico ter que cobrir a pele se quiserem ver o interior, e suas risadas ressoam nos arcos altos e nas intrincadas estruturas góticas esculpidas, como se fosse apropriado ser tão desrespeitoso em um lugar tão cheio de beleza.

Ando lentamente atrás delas, mantendo distância suficiente para desaparecer na paisagem, porque a última coisa que um batedor de carteiras quer é ficar longe da multidão. E aprendi a me misturar muito antes de fugir do orfanato, há dez anos.

Além disso, misturar-se é bastante fácil de se misturar aqui. Paris está repleta de turismo, cheia de pessoas que estão ocupadas demais olhando para cima para ver a mão deslizando nos bolsos e tirando as carteiras.

À medida que o grupo de mulheres se aproxima da porta, acelero o passo, atravessando os arbustos revestidos de concreto e a praça aberta

para deliberadamente ficar no caminho delas logo quando chegam à entrada da igreja.

A morena baixinha bate em mim e eu recuo, agarrando-a pela cintura para pegá-la.

Sua bolsa balança ao seu lado.

*— Je suis désolé, belle. Est-ce que tu vas bien?*¹⁰

Os olhos da garota se arregalam e ela se inclina mais para perto. — O que?

Ofereço a ela meu sorriso mais devastador. Disseram-me que quando consigo me manter pelo menos moderadamente banhado e minha raiva sob controle, tenho um certo tipo de charme. Geralmente parece funcionar a meu favor quando tento cortejar uma garota bonita, mas não tenho certeza se é meu rosto ou meu sotaque que resolve o problema aqui.

Os turistas são terrivelmente previsíveis.

Minha mão segura a lateral dela com força, apertando confortavelmente, mas a outra já escorregou para a lateral da bolsa dela e pegou sua carteira, movendo-a da bolsa para o meu bolso. Meu coração bate contra minhas costelas, a adrenalina inundando meu sistema como uma droga, e eu me afasto, sorrindo e me desculpando enquanto recuo até chegar à porta.

Então estou girando e acelerando, querendo sair de cena antes que ela perceba o que eu peguei.

Esperançosamente, há dinheiro aqui. Os turistas costumam levar alguns consigo, mas os cartões, embora não impossíveis, são mais difíceis.

— Ei! — ela grita atrás de mim.

Merde.

Começo a correr, empurrando dois espectadores para fora do caminho enquanto atravesso o pátio aberto, chamando a atenção das pessoas que estão por perto. Um bando de pombos está amontoadado perto de um poste de luz, e corro direto para eles, esperando que a distração deles voando e batendo as asas me ajude a fugir.

E quase consigo. Sair impune, quero dizer.

Mas então um homem aparece na minha frente, agarrando meu braço com força e me girando, meu coração batendo forte nos ouvidos e meu estômago apertando com o vazio.

A decepção sacode meus ossos vazios quando olho para meu captor, percebendo que o arcebispo Moreau me segura.

— *Suivez-moi*¹¹, — ele diz simplesmente, me dizendo para segui-lo.

Espero que ele me leve de volta à catedral, mas em vez disso ele caminha até uma pequena confeitaria e nos senta na mesa do canto da frente, com a Notre-Dame elevando-se sobre tudo o que está à distância.

O cheiro de chocolate rico e café moído na hora preenche o ar, e sinto cólicas estomacais.

Conheço o arcebispo Moreau, é quase impossível não conhecer se você mora na região, mas nunca imaginei que ele pareceria tão... normal. Embora além de procurar pessoas para roubar, nunca pensei muito na igreja em geral, para ser honesto. A religião traz de volta memórias da Irmã Agnes. De um tempo que tento esquecer.

Ele acena para um dos baristas e pede dois crepes doces e xícaras de

chocolate quente, optando por nos deixar sentar em silêncio até que o jovem volte com nosso pedido.

Minha boca saliva com a massa amanteigada na minha frente, mas estou nervoso demais para pegá-la.

Ele se recosta na cadeira, esfregando o queixo desalinhado enquanto me observa. Seu cabelo está grisalho nas têmporas e sua pele é pálida, de um branco pastoso que me faz pensar se ele não estará doente. Então ele pergunta meu nome. — Quel est ton nom, cher enfant?

— Cade Frédéric, — murmuro.

Não sei por que não minto para ele. Talvez seja porque ele transmite uma vibração de confiabilidade. Ou talvez eu esteja apenas esperando que, se eu cooperar, não sinta que devo algo a ele quando receber suas ofertas de comida.

Ele balança a cabeça e se aproxima, as pontas dos dedos empurrando o pequeno prato branco redondo para mais perto de mim.

— Tenho certeza que você está com fome, não? — ele diz em inglês. — Come.

E eu comi. Ele não fez nenhuma pergunta, apenas me alimentou e me manteve aquecido com chocolate quente.

Então, quando ele me pediu para voltar no dia seguinte, eu voltei.

E o próximo.

Até que minha desesperança foi substituída pela fé e minha raiva substituída por Ele.

Pelo menos foi o que presumi.

Totalmente, até pensei que a irmã Agnes ficaria orgulhosa do quão longe minha alma chegou, de quem eu me tornei. A parte mais quebrada de mim queria que ela me visse agora, que sentisse orgulho por eu finalmente ter me livrado da doença.

Mas os monstros adoram se esconder nas sombras, apenas esperando o momento perfeito para atacar. E o meu voltou depois de ter sido subjugado por muito tempo, faminto como sempre.

Saindo da memória, bato na barra de chocolate com mais força do que o necessário, pedaços de chocolate quebrados voando pelas laterais da tábua de madeira. Balançando a cabeça, pego o cacau em pó da prateleira de temperos e vou até o fogão, polvilhando um pouco no leite e misturando com uma colher de pau.

Enquanto mexo, rumino.

Desde o momento em que entrei na igreja, nunca questionei a Deus. Nunca questionei Seu caminho para mim. E ainda sou rígido em minhas crenças. Ele testa Seus soldados mais fortes, e isso não é diferente. Amaya Paquette é um teste para minha castidade.

E estou com medo de falhar.

Ela é uma bola de demolição, destruindo a clareza que passei anos gravando na pedra até que ela não seja nada além de mármore rachado.

Esta não é minha primeira tentativa de equilibrar a tentação do mal com o caminho da retidão, mas é uma nova. Uma estrada não percorrida que estou seguindo às cegas. Cheguei a um acordo sobre a coexistência com meu monstro e o pecado que ele gera, mas essa *luxúria* me consome de uma forma que não tenho certeza se consigo equilibrar.

Rangendo os dentes, pego o pequeno martelo e o esmago no

chocolate amargo, uma onda de *necessidade* surgindo no momento enquanto comparo a sensação do cacau quebrando com outra coisa.

Algo mais frágil.

Algo que gritará até desaparecer do nada.

Ossos são mais difíceis de quebrar do que uma simples barra de chocolate, mas a comparação me dá uma sensação doentia de qualquer maneira. Mergulho no momento porque pelo menos a violência é familiar.

Estou jogando os pedaços quebrados na panela de leite quando ouço uma batida na minha porta. Minha testa franze e eu abaixo o fogo antes de ir para a frente e abri-la, ficando cara a cara com Amaya Paquette.

Tudo o que acabei de dizer a mim mesmo, tudo de que passei o último dia me *convencendo*, que não vou segui-la, que vou matá-la e acabar com isso, tudo isso desaparece no momento em que eu vejo-a parada na porta da minha casa.

Ela parece etérea durante a noite, cercada pela neve que cai. Seu cabelo dança levemente ao ser levantado pelo vento gelado, e suas bochechas estão tão coradas quanto a ponta do nariz por ter sido beijada pelo frio.

Eu me inclino contra o batente da porta enquanto a vejo, a visão dela torna difícil respirar.

Ela sorri, seus lábios carnudos se abrindo enquanto ela balança a cabeça, gotas brancas de neve derretendo nos fios de seu cabelo até parecer tão preto quanto o céu.

— Eu não tinha certeza se era aqui que você morava, — diz ela, olhando para trás, para a pequena sala de estar.

Eu levanto uma sobrancelha, afundando meu ombro ainda mais no batente da porta. — Você estava procurando por mim, petite pécheresse?

Sua mão se levanta para envolver as pontas do cabelo antes de fazer uma pausa, respirando fundo. — Sim, mas eu... — Ela balança a cabeça. — É tarde e eu não deveria ter vindo. Eu não te acordei, não é?

Sorrio porque é *sempre* ela que me mantém acordado, esteja ela aqui ou não.

— Não, — eu respondo. — Estou sempre disponível para você, não importa a hora.

Movendo-me para o lado, faço um gesto para que ela entre, embora haja algo gritando no fundo das minhas entranhas para mandá-la embora. Que se eu deixá-la entrar, não haverá como voltar atrás. O cheiro dela estará em minha casa, e a memória de como ela se encaixa aqui ficará gravada nas paredes como escrituras em pedra.

Ela passa pela entrada e meu estômago revira quando ela passa por mim.

Eu me viro e fecho a porta, trancando a fechadura e olhando para as costas dela enquanto ela fica parada no centro da sala, olhando ao redor.

Eu poderia matá-la agora e acabar com isso.

Meus dedos se contraem com a possibilidade, minha boca fica seca ao imaginar o batimento cardíaco dela ficando fraco sob minhas mãos. Aproximo-me, meus músculos tensos em antecipação.

Ela balança a cabeça novamente, girando para me encarar, e quando seus olhos encontram os meus, meus passos param.

— Eu provavelmente não deveria ter vindo. — Ela sorri. — Eu só precisava pensar e acabei aqui.

A necessidade dentro de mim se transforma em curiosidade. — E o que você tem que pensar que não pode fazer em casa? — Eu pressiono, dando mais um passo em direção a ela. — Você precisa confessar, Amaya? — Ela ri e isso faz meu peito apertar.

— De acordo com você? Provavelmente. — Agora é ela quem se aproxima. — Na verdade, estive debatendo o dia todo se deveria vir atrás de você e agradecer.

Ela continua em minha direção até estar a poucos centímetros de distância, com o pescoço esticado e o olhar verde olhando para mim através dos cílios, como uma corça inocente se apresentando aos pés de um predador.

Meu pau pulsa, o sangue correndo para preenchê-lo até pressionar desconfortavelmente contra minha calça.

Como sempre, quando ela está por perto, há uma batalha travando uma guerra dentro de mim.

— Então me agradeça, — eu exijo.

Ela morde o lábio inferior enquanto pisca para mim, e a vontade de estender a mão e substituir os dentes pelos meus é tão forte que meu estômago revira.

— Eu sei que foi você quem solicitou que Quin fosse incluído no festival, — afirma ela.

— Oui.

Ela se aproxima novamente, o cheiro de baunilha envolvendo meus sentidos e puxando até que meu equilíbrio pareça descentralizado.

Meu pau está latejando agora, e enfio as mãos nos bolsos para não agarrar seus braços e puxá-la para mim, só para sentir o quão quente ela

está contra minha carne. Meu maxilar treme quando sua boca se abre, seus seios se movendo em um ritmo irregular por causa de sua respiração pesada.

Merde.

— Eu faria o mesmo por qualquer criança, — forço, embora esteja longe de ser verdade.

Minhas palavras funcionam, e seu olhar clareia, alargando-se ligeiramente enquanto ela dá um passo gigante para trás.

— Certo. — ela diz, passando a mão pelos cabelos ondulados. — De qualquer forma, eu deveria ir para casa. Eu acabei de...

Não respondo, permitindo que ela passe por mim e volte até a porta da frente.

— Amaya, — eu chamo logo antes dela sair.

Volte aqui. Deixe-me provar você. Tocar você. Acabar com você.

— Venha à missa no domingo.

O canto de sua boca se inclina para cima, seus olhos encontrando os meus por uma fração de segundo antes de ela ir embora.

Capítulo 16

Amaya

Não sei porque estou aqui de novo.

Ontem à noite, foi fácil ir à casa do Padre Cade, porque eu não conseguia tirar da mente o que a diretora Lee me contou, sobre como foi Cade quem garantiu que Quinten seria incluído. Pensei nisso durante o resto da noite e durante todo o dia seguinte. Isso estava em minha mente durante cada apresentação no trabalho, até que meu cérebro ficou tão esgotado que eu sabia que *precisava* vê-lo. Eu precisava agradecê-lo adequadamente, deixá-lo saber o quanto estou grata por ele estar aqui. Então saí de Chapel e, em vez de pegar o ônibus até casa, desci duas paradas mais cedo, até ficar na base dos degraus de pedra da Notre-Dame, com a indecisão pesando sobre mim. Foram os olhos de pedra das gárgulas que revestiam a entrada que me assustaram até que dei a volta no perímetro e decidi experimentar o primeiro dos dois pequenos chalés nos fundos.

Honestamente, eu não esperava que ele respondesse. Eram três da manhã e qualquer pessoa normal estaria dormindo. *Qualquer pessoa normal não estaria batendo na porta de alguém.*

Esta noite, não tenho desculpa.

Mas aqui está ele de novo, atendendo a porta de moletom cinza e camiseta preta, parecendo em nada um padre e tudo mais como uma estátua feita pelos deuses.

Meu coração dispara ao vê-lo encostado no batente da porta com as mãos nos bolsos, e me amaldiçoo por ser fraca o suficiente para vir aqui. Ele me faz *sentir*, e eu sei que não devo me permitir chegar perto de qualquer coisa que ameace meu controle.

Mas é bom ter alguém que não zomba de mim quando passo ou pensa que sou a razão de coisas ruins acontecerem.

— Salut, petite pécheresse. De volta tão cedo?

Meu estômago se agita com o apelido. Quase olhei para cima, a curiosidade tomando conta de mim, mas me contive. Não saber é melhor, porque e se for algo doce? Ou pior, algo que não é.

Seus olhos examinam o espaço aberto atrás de mim antes de voltarem a pousar em mim, e me pergunto se ele está preocupado que alguém possa nos ver. Também me pergunto se ele tem permissão para me receber de volta aqui ou se é uma regra que estou forçando-o a quebrar. A culpa começa a aparecer.

Ele gesticula para que eu entre novamente, como fez antes, e afasto esse pensamento.

Estou vivendo o momento. Posso me preocupar com tudo novamente amanhã.

Passamos pela porta e observo o pequeno espaço. Ontem à noite, eu estava muito abalada, tão nervosa por estar aqui que, embora tenha visto tudo, não consegui absorver tudo.

Esta noite, aproveito meu tempo absorvendo cada detalhe. Há uma lareira crepitando no canto direito da sala de estar, cercada por estantes de livros e uma poltrona reclinável aconchegante ao lado dela, com um livro aberto virado para baixo na mesa de canto. Um sofá grande com

tecido xadrez desgastado ocupa a maior parte do espaço, e uma pequena mesa de centro oval fica no centro, com um vaso de flores brancas bem no meio. Há uma televisão fixada na parede, mas está desligada, refletindo o brilho do fogo.

À esquerda está a cozinha, uma pequena ilha móvel no centro, pintada de verde floresta com uma tábua de carvalho no topo. Uma chaleira está sobre o fogão a gás e uma toalha de mão verde-escura está pendurada na torneira da pia.

É tão... diferente do que eu esperava. Tão normal. Acho que nunca me ocorreu pensar em como vivem os padres. Que eles tenham uma vida fora do trabalho.

E é isso que acontece no final das contas, não é? É um trabalho como qualquer outro.

— Xícara de chá? — Cade pergunta, já passando pela pequena sala e indo para a cozinha.

Eu limpo minha garganta. — Claro.

Talvez eu devesse segui-lo, mas em vez disso fico na sala, indo até as estantes que cercam a lareira, inclinando a cabeça para ler os títulos.

Frankenstein.

*Middlegame.*¹²

A Arte da Alquimia.

De repente, um arrepio percorre minha espinha, a respiração de Cade em meu pescoço.

— Viu algo interessante?

Sua voz é baixa e rouca, e faz com que os pelos do topo dos meus

braços se arrepiem. — Alquimia é um assunto interessante para um sacerdote.

Ele acena com a cabeça, o queixo fazendo barulho. — Gosto de estar atento a todas as práticas. Ajuda minha fé a ser completa e segura.

Eu me viro, permitindo que um pequeno sorriso agracie minhas feições enquanto pego a xícara de chá da mão dele. — Eu não esperava que sua casa fosse assim, eu acho.

Uma mecha de cabelo escuro cai em sua testa enquanto ele sorri, e quando ele a empurra para trás, fico impressionada novamente com o quão atraente esse homem é, mesmo sem tentar.

Não pela primeira vez esta noite, questiono o que diabos penso que estou fazendo e depois acalmo meu desconforto, lembrando-me de que há um limite aqui que não pode ser ultrapassado. Apesar de quão fora de controle ele me faz sentir, *nada* pode acontecer entre nós. Nada acontecerá.

Então não importa se ele faz meu estômago ficar tenso e meu coração bater forte. Porque ele é padre. Ele fez seus votos. Ele é casado com a igreja. E nem tenho certeza se realmente *gosto* dele ou se ele está seguro. Tão fora dos limites que minhas defesas diminuem e sou capaz de ignorar a maneira como ele me deixa no limite.

Ele fez voto de castidade. E há uma espécie de rede de segurança nisso.

— E o que você esperava? — ele pergunta.

— Não sei. — Dou de ombros. — Quando se trata de você, estou começando a pensar que não deveria esperar nada.

Aquela mecha perdida de cabelo cai em seu rosto novamente, e

estendo a mão antes que possa me conter.

Ele se afasta quase violentamente e estremece, um leve assobio o deixando enquanto todo o seu corpo enrijece.

Minha mão voa de volta para o meu lado. — Desculpe. Você está bem?

Ele ri, mas o som parece forçado. — É melhor se não nos tocarmos.

— Por que?

Seus olhos escurecem e o calor se espalha pela minha cintura, atingindo entre minhas pernas.

— Eu acho que você sabe o porquê.

Minha boca fica seca quando aceno. Porque ele está certo. Eu sei. Um pedacinho dessa rede de segurança se desintegra com suas palavras. Eu tinha assumido que isso era unilateral.

Devo me desligar ou me perder no momento, porque a próxima coisa que sei é que ele está totalmente virado para mim, a outra mão se estendendo e alisando o sulco em minhas sobrancelhas. Mesmo que ele tenha acabado de dizer que não deveríamos nos tocar.

Mesmo que eu tenha concordado.

— Você é linda demais para parecer tão triste, Amaya.

Meu peito aperta forte. — Você tem que dizer coisas assim porque é padre.

Ele balança a cabeça, chegando mais perto, sua mão subindo para cobrir minha bochecha completamente agora, fazendo meu coração despencar do penhasco em que estava balançando.

— Não, — ele sussurra. — Eu *não deveria* dizer isso *porque* sou seu padre.

Minha respiração falha enquanto olho para seu rosto, meus olhos caindo para seus lábios e depois voltando para cima novamente.

Eu quero que ele me beije. Eu sei que é impossível e tão errado em mil níveis diferentes, mas... *eu quero que ele me beije*.

Limpando a garganta, ele dá um passo para trás, pegando a xícara de chá ainda cheia das minhas mãos e girando para colocá-la na mesa de centro.

— É tarde, — diz ele.

A decepção afunda dentro de mim como uma pedra, mas se mistura com uma forte dose de alívio. — Sim, eu... sinto muito por ter incomodado você, padre.

Eu uso seu título para me lembrar de quem ele é. Do *que* ele é. — Cade, — ele responde bruscamente.

— O que?

Ele suspira, passando a mão pelo cabelo despenteado. — Quando somos só nós dois, você pode me chamar de Cade.

Chamá-lo de Cade parece pessoal, e não quero que sejamos *peessoais*.

Mas não ouço as sirenes de alerta soando em minha mente e aceno lentamente. — Ok, Cade.

— Estou surpresa que você *queira* Quin envolvido, — diz Dalia na

noite seguinte, torcendo o nariz.

Inclino a cabeça enquanto escorro a panela de macarrão *conchiglione*, confusa com a declaração dela. — O que? Por que eu não iria querer que ele fosse incluído?

Indo para o lado da pia, cortei o pacote de queijo e coloquei no fundo da panela aquecida antes de pegar o *conchiglione*, despejá-lo de volta e misturá-lo.

— Quin! — Eu grito. — Hora do jantar!

O barulho de passos vem pelo corredor, Quinten aparecendo na porta da cozinha. — Termine isso primeiro e depois jante, — diz ele.

— Combinado. — Eu concordo.

Não sei o que “isto” é, mas ele adora negociar, e normalmente eu permito os compromissos, querendo que ele tenha um senso de autonomia.

Ele sorri, e ver isso faz meu peito aquecer. Quando ele vai para o quarto para terminar qualquer tarefa que estava fazendo, volto minha atenção para Dalia.

— Quero dizer, é chamado de Festival dos *Tolos*, Amaya, — ela continua. — É capacitante pra caralho.

— Bem... sim, — respondo lentamente. — Não sou fã do título, mas o que posso fazer a respeito? Você quer que eu evite que Quin possa fazer parte de algo para fazer uma declaração?

A culpa toma conta de mim, mas é irritante ver Dalia falando comigo como se eu não tivesse sofrido com todos os aspectos de qualquer coisa envolvendo Quinten.

Balanço a cabeça, misturando o *conchiglione* e o queijo para mantê-lo aquecido. — Isso não fará nada, exceto nos manter na solidão e nos condenar ainda mais ao ostracismo.

— Você não sabe a menos que tente.

Bato a colher de pau, respingos de *conchiglione* escorrendo pelo balcão. — Eu *tentei*, caramba. Você realmente acha que eu fico sentada sem fazer nada? No primeiro ano depois que minha mãe foi embora, fui à reunião do condado, implorando para que mudassem isso. — Eu giro, cruzando os braços sobre o peito. — E você sabe o que eles disseram? “É tradição. Não é sobre *você*. É sobre história.” E então fui no ano seguinte. E o próximo. E a porra do próximo.

— Oh, — diz Dalia.

— Sim, *oh*. E vá se foder, Dal, por assumir.

— Olha, me desculpe, ok? Eu só... — Ela suspira, esfregando a mão no rosto. — Ele é meu carinha, sabe? Não suporto a ideia de que algo possa machucá-lo.

A empatia apaga minha raiva. — Sim.

Dalia olha para o corredor. — Eu só me preocupo que um dia ele olhe para trás e pense que fomos complacentes, sabe?

Pego uma tigela do armário, coloco *conchiglione* nela e vou até a mesa onde ela está. Sentando-me, estendo a mão e seguro a mão dela na minha. — Entendi, ok? *Acredite* em mim. Mas a verdade é que só podemos protegê-lo até certo ponto e, mesmo quando o fizermos, ainda sobreviveremos a isso. Às vezes é doloroso perceber que outras pessoas não entendem ou...ou não se importam. E é uma merda. — A emoção obstrui minha garganta, lágrimas queimando atrás dos meus olhos. — É

uma pena saber que você tem a melhor criança do mundo e não pode protegê-lo da feiura dos outros.

Ela assente.

— Mas ele me pegou. — Dou de ombros. — E agora ele tem você também. E ele *sabe*, Dalia. Ele sabe que queimaríamos o mundo só para fazê-lo sorrir. E tenho que acreditar que um dia ele terá outros. Nem todo mundo pode ser tão horrível quanto as pessoas de Festivalé, certo?

Dalia funga, enxugando uma lágrima perdida em sua bochecha.

— Você tem razão. Eu sou apenas uma vadia sensível. — Eu rio, apertando a mão dela.

— Você acha que ele quer participar da peça? — ela pergunta.

Dou de ombros. — Ele parecia animado com isso quando eu contei a ele. Quin! — Grito novamente, levantando-me e caminhando para o quarto dele.

Ele está no iPad, movendo o dedo furiosamente sobre o aplicativo que está jogando.

— Hora do jantar, cara. Basta trazê-lo com você.

Ele o pega sem nem olhar para cima e vai até a cozinha, subindo na cadeira e pegando o garfo ao lado, esfaqueando um pedaço antes de enfiá-lo na boca e voltar ao jogo.

Eu o observo enquanto ele come um *conchiglione* de cada vez, garantindo que nada faça bagunça e que nada caia em suas mãos.

Meu peito fica mais pesado depois da conversa com Dalia, mas o amor que sinto quando olho para Quinten eclipsa qualquer dificuldade que eu possa suportar.

— Quin, — diz Dalia. — Você está animado com a peça?

— Sim ou não? — ele diz, suas pernas começando a chutar violentamente. Se ele estivesse de pé, estaria pulando no mesmo lugar agora.

— Sim ou não? — Dalia repete, perguntando a ele.

— Sim! — ele grita.

Olho para Dalia com um sorriso radiante, como se dissesse, *Viu? Eu disse a você.*

O alarme do meu telefone toca e eu pulo no lugar. — Eu tenho que ir.

Faltam apenas vinte minutos para o próximo ônibus passar e tenho que trabalhar hoje à noite.

Dalia me acena. — Sim, sim. Temos tudo sob controle aqui.

Capítulo 17

Amaya

Andrew Gleeson é meu melhor cliente regular.

Ele também é o mais desagradável. Ele vem de quatro a cinco vezes por semana e, embora gaste muito, sempre fica um pouco *grudento*.

Eu deixei passar porque sempre que eu bato em suas mãos e digo para ele se lembrar das regras, ele escuta.

Mas esta noite, antes mesmo de as coisas começarem, posso dizer que algo não está certo. Há um brilho em seus olhos que normalmente não existe, suas pupilas dilatadas como se ele tivesse cheirado uma bola inteira pelas narinas. Eu ignoro, porque preciso do dinheiro, e como eu disse... normalmente ele escuta.

Então, embora ele seja agressivo durante minha apresentação no palco e fique um pouco nervoso quando o encontro na sala privada, deixo esse sentimento de lado e me lembro de que ele é inofensivo.

A música bombeia pelos alto-falantes de som surround, um baixo sensual vibrando através de mim enquanto tento assumir o papel de Esmeralda, como sempre faço, caminhando em direção a ele para fazer meu show. Somente quando afundo em seu colo e sinto sua ereção pressionando contra mim, ainda sou apenas *eu*. Meu alter ego não pode ser encontrado em lugar nenhum, perdido em algum lugar como um fantasma ao vento.

Bem, isso é problemático.

Tento fingir até conseguir, fazendo movimentos mesmo que minha mente esteja em mil coisas diferentes, mas Andrew percebe quase imediatamente.

— O que está errado? — ele estala.

Balanço a cabeça, sorrindo para ele e jogando meus braços em volta de seus ombros enquanto giro meus quadris em forma de oito em seu colo. — Nada, bonitão. — Nós dois sabemos que é mentira.

Esta não é a primeira vez que tenho problemas para me afundar no papel de Esmeralda, mas nunca foi com um homem como Andrew, um sujeito arrogante e nojento que realmente deveria estar em casa com sua esposa e não me pagar para trabalhar. contra seu pau até que ele goze dentro da calça.

Minhas danças continuavam satisfeitas e sempre me senti bem com o dinheiro que ganhava.

Mas esta noite, as mãos errantes de Andrew parecem uma gosma cobrindo meus lados.

E isso tem tudo a ver com ele e nada a ver comigo.

— Não toque, — eu digo, saindo de seu colo e me curvando, tentando conseguir algum espaço enquanto continuo a dançar.

— Volte aqui, — ele exige.

Eu me irrita com seu tom, cerrando os dentes. Ele nunca foi tão duro comigo, mas eu o escuto, querendo mantê-lo calmo e simplesmente terminar isso e acabar logo com isso. Girando, sento-me nele, olhando em seus olhos turvos.

Ele definitivamente está em alguma coisa.

Suas mãos sobem e me seguram com força novamente pelos quadris, e então ele se empurra entre minhas pernas, com tanta força que dói.

— Porra, Andrew. *Pare*. — Minha voz é firme e parei totalmente de me mover.

— Então se controle, Esmeralda. Jesus. Você parece como um maldito robô.

Eu sei o que devo fazer, qual é a coisa mais inteligente a fazer. Eu deveria dar um tapa na cara nojenta dele e chamar Benny, o segurança, para levar o lixo para fora. Mas então penso em Parker dizendo o que aconteceria se eu ficasse sem dinheiro novamente, e fecho os olhos, engolindo a vontade de ir embora.

Em vez disso, deixo minha mente vagar e, quando o rosto do padre Cade surge em minha mente, respiro fundo com a faísca de calor.

Eu me apego à imagem dele, mesmo que pareça errada, e de repente cada movimento dos meus quadris está em cima do *seu* colo, e toda vez que sinto uma mão errante, são *seus* dedos roçando minha carne.

O tecido do meu fio dental umedece à medida que a excitação percorre meu sistema, meu clitóris inchando enquanto eu me esfrego, capaz de sentir o quão duro ele está enquanto eu me esfrego do jeito certo ao longo de seu pau grosso.

Porra.

Meus olhos se apertam ainda mais, deleitando-me com a sensação de ceder, de me deixar *sentir*...

Para ser a razão pela qual ele quebra seus votos.

Mãos fortes agarram meus seios, pairando sobre o colar de esmeraldas falso que uso enquanto sou Esmeralda, e um gemido me

escapa, meus quadris trabalhando mais rápido contra sua ereção, o leve impulso de seus quadris me atingindo no lugar certo. Pontadas de prazer percorrem meu corpo e dançam entre minhas pernas, e ouço um gemido baixo na minha frente.

— Porra, Esmeralda. Eu sabia que você queria isso. Você está me encharcando, querida.

Meus olhos se abrem e eu tropeço em Andrew, a realidade caindo em cima de mim até me sentir despedaçada e presa sob os escombros.

As mãos de Andrew voam e agarram minha cintura com força, dedos carnudos cravando em minha pele até que eu estremeça. — Onde você está indo?

— A música acabou, Andrew, — eu digo, me afastando. — Eu tenho que ir.

Forçando um sorriso, me inclino e dou um beijo rápido em sua bochecha antes de sair correndo porta afora, sem nem me lembrar de receber o dinheiro que devo.

Nunca, nunca *fiquei* assim quando estou no trabalho. Não se trata de prazer sexual para mim. É um negócio. Uma maneira de recuperar o arbítrio com minha sexualidade depois que ela foi roubada de mim quando eu tinha acabado de completar dezenove anos.

E é extremamente preocupante que, com um único *pensamento* no Padre Cade, eu me perdi numa fantasia.

Ridículo.

Ainda estou me culpando por isso vinte minutos depois, quando saio correndo pela porta dos fundos, desesperada para chegar em casa e me enrolar debaixo das cobertas e fingir que esta noite nunca aconteceu.

Geralmente há um segurança na porta, mas quando saio não há ninguém lá, e abaixo a cabeça e subo os poucos degraus, calculando quanto tempo terei que esperar para pegar o próximo ônibus para casa. E talvez seja por isso que não ouço passos atrás de mim até sentir o forte aperto em meu braço que me puxa para um corpo duro.

Minha respiração sai de mim.

— Você esqueceu seu dinheiro, — Andrew murmura em meu ouvido.

Pressiono os lábios, balançando a cabeça, o medo me perfurando como agulhas. — Oh, esqueci?

Meu coração bate forte contra minhas costelas, batendo as palavras “*fuja*” como uma bandeira vermelha gigante balançando ao vento. Eu escuto sem pensar duas vezes, tentando descobrir onde ele nos prendeu para que eu possa ir embora, mas ele apenas me segura com mais força e me arrasta de volta para o beco atrás do clube, me jogando com força contra a lateral do prédio.

— Não corra, baby, — ele sussurra contra meu pescoço, seus quadris empurrando contra minha bunda enquanto ele me pressiona contra o tijolo. — Termine o que você começou. Você estava interessada nisso. Eu *sei que* você gostou.

— Não, Andrew. É um trabalho. — Eu luto contra ele, meu estômago revirando de nervosismo, a adrenalina bombeando em minhas veias. Flashes de Parker entrando em nosso apartamento no meio do dia e eu dando um tapa na cara dele enquanto ele exigia pela milésima vez saber onde minha mãe tinha ido passou pela minha cabeça. A maneira como suas mãos se estenderam e agarraram minha garganta, me jogando no sofá. Suas patas carnudas rasgando minhas roupas enquanto ele me dizia que estava tentando encontrá-la. Que até ela voltar, cabia a *mim* garantir

que ele fosse pago.

Como quando eu disse não a ele, ele fez a dor piorar.

— É *apenas* um trabalho para mim, — grito. — Pare com isso.

— Pare de *mentir*, caramba. — Ele me empurra com mais força contra a parede, minha bochecha arranhando a superfície áspera até doer.

Um estalo soa ao lado da grande caçamba de lixo no final do beco, e é alto o suficiente para nos fazer pular e o aperto de Andrew afrouxar. Não desperdiço a oportunidade, batendo meu cotovelo em seu estômago e deslizando por baixo de seus braços, meu estômago revirando enquanto corro para longe.

Não paro e com certeza não olho para trás, só diminuo a velocidade quando chego ao ponto de ônibus onde já há algumas pessoas esperando. Há segurança nos números.

Olhando para trás e não vendo Andrew, relaxo, curvando-me e apoiando as mãos nos joelhos, meus pulmões queimando com o esforço e meu corpo ardendo com o choque. Minhas mãos tremem e minha boca fica azeda, e fecho os olhos para não vomitar.

Faltam dez minutos para o ônibus chegar e preciso de cada um deles para me acalmar. Para me convencer de que está tudo bem. Que estou exagerando. Que se eu falar com meu chefe, Phillip, ele proibirá Andrew de voltar ao clube e tudo poderá voltar a ser como era antes.

Quando volto para o apartamento, fiz o possível para apagar a experiência da minha mente, não querendo que Dalia percebesse algo errado. Felizmente, ela nem está acordada quando chego em casa, então entro o mais silenciosamente possível e fecho a porta quando estou no

meu quarto.

E é lá que fico o resto da noite. Na minha cama, me escondendo nas cobertas e fingindo que escolho ficar acordada.

Capítulo 18

Cade

Quando eu era criança, estava cheio de uma raiva insustentável. Ele atingiu meu sistema como um furacão, iluminando cada nervo e lançando-o no caos.

Eu estava com raiva.

Zangado com meus pais, quem quer que fossem, por me abandonarem assim que nasci.

Zangado com eles por me jogarem em uma lixeira, como se fosse *muito* fácil recuperar o presente da vida.

Zangado com as pessoas que me encontraram e me levaram para aquele orfanato terrível, em vez de para qualquer outro lugar.

E com raiva do mundo por não me dar ninguém que se importasse quando fugi daquele lugar horrível aos sete anos de idade.

Foi somente quando encontrei o seminário que consegui compartimentar adequadamente. Desmontar as coisas, analisá-las e depois montá-las novamente, encaixando-as em um novo molde e aprendendo que se eu colocasse toda a minha fé Nele, Ele não me desviaria do caminho.

Porque *Ele* se importa. E Ele perdoa.

A razão ficou clara uma noite durante a oração, minhas entranhas doíam com cicatrizes quando perguntei *por quê*. E ouvi Sua voz tão

certamente quanto a minha, sussurrando as respostas.

Foi uma epifania perceber que toda a dor, todo o conflito, toda a *injustiça* da vida foi imposta a mim porque eu era Seu soldado leal: estava aqui para experimentar o pior do pior e sair mais forte. Para reconhecê-lo dentro de mim para poder ajudar a curá-lo nos outros. Assumi o papel sem esforço e, por um breve momento, acreditei que estava curado.

Mas então outra voz deslizou de volta à minha cabeça, uma que me convenceu de que curá-los não era suficiente. Uma necessidade, pútrida e violenta, cresceu dentro de mim como se nunca tivesse saído, e quando fiz uma caminhada noturna para tentar jogá-la fora, o que quer que *fosse*, tomou as rédeas.

Essa foi a primeira noite em que matei um homem.

Foi incrível. Eu raciocinei sobre a culpa enquanto isso acontecia, aquela voz na minha cabeça dizendo que era nosso *dever*. Que ele estava doente com demônios, assim como eu estava quando menino.

— *Há uma doença em você, criança, e Deus quer que eu acabe com ela.*

A voz da irmã Agnes murmurou na minha cabeça, dizendo que eu estava fazendo a coisa certa.

A coisa justa.

Foi só quando a adrenalina desapareceu e a emoção de ter a vida de outro homem em minhas mãos desapareceu que fui capaz de sentir o buraco da verdade.

Ainda há uma doença em mim também.

Então fui para casa e acabei com isso.

O ciclo continua até hoje, mas nada disso, nem um único momento daquela raiva, se compara à fúria que corre através de mim ao ver outro homem tocando Amaya nas salas privadas de Chapel e ela *gostar* disso.

Ambos tiveram sorte que ela recuperou o juízo antes que eu pudesse rasgar a cortina e arrancar os olhos dele das órbitas. Mesmo agora, enquanto espero por ela no beco, estou tremendo com a sensação de instabilidade.

Aperto a ponta do meu nariz, e as visões de seus olhos fechados, boca entreaberta e peito vermelho com sua excitação passam pela minha mente, meu peito queimando de ciúme.

Passos ecoam sobre o cascalho, o barulho do gelo derretido é audível quando alguém passa por perto. Minhas costas se endireitam de onde estou encostado na parede, escondido ao lado da grande lixeira verde.

Fede, mas ignoro o fedor.

E aí está aquele enfoiré¹³, parado na beira do prédio, observando a entrada do funcionário como um cachorro esperando pelo dono.

Meus dentes rangem.

Ele está esperando por ela?

Ele não deveria poder respirar o mesmo ar que ela, muito menos tocá-la. E só porque não posso tê-la não significa que mais alguém possa.

Respiro profundamente, tentando encontrar meu centro ou uma justificativa para que eu absolutamente deveria sair e tirar a vida desse homem, por qualquer motivo *que não* seja tocar o que eu gostaria de ter. Não posso levar uma alma para ganho egoísta.

Ele é casado, raciocino comigo mesmo. Isso fica óbvio pela aliança de ouro em seu dedo, e o adultério é pecado.

A justiça fervilha em minhas veias e endireito a coluna, flexionando os dedos nas luvas enquanto meu propósito se fixa no lugar.

Este homem precisa que seus demônios sejam libertados.

Antes que eu possa fazer outro movimento, Amaya sai correndo pela porta dos fundos, minha mão voando para o peito quando a vejo. O aperto no meu coração se transforma em indignação quando vejo o homem avançar, agarrando-a *novamente* com seus dedos imundos e puxando-a contra ele como se merecesse seu calor.

Ele a empurra contra a parede de concreto e a arrasta ainda mais pela esquina, escondida da vista e longe das câmeras de segurança alinhadas no estacionamento, e a queimação em meu peito explode em uma explosão de fogo.

Não tenho nenhuma arma comigo. Honestamente, eu nunca faço isso. Parte da satisfação vem de sentir os ossos quebrando e cartilagens sendo esmagadas sob minhas mãos. O ato de *sentir* os demônios se separando da alma e voltando correndo para seu lugar no inferno, ao lado do diabo, faz parte do todo.

Mas agora, temo, sou o diabo.

Meu punho bate na lateral da grande lixeira verde, o estrondo ecoa pelo beco, e então estou andando em direção a eles antes que possa me conter, uma névoa vermelha agarrando minha visão e inveja arranhando minha pele.

Mal percebo quando Amaya se liberta de suas mãos e sai correndo, estou tão focado em meu objetivo.

Ele se move para me seguir, mas então eu estou lá, minha mão enluvada envolvendo sua nuca e puxando com força, seu corpo baixo e

atarracado voando pelo ar até que ele seja *empurrado* contra o tijolo.

— Que porra é essa? — ele grita.

Ele se debate quase imediatamente, e as feridas nas minhas costas se esticam e rasgam, me fazendo respirar fundo. Mas a dor me alimenta.

Ele é misericordioso.

Meu antebraço pressiona a traqueia do homem enquanto eu o silêncio.

— Shh, mort vivant¹⁴, — murmuro baixinho enquanto aumento a pressão em sua garganta.

Minha outra mão se abaixa e agarra seu pau nojento, furioso porque isso ficou duro por ela. Que estava *tão* perto de sua boceta doce e pecaminosa, aquela que estou *morrendo de vontade* de provar.

Eu me viro, tentando arrancá-lo de seu corpo, até que seu rosto fica vermelho e sua boca se abre em um grito silencioso. Presumo que seria mais alto, mas suas cordas vocais estão comprimidas pela imensa pressão de eu cortar seu suprimento de ar com meu antebraço.

— Diga-me, você ora? — Minha voz é baixa e sedosa, e solto sua virilha, movendo minha mão livre para dar um tapinha na lateral de sua bochecha. — Não, não importa, — continuo. — Eu quero que você saiba uma coisa. — Inclinando-me, pressiono meus lábios contra o lado de sua orelha, seu corpo se debatendo contra meu aperto. — Você vai morrer esta noite.

Assim que libero a pressão em sua garganta, ele cai no chão, suas mãos voando para sua virilha e se contorcendo de dor.

Dou um passo à frente, minha sombra pairando sobre ele, nada além de uma única lâmpada amarela tremeluzente ali para iluminar seu medo.

— E-eu... *por favor*, — ele gagueja.

Sua súplica me faz sorrir, mas preciso que ele fique quieto. Alcançando meu pescoço, desembrulho meu cachecol longo e enfio-o em sua boca até que ele engasgue com o tecido.

Ele geme, embora abafado, e eu me agacho, meu joelho pressionando seu esterno e a barra do meu casaco espalhando poeira no concreto molhado. Estendo a mão, segurando a mão dele na minha, dobrando seu pulso em um ângulo que o mantém imóvel ao meu alcance.

— Estou com ciúmes das suas mãos, — observo, apoiando a palma da minha mão na dele, tentando roubar a memória da pele dela da dele. — E eu não gosto de sentir inveja. É uma emoção desagradável.

Dobro seu dedo indicador para trás com força até que o estalo de seu osso reverbera no tijolo.

Ele grita, mas é quase inaudível por trás da mordaca improvisada.

— Se você parar de lutar, isso será mais rápido, — penso, inclinando mais o peso do meu corpo sobre ele enquanto endireito seu dedo médio e repito o movimento de estalar. Uma onda de satisfação me inunda ao som da fratura.

Outro grito abafado.

E então um ruído diferente, distante, mas próximo o suficiente para causar preocupação. Risos e vozes abafadas.

Suspirando, olho de volta para minha vítima, decepção misturada com adrenalina quando percebo que precisarei acabar com isso mais rápido do que gostaria. Normalmente, eu teria garantido que estivéssemos em um lugar mais privado, mas essa matança é alimentada pela paixão e me deixou negligente.

Solto seus dedos mutilados e os deixo cair no chão, onde eles caem moles para o lado. Seus olhos estão vermelhos, lágrimas escorrendo pelo lado de sua bochecha e atingindo o concreto abaixo dele, e eu estalo a língua.

— Uma morte rápida é mais do que você merece.

Inclinando-me, tiro o lenço da boca dele e o enrolo no pescoço. Eu cruzo as pontas, uma em cada mão, e puxo, absorvendo a maneira como seu corpo se sacode e se agita embaixo de mim enquanto sua garganta é esmagada pelo tecido macio. Seus olhos se arregalam e sua boca se abre.

O som dele incapaz de respirar e a visão dele percebendo que estes são seus últimos momentos fazem meu pau endurecer e minha espinha formigar de prazer.

É erótico tirar uma vida.

E então ele fica em silêncio, seu corpo fica mole até ficar caído e imóvel no chão frio e úmido.

Não é o suficiente para amenizar o ciúme de ter Amaya em seu colo e ao seu alcance, mas terá que servir.

Levantando-me, passo a mão na frente da calça e abotoo novamente o casaco. Há umidade escorrendo pelas minhas costas, de onde algumas da minha chicotadas mais novas se abriram, mas eu as ignoro. De qualquer forma, elas estarão piores no final da noite.

Não me preocupo em limpar o corpo, em vez disso o jogo na lixeira gigante e o deixo lá para apodrecer, como ele merece.

Quando volto para Festivalé, penso em ir direto para a casa de Amaya. Para sufocá-la da mesma forma que fiz com ele. Não é justo que ela viva enquanto me tortura dessa maneira.

Mas estou começando a perceber que quando se trata dela, sou fraco em todos os aspectos que importam. E estou me perguntando se conseguirei matá-la.

Capítulo 19

Amaya

— Você se divertiu com a senhorita Gabby? — Quinten diz, saindo da sala de seu terapeuta ocupacional. — *Eu me diverti.*

Gabby se aproxima, seus olhos cor de âmbar brilhando enquanto o observamos andar pelo corredor. — Ele fez um ótimo trabalho hoje. Trabalhamos com consciência espacial e eu o coloquei no meio do tubo corporal e balancei-o para frente e para trás. Ele amou.

Minhas sobrancelhas sobem. — Quantas vezes ele quis sair?

— Apenas algumas vezes. — Seu sorriso se espalha.

Jogo meu telefone na bolsa e pego as chaves do carro de Dalia, grata por ela ter me emprestado sua carona durante o dia, para que não tenhamos que caminhar pela lama para chegar à rodoviária. Estou ansiosa para ir embora antes que Abby, a proprietária da Little Hands and Hearts Therapy, que é onde estamos agora, entre no corredor e me pergunte se tenho recebido suas mensagens.

— Ei, Abby falou com você? — Pergunta Gabby.

Meu estômago cai. — Não.

Gabby assente. — Acho que ela precisava conversar com você sobre algumas coisas sobre seguros. Provavelmente não é grande coisa. Acho que houve alguma confusão sobre o que eles iriam cobrir para Quin.

Reviro os olhos e suspiro, fazendo a mesma cara de sempre, fingindo

que é um simples mal-entendido. Mas cuidar de Quinten é financeiramente difícil para mim e nem sempre consigo fazer a minha parte nos pagamentos. O seguro *cobre* a maior parte, mas eles lutam mais contra mim porque não tenho Quinten em terapia ABA¹⁵.

Mas a terapia ABA não *funciona* para Quin. A ludoterapia¹⁶ sim.

Além disso, o seguro é uma farsa, feito especificamente para arruinar a porra da minha vida, mas até eu sei que ainda precisa ser pago. *Vou pagar por isso*, me consolo. Eu me sinto culpada o suficiente, só consigo trazê-lo duas vezes por semana e mal consigo lidar com o co-pagamento disso.

A raiva vibra sob minha pele quando penso em tudo que eu *poderia* fazer se não fosse pela porra do Parker.

Meu telefone começa a vibrar na minha mão ao mesmo tempo em que Quinten corre até mim e puxa a manga do meu braço. — Pronta para ir para casa? — ele pergunta.

— Vamos, cara. — Sorrio para Gabby e coloco meu telefone no bolso. — Vejo você na próxima semana.

Ela acena e eu sigo Quinten pelo corredor acarpetado onde ele está saltitando em direção à saída.

Meu telefone vibra novamente, mas apesar das calçadas salgadas, o concreto ainda está um pouco escorregadio, e não quero que Quinten tropece ou que eu caia e o leve comigo, então ignoro.

Provavelmente é só Dalia fazendo check-in, e estamos prestes a vê-la.

Ou talvez seja Parker, com quem eu definitivamente *não* quero falar agora.

Coloco Quinten no cinto e com seus fones de ouvido e música, e então partimos, nada além das estradas e do silêncio, deixando bastante espaço para eu ruminar em meus pensamentos. Já se passaram alguns dias e ainda não voltei ao trabalho. Já dei desculpas ao meu chefe, dizendo que estou doente, mas Gabby trazer à tona a questão do seguro é um lembrete claro de que realmente não posso me dar ao luxo de não ganhar dinheiro todas as noites.

É que... toda vez que penso em voltar, imagino Andrew aparecendo para terminar o que começou.

Meu telefone toca novamente, vibrando no console central assim que entramos no espaço aberto em frente ao nosso apartamento.

Mal tenho a chave na fechadura quando ela se abre, os olhos arregalados e cansados de Dalia encontrando os meus. — Onde diabos você estava?

A expressão em seu rosto faz meu estômago embrulhar. — Na terapia de Quin. Por que? O que está errado?

Quinten pula ao meu lado antes de deslizar entre o corpo de Dalia e o batente da porta para desaparecer na sala de estar. Ela nem sequer olha para ele, e agora estou realmente preocupada.

— Eu tentei te ligar. Estou *tentando* ligar para você, Amaya. Jesus Cristo. — Ela estende a mão, segurando meu antebraço com força.

— Senhorita Paquette? — Uma voz profunda vem de trás de Dalia.

Ela suspira quando olho ao seu redor, vendo os dois homens parados em nossa cozinha.

Eu a empurro para o lado e entro em casa. Meus olhos imediatamente encontram Quinten, que está na sala, olhando de soslaio

para os estranhos, mas mantendo distância.

— Senhorita Paquette? — o homem da direita diz novamente.

— Quem está perguntando? — Não gosto de homens aleatórios em nosso apartamento quando deveria ser nosso lugar seguro.

— Sou o detetive Fuller e este é o detetive Allan, — diz o mesmo homem, franzindo as sobrancelhas grisalhas enquanto aponta para seu parceiro. — Gostaríamos apenas de conversar com você por um minuto, se não se importa.

Cruzo os braços e olho para Quinten e depois para Dalia antes de virar a cabeça em direção à sala para que ela saiba que deveria mantê-lo ocupado. Ela balança a cabeça e chupa os lábios antes de se mover, e eu me aproximo dos detetives, uma sensação de mal estar subindo pelo meu estômago e subindo pela garganta.

Isso é sobre minha mãe? Ridículo. Já se passaram anos.

— Claro, — eu finalmente respondo, alcançando a geladeira para pegar o creme antes de me virar para fazer um bule de café. — Algum de vocês está com sede?

O detetive Fuller sorri, seus lábios finos se estendendo pelo rosto bronzeado enquanto ele balança a cabeça. — Não ocuparemos muito do seu tempo.

Balançando a cabeça, estendo a mão para pegar o pó de café e começo a colocá-lo no filtro. — O que posso fazer por vocês dois?

O detetive Allan entra na conversa, seus olhos azuis penetrantes e sua voz tão curta quanto seu cabelo penteado. — Onde você estava há três noites, por volta de uma e quarenta e cinco?

Faço uma pausa com o pó meio derramado, minhas sobrancelhas

franzidas.

Que diabos?

— Uh... no trabalho, provavelmente.

O detetive Fuller franze a testa de uma forma que destaca as profundas rugas ao redor de sua boca. — Na Chapel.

Meu coração gagueja. Isto está começando a beirar fortemente o território invasivo. Esses homens não são de Festivalé, pelo menos nunca os vi, mas se eles sabem onde trabalho, isso significa que outras pessoas também podem saber.

O pensamento faz meu estômago doer.

— Isso mesmo, — eu confirmo.

— E a que horas você diria que saiu para passar a noite?

Eu giro completamente, encostando-me no balcão e cruzando os braços sobre o peito. — Eu não tenho certeza. Acho que cheguei em casa por volta das três? Foi uma noite meio agitada.

O detetive Allan levanta uma sobrancelha, esfregando a nuca grisalha que cobre seu queixo. — Foi isso?

Dou de ombros, mordendo os lábios.

— Você tem alguém que possa corroborar esse prazo, senhorita Paquette? — O detetive Allan questiona.

— Desculpe. Só estou um pouco confusa, — digo, beliscando a ponta do nariz. — O que é tudo isso?

Meus olhos passam por eles e vão para a sala de estar onde Dalia está pintando com Quinten, seu olhar fixo em nós. Meu peito aperta. Não

quero que ela saiba o que aconteceu com Andrew; na verdade, tenho tentado ativamente esquecer o que aconteceu, mas quanto mais perguntas esses caras fazem, mais acho que tudo isso pode estar ligado à outra noite com ele.

Mas como eles saberiam?

O detetive Fuller solta um suspiro, seus olhos catalogando o que parece ser cada movimento meu antes de olhar para a cozinha. — Lugar pequeno, hein?

Cruzo os braços. — E?

Ele levanta um ombro. — Dinheiro decente na Chapel?

— O que isso tem a ver com *alguma coisa*, detetive? — Eu estalo.

Ele ri, balançando a cabeça. — Você conhece Andrew Gleeson, senhorita Paquette?

— Sim, sim. — Concordo com a cabeça, meu batimento cardíaco pulsando na lateral do meu pescoço. — Ele entra no clube.

— E você dança para ele?

Eu engulo, desconforto girando em minhas veias. — Às vezes.

— Seu chefe, Phillip, disse que você era a favorita dele. Que quando ele estava lá, ninguém mais poderia chegar perto de você.

Meus músculos ficam tensos. Não tenho certeza do que esses detetives querem ou do que está acontecendo, mas se eles estão conversando com Phillip... Toda essa situação é estranha.

— Escutem, detetives, não quero ser rude, mas foi um dia longo e será uma noite ainda mais longa, então se não importa para vocês... — Eu aceno meu braço entre eles. — Eu gostaria que você fosse embora.

— Infelizmente, não é tão simples. — O detetive Fuller se aproxima, o salto de seu sapato estalando no piso. — Veja, senhorita Paquette, Andrew Gleeson está morto. E você foi a última pessoa com quem ele foi visto.

Capítulo 20

Amaya

Na verdade, nunca estive dentro de uma delegacia de polícia antes e, por algum motivo, depois que o detetive Fuller perguntou se eu iria à delegacia, esperava ficar em Festivalé. Em vez disso, dirigimos até Coddington Heights.

Faz sentido que Andrew fosse a um clube de strip local.

Ele está morto.

Eu não estou arrasada com isso. Honestamente, nunca estou com coisas assim. Às vezes me pergunto se há algo errado comigo, porque quando se trata de morte, todo mundo fica doente de tristeza, mas meu interior permanece uma lousa insensível como um disco rígido que foi apagado.

Sinto uma sensação semelhante agora, só que há uma névoa de curiosidade pairando sobre a situação. Presumo que estejam me ligando porque fui a última pessoa a vê-lo, mas além da informação que já dei, não sei como posso ajudar.

É bem feito ao idiota por tentar me agredir, francamente.

Mas quanto mais avançamos na estação, mais pesado meu corpo fica, e quando eles me levam a uma pequena sala com mesa e cadeiras de metal, uma bola de demolição destrói o entorpecimento. Porque parece que sou uma suspeita.

Respirando profundamente enquanto me sento, digo a mim mesma que nem sei se houve crime, e não me adianta nada tirar conclusões precipitadas. Eles provavelmente só querem me fazer algumas perguntas, o que faz sentido se eu fui a última pessoa com quem Andrew esteve e agora ele está morto.

O fundo da minha boca azeda e meu joelho bate no fundo da mesa toda vez que meu pé bate no chão.

Estou nervosa. Isso me faz parecer culpada?

— Quer alguma coisa para beber? — pergunta o detetive Allan, fechando a porta atrás de si.

— Estou bem, — respondo. — Eu estou... eu não estou...

Não termino a frase, porque tenho medo do que vão dizer, e neste momento só tenho suposições. Eu me mexo na cadeira, olhando para minhas mãos, os dedos emaranhados em meu colo.

— Você parece nervosa, — observa Fuller, esgueirando-se pela mesa e batendo os dedos no tampo de metal.

— Vocês não são muito abertos com informações, e tudo isso parece muito... agressivo. Você não ficaria nervoso?

Ele dá de ombros. — Não se eu fosse inocente.

— Eu *sou* inocente, — respondo antes que o peso de sua declaração seja absorvido. — Espere, sou uma *suspeita*? Andrew foi... ele foi assassinado? — Meus pulmões se apertam em pânico.

— Estamos apenas descartando tudo o que podemos, Amaya. — Ele sorri. — Posso te chamar de Amaya?

Acho que aceno com a cabeça, mas não tenho certeza. Minha visão se

estreita em um pequeno círculo, delimitado por preto. Meu peito está pesado e tenho certeza de que meu coração está batendo em um ritmo que *não pode* ser sustentável por um longo período de tempo.

Talvez eu morra de ataque cardíaco aqui mesmo.

Isso só faz meu peito apertar ainda mais, porque se eu for embora, o que acontecerá com Quinten?

— Está tudo bem, *Amaya*, — diz o detetive Fuller, arrastando a cadeira ao lado de seu parceiro e sentando-se. Ele se inclina para trás, um joelho apoiado no outro, como se estivesse relaxado. Como se ele tivesse todo o tempo do mundo e esta fosse apenas uma conversa comum. — Apenas respire fundo algumas vezes e me conte sobre aquela noite.

Minha cabeça está girando, mas tento pensar logicamente. Sei *que* sou inocente, mas também sei que sou uma stripper de baixa renda, quase sem família e sem amigos. Seria tão fácil para eles me culparem, me trancafiarem e jogarem a chave fora. E não sei *o que* dizer para convencê-los do contrário, porque minha última interação com Andrew não grita exatamente que eu gostaria dele vivo.

Lentamente, respiro fundo e forço minha cabeça para cima até olhar o Detetive Fuller nos olhos. — Acho que gostaria de um advogado.

Estou sentada em silêncio há duas horas.

Minha bunda está dormente por causa desta cadeira de metal, e meus ouvidos zumbiam por causa do silêncio que ela tem estado. Há uma longa parede de espelhos do outro lado da sala, e cruzo os braços, olhando diretamente para eles. Só *sei* que alguém está do outro lado observando cada movimento meu.

A ansiedade lentamente corrói meu interior como vermes em comida

estragada.

Houve muito tempo para meus pensamentos girarem em espiral até que minhas cutículas fossem limpas e meus lábios mastigados.

A abertura da porta me sacode de onde estou abrindo um buraco no espelho duplo, e me viro em direção ao barulho.

A expectativa enche meu peito...

E entra Florence Gammond.

— Amaya Pacote.

Ela parece tão profissional como sempre, com uma saia lápis azul-escura e uma blusa branca enfiada na cintura. Ela se aproxima, sentando-se à minha frente com um sorriso malicioso. — Quem diria que eu estaria defendendo você?

— Não. — A palavra passa pelos meus lábios sem sequer ter que pensar nisso. Olho para o espelho, sentando-me para frente e apontando o dedo no ar. Eu *sei* que alguém está me observando. — Eu quero outra pessoa.

Florence balança a cabeça e suspira, apertando a ponta do nariz como se eu fosse um aborrecimento. — Com quem você está falando, Amaya?

Eu olho de volta para ela, o pânico que eu tenho tentado tanto manter subjugado se elevando e me dando um tapa na cara. — Não me menospreze, Florence. Este é um *grande* conflito de interesses.

Um sorriso lento se espalha por seu rosto e ela se inclina. — Você está certa, é mesmo. Mas eu sou sua única escolha. É pegar ou largar. Agora... conte-me sobre a outra noite. Quando você estava trabalhando na... — Ela olha para seu arquivo e depois volta para cima. — *Chapel*.

Meu estômago azeda.

Porra. Porra. Porra.

Aperto os lábios em vez de dizer o que quero dizer, porque não há nenhuma chance de Florence Gammond me representar.

— Não estou lhe contando nada, Florence. Saia daqui. Eu não quero você.

Ela inclina a cabeça. — Sou eu ou ninguém, querida. Você arrumou sua cama e mal posso esperar para ver você deitado nela. Parker sabe que você está fazendo strip-tease?

Eu cerro os dentes. — Não fale comigo sobre Parker.

— Não posso imaginar que ele ainda iria querer você se soubesse. — Ela zomba de mim. — Embora você pensasse que todo o resto a seu respeito o desanimaria, então quem sabe o que ele quer? — Suas palavras queimam.

— Você está certa, — eu digo. — É mais fácil saber o que ele *não sabe*. — Eu não deveria provocá-la, mas Deus, ela me irrita.

Seus olhos se voltam para o espelho e depois para mim antes de ela sorrir com força e abaixar a voz. — Continue me pressionando, seu pedaço de lixo, e eu vou garantir que você seja presa e nunca mais tenha notícias dele.

Meu coração vacila.

— Mal posso esperar para ver como Quinten se sairá em um orfanato.

Levanto-me tão rapidamente que a cadeira range no chão de ladrilhos. — Foda-se, Florence.

— Oh, *doce menina*, — ela zomba. — Ninguém está tão fodido quanto

você está prestes a estar.

Ela ri enquanto eu marcho até a porta e a abro, saindo furiosa para o corredor onde o detetive Fuller e seu parceiro estão recostados na parede, o primeiro mexendo um palito em sua xícara de café de papel.

— Eu tenho que ficar aqui? — pergunto, marchando até ele.

Meus pulmões estão com cólicas e sinto que estou à beira de um colapso.

O detetive Fuller se endireita, olhando para além de mim, para a sala e depois para trás. — Senhorita Pa...

Eu jogo minha mão no ar, interrompendo-o. — Legalmente, quero dizer. Eu *tenho* que ficar aqui?

Ele limpa a garganta. — Não.

— Ótimo.

Passo por ele, indo para fora, e não paro de me mover até estar a um quarteirão de distância. Um soluço ameaça sair da minha garganta, mas eu o empurro de volta porque eu serei amaldiçoada se eu deixar a porra da Florence Gammond ser a razão pela qual eu não consigo me controlar.

Meus dedos estão trêmulos quando pego meu telefone e disco o número de Dalia, e só quando ela me pega é que desabo completamente, porque não tenho ideia do que diabos vou fazer.

Capítulo 21

Cade

— Desculpe. Não sabia para onde ir.

As palavras saem da boca de Amaya antes mesmo de eu ter a porta totalmente aberta.

São quase dez horas da noite e eu estava me preparando para trabalhar na homilia deste domingo quando ouvi uma batida na porta. Ninguém, além de Amaya, vem ao meu chalé nos fundos, depois de Jeremiah, quando ele precisa de orientação e, mesmo assim, geralmente nos encontramos no escritório da igreja, então ver Amaya não é tão surpreendente. Olho ao redor do espaço aberto atrás dela, certificando-me de que não há olhares indiscretos, antes de me mover para o lado e conduzi-la para dentro, fechando rapidamente a porta e trancando-a por precaução. Estremeço quando me viro para encará-la, os poucos ferimentos de um dia nas minhas costas e na parte interna das coxas gritando com o movimento repentino, mas não quero que ela perceba meu desconforto, então mordo o interior da minha bochecha até sentir gosto de sangue e me movo lentamente em sua direção.

— O que está errado? — pergunto, parando quando estou a alguns passos de distância. Não me atrevo a chegar muito perto.

Não pensei em mais nada desde a noite em que matei por ela, porque por mais que tente justificar isso, agora que a névoa verde se dissipou dos meus olhos, o que mais pode ser chamado senão de crime passionai?

Desde então busco penitência, embora não sinta remorso por matá-lo.

Sinto culpa por *não fazê-lo*.

Mesmo assim, não procurei Amaya desde então. Eu não cedi.

E eu sei que preciso me livrar dela permanentemente antes de deixar meu vício por ela tomar conta de toda a minha vida. Preciso arrancá-lo pela raiz, certificando-me de que está morto e desaparecido.

Mas de qualquer forma, aquele homem patético merecia morrer, e eu faria isso de novo.

Amaya está cansada, os olhos arregalados e com bordas vermelhas, e o cabelo está uma bagunça, como se ela estivesse passando a mão pelas mechas e puxando.

Ela está chateada.

Meu peito se contrai.

— Amaya, — eu acalmo, dando outro grande passo em direção a ela, porque não *posso*.

Meus dedos ficam tensos, querendo estender a mão e tocar sua bochecha. Eu viraria o rosto dela para o meu e a forçaria a me olhar nos olhos. Então eu absorveria o quão quente era sua pele e como sua boca carnuda se abriria em um convite se eu puxasse um pouquinho de seu queixo.

Meu pau se contrai e, em vez disso, coloco as mãos nos bolsos.

Ela balança a cabeça, seu olhar ficando brilhante. — Não sei o que fazer ou para onde ir, e sei que você não é a pessoa que eu deveria procurar, mas não *tenho* mais ninguém.

Agora é ela quem dá um passo mais perto, e é tão repentino que entro em pânico, recuando e arrancando as crostas de uma chicotada particularmente feia na lateral do meu corpo. Não consigo conter a inspiração brusca.

Seus olhos se arregalam. — Você está bem?

Eu afasto sua preocupação. — Não é nada.

— Isso não parece nada. — Ela aponta para a careta no meu rosto.

Ela dá mais um passo à frente e eu reajo sem pensar, estendendo a mão e segurando seu braço com força. Nós dois congelamos quando meu toque é registrado, o ar fica mais denso ao nosso redor até sufocar.

Minha mão envolve inteiramente o osso de seu pulso, as pontas dos dedos se encontrando em ambos os lados, e me lembro de quão delicada e pequena ela realmente é.

Eu poderia quebrá-la ao meio com um simples movimento. Seria fácil.

Tão fácil quanto respirar.

Ela cairia de joelhos? Cairia no chão e imploraria por misericórdia?

Eu gosto bastante dessa ideia.

Sua mão flexiona como se ela estivesse tentando escapar ou se aproximar. Qual deles, não tenho certeza. Se ela for inteligente, ela escolheria a primeira opção.

— Não, — eu digo, apertando-a por uma fração de segundo e depois empurrando-a bruscamente, livrando-me da tentação de fazer mais. Meu coração bate forte quando me imagino envolvendo meus dedos em volta de sua garganta, só para ver se ela parece tão vulnerável quanto a

sensação delicada de seu pulso.

Seria tão fácil de quebrar?

Ela se encolhe, quase como se pudesse ler meus pensamentos.

— Diga-me o que você precisa ou vá embora.

Ela zomba, esfregando o pulso e olhando para mim. — Eu não deveria ter vindo aqui em primeiro lugar.

— Isso mesmo, você não deveria ter feito isso.

Ela pisca. — Por que você está sendo tão... quer saber? Deixa para lá.

Ela se vira, mas antes que possa chegar longe, estou em cima dela, minha frente encostada em suas costas enquanto a pressiono contra a parede ao lado da porta. Seu corpo fica tenso contra o meu, e eu levanto meus braços, prendendo-a, ansioso para tocá-la com cada fibra do meu ser.

Não consigo *controlar* nenhuma parte de mim: o monstro que quer transar com ela ou o homem que a quer morta.

Minha respiração faz os fios de seu cabelo tremularem, e eu me inclino, lambendo os lábios, me perguntando se serei capaz de sentir o gosto dela no ar. — Por que estou sendo tão o *quê, petite pécheresse?*

— Tão *cruel*, — ela sussurra, com a voz embargada. — Você nunca foi tão mau antes.

Eu desisto, a atração por ela é tão forte que inunda minhas veias e me deixa cheio de necessidade. Minha mão deixa a parede e afunda em seu cabelo, agarrando as ondas e puxando até que sua cabeça caia contra meu peito. Deste ponto de vista, posso rastrear as veias delicadas de sua garganta e minha boca se abre, ficando secas enquanto a vejo engolir.

Sua respiração é ofegante, sua traqueia me tentando a esmagá-la.

Meus dedos se contraem ao meu lado.

Isso seria tão fácil.

Faça isso.

Eu levanto meu braço lentamente, meu corpo vibrando de antecipação, mas então um pequeno gemido escapa dela, e eu o abaixo, apertando seu cabelo com mais força com a outra mão.

— Tu me rends fou¹⁷, — eu digo rouco.

Passo a palma da mão em sua barriga, arrastando-a para mim até que sua bunda se mova para trás e encontre o comprimento grosso e duro do meu pau. Eu gemo, minha cabeça caindo para trás.

— Cade...— ela sussurra.

— Você vê o que você faz? — Murmuro, curvando-me até que meus lábios roçam a concha de sua orelha, meus dedos torcendo em seus fios escuros e ondulados. — A que você me reduziu?

Empurrei meus quadris contra ela, meus olhos revirando enquanto minha mão deslizava pela frente de sua barriga e depois sobre seu peito, descansando em cima de seu coração. Sua força vital tamborila em um ritmo acelerado sob minha palma.

Faça isso.

Em um milésimo de segundo, estou segurando sua garganta, meu polegar acariciando seu pescoço ao ritmo de seu coração.

Ela poderia se tornar nada mais do que uma memória pintada em meus dedos, uma lembrança que posso lavar como giz na chuva.

Eu aumento meu aperto e minhas bolas se contraem, meu estômago aperta enquanto ela respira fundo.

Faça isso, ouvi de novo.

Meus dedos cavam em sua pele.

Só mais um pouco agora e eu poderia estar livre. Quão abençoado seria sentir minha obsessão se esvaindo junto com a luz em seus olhos?

De todos os demônios que já encontrei, ela é o pior. Ela me tortura até que eu tenha certeza de que sentiria falta da dor se ela não estivesse por perto.

— Diga-me, *petite pécheresse*, você já pensou no seu padre?

Ela engole, sua garganta se movendo sob minha mão, e imagino como seria se meu pau estivesse fodendo. Se eu sentisse isso inchando por dentro enquanto ela me bebia.

Eu afrouxo meu aperto, minhas prioridades mudam enquanto minha mente passa do ódio para a luxúria.

— Diga-me, — eu exijo.

— Sim, — ela respira.

Minha mente fica em branco, uma necessidade primordial corre através de mim.

Eu *preciso* tocá-la.

Preciso senti-la contra mim.

Preciso apagar o que qualquer outro homem a fez sentir, arruiná-la até mesmo para Deus, até que a única pessoa a quem ela possa orar seja eu.

Mas não é minha culpa. É Deus por não tornar o homem tão forte quanto o diabo.

Minha mão desliza de volta por seu corpo, memorizando cada curva até mergulhar no cócs de sua saia. Pré semem vaza do meu pau latejante quando encontro carne quente e úmida em vez do tecido que esperava.

— Fille sale¹⁸, — eu gemo. — Tão molhada para mim.

Ela geme quando eu passo meu polegar em seu clitóris, os dedos deslizando sem esforço entre suas dobras de quão encharcada ela está. Mordo o interior da minha bochecha até que o cobre inunde minha boca.

Já faz *muito* tempo que não toco sexualmente uma mulher.

— *Merde.*

Deslizo para dentro dela, suas paredes internas abraçando meus dedos como um torno e me fazendo segurar meu controle por um fio simples e frágil. Estou... *perdido* por ela.

Meu polegar continua acariciando seu clitóris até inchar, ambas as mãos envolvendo meu pulso com tanta força que suas unhas rompem minha pele.

A dor faz com que um pequeno jorro de esperma vaze da minha ponta.

Eu afundo meus dentes em seu pescoço, seu gosto explodindo em minha língua como ambrosia, e quando ela começa a mover seus quadris contra mim, eu empurro para trás, empurrando-a contra a parede e fodendo-a com os dedos até que ela grite.

Minha outra mão, ainda emaranhada em seu cabelo, puxa bruscamente, fazendo com que suas costas se curvem contra mim, e eu

juro que poderia morrer agora mesmo e queimar no inferno para sempre, desde que mantivesse a memória de senti-la se desfazer sob minhas mãos.

— *Cette chatte est à moi*¹⁹, — eu sussurro antes de passar minha língua pela extensão de seu pescoço.

— Oh Deus, — ela geme.

Eu bombeio meus dedos com mais força, meus próprios músculos ficam tensos, meu pau fica tão grosso que está prestes a estourar pelas minhas calças. Quão incrível seria rasgar a saia e afundar-se profundamente dentro dela. Para separá-la, sentir suas pernas enroladas em meus quadris e sua boceta me apertando até eu pintar seu ventre com meu esperma.

— Goze para mim, — eu ordeno.

Meu polegar pressiona seu clitóris e ela geme, longo e alto, seu corpo vibrando enquanto suas paredes se contraem ao meu redor.

Os sons que saem de seus lábios me levam ao limite, e eu explodo, uma luz branca cegante irrompendo atrás de minhas pálpebras enquanto meu pau pulsa, contrações agudas que drenam o que parecem ser anos de frustração sexual reprimida. Está quente e bagunçado e nunca senti tanto prazer ou alívio.

Nós dois ficamos parados por alguns momentos depois, meu aperto em seu cabelo é tão forte que não tenho certeza se conseguirei desembaraçar meus dedos. Descanso minha testa na curva de seu pescoço, minha pele pegajosa pelo esforço enquanto tento regular minha respiração.

Assim que faço isso, a culpa pelas minhas ações bate forte.

Eu me afasto dela, meus membros frios e emoções selvagens.

— Saia, — eu exijo.

— Eu... o quê? — ela pergunta, girando e passando as mãos pelos cabelos.

— *Você...* — aponto meu dedo para ela — ...nada mais é do que uma sedutora, uma *bruxa* enviada para me desencaminhar. Exatamente como sua mãe disse.

— É claro que você já ouviu falar da minha mãe. — E então ela ri.

Como se *tudo* isso fosse engraçado.

Corro para frente tão rápido que ela tropeça na parede.

— Você acha que isso é uma piada? Que eu abandonar meus votos é algo que considero levianamente?

Ela balança a cabeça, seus olhos ficando redondos e cautelosos.

— Eu entreguei minha vida a Ele, e *você* aparece, me *torturando* simplesmente por existir. Não. — Balanço a cabeça até meu crânio tremer. — Você é uma maldição. Um que destruirá tudo pelo que trabalhei.

— Cade, — ela murmura, estendendo a mão para agarrar minha bochecha.

Eu me afasto antes que possa sentir o calor do seu toque, virando as costas para ela e cerrando os dentes.

— Eu não sou *Cade*. Eu sou o Padre Cade Frédéric. O padre de Festivalé. E você, Amaya Paquette, é pior que uma prostituta, — cuspo, recusando-me a olhar para ela. Recusando-me a reconhecer a forma como meu coração parece estar se partindo a cada palavra que digo. —

Você é o diabo e quero você fora da minha vista.

Sinto um forte aperto no peito quando ouço a porta bater, e então meu estômago se revira. Corro para o banheiro, vomitando bile até não restar nada além do gosto amargo do arrependimento.

E embora eu já esteja dolorido, já derrotado, vou para o meu quarto, pego minha disciplina e me castigo pelo pecado.

Ele é misericordioso.

Capítulo 22

Amaya

— Levante-se da cama.

A voz de Dalia chega ao meu quarto e jogo as cobertas sobre a cabeça, fingindo que não a ouço. Deixei Quinten na escola esta manhã e voltei direto para cá, mergulhando nas minhas cobertas e mergulhando em desespero.

Estou presa entre uma rocha e uma posição difícil e amaldiçoo Deus, se é que ele existe, por me colocar nesta situação. Eu tento *tanto*, faria qualquer coisa por Quinten, e ainda assim aqui estou, perdida e me afogando, sem saída.

Idealmente, não haveria razão para eu me preocupar com as coisas. Sou *inocente* e, se ainda tivesse alguma fé na humanidade, acreditaria que as pessoas poderiam ver as evidências esmagadoras que apontam para que eu não fosse a culpada e realmente tentariam encontrar a pessoa real.

Mas eu sei melhor do que ninguém que a maioria das pessoas escolherá o caminho mais fácil quando tiver a oportunidade, e é mais fácil culpar uma dançarina exótica com baixa renda e muitos inimigos do que admitir que não tem pistas.

Falhar no trabalho não parece bom no papel. A menos que você seja Florence e sua vingança pessoal contra seu cliente substitua sua necessidade de vencer. Não tenho ilusão de que ela iria lutar por mim. Na

verdade, tenho certeza de que me ver presa e chamada de assassina lhe daria mais alegria do que ganhar um caso jamais poderia.

— Talvez ela nos surpreenda, — disse Dalia quando contei a ela. Eu ri, sabendo que ela estava falando merda e tentando ser otimista. Esse otimismo desapareceu assim que contei a ela sobre nossa conversa.

Eu soube no minuto em que vi Florence que não havia esperança, então me agarrei à única coisa que me deu algum tipo de paz, a única pessoa de quem eu sei que deveria ficar longe, mas nunca o faço. Porque, como pessoa ingênua e ridícula que sou, confiei nele. Confiei na maneira como ele mostrou decência a Quinten e estava claramente enganada ao pensar que ele me dar atenção significava que nos tornaríamos quase amigos.

E então eu estraguei tudo também.

Ou talvez ele tenha feito isso.

Honestamente, não tenho certeza de como retificar as duas metades diferentes de Cade Frédéric na minha cabeça. O padre amante de Deus e o francês imundo que me fez gozar nos dedos. Eles *parecem* iguais, mas isso é impossível.

De qualquer forma, a rede de segurança que lancei em torno dele desapareceu num instante, como se tivesse sido arrancada por uma tempestade.

Cade Frédéric não é *seguro*.

Ele é o perigo.

— Amaya, vamos lá, garota. Você não pode chafurdar na miséria o dia todo, — Dalia tenta novamente.

— Aposto, — murmuro de volta.

Dalia arranca as cobertas da minha cabeça e eu luto para encontrá-las. Ela chega até mim antes que eu possa, me puxando para seus braços e me balançando para frente e para trás. Um soluço patético sai da minha garganta, perfurando o ar.

— Eu sei que você está com medo, — ela sussurra. — Mas eu tenho você. Nós vamos descobrir.

Eu me afasto, apertando os olhos para tentar conter as lágrimas. Eu me sinto como um bebê chorão. — Não estou com medo por mim. Eu acabei de...

Dália sabe. Claro que ela sabe. De todas as pessoas no mundo, ela é a *única* que me entende completamente.

Não importa o que aconteça, eu sobreviverei. Vou perseverar, como sempre faço.

Mas me preocupo com Quinten. Ele é todo o meu coração, e se não estou por perto para estar com ele, como posso protegê-lo? Cuidá-lo? Ter certeza de que ele é capaz de prosperar e ser o humano fenomenal que eu sei que ele é?

“Mal posso esperar para ver como Quinten se sairá em um orfanato.”

A emoção engasga minha garganta e deslizo minhas mãos dos ombros de Dalia até que elas estejam segurando suas mãos, e aperto com força. — Se as coisas não derem certo... Prometa que cuidará de Quin, Dal, — imploro.

Ela protesta, balançando a cabeça, os olhos tristes e arregalados.

— Não, — eu digo bruscamente. — *Promete- me.*

— Amaya...— Ela para, olhando para o lado. — *Não posso.* — Eu

recuo, meus olhos se arregalam enquanto a descrença me invade.

— Eu quero, — ela se apressa. — Mas como posso prometer algo que não sei que posso fazer? Pessoas como nós? Não temos o poder aqui, você sabe disso. E não quero que você me odeie para sempre se eu não for capaz de impedir as coisas.

Seu rosto se contorce e meu peito desaba junto com ele.

Eu sei que ela está certa. Eu *odeio* que ela esteja, mas as probabilidades não estão a nosso favor. Eles estão com os ricos. Os prósperos. O sortudo.

— Já vou me odiar o suficiente, — acrescenta ela, com a voz embargada. — Mas eu prometo a você que vou tentar. Lutarei com tudo o que sou para manter Quin seguro e comigo.

Ela diz isso como uma garantia, mas suas palavras anteriores já marcaram suas verdades em mim como uma tatuagem.

Não temos o poder.

Mas conheço alguém que tem.

A determinação de aço se fixa no lugar como um cofre, um clique agonizante de cada vez, até que minha coluna fique reta como uma vareta e minhas lágrimas salgadas estejam secando em meu rosto.

Eu fungo, balançando a cabeça enquanto minha língua passa pela frente dos meus dentes. — Tudo ficará bem, Dalia.

A cabeça de Dalia se inclina e ela enxuga os olhos com as costas da mão. — O quê?

Saltando da cama, corro as mãos pelas roupas amassadas, a resignação vibrando em minhas veias.

Eu sei o que tenho que fazer.

— Você mesmo disse isso. Não temos nenhum poder. — Meu queixo endurece. — Então vou procurar alguém que faça isso.

Vender minha alma é diferente do que eu pensava.

Não tenho certeza do que esperava. Talvez desespero. Que a depressão afundasse suas garras devastadoras e me prendesse. Mas em vez disso, não há... nada.

Não há mais dor pelo fato de o Padre Cade ter se tornado um lixo tóxico completo.

Nenhum medo do que acontecerá com Quinten se eu não ficar por aqui.

Apenas um caminho suave e claro para eu percorrer. Vidro brilhante, fortificado e à prova de balas. Minhas mãos nem sequer tremem enquanto estou sentada pacientemente na sala de espera da Errien Enterprises, com a assistente pessoal de Parker zombando de mim enquanto clica em seu computador.

— Amaya, que surpresa adorável, — diz Parker, com a voz abafada, como se minha cabeça estivesse debaixo d'água.

Eu me levanto e forço um sorriso tão largo que tensiona os músculos do meu rosto, e quando ele se aproxima o suficiente, eu me inclino, dando um beijo casto em sua bochecha e demorando.

Isso me faz querer vomitar.

Seu corpo enrijece, provavelmente de surpresa. Nunca fui eu quem iniciou a proximidade antes.

— Podemos conversar no seu escritório? — Olho para sua assistente pessoal e depois olho para ele através dos cílios. — Ou em algum lugar privado?

Seus olhos brilham, curiosidade contornando as íris azuis brilhantes, e ele balança a cabeça, sua mão pressionando minhas costas enquanto ele me leva através das portas.

A náusea aperta meu estômago, passando pela dormência, e engulo o sabor azedo no fundo da boca.

A porta dele está parcialmente aberta, e só quando estou totalmente dentro do escritório é que paro, percebendo que não estamos sozinhos.

Padre Cade está sentado em uma cadeira, com os olhos brilhando enquanto se fixam no local onde Parker está me tocando.

Claro que ele está aqui. Ele parece estar sempre em todos os lugares que eu estou.

Sua perna está cruzada sobre o joelho oposto, sua estatura completamente relaxada. Há um tipo de domínio que ele exala simplesmente por *ser*, e eu me pergunto se isso é algo que todo padre tem ou se é exclusivo dele.

Meu coração, a cadela traidora, palpita quando nossos olhos se encontram.

Eu quebro nosso olhar imediatamente, a lembrança dele cuspidando insultos duros me faz *sentir* demais. Neste momento, preciso ser uma lousa em branco. Não tenho certeza se sobreviverei ao que estou prestes a fazer de outra forma.

Além disso, *foda-se* Cade Frédéric. Ele é um hipócrita. Um mau padre e um homem ainda pior.

E agora sei que não devo deixá-lo entrar.

Mas a maneira como ele está olhando para mim agora torna tudo difícil. Seu olhar cheira a preocupação. De algo escuro e profundo, como se ele estivesse rasgando minha pele e olhando diretamente para minha alma. Eu me pergunto se ele pode dizer que meu mundo mudou como placas tectônicas, deixando-me pendurada na beira de um penhasco irregular, sem saída.

Eu me pergunto se ele se importaria.

— Está tudo bem, Amaya?

A voz de Cade me rodeia, tentadora com sua carícia sedosa. Eu a afasto, cerrando os dentes enquanto seguro a onda de raiva quando penso nas coisas que ele disse. A maneira como ele descobriu sobre minha mãe e depois usou as palavras dela contra mim, atirando-as como mil lâminas em meu coração.

— Padre, você terá que me perdoar por interromper isso, — Parker interrompe. — Mas quando aparece uma mulher bonita e quer um tempo, você sempre diz sim. Você sabe como é. — Ele ri. — Na verdade, talvez você não saiba.

Eu seguro um bufo, e a testa de Cade se curva, como se ele achasse tudo isso *divertido*. Ele ri baixo e sombrio, e a dor se transforma em raiva, estalando como piranhas.

A audácia deste homem. Deste *falso* com colarinho clerical, fingindo ter linha direta com a divindade.

Bom com os dedos, no entanto.

Uma forte onda de desejo me atravessa e minhas narinas se dilatam.

O rosto de Cade muda enquanto ele me observa. E de alguma forma, eu simplesmente sei que *ele* sabe o que está se passando pela minha mente. Seu olhar se torna tão intenso que queima meu lado e derrete em minha pele.

Há alguns momentos de silêncio, apenas o suficiente para ser constrangedor, e então ele sorri, *o bastardo*, e se levanta.

Todos os seus movimentos são suaves e controlados, e anseio ver como ele é quando está desenfreado. Para vê-lo desvendar o jeito que ele me fez, só para que eu possa jogá-lo no chão e pisar em seu ego quando terminar.

— Claro, Parker. Você pode parar na igreja. Minhas portas estão sempre abertas.

Aperto a maxilar, sem olhar, lembrando como ele disse essas palavras para mim antes.

Claramente, isso é outra mentira.

— Posso voltar, — ofereço. Mas sei que Parker não vai me mandar embora. Ele nunca o faz, mesmo quando eu desejaria que ele o fizesse.

— Não seja ridícula, Amaya, — Parker corta. — Padre Cade estava apenas tentando me convencer de que eu deveria fazer uma doação para o Festival dos Tolos, em vez de fechá-lo completamente.

Cade cantarola enquanto se aproxima de onde estou. Eu enrijeço, seu perfume amadeirado flutuando no ar e pequenos estalos de eletricidade chiando em minha pele.

Ele se eleva sobre mim, e eu *odeio* o quão alto ele é e como, mesmo que eu levante o queixo, isso só me deixa ainda mais à sua mercê.

— E posso esperar vê-la na missa deste domingo, senhorita Paquette?

Sua voz se enrola em mim como uma corda, e me imagino pegando uma faca e serrando os fios.

— Contanto que Parker esteja lá, — respondo, com um pouco de doçura.

É mesquinho, e estou cem por cento fazendo isso para deixá-lo com ciúmes. Ou talvez para deixar claro que o que aconteceu ontem não significa *nada*. Menor do que isso.

Seus olhos brilham, mas então ele sorri e acena com a cabeça. — Então estarei procurando por você, *petite pécheresse*.

Meu peito se contrai quando ele sai, querendo segui-lo e exigir um pedido de desculpas pelo que ele disse, mas giro em direção a onde Parker está.

Parker se apoia na borda da mesa, os tornozelos cruzados e o cabelo loiro penteado para trás enquanto olha para mim. Ele não fala, apenas espera pacientemente.

Então respiro fundo e expiro lentamente, aceitando o fato de que a partir deste momento minha vida mudará. É um risco o que estou prestes a fazer. Perigoso, e talvez eu me lembre deste momento como o segundo em que estraguei tudo para sempre.

Mas ele é minha melhor aposta para garantir que nada aconteça comigo. Se estou segura, então Quinten também está, e prefiro morrer mil mortes do que deixar algo de ruim acontecer com ele.

Fechando os olhos, aproveito os últimos momentos de minha liberdade antes de abrir as pálpebras e olhar Parker diretamente nos olhos, contando-lhe tudo.

Admitir que tenho trabalhado em Chapel.

Que um regular ficou muito ousado e acabou morto.

E então digo a única coisa que nunca disse.

Eu digo sim para me casar com ele.

Capítulo 23

Amaya

— Você não tem nada com que se preocupar, querida. Jason é o melhor advogado de defesa do estado, não que eu ache que você realmente precisará dele além desta fase preliminar. Você não poderia ter tido forças para fazer as coisas que aconteceram com aquele idiota, e você não é uma suspeita, apenas uma pessoa de interesse. Ele vai fazer com que isso desapareça, — garante Parker, sua mão tocando minha nuca.

Ele tem feito isso desde que me tornei “dele” ontem. Sempre me tocando. Uma mão no joelho, dedos na minha nuca, um braço possessivamente em volta da minha cintura. Sua língua na minha garganta.

E eu aceito tudo, mantendo o rosto de Quinten na minha mente. Seu *futuro*. Um do qual farei parte e que pode até ser melhor do que era antes.

Pelo menos é com isso que estou me tranquilizando. Parker é um homem perigoso, mas nunca machucou Quinten.

— Tudo bem, — respondo, permanecendo dócil, embora tudo em minha natureza esteja me implorando para me afastar de seu toque e dizer a ele que tudo isso é besteira. Sou *inocente*, pelo amor de Deus.

— E você nunca mais voltará para aquele clube, Amaya. — A voz de Parker é severa.

Chupando meus lábios, eu aceno novamente, deixando as emoções

agridoces tomarem conta de mim. Vou sentir falta do pole, mas para ser sincera, não queria voltar para lá. Não depois do que aconteceu.

Está contaminado agora.

Neste momento, estamos na traseira do carro de Parker indo para o meu apartamento. Ele quer que eu vá morar com ele imediatamente, mas eu o convenci a me dar tempo. Preciso acalmar Quinten e também preciso contar a Dalia.

Ela vai ficar tão chateada.

Parker se recosta no assento, com as pernas bem abertas como se fosse o dono do mundo.

Suponho que sim.

— Estou feliz que aquele filho da puta esteja morto, — afirma.

— Claro que você está.

Ele dá de ombros. — Você é minha, Amaya. Não gosto que mexam nas minhas coisas.

— Eu não sou uma propriedade. *Jesus*, — eu estalo.

Seu sorriso desaparece, um olhar frio e gelado toma conta de seu rosto. — Você deveria estar um pouco mais grata em vez de ser uma vadia tão amarga. — Meus pulmões doem com suas palavras.

— Vocês são produtos contaminados agora, — ele continua. — Na verdade, nem sei *por que* ainda estou passando por isso. O conselho da Errien Enterprises não vai gostar que você esteja no meu braço. Será ruim para os negócios quando se descobrir que uma *stripper* que assassinou um homem é quem está usando meu anel.

A maneira como ele diz *stripper* me faz querer pular no banco e

passar as unhas em seu rosto. Ele faz com que pareça sujo, nojento, quando não é nada disso.

— Dançar é um verdadeiro trabalho, — respondo. — Colocou comida na minha mesa e pagou minhas contas. Se não fosse por *você*, teria nos permitido uma vida confortável. Não vou agir com vergonha disso. *Nunca* terei vergonha disso.

— Não importa agora, não é? — Os olhos de Parker percorrem meu corpo e me sinto mal. — De qualquer forma, tenho certeza de que você pode compensar a perda da minha reputação. Já faz muito tempo, doce menina.

Engulo as respostas que realmente quero fazer e aceno com a cabeça.

O carro para em frente ao meu apartamento e Parker olha com escárnio pela janela. — Este lugar está tão nojento como sempre.

— É casa, — respondo suavemente, meus dedos já na maçaneta da porta.

Saio para o frio, meu estômago revirando de nervosismo.

— Não demore. Temos coisas para fazer, — a voz de Parker comanda nas minhas costas.

Será assim que será daqui para frente? Um homem controlando cada movimento meu, me dizendo como olhar, onde ficar e quantos minutos levar?

A cada passo mais perto da minha porta, sinto a realidade desabar em cima de mim. Estou trocando um par de algemas por outro.

Mas o que está feito está feito.

Dalia está sentada no sofá lendo um livro quando entro.

Ela olha para mim e deve ver algo em meu rosto porque imediatamente ela para o que está fazendo e suspira, recostando-se no sofá. É incrível o jeito que ela sabe o que vou fazer antes de eu fazer, tanto que brinquei sobre a cidade precisar olhar mais de perto para saber se é *ela* quem é a bruxa.

— Diga-me então. — Sua voz está resignada. Ela está esperando desde que cheguei em casa ontem à noite, mas adiei, alegando que estava exausta demais para explicar.

Meu estômago fica tenso em nós que não tenho certeza se algum dia irão se desfazer, mas não quero *que* eles se desembaracem, não quando eles parecem ser a única coisa que me mantém unida.

— Vou me casar com Parker Errien. — As palavras parecem falsas quando saem da minha língua e me preparo para a reação dela.

— Tudo bem.

Levanto as sobrancelhas, dando alguns passos mais perto agora que sei que ela não vai gritar comigo.

— Tudo bem, — ela repete, balançando a cabeça.

— Isso é tudo que você tem a dizer? — Eu pressiono. — Você não está... surpresa? Ou preocupada?

— O que você gostaria que eu dissesse, Amaya? Que eu acho que é um erro terrível? Eu não. — Ela dá de ombros. — Que eu acho que você está sendo precipitada e entrando nisso rápido demais? Talvez. Mas que outra escolha você tem?

Abro a boca para responder, mas ela continua.

— Não é nenhum segredo que Parker sempre foi obcecado por você. E o tempo não é realmente nosso amigo agora. Acho que Parker é uma

vadia no sentido geral, mas ele é uma vadia poderosa. Se você acha que ele é a resposta, então confio em você.

Engolindo o nó grosso na minha garganta, vou até o sofá, agarrando-a em um abraço esmagador. — Você não acha que estou cometendo um erro? — Eu engasgo.

Ela suspira, sua mão esfregando pequenos círculos nas minhas costas. — Provavelmente. Mas os erros fazem parte da vida e estarei aqui para ajudá-la em cada um deles.

Eu me afasto, minha visão fica embaçada com o alívio. — Você é a melhor amiga que já tive.

— Sou sua *única* amiga. — Ela sorri.

— Mais uma razão para se sentir honrada, — brinco.

Ignoro o olhar vazio que passa por seus olhos, concentrando-me no pequeno sorriso que ela pinta em seu rosto. — Não se esqueça de mim quando estiver instalada.

— Por favor, — eu zombei. — Quin e eu estaríamos perdidos sem você. E você vai ficar aqui de qualquer maneira. Não vou deixar você perder sua casa só porque não estarei nela.

Ela me acena. — Você me quer por perto quando contar a Quin? — Balanço a cabeça, o medo tomando conta das minhas entranhas.

Quinten adora rotina, e estou com medo do que ele fará quando eu o arrancar do que ele conhece e jogá-lo nesta nova realidade.

Pelo menos estaremos juntos.

— Não, eu mesmo farei isso.

Ela balança a cabeça e o ar fica quieto.

— Eu tenho que ir. Parker está esperando. Eu só... vou te contar o que está acontecendo, ok?

— Amo você, Amaya. Você é uma boa mãe, sabia?

Meus olhos ardem. — Eu não sou mãe.

— Você é. Em todos os sentidos isso conta. — Ela ri, balançando a cabeça. — Agora vá embora antes que eu estrague minha maquiagem de tanto chorar.

O calor enche meu peito enquanto caminho de volta para o carro de Parker, seu motorista parado do lado de fora, no frio, esperando na minha porta, oferecendo a mão para que eu volte para dentro.

Dalia é a verdadeira definição de cavalgar ou morrer, e prometo ser uma amiga melhor para ela. Nunca a deixei entrar totalmente por causa dos meus problemas de confiança, mas ela provou repetidamente que não é como as outras pessoas. Ela não vai embora.

Ela sempre estará aqui.

— E agora? — pergunto a Parker depois de colocar o cinto de segurança.

Parker levanta os olhos do telefone, os olhos brilhando e o queixo tenso em determinação. — Agora... temos um casamento para planejar.

Capítulo 24

Cade

Eu esperava que depois de perder o controle com Amaya e depois me culpar pelo erro, as coisas melhorassem. Totalmente, presumi que um pequeno gostinho seria suficiente ou que o arrependimento por minhas ações abafaria todo o resto.

Em vez disso, só piorou. Agora imagino o cheiro dela invadindo meus sentidos, sua pele se moldando sob meu toque, sua boceta rosa segurando meus dedos e como ela se dividiria em volta do meu pau.

Antes, ela estava apenas na minha cabeça, uma invenção da minha imaginação, uma invenção que eu fantasiava transformar em realidade, embora soubesse que nunca o faria. Mas agora ela é tangível, real e crua e tão deliciosa que mesmo dias depois de tocá-la, ainda a sinto em minhas mãos.

Vê-la derreter por causa de Parker em seu escritório fez meu interior tremer. Eu tinha meu dia inteiro planejado: encontrar Parker sobre o Festival dos Tolos e depois voltar para a igreja para confessar.

Em vez disso, depois de ser rudemente dispensado de seu escritório assim que Amaya chegou, esperei do lado de fora da Errien Enterprises por duas horas até que ela apareceu, entrando no carro de sua colega de quarto e voltando para seu apartamento.

Eu a segui até lá, é claro, meus deveres para com a paróquia completamente esquecidos, e passei a noite em seus arbustos,

observando como seu peito subia e descia a cada respiração. Me perguntando se eu fazia parte dos pesadelos que a faziam se revirar a noite toda. Aceitando a simples verdade de que não serei capaz de matá-la. Eu já teria feito isso se pudesse, e a cada segundo que passo na presença dela, o desejo se transforma em outra coisa. Algo não menos visceral, mas... mais suave de alguma forma.

Então, nas primeiras horas da manhã, voltei para casa, para minha pequena cabana, tirei a roupa, gelado de tanto ficar no frio, e me chicoteie até desmaiar, odiando o quão fraco ela me deixa.

Levei tudo de mim para ficar longe na noite seguinte. Mas os pensamentos ainda me oprimiam, até que eu não consegui dormir e tive que reparar a maneira como meu pau vazou de desejo ao lembrar como ela se sentia ao redor da minha mão e gemia em meu ouvido.

Hoje, a dor nas minhas costas é tão forte que mal consigo ficar de pé.

Os olhos verdes da irmã Genevieve se arregalam quando ela abre a porta da frente do mosteiro e me encontra ali, encostado no batente da porta. Encontro seu olhar, e algo se contrai em meu estômago quando o faço, mas deixo esse sentimento de lado.

Ela tem escuridão nela assim como eu. É por isso que escolhi vir para cá.

Não estou acostumado a depender de mais ninguém. Não gosto que os outros saibam das práticas espirituais e *dos fracassos* que tenho de reparar, mas desde que cheguei ao Festivalé, as chicotadas tornaram-se mais comuns. Mais severas. E a dor nas minhas costas está se tornando insuportável. Eu sei que se eu não conseguir ajuda para cuidar das feridas, a infecção pode facilmente se instalar. É o que acontece quando a corda abre crostas que ainda não tiveram tempo de se formar

completamente.

Mas ir ao médico ou ao hospital está fora de questão. Sou conhecido na comunidade agora, e lábios soltos afundam navios ou, neste caso, tirar o mistério que me envolve. Não quero que as pessoas saibam nada além do que eu decido que elas saibam, e ter vários olhos voltados para as chicotadas autoinfligidas seria o oposto de controlar a narrativa.

O que eles pensariam se soubessem que seu sacerdote era tão fraco que precisava bater em si mesmo para se arrepender? Que não sou nada mais do que um homem que desconsidera meus votos de castidade e é levado cegamente à luxúria? Suponho que não é pior do que eles pensariam se soubessem a verdade sobre o que mais faço na calada da noite.

Mas sou muito melhor em manter essa parte de mim escondida e fora de vista.

A questão é que não haveria respeito e haveria muitas perguntas. E talvez haja uma pequena parte de mim que não quer que Amaya se torne o centro de mais ódio. Se houver ódio à sua porta, ele será distribuído por *mim*, e não por mais ninguém. O simples pensamento de alguém a desrespeitando me faz voar da calma para a raiva.

Eu não vou permitir isso. Só depois de descobrir o que fazer com ela agora é que aceitei que não posso continuar matando-a.

A única coisa que sei é que preciso manter as mãos afastadas. Não posso ceder à tentação novamente. Caso contrário, não sobreviverei às chicotadas. Mas parte de mim teme que eu seja fraco demais para resistir. Os meus pensamentos só pioraram desde que tive o seu espermatozoide nos meus dedos e o seu batimento cardíaco na palma da minha mão.

— Padre Cade, — diz a irmã Genevieve, indo para o lado da porta

aberta para que eu tenha espaço para entrar.

— Preciso da sua descrição. — Eu não me incomodo com gentilezas. Isso apenas desperdiçará nosso tempo.

Passando por ela, entro rapidamente na pequena sala. Parece a mesma da última vez que estive aqui, uma pequena lareira crepitando no canto e uma iluminação quente que lança um brilho aconchegante por todo o ambiente.

— Você tem isso. — Seus olhos estão curiosos enquanto me observam.

Eu fico mais alto e aceno com a cabeça antes de tirar as luvas e o casaco, dobrando-o metodicamente e colocando-o nas costas do sofá antes de alcançar a bainha da minha camisa e levantá-la.

Seus olhos se arregalam por uma fração de segundo antes de ela mascarar o olhar, e quando eu me viro, mostrando minhas costas, ouço sua respiração ofegante.

Não me olhei no espelho porque sei o que verei. Resta apenas um centímetro de carne intacta. Algumas cicatrizes de anos atrás, desde quando eu era criança, até as mais recentes que ainda gotejam sangue quando minha pele fica muito esticada.

Há vários momentos tensos de silêncio antes de Genevieve se mover para o meu lado, sua mão quente agarrando meu antebraço e apertando-o confortavelmente. — Não se sente. Seu sangramento vai manchar os móveis.

Não movo um músculo até que ela volte, segurando um kit de primeiros socorros e um banquinho de madeira que ela coloca ao meu lado antes de olhar incisivamente, insinuando claramente que o assento é

para mim.

Minhas costas doem quando me movo para sentar, e estremeço quando ela se senta atrás de mim e começa a passar algo frio e úmido nas feridas. Dói, e a dor faz minhas pálpebras tremerem, uma sensação doentia de satisfação percorrendo meu corpo, como sempre acontece quando sinto a expiação manchando minha pele.

Não falamos enquanto ela trabalha, mas há um conforto no ar e sei, sem dúvida, que posso confiar nela. E eu sei que voltarei. Parte de mim deseja que ela não fique aqui sozinha para que eu possa tê-la ao meu lado na paróquia para cuidar dos meus segredos sempre que preciso.

Ela costura alguns dos cortes mais profundos e depois espalha uma substância espessa e pegajosa que faz a dor aguda diminuir, e eu suspiro de alívio, me sentindo melhor do que nunca. Ela faz um curativo nas feridas e então eu termino, tomando cuidado enquanto faço os reparos.

— Você vai precisar ir com calma nas próximas semanas, — diz ela, com olhos penetrantes e seguros. — Você pode ficar aqui comigo se quiser.

Calço as luvas e vou em direção à porta da frente, de repente desesperado para sair. Eu sei que ela está certa, mas não tenho certeza se posso *ir* com calma. E eu definitivamente não quero ficar aqui com ela. — Isso não será necessário.

— Padre. — Ela me para com a mão no meu braço e eu giro para encará-la, olhando para o topo de sua cabeça. — Não lhe fará nenhum favor se machucar até que você não consiga mais ficar de pé. Seja o que for que você esteja fazendo... *pare*. Pelo menos até que seu corpo possa se curar.

Cerrando os dentes até meu maxilar ficar tenso, dou um aceno afiado

e depois saio para o meu carro.

É sábado e, depois de uma manhã de confissão, estou no meu escritório, preparando a homilia para amanhã, quando um e-mail chega ao meu computador. Suspirando ao ver o nome do meu superior, Bispo Lamont, na tela, largo a caneta e clico com o mouse para abrir a mensagem.

Padre Cade,

Errien gentilmente entrou em contato para nos informar que suas núpcias estão próximas e que gostaria que fossem na Igreja Católica. Já o informei sobre o que isso implicará, e ele gostaria que fossem tomadas medidas adicionais de precaução para sua nova noiva, incluindo aulas individuais para reabilitar sua imagem. Assegurei-lhe que faremos tudo o que estiver ao nosso alcance para atender aos seus pedidos, incluindo garantir que ela seja uma mulher honesta, de fé e honra. Ele doou generosamente à igreja em agradecimento.

Por favor, faça o seu melhor para atender a qualquer um de seus pedidos.

Bispo Lamont

Revirando os olhos, aperto a ponta do nariz, irritado por estar à mercê de Parker. Eu adoraria colocá-lo em seu lugar, mas isso tornaria as coisas muito difíceis agora, dada a forma como ele está enredado na igreja. E agora ele vai se casar. Eu sorrio ao pensar na pobre mulher que será submetida a Parker pelo resto da vida.

Sem dúvida é alguém que se casa com ele por dinheiro; não consigo imaginar sua *personalidade* fazendo as mulheres desmaiarem e caírem de joelhos. Mas fico aliviado sabendo que em breve ele estará oficialmente fora do mercado. Espero que isso signifique que não

precisarei observar Amaya em sua órbita por muito mais tempo, e todas as minhas perguntas sobre eles desaparecerão.

Olho para o nome do bispo Lamont novamente.

Alguém bate na porta e eu digo para entrar, presumindo que seja Jeremiah.

Mas então Parker entra.

Ele preenche o quadro primeiro, passando a mão pela cintura fina da mulher ao lado dele.

Amaya.

Minha atenção está subitamente voltada para ela, estreitando-se em uma visão de túnel, a visão dela brilhante em Technicolor enquanto todo o resto desaparece em manchas cinzentas silenciosas.

— Senhorita Paquette, que surpresa, — eu digo, a realidade voltando quando percebo o que significa tê-la aqui com Parker.

A mão dele possessivamente em volta da cintura dela enquanto ele a conduz pela porta aberta.

Seus olhos encontrando os meus, mágoa e raiva girando em suas profundezas.

Ela está chateada comigo. Claro que ela está.

Respiro lenta, profundamente e uniformemente, lembrando-me de que não tenho nenhum direito sobre ela. Não, na verdade. Não quando já sou reivindicado por Deus. Mas as palavras não importam quando parece *que* meu nome deveria estar marcado em sua alma, queimado tão profundamente que o mundo possa sentir as letras.

Parker a empurra para frente como um gado, um olhar arrogante no

rosto que de repente estou desesperado para desfigurar, e quando eles se sentam na minha frente, a mão dele escorregando para a parte interna da coxa dela, os limites da minha visão ficam embaçados.

Meus olhos se voltam para os dela.

Olhe para mim, petite pécheresse.

Ela faz. Imediatamente, como se ela pudesse ouvir meus pensamentos, e meu coração dispara ao saber que nossa conexão não é unilateral. Ela me sente com a mesma certeza que eu a sinto.

— Espero que não estejamos interrompendo, padre, — diz Parker, interrompendo o momento.

— Claro que não. Nunca estou muito ocupado para você. — Não tiro o olhar de Amaya.

Ela zomba e depois morde o lábio como se não quisesse deixar o barulho escapar.

Levanto uma sobrancelha, desafiando-a a dizer algo em voz alta.

— Amaya, — Parker repreende, olhando para ela com desaprovação.
— Não seja rude.

— Sim, senhorita Paquette, há algum problema?

Ela olha para mim, e isso faz com que a dopamina inunde meu sistema, feliz por ter sua atenção quando ela está aqui com outra pessoa.

A mão de Parker se move mais para cima em sua coxa, seus dedos apertando sua carne macia, e meu sangue bombeia tão violentamente que meus ouvidos zumbem. Meus dedos agarram a borda da minha mesa para me manter no lugar, meu enjoo surgindo e salivando para tomar as rédeas.

Mate ele. Quebre seu pescoço e observe a vida se esvair de seus olhos patéticos e pomposos.

Eu engulo e forço a voz a diminuir. Não posso *matar* Parker. Isso causaria muitos problemas para mim, embora agora nada pareça tão satisfatório quanto amarrá-lo em sua cadeira, quebrar cada um de seus dedos e depois foder Amaya na frente dele e lambuzar suas coxas com *meu* esperma só para certifique-se de que ele saiba a quem ela pertence.

Meu pau endurece com a visão e eu mudo de lugar, a pontada aguda de dor nas minhas costas me fazendo morder o interior da minha bochecha, a voz da irmã Genevieve me batendo na cabeça.

Deixe-se curar.

— O que posso fazer por vocês dois? — pergunto, forçando meus olhos a desviarem-se de Amaya e, em vez disso, passando-os por Parker.

Ele sorri e imagino cortar os lábios de seu rosto. — Tenho certeza de que o bispo Lamont já lhe contou, mas estamos aqui para planejar um casamento.

Meu coração para, embora eu já tivesse deduzido isso.

— De quem? — Eu pergunto, precisando ouvir isso.

Eu me concentro novamente em Amaya, olhando para ela, desafiando-a a me contar. *Faça isso*, eu penso. *Olhe para mim e diga as palavras.*

Ela mantém os olhos nas mãos.

A mão de Parker aperta sua perna até ela estremecer, e meu peito aperta junto.

— Nosso.

Capítulo 25

Amaya

— Que notícia *maravilhosa*. — A voz de Cade é como gelo, tão suave e fria que arde ao espalhar-se pela minha pele.

Meu olhar está preso em minhas mãos, com medo de que se eu olhar para ele por muito tempo, eu vou explodir e fazer algo maluco como esticar o braço por cima da mesa e dar um tapa na cara dele.

— *Você é pior que uma prostituta. Você é uma bruxa. Exatamente como sua mãe disse.*

— Quando a igreja estará disponível? — Parker pergunta.

Cade ri. — Não, você não pode tê-la aqui tão cedo.

Agora eu olho para ele, levantando o rosto e encontrando seu olhar de frente.

A mão de Parker aperta minha coxa até eu estremecer.

— O bispo Lamont me garantiu que isso não seria um problema, — ele sussurra.

Cade estala a língua. — *Ela* não está pronta para um casamento católico.

Minha irritação com ele se intensifica, mesmo quando uma onda de desconforto serpenteia pela minha cintura.

— Sou católico, — argumenta Parker. — Não seria certo tê-lo em

outro lugar. E o bispo Lamont disse que ela poderia fazer cursos.

— Não importa se você é católico. *Ela* não é. — Cade acena com a mão para mim com desdém.

— Fui criada como católica, — defendo.

Cade me ignora como se eu nem tivesse falado, embora suas próximas palavras sejam dirigidas a mim. — Você não compareceu a nenhum culto desde a minha chegada, e tenho certeza de que se eu perguntasse a alguém em Festivalé, eles diriam que você não comparecia há anos. Você é uma *pecadora*, Amaya.

— Pecar é subjetivo, — sibilo com os dentes cerrados.

Não é, — ele retruca.

Idiota.

— Tudo bem... — eu digo. — Então vou começar a frequentar com Parker.

Cade ri, baixo e sombrio, e então ele finalmente olha para mim, seu olhar tão intenso que sinto isso profundamente em meu âmago. — É tão fácil conseguir que você assista à missa dominical, não é, senhorita Paquette?

Eu engulo, minha língua grudada no céu da boca.

— Diga-me, senhorita Paquette. Quando foi sua última confissão?

Sua cabeça se inclina e eu olho para ele. Ele sabe muito bem quando foi.

Ele não espera por uma resposta, voltando sua atenção para Parker. — Você precisará de certidões de batismo.

Parker assente. — Não é um problema.

Meu estômago dá nós. Nunca fui batizada. Mas não direi isso agora, não para Cade. Vou pedir ao Parker para cuidar disso.

O sangue pressiona sob a superfície da minha pele, aquecendo minhas bochechas.

— E no que diz respeito a... todo o resto, — continua Parker, com o polegar fazendo círculos apertados na minha perna.

Cade se concentra no movimento, o músculo de seu maxilar pulsando. Lentamente, seus olhos se movem de onde Parker está me tocando, subindo pelo meu torso, passando por meu peito e pousando na cavidade da minha garganta.

Meu coração bate contra minhas costelas.

— Não aprovarei este casamento até ter certeza de que vocês dois estão prontos — Cade diz, seus olhos fixos nos meus. — E sim, concordarei com as sessões individuais adicionais com sua *noiva*.

Minhas sobrancelhas vão até a linha do cabelo. — O quê?

A diversão brilha nas íris de Cade, como se ele soubesse que estava em vantagem. — Para alguém que afirma ser católica, você parece não saber nada sobre a religião, senhorita Paquette. Cada casal faz um curso para que possamos determinar se você está *pronta* para a santidade do casamento.

— E quem decide isso?

Ele sorri tão largamente que covinhas marcam suas bochechas. — Eu.

Meu coração catapulta para o meu estômago. — E os cursos individuais?

Parker limpa a garganta e me olha de soslaio. — Pedi ao padre Cade para garantir que você seja bem versada e apropriada.

— Bem versada e apropriada, — repito lentamente.

Parker se vira na cadeira para me encarar. — Isso mesmo. Não finja que sua imagem é outra coisa senão *lixo*. — Ele faz uma pausa. — Até Jason acha que precisa de uma revisão.

Meu queixo cai. Posso ler nas entrelinhas, e essa é a única razão pela qual não resisto mais à luta, apesar do modo como meu corpo treme com o desrespeito. O fato de ele citar meu novo advogado de defesa, Jason, significa que ele quer que eu tenha uma certa aparência caso eu vá a julgamento.

Uma mulher que vai à igreja e é temente a Deus é mais cativante do que aquela que é chamada de bruxa e tira a roupa por dinheiro.

O rosto de Parker endurece. — Você precisa confiar em mim nisso.

Seu telefone toca e ele *finalmente* tira o aperto da minha coxa enquanto o puxa e olha para a tela antes de colocá-lo de volta no bolso.

Mas vejo o nome na tela.

Florence.

— Excelente, então está resolvido, — diz Parker, sem se preocupar em olhar para Cade ou para mim. — Eu preciso voltar ao trabalho. Vocês dois podem começar agora mesmo.

Eu respiro fundo.

Ele está me deixando aqui?

Antes que o pensamento possa se formar completamente, Parker se foi, deixando um silêncio tenso e uma quietude em seu rastro.

Nenhum de nós fala, e tenho quase certeza de que o padre Cade pode ouvir meu coração batendo contra o peito, minha raiva ressurgindo agora que estamos sozinhos. Lentamente, eu me viro de onde estava olhando para a porta e olho para ele.

Ele se levantou em algum momento e agora está encostado na mesa, com os tornozelos cruzados e as mãos nos bolsos. Me observando.

Ele está sempre me observando.

Finalmente, ele quebra o silêncio. — Enfim a sós. — Sua voz é suave como manteiga e isso me irrita.

— Infelizmente para mim, — eu rosno.

Ele sorri. — Para nós dois, na verdade. Mas não vamos perder tempo fingindo que você não gosta do nosso tempo sozinhos, Amaya, quando nós dois nos lembramos do quanto você gosta.

Sento-me na cadeira, apontando o dedo para ele. — Você não pode fazer isso. Você não pode ficar aí parado e agir como se o que fizemos estivesse bem. Como o que você disse... — Eu me interrompo, não querendo terminar a frase, porque isso não importa, e mostrar emoções como essa me faz sentir fora de controle, e eu *odeio* isso.

Não importa.

Ele inclina a cabeça. — Você percebe que não existe divórcio na Igreja Católica, certo?

Sinto cólicas estomacais porque, na verdade, eu não tinha pensado nisso. De qualquer forma, isso não importa.

Eu levanto meu queixo desafiadoramente. — E?

— Você costuma deixar outros homens tocarem em você quando você

está comprometida? — Suas palavras são suaves, mas posso sentir a tensão apertando-as.

— Você costuma tocar nas mulheres quando *está*? — retruco, olhando incisivamente para o colarinho clerical que está enrolado em seu pescoço.

Ele franze a testa, uma mecha de seu cabelo preto despenteado caindo em sua testa. Ele estende a mão para empurrá-lo de volta. — Um erro que não cometerei novamente.

Não sei por que essa afirmação dói, mas dói. Não é como se eu *quisesse* que as coisas acontecessem novamente. Cruzo os braços e seu olhar desce para meu peito.

— Meus olhos estão aqui em cima, *padre*.

Suas narinas se dilatam e ele se endireita, avançando até se inclinar sobre meu assento, com as mãos segurando os braços da minha cadeira. — Eu conheço cada centímetro seu, *petite pécheresse*, como se você tivesse sido pintada por minhas mãos.

Minha respiração falha, suas palavras batem no meu coração e o fazem bater fora do ritmo.

Sento-me até que nossos corpos estejam quase se tocando, uma sensação de zumbido me aquecendo de dentro para fora. Nossos narizes se roçam e sinto sua expiração em meus lábios.

— E na sua pintura... — murmuro. — Eu sou uma prostituta? Ou eu sou uma bruxa?

O músculo ao lado de seu maxilar se contrai, e eu sei que ele está prestes a cuspir algo doloroso no ar. Algo que manchará ainda mais minha visão dele e me fará *odiar* por não ser capaz de esquecer como foi

quando seus dedos grossos me abriram.

Pressiono minha mão sobre sua boca, seus lábios queimando minha pele.

— Não faça isso, — eu digo. — O que quer que você esteja prestes a dizer, apenas... *não faça isso*.

Algo passa por seu rosto, e seus dedos envolvem meu pulso, seu polegar pressionando meu pulso como se ele estivesse procurando a batida. Lentamente, ele abaixa minha palma até que ela repouse em meu colo, sem nunca afrouxar.

— Você deveria ir, — ele diz. — Antes de fazer algo, que ambos nos arrependermos.

Ele deixa cair meu braço como se estivesse pegando fogo, girando até eu olhar para suas costas. E eu me levanto e saio correndo da sala, meus músculos tensos e minha mente gritando, me perguntando como diabos vamos sobreviver sozinhos.

Capítulo 26

Cade

Dizem que os primeiros sete anos são os alicerces da vida de uma criança. A ciência aponta para o fato de que durante esses anos de formação, as nossas ondas cerebrais estão num estado diferente, quase como a hipnose, deixando os ideais assentarem em bases concretas para aquilo em que acreditaremos. Para quem seremos o resto de nossas vidas.

Bem, eu tinha sete anos quando fugi do orfanato e fui para as ruas de Paris, e agora, vinte e nove anos depois, ainda são esses primeiros anos que mais me assombram.

— Pequenos demônios que não aprendem as lições ganham o chicote novamente.

— Por favor, irmã, — imploro. — Eu não tive a intenção de fazer isso.

Seus olhos brilham enquanto ela olha para mim, o cheiro de concreto sujo e lágrimas salgadas mascarando o resto dos meus sentidos.

— E o que você fez? — ela questiona, o cinto de couro pendurado frouxamente ao seu lado.

Eu engulo, porque não sei o que fiz. Eu nunca sei.

Ela se aproxima, seu hálito doce e enjoativo na concha da minha orelha.

— *Há uma doença em você, criança. E Deus quer que eu supere isso.*
— *Assobio. Batida. Dor.*

A lembrança da voz da irmã Agnes me acorda de um pesadelo, o castigo por ser mau gruda na minha pele como uma sanguessuga.

Toda ação tem uma reação, toda escolha uma consequência.

E aprendi cedo que se você fizer algo errado, você paga com meio quilo de carne.

Às vezes ainda me pergunto o que havia em *mim* que ela parecia tão decidida a bater. Se talvez ela pudesse sentir o monstro florescendo dentro de mim antes que alguém soubesse que ele estava lá. Ou talvez, como ela sempre dizia, ela estivesse tentando me curar e, no final, eu estava quebrado demais para ser consertado.

Mas o motivo mais provável é que ela não gostou do simples fato de eu existir.

Afinal, se nem meus pais me queriam, por que mais alguém iria querer?

Mas ainda fui feito à imagem de Deus, e Ele ouve quando oro. Ele fica feliz quando eu espio.

Minha penitência é meu presente. Um presente que continuarei a dar uma, porque meu autocontrole é uma miragem distante no calor da presença de Amaya.

Ela me cega para o meu propósito, escondendo-me até mesmo Dele.

E agora estamos juntos para que eu possa prepará-la para casar com outro homem.

Nojo borbulha em minhas entranhas com o meu pensamento.

Talvez se eu mergulhar nela por tempo suficiente, isso me entorpecerá com seu feitiço até que ela seja apenas mais um rosto na multidão. E agora que fui instruído a apaziguar as exigências ridículas de Parker, ela falará comigo. Tentando-me. Perto o suficiente para provar, tocar e foder.

Deixe Parker ficar com ela.

Meu peito torce.

Depois de mandá-la embora ontem, passei o resto da noite em meu escritório, oscilando entre a necessidade de me chicotear por meus pensamentos pecaminosos sobre ela e o desejo de persegui-la e observar cada respiração sua.

A indecisão me deixou estagnado. E foi assim que fiquei nas duas noites desde então.

Eu não a segui, não a procurei no meio da multidão. Abaixei a cabeça e foquei na paróquia. Em tudo que eu deveria estar fazendo.

Mas um monstro só fica mais forte no escuro, e esta noite não me sinto bem pensando onde ela está, com *quem* ela pode estar.

Portanto, embora seja a noite mais fria deste ano, sou um homem com uma missão.

Minha respiração sai da minha boca, cristalizando no segundo em que atinge o ar gelado, e meu nariz está dormente por causa do frio. Mas minhas veias estão cheias de calor enquanto manobro entre os arbustos em frente ao apartamento dela e me agacho, espiando pela janela enquanto observo e espero.

De novo.

Algo se encaixa no lugar, como uma peça de um quebra-cabeça que

está faltando enquanto eu me acomodo, espiando ao redor para ter certeza de que não há mais ninguém por perto, que estou bem escondido, mesmo que eles passem.

É apenas uma da manhã e normalmente ela estaria trabalhando por pelo menos mais uma hora antes de fazer a caminhada do ponto de ônibus de volta para sua casa. Mas aqui está ela, a visão dela é tão inesperada que me tira o fôlego e dá câibras no peito.

Ela está vestindo nada além de uma toalha branca fofa enquanto se olha em um espelho apoiado em uma cômoda lascada. Seu cabelo escuro e ondulado envolve seu rosto em cachos molhados, pingando água por seu corpo de uma forma tão tentadora que minha boca seca, querendo lamber a umidade de sua pele.

Sua mão esquerda aperta a frente da toalha com força e, mesmo pela janela, posso ver que ela está apertando o tecido. Seu aperto cai, e o sangue corre para minha virilha enquanto eu mergulho na visão de seu corpo nu e molhado.

Merde.

Ela é linda, uma deusa, sua pele brilhando do banho e suas curvas perfeitas e grossas. Meus olhos a absorvem avidamente, meus dedos flexionando pela necessidade de abrir o botão da minha calça e agarrar meu pau dolorido.

Quero tanto me acariciar ao vê-la que dói.

Seus seios são pesados e cheios, as aréolas escuras e inchadas, e quando ela estica a mão e rola uma entre os dedos, mordo o interior da minha bochecha com tanta força que o gosto de cobre inunda minha boca.

Eu coloco a mão sobre o tecido da minha calça, pressionando firmemente enquanto meus quadris empurram involuntariamente em minha mão.

Ela solta o seio, deixando cair os dedos em cima da cômoda, o corpo pendurado como se estivesse desapontada consigo mesma por ter cedido. A nova posição arqueia suas costas, e tenho certeza de que se eu inclinar minha visão, poderei ver os lábios perfeitos de sua boceta aparecendo entre suas coxas.

Eu me movo, as folhas do arbusto se agitam quando o faço. Ela levanta a cabeça e meu coração vacila.

Porque ela olha diretamente nos meus olhos.

Capítulo 27

Amaya

Não importa que ele esteja envolto nas sombras e seu rosto esteja escondido pela aba do chapéu. Ainda o vejo tão claramente como se o tivesse evocado dos meus pensamentos.

Talvez eu tenha feito isso.

Padre Cade está parado do lado de fora da minha janela, no frio congelante, olhando para mim... me *observando*, seus olhos me queimando de dentro para fora.

Eu deveria estar revoltada. Com nojo. Assustada. Gritando dos telhados e chamando a polícia.

Mas eu não estou.

Em vez disso, sinto uma onda de poder, algo que perdi completamente desde que fui arrastada para uma delegacia e questionada sobre o assassinato de um homem. Eu me pergunto o que ele está fazendo aqui e quantas noites ele ficou no frio intenso e me observou. Em vez da repulsa que deveria enviar através de mim, isso me faz vibrar com um tipo de poder inebriante.

Eu tenho controle sobre esse homem. Este homem intimidador que deveria ser irrepreensível. E talvez seja porque acabei de tomar banho tentando lavar meus próprios pensamentos sobre ele, ou possivelmente porque não tenho voz em nenhuma outra área da minha vida, mas gosto *de* deixá-lo fraco. Que ele seja tão perverso em seu desejo por mim, que

faça coisas como ficar do lado de fora da minha janela ou me foder com os dedos contra a porta dele, apesar de quem ele é e do que jurou.

E agora, estou muito cansada de mais um dia sentada no escritório de um advogado e recebendo a garantia de que está tudo bem e muito excitada para fingir que sinto por Cade algo diferente.

Mantenho meus olhos fixos nele, meu coração batendo contra meu peito enquanto me endireito de onde estou curvada sobre minha cama, o calor nadando através de mim enquanto eu levanto minha mão de volta e a deslizo do meu quadril lentamente, movendo as pontas dos dedos sobre a pele até que ela endureça sob meu toque. Não consigo ver nada, exceto o ângulo agudo de seu maxilar e a maneira como sua boca se abre, mas posso *sentir* o modo como ele está olhando. Minha respiração encurta quando me lembro de ter sido ele quem me tocou, a faísca do *erro* que aumentou minha excitação, sabendo que o padre desta cidade de merda estava fazendo coisas muito ruins comigo porque sou uma garota muito má. Continuo a exploração do meu corpo, do jeito que imagino que ele estaria percorrendo os declives e curvas se estivesse me tocando, até chegar aos meus seios. Pego um, apertando a carne com força, a pele se moldando sob a palma da minha mão, e quando belisco um mamilo, ele envia uma forte onda de desejo através de mim, como se houvesse um fio conectado da ponta aos nervos do meu clitóris.

Se ele estivesse neste quarto comigo, eu pediria para ele fazer doer. Pressionar seu toque com profundidade suficiente para deixar uma marca. Um segredo que eu sentiria toda vez que respirasse, um segredo que ninguém mais saberia.

Mas *eu* saberia. O padre enviado para salvar Festivalé, pecando apenas por mim.

A *bruxa* que todo mundo adora odiar.

Minha outra mão desce até que eu estou passando pela minha boceta, meus dedos deslizando sem esforço sobre meu clitóris. Eu desço mais para baixo, circulando minha entrada e mergulhando dois dedos na primeira junta, um gemido saindo da minha boca por causa da sensação boa.

Ele se aproxima da janela. Levo meus dedos molhados até minha boca e os deslizo entre meus lábios, minha língua circulando-os como faria com seu pau... se ao menos ele abrisse a janela e entrasse.

Ele lambe o lábio inferior, como se se esforçasse o suficiente, talvez pudesse me provar também.

Movo a mão manipulando meu seio até que ele deslize pela minha clavícula, envolvendo levemente meu pescoço da mesma forma que ele fez quando me prendeu ao lado de sua porta da frente e me deixou cavalgar em seus dedos enquanto ele esfregava seu pau na minha bunda.

Oh Deus.

Sua mão enluvada pressiona a janela e me queima. Seria tão fácil deixá-lo entrar, cair de joelhos e guiar suas mãos até minha cabeça, persuadindo-as a passar pelo meu cabelo enquanto eu pedia para ele foder meu rosto, mas não farei isso.

Isso é tudo o que pode ser. Estou com Parker agora é preciso *ficar* com ele para ter certeza de que Quinten e eu estamos seguros.

E Cade não me pertence. E depois do que ele disse, não tenho certeza se gostaria que ele fizesse isso.

Mas vou aproveitar esse momento, só para mim.

Minhas coxas ficam tensas quando deslizo minha mão de volta para meu clitóris, iniciando um círculo lento e torturante, o suficiente para me

acelerar e me manter logo abaixo do meu pico.

Sua cabeça se inclina para o lado, e acho que talvez ele esteja verificando o que está ao seu redor antes que sua atenção volte para mim, seu braço se movendo para a frente de suas calças.

Meu estômago revira quando ele desabotoa o cinto.

Minha respiração falha quando ele puxa o zíper.

A umidade vaza de mim, fazendo uma bagunça na parte interna das minhas coxas quando Cade puxa seu pau duro e desliza a mão enluvada lentamente por todo o comprimento. A fraca luz amarela da rua atinge-o apenas o suficiente para me deixar ver seu movimento, sem me permitir captar quaisquer detalhes, e anseio por poder ver melhor.

Quero observar a veia na parte inferior de seu eixo engrossar e pulsar enquanto ele sobe e desce. Preciso ver o momento em que suas bolas se apertam e se contraem dentro dele, fazendo-o ficar ainda mais duro, sinalizando que está prestes a gozar. Quero observar a maneira como sua cabeça se inclina para trás, seu pomo de adão balançando enquanto ele engole o prazer ofuscante.

Meus dedos voltam para dentro de mim com urgência e fixo meus olhos na velocidade de seu braço, acompanhando seu ritmo. Pode ser que seja minha própria mão fazendo os movimentos, mas é *Cade* quem vai me fazer gozar. É o nome de *Cade* escapando dos meus lábios enquanto eu explodo em mil pedaços.

Cade. Cade. Cade.

A imundície dele rastejando do lado de fora da minha janela quando deveria estar na igreja, dele se *tocando* enquanto me observa, é demais, e meus músculos se contraem, o calor branco cresce como um inferno entre

minhas pernas e irrompe pelos meus membros. Minha boca se abre em um suspiro silencioso, e eu jogo minha cabeça para trás, fechando minhas pálpebras enquanto esfrego meu clitóris pulsante na palma da mão com força, prolongando o orgasmo.

Quando abro os olhos, saciada e exausta, ele se foi.

Na manhã seguinte, fico deitada na cama por um longo tempo, tentando ao máximo aceitar o que aconteceu na noite anterior e como será minha vida daqui para frente. Procuro a culpa ou a repulsa por saber que tinha um homem espiando pela minha janela, mas tudo que sinto é uma sensação de segurança que não existia na noite anterior. Como se eu estivesse no controle pela primeira vez. Eu *sei* algo sobre o Padre Cade, algo que ele não pode trocar ou roubar de volta.

Todo mundo já pensa o pior de mim, mas se as pessoas descobrissem sobre ele...

Minha sensação momentânea de poder desaparece rapidamente quando percebo que realmente *tenho* algo a perder agora. Se Parker descobrir, sem dúvida ele me abandonará, deixando-me sozinha contra uma possível acusação de assassinato e deixando Quinten sem alguém que possa cuidar dele.

É por isso que decidi que é melhor ignorá-lo completamente. Verei Cade novamente em algum momento, provavelmente mais cedo ou mais tarde, e terei apenas que fingir que nada está diferente. Que ele não é nada nem ninguém. Apenas papel sem graça na parede, combinando com a paisagem.

O resto da semana passa lentamente. Adiei contar a Quinten sobre minhas próximas núpcias e me encontrei mais duas vezes com meu novo advogado, Jason. Eu assisto ao noticiário todos os dias, como se mal

pudesse esperar que o assassinato de Andrew acabasse, mas ainda é silêncio.

Não sei por que estou surpresa. Jason me disse que as autoridades estavam mantendo segredo, não querendo causar tumultos na área.

E então, à noite, sento-me e espero, com as entranhas tensas de ansiedade para ver se Cade vai aparecer.

Ele sempre aparece.

Observando-me como se fosse seu direito dado por Deus fazer isso.

E agora é domingo, e um carro acabou de me buscar, logo depois de eu deixar Quinten com Dalia pela manhã e vestir um vestido verde discreto de manga comprida. É um pouco apertado na cintura e um pouco baixo na parte superior, mas é a roupa mais modesta que tenho e apropriada o suficiente para ser vista na igreja.

Parker deixou bem claro que me esperava lá esta manhã, e embora eu tenha pensado em trazer Quinten junto, não posso imaginar que ele se sairia bem em um longo serviço onde se espera que ele se adapte ao que todos os outros estão fazendo.

Deslizando para dentro do carro, sorrio para Parker, parte de mim preocupada que ele será capaz de olhar para mim e *ver* o que está acontecendo tarde da noite durante a última semana.

— Olá, *noivo*, — eu digo, tentando ser sincera.

Ele se inclina sobre os assentos e dá um beijo casto em minha bochecha antes de se afastar, seus olhos examinando minha roupa enquanto ele coloca o telefone que sempre carrega no bolso.

— Precisamos comprar um guarda-roupa novo para você.

Eu recuo. — Desculpa, o que?

Ele balança a mão para cima e para baixo em meu corpo. — Isso é muito arriscado. Você terá sorte se deixarem você pisar na catedral, parecendo uma prostituta maquiada. Esse era o trabalho da sua mãe, não da minha esposa.

Suas palavras doeriam menos se ele tivesse me esbofeteado com elas, e eu me recosto no assento, cruzando os braços, me sentindo insegura quanto à minha roupa. Eu pensei que parecia bom. — Isso não é justo, — murmuro.

Suspirando, ele estende a mão, esfregando o polegar em meu queixo, seu olhar suavizando. — Doce menina, não olhe para mim com esses olhos de cachorrinho. Nós cuidaremos disso, ok? Apenas... tente não fazer nada que chame sua atenção enquanto estivermos lá.

— Claro que não, — eu mordo de volta. — Não gostaria de *envergonhar* você.

— Certo. — Ele sorri. — Isto me lembra. — Ele enfia a mão no bolso, tirando uma pequena caixa azul, e então agarra minha mão, puxando meus dedos em sua direção, o polegar esfregando as costas do meu terceiro dedo. — Também precisamos cuidar disso. — Ele abre a caixa e tira uma pedra gigantesca do tamanho da porra do estado e a coloca, depois a segura entre nós e sorri. — Você já está melhorando.

Eu trago minha mão de volta quando ele a solta e olho para o anel de diamante enquanto ele brilha. Por alguma razão, isso faz com que pareça mais real. Mais definitivo.

O peso da realidade cai nas minhas entranhas como chumbo.

Fecho os olhos, tentando afastar a tensão que subitamente surge

entre meus olhos, e não os abro novamente até chegarmos ao estacionamento lateral da Notre-Dame. Meu estômago revira, sabendo que Cade está lá dentro, minha boca fica seca e meu coração dispara.

Cade também está tendo problemas para se concentrar? Ou talvez isso seja normal para ele. Estar sob o disfarce de padre e depois atacar mulheres inocentes.

O ciúme perfura meu peito ao pensar nele compartilhando o que temos com outra pessoa e, pela primeira vez desde que tudo isso começou, finalmente sinto nojo.

Mas estou enojada comigo *mesma* por querer me sentir especial. Por querer ser a única. Por desejar um homem que é a verdadeira definição de proibido e não é melhor do que qualquer outra pessoa na cidade que me xinga.

A porta do carro se abre e uma mão aparece me ajudando. E então os dedos de Parker agarram minha cintura e eu o sigo para dentro, me perguntando, como quando eu era uma garotinha, se Deus vai me derrubar.

Capítulo 28

Cade

Amaya está na missa hoje. Eu a vi no segundo em que fui até o altar, antes de proferir uma única palavra da homilia.

Eu a *sinto* tão seguramente quanto O sinto.

Fico com raiva por ela estar aqui com Parker e não por minha causa. Que eu pedi que ela aparecesse no último mês, e bastou outro homem para que ela aparecesse.

Um pecador fingindo ser santo.

Assim como eu.

Ela está sentada em um banco ao lado do noivo, e olho ao redor, procurando por Quinten, mas não o vejo.

Quando leio o Antigo Testamento, ela coloca a mão na de Parker e eu tropeço nas palavras e desvio os olhos. Não posso me permitir a distração. Aqui não. Não agora.

Mas *não* olhar é como separar dois ímãs.

Tenho bastante sucesso em evitar até a hora de tomar a comunhão, e então meus olhos voltam para ela, sempre de volta para ela, enquanto ela fica no banco e repete as palavras em minha língua.

Pai nosso que estás nos céus, santificado seja o teu nome. Venha o teu reino

Seja feita a tua vontade, assim na terra como no céu. O pão nosso de cada dia nos dá hoje e perdoa as nossas ofensas

assim como perdoamos aqueles que nos ofenderam e não nos deixemos cair em tentação, mas nos livrarmos de todo o mal.

Sua boca acaricia as vogais como seda, me lembrando de como elas se separaram em um O perfeito, repetindo meu nome repetidas vezes nas últimas noites enquanto eu a observava pela janela.

Minha ira cresce.

Quando chega a hora da Comunhão, ela se move com os demais para ficar na fila, a mão de Parker apertando a dela enquanto ele a arrasta.

Minha inveja floresce como uma erva daninha.

— Este é o Cordeiro de Deus que tira os pecados do mundo. Felizes aqueles que são chamados à Sua ceia. — As palavras ecoam nas altas paredes em arco da catedral.

— Senhor, não sou digno de te receber, mas apenas diga uma palavra e serei curado.

Ela não repete a frase com todo mundo.

No momento em que ela e Parker me alcançam, minha cabeça lateja e minha mente está atordoada, furiosa por ela ter infectado até mesmo a mais sagrada das cerimônias com sua presença. Talvez ela não ter aparecido antes tenha sido um presente, me mantendo longe desse ciclo interminável de tortura.

Parker inclina a cabeça enquanto fica na minha frente, mas de repente, não é o suficiente.

— Ajoelhe-se, criança, — minha voz explode.

Ele levanta o olhar, olhando ao redor quando o silêncio dura apenas o tempo suficiente para ser desconfortável. Levanto uma sobrancelha e lentamente ele se ajoelha.

Amaya fica inquieta atrás dele.

Eu levanto a Hóstia. — O corpo de Cristo.

— Amém, — ele responde, abrindo a boca.

Meus lábios se contraem ao vê-lo tão submisso aos meus pés, e ele termina sua comunhão antes de se levantar rapidamente, lançando-me um olhar cruel antes de retornar ao seu banco.

E então é a vez de Amaya.

Eu ouço os sussurros, pessoas obviamente nervosas por ela estar aqui, mas eu os ignoro, focado apenas nela, me perguntando o que ela fará.

Nossos olhos se cruzam e meu pau se contrai, meu peito torce quando ela lentamente se ajoelha. Minha boca seca e meu corpo treme fisicamente com a força necessária para não estender a mão e tocá-la.

Repito o mesmo movimento de antes, segurando a Hóstia. — O corpo de Cristo.

A língua de Amaya desliza pelo lábio inferior, algo escuro e delicioso brilhando em seu olhar, e meu estômago revira de excitação.

— Amém, — ela sussurra. Seus lábios se abrem até que posso ver a superfície rosada e úmida de sua língua, e ela estica o pescoço, oferecendo a boca, como um convite.

Meus dedos tremem quando estendo a mão, colocando o pão em sua língua, e demoro um segundo a mais, permitindo que seus lábios rocem

minha pele enquanto ela os fecha. Respiro profundamente em meio ao desejo, raiva misturada com luxúria, furioso por ela se atrever a me tentar dessa maneira na frente da paróquia. Furioso por ela estar desviando minha atenção Dele. Excitado que ela teria a ousadia. A parte mais doente de mim não se importa com os outros aqui. Aposto que se eu exigisse, ela me chuparia na frente de todos, absorvendo meus pecados enquanto eu os cobria com sua língua.

E então ela se foi, e eu fiquei para trás, repetindo o movimento com centenas de outras pessoas enquanto desejava poder me concentrar em apenas uma.

Um pensamento assustador, porque me obriga a encarar a verdade.

Se ela fosse contra Deus, ela poderia sair vitoriosa. Minha fé me mantém aquecido, mas ela queima como chumbo derretido.

Ela será minha ruína, porque sou apenas um homem e, para ela, sou fraco.

Estou esperando Amaya em meu escritório na manhã seguinte.

Ela está dez minutos atrasada, e cada segundo que passa é mais uma onda de irritação crescendo dentro de mim. Não fui à janela dela ontem à noite, com muito medo de que, se fosse, ela estivesse esperando, de que eu não ficasse do lado de fora depois da tortura da missa.

E para ser totalmente honesto, estava com muita dor.

Os ferimentos nas minhas costas estão piores do que nunca, e assim que terminar aqui, irei para as Montanhas Verdes para ver a irmã

Genevieve. Ela é a única que sabe e a única que pode ajudar.

Há uma batida na porta do escritório, a maçaneta gira quando Amaya entra.

Minha raiva não cessa.

Imediatamente, coloco as mãos nos bolsos, como sempre faço perto dela. No início era para não estrangulá-la na frente dos outros, mas agora é para não tocá-la. De reivindicá-la como minha quando ela não é minha para reivindicá-la.

Ela parece diferente. A coisa mais linda que já vi, mas *diferente*. Seu cabelo negro está puxado para trás em um coque liso, sem uma mecha fora do lugar. A saia lápis preta para logo abaixo dos joelhos, mas emoldura suas curvas de uma forma que faz meu corpo pulsar de desejo. Salto vermelho nos pés perfeitos e pérolas no pescoço delicado, com uma pedra verde que reflete a cor dos olhos. Isso me lembra o grande que ela usava quando era Esmeralda, e me pergunto se isso é de propósito.

Ela é toda linhas finas e bordas personalizadas. O padre em mim aprova.

É uma roupa perfeitamente respeitável para enfeitar os corredores desta igreja.

Isso me enfurece.

Eu quero minha Amaya selvagem e livre.

— Vejo que Parker não perdeu tempo em vestir sua nova boneca, — zombei.

Ela olha para mim, fechando a porta e balançando a cabeça. — Você deve ser o pior padre da história da Igreja Católica.

Avanço até estar a centímetros de distância e ela recua para trás, pressionando as mãos contra a parede. Paro um pouco antes de tocá-la, levantando os braços de cada lado de sua cabeça, prendendo-a. Mergulhando, meu nariz corre ao longo de seu pescoço, respirando o calor de sua pele. — Oh, *petite pécheresse*. Quem disse que eu era bom?

Ela engasga e eu recuo rapidamente, uma dor aguda escorrendo pelas minhas costas devido ao movimento repentino.

— Acho que precisamos estabelecer alguns limites, — ela finalmente diz. — Você pode começar se desculpando.

Rindo, passo a mão pelo rosto. — Por? Eu não fiz nada, exceto ser fraco por *you*.

Sua boca se abre. — Então isso é *minha* culpa?

Eu levanto meus braços para os lados. — Certamente não é minha.

Ela balança a cabeça lentamente. — Ok.

Seu corpo fica imóvel e ela murmura algo baixinho.

Meu coração bate contra meu peito e eu me endireito. — O que você está fazendo?

Ela espia pelo olho esquerdo antes de fechá-lo novamente. — Shh. Estou trabalhando.

Os pelos dos meus braços se arrepiam e os rumores da cidade sussurram no fundo da minha mente.

Ela é uma bruxa.

Enfeitiçando todos que ela conhece.

O pânico faz minha garganta inchar.

— Pare com isso, — eu exijo.

Ela abre os olhos e se aproxima, me inspecionando da cabeça aos pés.

— Funcionou?

— *O que funcionou, sua mulher irritante?*

— Você se sente diferente? — ela pressiona.

Estou me inclinando para frente e segurando seus braços com força antes que possa me conter. — Você me enfeitiçou?

Ela ri, jogando a cabeça para trás, moldando seu corpo em mim, do peito até os quadris.

— *Jesus Cristo*, — ela diz. — Você é tão ruim quanto o resto da cidade. Um conselho, *padre*. Não deixe a superstição governar sua vida. Isso pode acabar matando você.

Carrancudo, eu a solto, recuando e passando a mão pelo meu cabelo já desgrenhado. — *Não amaldiçoe na minha presença.*

— Eu farei o que eu quiser, — ela retruca.

Belisco a ponta do nariz, fechando os olhos, o temperamento com o qual lidei durante toda a minha vida batendo contra meu interior como um aríete. Quando os abro novamente, vejo um flash de dor no rosto de Amaya.

E ver a dor ali, por mais passageira que seja, drena a raiva até que ela mal esteja lá, sussurrando ao fundo.

Meu peito se contrai e se contorce, meu coração parece estar se partindo ao meio, e lateja tão intensamente que minha mão se estende para esfregar a dor.

Eu não gosto de machucá-la.

Minhas sobrancelhas se franzem quando aceito essa nova sensação. Com esse... poder que ela tem sobre mim, mais forte do que eu sabia que ela possuía.

Passando a mão pelo meu cabelo, solto um suspiro, meus olhos passando entre os dela, procurando por... *alguma coisa*.

Estendo a mão e agarro sua nuca, puxando-a ainda mais para perto de mim, sua cabeça inclinada para cima e sua boca se abrindo em um suspiro. O fogo queima onde nos tocamos, minhas entranhas sendo incineradas pelo que quer que seja que existe entre nós.

— Sinto muito, — eu digo.

Seu olhar se arregala e eu descanso minha testa contra a dela, meu maxilar apertando enquanto tento, e não consigo, manter minhas emoções sob controle.

— Você está me ouvindo, Amaya Paquette? Sinto *muito* pelo que disse. Por machucar você.

— Você quis dizer isso? — ela sussurra, seus olhos se fechando.

— No momento? Eu ataquei para lhe causar dor, para mantê-la afastada. Para tentar entender tudo o que você me faz sentir. — Engulo em seco, minha boca fica seca. — Porque *isso*? Isto é impossível. *Somos* impossíveis.

Suas bochechas coram e ela olha para baixo, libertando-se do meu aperto e puxando a bainha da saia.

Quero agarrá-la novamente, senti-la sob minhas mãos, dizer-lhe que observá-la com Parker me deixa *doente*, mas em vez disso, encontro uma resolução dentro de mim.

Eu já a machuquei o suficiente. A responsabilidade para aqui. Não

posso matá-la, tenho mais certeza disso agora do que nunca, mas posso aliviar nosso sofrimento. *Eu poderia sair de Festivalé.*

— Se você quiser trazer roupas normais para vestir quando estiver aqui, não direi, — digo, afastando-me até que haja um amplo espaço entre nós.

Sua cabeça se levanta, surpresa clara em seu rosto. — Obrigada. Gostaria disso.

Cerro os dentes e aceno com a cabeça.

— Então o que fazemos agora? — ela pergunta, olhando em volta.

— Bem, eu deveria estar *ensinando* você, *petite pécheresse*. Mas acho que isso não me interessa muito. Prefiro aprender sobre você. Conte-me sobre sua mãe.

Capítulo 29

Amaya

Cade Frédéric me dá um chicote. Num segundo, ele é dominante e perigoso, mascarando sua alma sombria e torturada com sua devoção à igreja, e no próximo, ele é alegre e quase... normal.

Como Jekyll e Hyde, mudando de personalidade com o interruptor de uma luz.

Ele é legal com Quinten, então é mau comigo.

Ele me fode com os dedos em sua casa, depois me chama de puta e me trata como sujeira no sapato dele.

E mesmo que o seu “sinto muito” não compense o que ele me fez sentir, é mais do que eu esperava que ele desse. E eu sei que é genuíno.

Mas a pergunta dele sobre minha mãe parece muito próxima. Muito pessoal. E depois de tudo que estamos passando, depois dele dizer que somos impossíveis, o que eu sei que somos, não posso ir lá com ele. Então eu ataquei em vez disso. — Com quantas outras mulheres desavisadas você finge ser um homem de Deus e depois se aproveita?

Assim que digo as palavras, o ar muda e eu fecho os olhos, esfregando os lábios e desejando com todas as minhas forças poder absorver as palavras de volta. Esqueço o quão perigoso ele pode se sentir, como é uma coisa tangível no ar, tão pesada que posso estender a mão e tocá-la.

Cade se endireita como uma tábua, seu corpo rígido como uma caixa de surpresas esperando para estourar.

Os nervos dançam em meu estômago. — Eu não quis dizer...

Ele se move tão rápido que o vento sopra em meu cabelo e sou forçada a recuar até ficar praticamente encostada no sofá, com o pescoço dobrado sobre o braço. Fios de sua energia se enredam com os meus, açoitando minha pele como ondas quebrando ao longo da costa.

— Você não quis dizer *o quê, petite pécheresse*? Você não teve a intenção de lançar acusações infundadas contra um homem sobre o qual você nada sabe? — Os cabelos da minha nuca se arrepiam.

— Elas não são infundadas, — murmuro, porque... quem *porra* sabe por quê? Claramente, tenho um talento especial para a auto-sabotagem. Estou incentivando-o, mas não consigo me conter, querendo ver até onde posso pressioná-lo. Pelo menos se ele estiver com raiva de novo, ele não vai querer saber sobre minha mãe.

Seus braços sobem de cada lado da minha cabeça, as veias de seus antebraços flexionam, e por causa da forma como meu cabelo está espalhado atrás de mim, quando ele pressiona com as palmas das mãos, ele puxa os fios. Reprimos um gemido com a pontada aguda de dor e percebo, com uma percepção doentia, que mesmo quando ele me assusta, ele me excita.

Sua respiração atinge meu pescoço. Um centímetro mais perto e estaríamos alinhados.

— Como alguém pode me culpar? — ele murmura. — Sou *um* homem de Deus, mon trésor, mas ainda sou apenas um homem.

Meu coração bate forte no peito, meus pulmões se apertam até que

minha respiração fica ofegante e curta.

E eu espero. Espero que ele me toque. Me beija. Me machuque.

Algo.

Só que isso não acontece.

Em vez disso, ele recua e se senta no lado oposto do sofá, passando a mão pela frente da camisa como se não estivesse a poucos segundos de arruinar minha vida.

— Então voltamos a ser minha culpa? — Eu me levanto para sentar.
— Eu não forcei você a vir até minha janela à noite, Cade. Na verdade, eu deveria estar correndo para as montanhas porque você faz isso.

— Nós dois cometemos erros. — Ele balança a cabeça. — E nós dois fizemos coisas que não deveríamos ter feito.

— Que resposta evasiva, — eu zombei.

Ele me lança um olhar de desaprovação. — Acho que precisamos de um novo começo, não? Talvez... amigos.

Minha reação imediata é discutir, porque ele me deixa nervosa e porque *não*, não quero ser amiga dele. Não tenho certeza se posso ser. Mas quanto mais deixo ruminar, mais faz sentido.

É como ele disse...somos impossíveis. Seja o que *for*, não trará nada além de dor.

Amigos.

— Tudo bem, — eu concordo. — Amigos.

Ele sorri, seu corpo relaxando na almofada do sofá. — Então, *amiga*, conte-me sobre sua mãe.

Suspirando, eu me inclino para trás. Estou cansada demais para continuar lutando e, para ser honesta, com muito medo de que, se alimentar minha raiva, ela se transforme em outra coisa. Algo que me faz sentir e confunde os limites dessa nova fronteira que estamos estabelecendo.

— Você primeiro, — eu respondo.

Não há nada que eu queira menos fazer do que falar sobre minha mãe, mas quero *saber* sobre ele. Se eu pudesse, cavaria dentro de seu cérebro e cavaria um pequeno buraco onde pudesse viver enquanto folheava todas as suas memórias.

Ele passa a mão pelo cabelo preto escuro, suas mãos masculinas flexionando com o movimento.

Mordo o interior do lábio para não reagir do jeito que quero.

Amigos.

— Eu nunca conheci minha mãe.

Eu franzo a testa. — E seu pai?

— O mais próximo que já tive de uma família foi uma freira chamada Irmã Agnes, que preferia que eu morresse por causa de uma de suas surras a ocupar um espaço em seu orfanato.

Ele diz isso com tanta indiferença, como se estivesse me contando sobre o tempo, mas reconheço a dor em sua voz da mesma forma que sinto na minha. E por causa disso, a empatia me atinge bem no peito. Eu sei o que é se sentir indesejado. Como se você fosse uma praga para a pessoa que deveria se importar.

— Vou ser sincera, não esperava que você dissesse isso, — brinco, tentando arrancar um sorriso.

Seus lábios se curvam para o canto, tão infantis e inocentes que quase parecem deslocados.

Decido que gosto da aparência dele e quero vê-lo novamente. — Então você foi criado em um orfanato, sem amigos, sem família?

— Isso mesmo. — Ele concorda.

— O que fez você se tornar padre?

Ele faz uma careta, balançando a cabeça. — Eu respondi sua pergunta. Agora você responde a minha.

Eu me encolho. — Eu tenho?

— Oui. Isto é apenas um tête-à-tête.

Engolindo em seco minha garganta repentinamente seca, eu desisto.

— Minha mãe era... problemática.

— Problemática como? — ele questiona.

— Ela me teve jovem. — Dou de ombros. — E acho que às vezes, quando isso acontece, você não tem a chance de crescer antes de criar outra pessoa. Acho que a fodi de várias maneiras. A deixei amarga e irritada.

O rosto de Cade escurece. — Ela machucou você?

Eu sorrio para ele, a emoção obstruindo minha garganta. — Depende da sua definição de dor.

— Onde ela está agora?

Eu rio, passando a mão pelo meu cabelo, estremecendo quando ele fica emaranhado em um nó. Pego a ponta e começo a torcê-la entre os dedos. — Seu palpite é tão bom quanto o meu. No que me diz respeito, ela

está morta.

— Onde está o pai de Quin?

Chupando os dentes, levanto um ombro. — Não tenho certeza se ela sabia quem era. Pelo menos ela nunca me contou, mas também nunca me contou sobre *meu pai*.

— Conte-me mais alguma coisa sobre ela, — ele insiste.

Meu coração aperta. — Ela tinha mau gosto para homens.

— Algo que parece ser de família, não?

Zombando, estendo a mão e bato no peito dele sem pensar duas vezes, um largo sorriso se espalhando pelo meu rosto. — Você está falando sobre você ou Parker?

Ele ri, agarrando minha mão e segurando-a contra ele. Posso sentir o calor de sua pele através de suas roupas. Quase consigo distinguir os peitorais definidos, duros como uma pedra sob meus dedos.

— Infelizmente, mon trésor, estou falando de ambos. Parker é...

Eu aceno para ele, puxando minha mão para trás e ignorando a forma como meu estômago embrulha quando eu faço isso. — Você não precisa me dizer o que Parker é. Eu já sei.

Ele balança a cabeça, seus dedos roçando seu maxilar.

— Isso é legal, — eu admito. — Essa coisa toda de amigos. Cada sessão individual será assim? Não é realmente o ensino que eu esperava, vou ser honesta.

— Por que você está se casando com ele? — ele pergunta de repente.

Minha boca se abre. De tudo que ele poderia perguntar, eu não tinha

me preparado para isso. Bobo, realmente. A resposta deve estar preparada e pronta para deslizar pela minha língua como uma mancha de óleo. Não contei a ele sobre a investigação, que sou uma pessoa de interesse e estou com medo de que isso se transforme em algo mais. E as autoridades fizeram um trabalho incrível em manter isso fora dos noticiários, embora eu suspeite que Parker também esteja envolvido nisso. Encontro os olhos de Cade. — Porque eu posso.

Alguém bate na porta.

Meu estômago afunda com a interrupção, e cai no chão quando Cade diz para entrar e Parker entra na sala.

— Senhor Errien, — Cade cumprimenta, cruzando a perna sobre o joelho oposto enquanto se inclina para trás.

— Padre, — Parker responde rigidamente. Ele se vira para mim. — Pronta para ir, doce menina? Sua sessão terminou há dez minutos.

— Não sabia que você viria me buscar, — eu digo, me levantando e ajustando minhas roupas. Elas são desconfortáveis, mas acordei com elas sendo entregues em mãos na minha porta e sabia que isso significava que deveria usá-las sem questionar.

Parker se aproxima, segurando meu queixo e me puxando para um beijo. Meu peito se comprime e eu congelo no lugar, não querendo que Cade veja Parker me reivindicar tão descaradamente. Seus lábios viscosos contra os meus parecem veneno, e flashes da primeira vez que ele forçou seu caminho para dentro da minha boca provocaram náusea em meu estômago.

— Vou levar você para minha casa hoje. Então falaremos sobre você se mudar. — Ele sorri.

Cade limpa a garganta ao nosso lado e se levanta. — Vocês dois não deveriam morar juntos até depois de se casarem. Não é adequado.

Eu reprimo a risada dele fingindo ser a polícia da moralidade do que é *apropriado*.

O rosto de Parker se transforma em pedra e ele se vira em direção a Cade. — Eu não estava perguntando. Estou lhe *dizendo* que ela vai morar comigo. Imediatamente. Estou aguentando todas essas outras besteiras, mas não permitirei que minha mulher durma em outro lugar que não seja minha cama. — Cade parece entediado enquanto pisca para Parker.

— E não pense que esqueci sua pequena façanha ontem durante a Comunhão, — continua Parker. — Fazendo-me ajoelhar como uma *vadia*.

Meus olhos se arregalam, a cabeça balançando para frente e para trás entre eles.

Cade sorri, apoiando o ombro contra a parede. — Não tenho ideia do que você está falando.

Parker estende a mão e agarra minha mão, me empurrando para frente em sua raiva e torcendo meu cotovelo. Eu estremeço e Cade se endireita, a diversão desaparecendo de seu rosto enquanto ele percebe onde Parker está me puxando para trás dele.

Balanço a cabeça levemente, implorando silenciosamente para que ele fique bem longe. Ele só vai piorar as coisas.

E quando Parker me arrasta para fora da sala e pelo corredor, tenho que me forçar a não olhar para trás.

Capítulo 30

Amaya

Dirigimos pelos próximos vinte minutos, até a periferia da cidade, onde as ruas da cidade se encontram com as estradas rurais. O maior dos edifícios de Parker fica lá, o *Errien Hotel* colado na fachada da bela arquitetura francesa, transformando-o em uma monstruosidade.

Não estive perto deste hotel desde que minha mãe desapareceu, determinada a ficar o mais longe possível, porque até recentemente, qualquer desculpa para *não* encontrar Parker era uma que eu teria usado. Paramos bem na frente, o carro diminuindo a velocidade até parar e a porta sendo aberta por um manobrista de terno preto com detalhes vermelhos. Sua mão enluvada de branco se estende para me ajudar a sair, e eu a aceito, sorrindo gentilmente enquanto saio do carro e me viro para olhar para o edifício gigante.

Parker agarra minha cintura enquanto me segue e empurra suavemente para frente, me levando através das portas da frente. Ele ignora a equipe ao seu redor e eles fazem o possível para ficar fora de seu caminho.

É um lindo hotel por dentro, e um pouco de desconforto toma conta de mim sabendo que Parker vive assim quando tantos outros ficam sem. Tecnicamente, acho que serei igualmente culpada. Já comecei a me acostumar com o carro sob demanda. Quanto tempo levará até que eu também ignore os funcionários e torça o nariz para outras pessoas?

Há um lustre tão grande quanto a minha sala brilhando no centro do hall de entrada, móveis forrados de ouro espalhados por toda parte, acentuados por grandes vasos transbordando de rosas brancas. O chão brilha com o reflexo da luz, e meus saltos estalam no mármore enquanto atravessamos o espaço. A recepção fica à nossa esquerda, e uma pequena fila de pessoas está esperando, mas contornamos todas elas, indo para um corredor à direita que se abre para uma frota de elevadores.

Entramos e Parker digita um cartão-chave no teclado, esperando até ouvir um bipe.

— Cobertura, presumo? — Eu digo.

— Garota esperta. — Ele levanta o cartão-chave. — Vou conseguir uma cópia para que você possa entrar e sair quando quiser.

Meu estômago revira, imaginando como Quinten se sairia em um hotel. Há muitas pessoas e pode haver muita interação, ambas além do que ele está acostumado.

Nós nos adaptaremos. Pelo menos estaremos juntos.

O elevador apita e as portas se abrem diretamente para uma grande entrada de mármore que leva a uma espaçosa sala de estar. Entro, seguindo Parker e observando os arredores, tentando imaginar minha vida aqui.

É legal, mas tem linhas simples e móveis monocromáticos, e não consigo me ver em nenhum lugar deste lugar, não importa o quão difícil seja.

Eu tento.

— Você pode dizer que era solteira. — Eu sorrio, porque não sei mais o que dizer.

Ele me ignora, sua atenção voltada para o celular em sua mão, como sempre acontece. Eu me pergunto se é trabalho ou se Florence está roubando sua atenção.

— Tenho um estilista que vem medir você e substituir seu guarda-roupa, — ele observa sem olhar para cima.

— Ok.

Ele faz uma careta para a tela e a coloca de volta no bolso, os saltos de seus sapatos pretos engraxados batendo no chão de madeira enquanto ele caminha em minha direção. Ele levanta meu queixo e espero sentir *alguma coisa*. Uma faísca ou um flash ou algo que me dá esperança de que talvez esse casamento não seja tão ruim quanto parece.

Mas não há nada. Nada, exceto a auto-aversão por me casar com o homem que tirou minha virgindade à força e o medo pelo que sei que ele pode fazer. Não importa o quão grata eu esteja tentando ser por ele estar aqui agora e me ajudando a sair de uma situação de merda. — Você é minha agora, doce menina. Você precisa ter uma aparência adequada. — Mordo a língua em vez de responder do jeito que quero.

Ele passa por mim. — Tenho uma reunião, então fique confortável aqui e depois use o carro pelo resto do dia.

Concordo porque, honestamente, gosto do carro. É bom não ter que pegar o ônibus e melhor ainda ter um transporte confiável para levar Quinten da escola e depois para a terapia e voltar.

— Ei, Parker?

Ele faz uma pausa e olha para mim.

— Há alguma atualização? Você sabe... sobre o caso? — Eu realmente não quero perguntar. Tem sido bom fingir que isso não existe, mas evitar

só funciona por um certo tempo, até que os pensamentos intrusivos corroem o meio do meu peito. *Não* saber o que está acontecendo pode me deixar louca.

Seus lábios são finos. — Jason está lidando com as coisas como eu já lhe disse. Se você ainda não ouviu, então ainda está limpo.

Meu peito relaxa um pouquinho e solto um suspiro de alívio.

Seus olhos suavizam e ele volta em minha direção, inclinando-se e pressionando seus lábios rachados nos meus. — Doce menina, eu peguei você. Ninguém vai fazer nada enquanto você me tiver. — Meu estômago revira, mas afasto o nojo.

— Você é apenas uma pessoa de interesse. Eles provavelmente arrastaram uma dúzia de outras pessoas junto com você. — Ele afasta o cabelo do meu rosto e eu aceno, optando por acreditar nele.

Três horas depois, peguei Quinten na escola e o levei para sua terapia, suas gargalhadas flutuando pela porta enquanto eu estava sentada na sala de espera, meu polegar girando o anel de diamante em volta do meu dedo.

Não faz muito tempo que meu mundo virou de cabeça para baixo, mas quando penso onde estava há algumas semanas, parece uma vida diferente.

— Amaya, oi.

Viro-me na cadeira, ficando cara a cara com Abby, a diretora da terapia de Quinten.

— Ei, Abby. — Eu sorrio.

— Você já teve a oportunidade de ligar e falar com seu seguro?

Suas palavras fazem meu estômago embrulhar, principalmente por hábito. Não deveria haver nenhum problema agora, mas me sinto uma merda por nem pensar em cuidar disso até este segundo, quando sou lembrada.

Parker cuidará disso se eu pedir. *Eu penso*. É um hábito entrar em parafuso sempre que coisas assim surgem, e levará algum tempo para me acostumar com o fato de ser de outra forma.

— Eu não tive, — eu digo.

Abby franze a testa.

— Mas, — eu corro. — Qualquer coisa que o seguro não cubra, pagarei do próprio bolso.

Não tenho certeza se esse é realmente o caso, mas isso vai tirá-la do meu pé até que eu consiga trazer Parker aqui para ajudar a acalmar as coisas. Ou ele pagará, ou talvez, quando nos casarmos, eu entrarei no seguro dele, o que permitiria que um mundo totalmente novo se abrisse para Quinten em termos de terapia.

Giro o anel no dedo novamente. — Estou passando por algumas mudanças em minha vida.

Abby olha para o diamante, arregalando os olhos antes de sorrir para mim. — Uau! Parabéns.

Sua óbvia aprovação me deixa enjoada. Quero estender a mão e sacudi-la, gritando que não é algo para comemorar. Mas quando Quinten abre a porta e sai da sala, tudo cai, e eu sorrio, lembrando *por que* estou fazendo o que estou.

Quinten merece o melhor e quero estar aqui para compartilhar isso com ele.

— Eu não quero ser um incômodo, — Abby continua, desviando minha atenção. — Eles estão apenas respirando no meu pescoço e sempre que tento resolver as coisas com eles, não chego *a lugar nenhum*. — Seus olhos se voltam para Quinten, que está envolvendo os braços em volta das pernas de Gabby. — Eu odiaria ter que interromper suas sessões.

Concordo com a cabeça, embora pareça que ela está me castigando. Como se de alguma forma fosse *minha* culpa que o seguro fosse uma porra de uma farsa e eu não pudesse pagar pelas coisas que ele precisa. — Eu cuidarei disso.

Pegando meu telefone, menciono o nome de Parker.

Eu: Ei, posso falar com você mais tarde
sobre a terapia do Quin? Há um
problema com o seguro dele e preciso
da sua ajuda.

Olho para a tela, meu polegar pairando sobre Enviar, a náusea subindo pelo meu esôfago e queimando o fundo da minha garganta.

Com que rapidez passei de não querer nada com Parker a depender dele para quase tudo. Do jeito que ele sempre quis.

Mas tempos desesperados exigem medidas desesperadas.

Tenho me agarrado ao pequeno pedaço de poder que senti quando estava com Cade, mas agora ele se esvai completamente, minha vida fica à mercê do intermediário, abrangendo dois mundos. O que *foi* a vida e o que está *prestes a ser*.

Meu telefone vibra na minha mão e olho para baixo, com a esperança

crescendo em meu peito de que seja Parker ligando para cuidar da questão do seguro imediatamente. Fico desapontada quando vejo o nome do meu antigo chefe, *Phillip*, piscando na tela.

Eu me encolho, sabendo que deveria responder. Tecnicamente, ainda não saí de Chapel e, embora possa entrar quando quiser, já que nunca houve um horário definido, sei que ainda devo dizer a ele que cansei totalmente de trabalhar lá.

Só que eu não *quero*. Primeiro, gosto de dançar lá e acho que agarrar-me a essa possibilidade me dá uma sensação de controle, como se talvez houvesse alguma maneira de manter a conexão pelo maior tempo possível. Apenas no caso de. E segundo, no segundo que eu contar ao Phillip, ele revogará o acesso ao seu estúdio. E agora, mais do que nunca, meu corpo anseia pela liberação mental e física do pole.

Se eu perder isso, o que mais tenho só para mim?

Quinten salta até mim, tirando-me dos meus pensamentos, e é seguido por sua terapeuta, Gabby.

— Você se divertiu com a Srta. Gabby? — Quinten me diz, ficando na ponta dos pés.

— Eu me diverti com a senhorita Gabby. Você se divertiu? — Eu concordo.

— Você se divertiu? — ele papagaia. — Eu me diverti.

Olho ao redor procurando por Abby para tranquilizá-la mais uma vez, mas ela se foi. Ela deve ter fugido quando eu estava olhando para o meu telefone, perdida em pensamentos.

Enquanto Gabby me conta o que ela e Quinten trabalharam, Quinten se afasta, ficando na frente de um menino que está sentado nas cadeiras

contra a parede, com as pernas puxadas para cima e seu olhar amplo e cauteloso, acompanhando cada movimento de Quinten..

Eu pulo, me despedindo de Gabby e pegando o boné, o moletom e os fones de ouvido de Quinten antes de ir até onde ele está.

— Você está pronto para ir, cara? — pergunto, ficando ao lado dele. Olho para o menino e sua mãe. — Oi.

— Oi, — Quinten repete para eles, depois olha para mim.

— Você quer dizer oi, querido? — a mãe estimula.

Seu filho pisca, encolhendo-se ainda mais. Coloco minha mão na frente do rosto de Quinten para que ele veja o que está acontecendo e então agarro seu braço, puxando-o suavemente para trás.

— Ele é tímido, — explica a mãe rapidamente.

Engulo em seco a emoção repentina que obstrui minha garganta. São sempre pequenas coisas como esta que me pegam desprevenida. Coisas que antes de Quinten, eu nunca teria pensado duas vezes, mas agora... meu coração dói com o que aquela mãe deve estar sentindo, feridas fantasmas de todas as vezes que *senti* isso pulsando contra meu peito.

As emoções incompatíveis que a rasgam em duas por sentir a necessidade de explicar o comportamento do filho e por sentir culpa por pensar que ela *tem* que explicar isso em primeiro lugar.

Já estive lá mil vezes com Quinten.

É uma sensação de merda, e só nos últimos dois anos eu reconheci que literalmente não importa o que os outros pensam, desde que Quinten esteja feliz e saudável.

Fodam-se eles.

— Ele é perfeito, — respondo, sorrindo. — Quin aqui demorou anos até chegar a um metro e meio de alguém. Seu garoto deve ter ótimas vibrações.

Os ombros da mãe relaxam visivelmente e ela sorri. — Esta é a primeira sessão de Stefan aqui.

Balanço a cabeça em compreensão. — Ele está em boas mãos, mamãe.

— Boas mãos, mamãe. — Quinten pula, seus dedinhos estendendo-se e agarrando minha palma. Eu sorrio para ele e o puxo em direção à porta, parando antes de sairmos e fazendo a mesma rotina que fazemos toda vez que saímos. Primeiro o moletom, depois o casaco. Gorro na cabeça e finalmente cobrindo os ouvidos com fones de ouvido iluminados e com cancelamento de ruído.

Saímos até o carro onde o motorista de Parker, que tenho certeza que foi submetido a instruções estritas para nem *olhar* para mim, espera com a porta aberta e um queixo severo.

Quinten entra, olhando de soslaio para o homem, e depois olha para mim com um sorriso. Meu estômago revira, sabendo que preciso explicar a ele que estamos nos mudando. Achei que tinha tempo, mas agora que Parker quer que nos mudemos antes do casamento, não tenho. Alguns dias no máximo.

Logo, decido, observando-o percorrer seu aplicativo, seus fones de ouvido iluminando o interior do carro com uma explosão de arco-íris.

Vou contar a ele em breve.

Capítulo 31

Amaya

— Para a igreja, por favor, — digo ao motorista, puxando Quinten atrás de mim e enfiando meio bagel de café da manhã na minha boca.

É o primeiro dia de ensaio para a peça do Festival dos Tolos e estamos correndo para chegar a tempo.

— Você está animado para a peça, Quin?

Ele salta no banco, olhando pela janela, e eu sorrio, aliviada por estar fazendo algo certo. Se não por mim, pelo menos por ele.

O carro segue pelas ruas e eu espio através do vidro fumê, observando as pessoas tentando olhar para dentro. Sinto-me culpada por estarmos aqui e eles lá fora, e não há nada que eu possa fazer.

Se eu mantiver as coisas bem com Parker, talvez um dia isso aconteça. É o que decidi dizer a mim mesma para tornar minha decisão mais suportável. Se eu for casada com o “rei do Festivalé”, terei mais poder para fazer alguma coisa.

Paramos na frente da Notre-Dame e meus nervos aumentam quando o carro diminui a velocidade até parar. Há uma boa chance de eu estar prestes a ver Cade. Depois da nossa conversa em seu escritório, há dois dias, tive quase sucesso em não pensar nele. Pelo menos não quando está claro lá fora. À noite, ainda observo e espero, a decepção permanece como uma pedra em minhas entranhas quando ele não aparece.

A praça principal está decorada para os feriados, guirlandas verdes e laços vermelhos por toda parte, como o Natal, espalhados pela cidade. Quinten está praticamente vibrando ao meu lado, seus dedinhos segurando os meus enquanto nos aproximamos dos degraus da catedral, as gárgulas me julgando com seu olhar pétreo.

Eles sempre me assustaram, mas Quinten corre direto para eles, agachando-se ligeiramente e pulando no ar.

— Olá, gárgulas! — ele cumprimenta e depois se vira para mim. — Você disse oi para as gárgulas?

Aproximo-me, sorrindo. — Ei, gárgulas.

— Gárgulas são protetores espirituais, — diz ele. — Eles afastam demônios e espíritos malignos. Uma gárgula é esculpida com um bico projetado para transportar água de um telhado e para longe da lateral de um edifício.

Balanço a cabeça, me perguntando o que ele assistiu que lhe ensinou esse roteiro. É realmente um superpoder o modo como ele consegue ouvir algo uma vez e depois recitá-lo palavra por palavra. Seu cérebro é uma riqueza de conhecimento, fatos aleatórios e informações apenas esperando para serem reveladas. Sua mente é um cofre, armazenando cada fato e linha e mantendo-os lá para um dia chuvoso.

Ele está radiante agora, a ponta do nariz tão rosada quanto suas bochechas, e quero agarrá-lo em meus braços e reprimir sua emoção para que eu possa sentir isso sozinha.

— Amaya. — Lydia, supervisora de Quinten na escola, sorri ao se aproximar.

— Ei, Lída. — Eu sorrio de volta. Ela originalmente não iria estar

presente, mas eu insisti, sabendo que ela é a única que realmente *entende* Quinten e o conhece neste ambiente ainda melhor do que eu. — Muito obrigada por fazer isso.

Ela me acena, andando direto até Quinten e agarrando sua mão. — Por favor, é um prazer. — Seu sorriso enruga os cantos dos olhos enquanto ela olha para ele. — Vamos entrar e ver do que se trata. O que você me diz, Quin? — Ele acena com a cabeça e eles fogem juntos.

Eu franzo a testa quando percebo que eles me deixaram parada aqui como as estátuas de pedra das quais estou ao lado. Eu esperava poder estar lá com ele, mas acho que provavelmente é melhor não estar. Quinten tem tendência a se distrair comigo e ficar perto em vez de explorar. Eu só... não sei o que fazer enquanto espero.

Meus olhos se voltam para o caminho nos fundos da igreja que leva à casa onde Cade mora, mas rapidamente desisto dessa ideia.

Ridículo, Amaya. É dia. Provavelmente ele nem está lá.

Para ser honesta, não tenho ideia do que um padre faz além dos cultos dominicais e da confissão durante a semana.

Uma rajada de vento sopra em meu rosto e eu tremo, subindo os degraus e entrando no nártex, o calor me envolvendo como um cobertor quando entro. Imediatamente começo a vagar, lembranças de quando eu costumava vir aqui toda semana passando como um filme na minha cabeça. Ando pelos corredores onde ficam os escritórios, meu coração dispara enquanto finjo que *não* estou olhando pelas janelas em busca de um homem que sei que não vou encontrar.

As paredes bege e o carpete suave dos corredores dos fundos são tão diferentes da arquitetura gótica replicada na frente, fazendo com que pareça que quando estou aqui, estou abrangendo dois mundos diferentes,

um que me transporta para a bela história francesa e o outro que é simples e uma construção americana, construída rapidamente apenas para ficar pronta.

Quando chego às escadas que levam ao porão, continuo minha exploração, presumindo que não há problema, já que não há placas dizendo o contrário.

O corredor do porão está abafado, o ar um pouco úmido e o cheiro um pouco rançoso. É forrado de portas, algumas abertas e outras não, repleto de mesas e cadeiras em miniatura e placas removíveis nas paredes que especificam a faixa etária para qual quarto se destina. Olho para o mais próximo de mim, mas não há ninguém lá.

— Espiando pelas janelas, senhorita Paquette?

Meu coração pula na garganta e eu giro, pressionando minhas costas contra a porta enquanto fico cara a cara com Cade.

Merda.

Eu estreito meus olhos. — Não, esse é o seu trabalho.

Minha boceta aperta com a memória e minhas bochechas coram.

Amigos, Amaya.

Ele sorri, aquelas covinhas irritantes aparecendo, e ele olha para cima e para baixo no corredor antes de se aproximar. E agora ele está aqui. *Bem porra aqui* no meu espaço, fazendo meu estômago subir e descer como uma montanha-russa.

— Pensando em mim?

Eu engulo, minhas mãos pressionando firmemente contra a parede atrás de mim.

Ele me coloca muito nesta posição.

— Não, — eu sussurro.

Seus lábios estão tão próximos dos meus que se eu respirar muito pesado, eles se encontrarão. — Prove.

Há uma tensão crescendo entre nós, escorregando para o meio do meu peito e agarrando, puxando até doer. Saber que alguém poderia virar a esquina e nos ver deveria me deixar cautelosa, mas em vez disso, faz fissões de eletricidade dançarem pela minha espinha.

Meu corpo se inclina para o dele. — E se eu estivesse?

Seus olhos brilham, mas ele não nos deixa tocar.

— Me tentando de novo, *mon trésor*?

Balanço a cabeça, mordendo o canto do lábio porque estar cercada por ele é opressor. — Dissemos que seríamos amigos.

— Nós seríamos, — ele geme. — Melhores amigos, até.

E agora seus lábios passam pelos meus, tão leves que eu poderia ter imaginado o toque, mas deixa todo o meu corpo em chamas de qualquer maneira.

Estou a dois segundos de ceder, porque sinto que posso morrer se não o fizer, quando uma porta no final do corredor se abre e se fecha, passos leves seguindo o barulho estridente.

Nós nos separamos como se tivéssemos sido eletrocutados, e passo os dedos pelos cabelos, torcendo para não pareça muito fora de mim.

Meu pânico aumenta quando Florence Gammond vira a esquina, com os olhos cheios de suspeita ao ver nós dois juntos.

Capítulo 32

Cade

Sou um homem depravado e temo que não há cura.

E Amaya Paquette é uma mulher que tem muito mais maldade do que a média das pessoas. Ela tenta, atormenta e provoca, e então sorri e me faz esquecer por que devo ficar longe.

Agora aqui está ela na minha igreja, me provocando com mais. É verdade que vim procurá-la, sabendo que a escola está ensaiando no centro juvenil no fim do corredor.

Mas quando por *pouco* deixamos de ser pegos por alguém, a realidade volta.

Dou outro passo gigante para trás, a ansiedade aumentando meus nervos como luzes de Natal, envolvendo-me com tanta força que meu estômago dói.

Essa *obsessão* acabará e ambos poderemos seguir em frente de uma forma ou de outra. Já sei há algum tempo que meu monstro não pode matá-la, ele é tão obcecado quanto eu. Mas a outra ideia que tive enraizou-se completamente.

Pedirei ao Bispo Lamont que me transfira para outro lugar. E se ele discutir, talvez eu encontre outro lugar para ir, alguma outra coisa para fazer. Eles nunca precisaram de mim aqui de qualquer maneira. Na verdade.

A corrupção é abundante na igreja. As escolhas de Parker para ganhar dinheiro saem da boca do bispo Lamont, e não quero tomar parte nisso.

Além disso, se uma mulher simples consegue me enfeitiçar tão facilmente, talvez eu precise de mais reflexão interna do que imaginava. Como se andar pelas ruas e assassinar um homem por ciúme não fosse motivo suficiente.

Os atos podem saciar o monstro, mas deixam o homem por dentro ensanguentado e dilacerado.

Eu não me arrependo. Faria isso mil vezes novamente se tivesse a chance. Embora eu esteja surpreso por eles ainda não terem encontrado o corpo dele, e me pergunto se ele ainda está apodrecendo na lixeira atrás do trabalho dela.

O trabalho em que ela não estava ontem à noite quando fui observá-la.

Depois de perceber que não a encontraria, me forcei a voltar para casa em vez de para a casa dela, porque estava com medo de que ela estivesse lá me convidando para entrar. Eu havia estabelecido um limite para nos tornarmos *amigos* e sabia que nossos encontros secretos na janela o destruiriam pedaços.

Claramente, estar perto dela faz o mesmo.

Florence se aproxima e olha entre nós, seus olhos suavizando quando ela me vê.

— Padre Cade. — Ela estende a mão para agarrar meu braço.

Coloco um sorriso no rosto e aceno meu olá.

— Amaya. — Seu sorriso cai. — É triste saber que fui retirada de sua

defesa.

Minha coluna se endireita.

Defesa?

Amaya ri. — Tenho certeza que você está arrasada.

O olhar de Florence cai para as mãos de Amaya, e o meu segue, minha respiração saindo do meu peito quando vejo o diamante gigante brilhando em seu dedo.

Uma reivindicação.

De alguém que não sou eu.

Eu sabia que isso estava acontecendo, mas isso faz com que pareça mais real.

Florence sorri. — Vejo que você se tornou engenhosa. Quem é o infeliz?

O queixo de Amaya se ergue, um pouco de arrogância aparecendo em suas feições, como se ela estivesse feliz por poder esfregar isso na cara de Florence.

Como se ela estivesse orgulhosa de ser de Parker.

Algo queima no meu meio quando vejo a mudança.

Eu odeio que seja outro homem dando a ela essa confiança. Isso me deixa louco com a necessidade de caçar Parker e espancá-lo até a morte.

— Oh, você não sabia? — Amaya diz docemente, um sorriso doce e açucarado tomando conta de seu rosto. — Vou me casar com Parker.

A boca de Florence se abre, seus olhos se arregalam em alarme. — *Meu Parker?*

Eu inclino minha cabeça. *Interessante.*

Os olhos de Amaya brilham. — O primeiro e único. Eu sei que você teve uma *queda* por ele uma vez, então sem ressentimentos, espero.

Se eu tiver que ouvir qualquer uma delas desmaiar por causa de Parker por mais um minuto, vou enlouquecer.

— E por que você está aqui, Sra. Gammond? — Eu pergunto.

— Ajudando no ensaio. — Ela se aproxima. — É muito gentil da sua parte deixar as crianças praticarem aqui, padre. Você está dando vida a esta paróquia e é incrível de ver.

Eu cantarolo minha aprovação, suas palavras me acariciando com seus elogios. Mas é tudo besteira. Não fiz nada além de perseguir Amaya e me punir pelo pecado.

Ela olha de soslaio para Amaya. — Embora eu desejasse que fôssemos mais... *seletivos* sobre quem deixamos entrar pela porta da frente.

Amaya pisca para ela, depois se vira e vai embora sem dizer mais nada.

Tudo em mim quer seguir, mas algo que Florence disse me mantém no lugar.

Retirado da defesa de Amaya.

Sorrindo, coloco minha mão nas costas de Florence, conduzindo-a para a sala vazia. — Sra. Gammond, posso dar uma palavrinha?

Ela me segue sem esforço. — Claro, padre.

No momento em que entramos na sala, fecho a porta e me viro para encará-la. — O que você quis dizer sobre defesa?

Florence morde o lábio e parece desconfortável, transferindo o peso dos pés. — Eu realmente não posso dizer.

Eu rio, balançando a cabeça levemente e mudando minha tática. — Perdoe-me, eu só... se houver algo acontecendo no Festivalé, algo que eu precise estar ciente em relação a quem deixo entrar em nossa igreja... perto de nossos filhos, eu gostaria de saber.

— Se alguém souber que eu te contei, posso perder meu emprego.

— Considere isso uma confissão. — Eu me inclino para perto, franzindo a testa. — Seu segredo está seguro comigo.

Ela balança a cabeça lentamente. — Amaya foi instruída a não deixar o estado.

Minhas sobrancelhas se erguem, a surpresa me atingindo bem no peito.

— Por que?

— Porque ela assassinou Andrew Gleeson.

A declaração me choca e eu tropeço fisicamente para trás. — O que?

Ela assente. — Bem, *supostamente*. Ela não é realmente uma suspeita, mas é apenas uma questão de tempo. Eu fui a defesa do caso dela, mas ela claramente não gostou muito disso.

Florence ri e não consigo, de jeito nenhum, entender como *algo* sobre isso pode ser engraçado.

As memórias dos últimos dias piscam como um filme de destaque. A maneira como fui consumida pela raiva e matei Andrew com as próprias mãos, depois joguei-o naquela lixeira que é o lugar dele.

Como, algumas noites depois, Amaya apareceu na minha porta no

meio da noite, com os olhos vermelhos e marejados, e como, em vez de deixá-la falar, cedi à minha fraqueza e a prendi contra a parede.

Como no dia seguinte ela estava noiva.

O arrependimento corre pelas minhas veias como veneno.

Ela veio até mim primeiro.

E eu a rejeitei.

Capítulo 33

Amaya

Estou sentada em uma longa mesa de conferência no escritório de Parker, olhando para uma TV no topo da sala.

Parker está sentado à minha direita, com a mão nas costas da minha cadeira. Meu advogado Jason está do outro lado da mesa e, por algum motivo, Cade está aqui, pois estava com Parker quando cheguei.

Eu não queria que Cade soubesse de toda a história do assassinato, mas c'est la vie²⁰, eu acho. De qualquer forma, o gato já saiu da bolsa.

Já se passaram duas semanas e meia desde que Andrew morreu, e seu assassinato chegou ao noticiário hoje.

Há uma linda mulher na tela, com duas crianças pequenas com ela. Um é um menino com cabelos loiros e rebeldes e o outro é um bebezinho, que não deve ter mais do que alguns meses de idade. Um microfone é colocado no rosto da mulher, e alguém ao lado lhe entrega um lenço de papel para enxugar as lágrimas dos olhos.

Meu estômago está na garganta.

Andrew não era um homem importante, apenas um banqueiro de nível médio do centro de Coddington Heights, mas isso não importa. Drama é drama, e eles estão transformando isso em algo ainda mais grotesco do que eu jamais imaginei.

— *As semelhanças entre a morte de Andrew Gleeson e a de Candace*

Walker, uma mulher de Festivalé, são impressionantes. Mas existe uma conexão? Ou apenas coincidência? Por enquanto, o detetive responsável pelo caso diz que não tem certeza.

Deus, a maneira como meu pânico está me deixando em espiral.

Um serial killer.

Eles não podem *pensar* que sou eu.

Mas não era exatamente segredo que Candace e eu não nos dávamos bem, e tenho ligações com ambas as vítimas.

A TV muda da narração para a esposa de Andrew. — Só queremos saber o que aconteceu. Quem fez isso... — Ela passa o lenço sob os olhos e olha diretamente para a câmera. — Espero que você apodreça no inferno.

Sua voz falha e isso envia culpa em cascata através de mim, quase como se eu *tivesse* feito algo errado, mesmo sendo inocente.

— Desligue isso. — A voz de Cade é gelada.

Não olho para ele porque não sei por que ele está aqui. Mas eu gostaria que ele não estivesse.

Jason e Parker o ignoram, e os olhos de Jason encontram os meus.

— Olha, não importa o que eles estão dizendo...

— Eles estão falando muito, — eu interrompi, minha voz tremendo.

— Não importa, — ele repete. — A evidência não está lá.

Minha perna balança embaixo da mesa e meus olhos voltam para a tela da TV.

— Eu disse: Desligue. Isso. — Cade exige.

A temperatura na sala cai, o frio corta o ar como uma faca,

arrastando-se pela minha pele.

Jason limpa a garganta desconfortavelmente e se inclina para frente, pegando o controle remoto e desligando-o.

— A maneira como vocês dois se sentam aqui e ignoram deliberadamente o quanto ela deseja estar em *qualquer* outro lugar — Cade sibila, jogando a mão em minha direção.

Respiro fundo, meus olhos se arregalando enquanto olho para ele. *O que ele está fazendo?*

— Ela mal consegue ficar parada e vocês dois falam acima dela como se ela não pudesse ouvir. Como se não fosse a vida *dela* em risco. É desprezível.

Parker enrijece, seu braço ficando rígido atrás de mim. — Jason é o melhor. Não há nada com que se preocupar.

Meus olhos se levantam para encontrar os de Cade, e meu coração parece que vai sair do peito. Seu rosto é duro como pedra, as mãos juntas e o queixo tenso continuamente.

— Você acha que meu nome vai vazar? — pergunto, forçando-me a desviar o olhar.

— Novamente, você não é uma suspeita, — diz Jason. — Apenas uma pessoa de interesse. — Jason deve ver meu desconforto porque ele balança a cabeça, seu cabelo castanho despenteado com o movimento. — Eles não têm nada tangível. E mesmo que o tivessem...

A mão de Parker sai de trás da minha cadeira, pousando no meu ombro e esfregando círculos possessivos na minha pele. Posso *sentir* Cade olhando.

— Você me tem, — conclui Parker.

Jason assente. — Seu marido é um homem poderoso, Amaya. Você não tem nada com o que se preocupar.

— Noivo, — Cade corrige.

Todos nós viramos a cabeça em sua direção e meu estômago se contrai, me perguntando novamente o que diabos ele está fazendo. *Ele não sabe o quanto parece ruim ele me defender? Quanto Parker já o odeia?*

Eu olho para Parker nervosamente.

— Isso mesmo. — Parker olha para ele com uma expressão fria e vazia. — Eu *ainda não sou marido dela*. Mas neste fim de semana, ela estará na minha cama, onde ela pertence. E você, padre Cade, estará na igreja. Porque é lá que *você* pertence.

Cade não responde, apenas continua aquele tique-taque repetitivo e torturante de sua maxilar enquanto se balança para trás na cadeira.

— Quero sua palavra de que isso não irá a julgamento, — diz Parker a Jason.

Meu estômago fica tenso quando olho entre eles.

Jason hesita, depois assente. — Isso não irá a julgamento.

Parker estende a mão para pegar minha mão, entrelaçando nossos dedos e colocando-os em cima da mesa de conferência. Minhas palmas estão úmidas, mas ele não parece se importar, seu polegar brincando com a pedra gigantesca no meu dedo.

— Senhores, preciso de um momento a sós com minha *noiva*, — ele explode.

Jason se levanta imediatamente, juntando os papéis que espalhou

sobre a mesa e guardando-os antes de sair da sala como se sua bunda estivesse pegando fogo.

Mas Cade demora.

Ele estica as pernas, esfrega a barba por fazer no queixo e nos encara por longos momentos antes de se levantar lentamente e passar diretamente atrás de nossas cadeiras, sem se preocupar em fechar a porta ao sair.

Parker suspira, levantando-se e caminhando para fechá-la e apertar a trava.

— Por que ele estava aqui? — Eu pergunto.

— Quem, padre Cade? — Parker levanta uma sobrancelha enquanto volta.

Eu aceno com a cabeça.

— Ele ouviu falar que você estava com problemas e queria oferecer apoio da igreja.

Meu estômago cai. — Como ele descobriu?

Parker dá de ombros. — Isso importa?

Eu já sei.

Maldita Florence.

Ele agarra minha mão. — Eu estava falando sério sobre o que disse, sabe? Quero você em minha casa até o final da semana.

Meus pulmões têm câibras, mas eu controlo minha reação rapidamente, não querendo que ele veja.

— Padre Cade disse...

Seus dedos apertam os meus. — Eu não dou a *mínima* para o que Cade disse. Só estou tolerando suas regras ridículas porque parecerá bom publicamente, mas se você acha que vou deixar você viver *longe* de mim... que vou permitir que você escape de mim agora que tenho você em meus braços, você está enganada.

— Não é isso, — tento acalmar. — Eu apenas pensei...

Ele solta minha mão com uma zombaria, o queixo levantado enquanto olha para mim. — Você não deseja se casar comigo, Amaya? É isso? Você quer me tornar motivo de chacota? Usar-me pelo meu dinheiro e recursos e não ter que cumprir sua parte? Você acha que sou um homem que gosta de ser usado e jogado fora?

O pânico envolve minha garganta como um laço e aperta. — Não. Não, — eu digo com firmeza. — Eu quero me casar com você. — O desespero toma conta de mim e sigo em frente até estar entre suas pernas. Minhas mãos tremem, mas ignoro o modo como elas tremem quando estendo a mão e acaricio a lateral de seu maxilar. — Desculpe.

Eu me inclino e dou um beijo em seus lábios velhos. Ele não me beija de volta, e no fundo estou grata por isso, mas no momento, preciso que ele ceda. Beijo seus lábios novamente.

Lentamente, ele relaxa, as costas do dedo indicador roçando a lateral do meu rosto. É um movimento suave, mas parece uma lâmina de barbear.

— Você tem sorte de eu ser um homem tão misericordioso, — ele canta. — Eu não quero machucar você, doce menina. Eu *nunca* quis te machucar. Mas às vezes você não me deixa escolher. — Seu dedo bate na borda do meu queixo antes de me empurrar para trás para poder ficar de pé. — A propósito... como está sua amiga? — Ele abotoa o paletó. — Qual

era o nome dela mesmo? Dalia?

Tiro minha língua do céu da boca. — Ela está bem.

Ele balança a cabeça, olhando para mim. — Você a ama, certo?

Meu peito se aperta, meu coração dispara até que mal consigo respirar. *Ele a está ameaçando?*

— Eu só queria dar a Quin algum tempo para se acostumar com a ideia, Parker. — Minha voz treme. — Isso é tudo que eu quis dizer.

O rosto de Parker suaviza. — Eu cuidarei de você e de Quinten, Amaya. Eu prometi isso a você. Confie em mim. — Engulo a náusea e sorrio.

Capítulo 34

Cade

Estou aqui de novo.

O mesmo lugar que ansiava, mas não me permito ir.

Estou plantado entre arbustos espinhosos em um beco, observando o objeto do meu desejo, os raios de luar deslizando pela janela pela qual estou espiando e acariciando um caminho ao longo de seu corpo que eu gostaria que minhas mãos pudessem traçar.

Há algumas caixas vazias com tampas abertas espalhadas pela área e algumas coladas com fita adesiva e empurradas contra a parede. Eu desperdicei momentos preciosos onde poderia estar me cercando dela.

E agora ela está indo morar com *ele*. Prestes a ser completamente inacessível para mim desta forma.

Já deduzi que ela não trabalha mais na Chapel. Fui lá duas noites seguidas tentando avistá-la e, como não consegui, me convenci de que era um ato de Deus, tentando me afastar da tentação. De alguma forma, resisti em voltar aqui para a nossa janela.

Mas como sempre quando se trata de Amaya, sou fraco.

Depois de descobrir que ela está com problemas e eu sou a razão, não consigo ficar longe, quase como se estar aqui e cuidar dela fosse apaziguar a culpa que gruda em meu interior.

Eu poderia me apresentar, admitir que fui *eu* quem cometeu os

assassinatos, e talvez se eu fosse um homem decente, eu o faria.

Mas não sou nenhum herói.

Não quando é importante, de qualquer maneira.

Pai Todo-Poderoso, o que devo fazer?

Inclino a cabeça e fecho os olhos, esforçando-me para ouvir uma resolução. Uma resposta. Algumas orientações. Mas em vez de Sua voz, fico no frio intenso, sem nada além de silêncio.

Talvez minha paixão por Amaya tenha me afastado demais de Deus. Afinal, eu *queria* que a morte de Andrew fosse complicada. Vê-lo com as mãos no corpo dela fez com que a fúria percorresse meu corpo, querendo humilhá-lo diante do mundo, querendo seu nome estampado nos noticiários e na capa dos jornais, envergonhado e desonrado.

Mas eu nunca imaginei que isso voltaria para *ela*.

Um erro tolo.

Ela me odiaria se soubesse a verdade.

Como eu gostaria de poder odiá-la. Mas meus sentimentos por ela ficam mais fortes a cada dia. Tóxico, distorcido e *ganancioso*.

Ela veio até mim primeiro.

Meu peito aperta, do jeito que acontece toda vez que percebo o que ela estava passando na noite em que a fodi com os dedos e depois usei a mãe dela para cortá-la.

O que eu, um padre ligado à sua fé, poderia fazer por ela além de oferecer sua oração?

Parker tem dinheiro, tem poder e, por mais que eu odeie admitir para

mim mesmo, ele é a melhor escolha.

Eles têm história. Mas a ideia dele beijando seus lábios, dele sentindo sua boceta perfeita tirando a vida de seu pau, me deixa violentamente doente.

Ela gemeu o nome dele do jeito que eu ansiava que ela gritasse o meu?

Meu ciúme aumenta com o pensamento. Da mesma forma que aconteceu quando os observei juntos esta manhã em sua sala de conferências, quando seus toques possessivos e olhares condescendentes me fizeram querer virar a mesa e arrancar seus olhos com os ossos que eu arrancaria de seus dedos.

Eu não deveria estar lá em primeiro lugar, mas não conseguia ficar longe. Eu precisava descobrir o máximo de informações possível e, egoisticamente, queria assisti-los juntos, para acalmar meu coração verde ao reconhecer que ela só vai se casar com Parker porque está com problemas.

Amaya está fechando uma caixa com fita adesiva e enxugando os olhos manchados de lágrimas, e eu me pressiono mais perto da janela, querendo entrar e pegá-la em meus braços. Para se desculpar por ser a razão de ela estar chorando.

Para tentar tirar a dor dela.

Meu coração se quebra enquanto mais lágrimas escorrem por seu rosto.

Você fez isso com ela.

É doentio o que estou fazendo aqui, o que tenho *feito*, observando seus momentos mais vulneráveis.

Mas eu sei que ela gosta. E estou desesperado por mais do que ela vai dar, mesmo que seja apenas desespero.

Ela se vira, levantando-se e puxando os longos cabelos escuros e ondulados do rosto e prendendo-os com uma faixa roxa fofa. Seus ombros caem, mas então, como se ela pudesse me sentir, seu olhar se fixa no meu.

Meu estômago dá cambalhotas, desejando estar ao lado dela.

Será que sua respiração falharia e seus lábios carnudos se abririam? Será que o calor de sua pele me tentaria com seu calor, me fazendo querer afundar dentro dela até arruiná-la para todos os outros?

Ela caminha até a janela e agora *minha* respiração fica presa, meu pau latejando contra o zíper da minha calça. Lambo meus lábios enquanto ela desliza seus dedos delicados sob as alças finas de sua camisola roxa. Ela desliza pelo seu corpo como uma cachoeira, e ela sai dela, jogando-a para o lado com o pé. Ela está tão perto, seus mamilos roçam o vidro, o frio os transformando em picos rígidos, me implorando para envolvê-los com minha língua e puxá-los com os dentes.

Eu a quero na minha boca.

No meu pau.

Na minha cama.

Ela não se toca, não como fez nas noites anteriores, e eu também não faço minhas necessidades. Mas eu a absorvo lentamente, desejando que meus olhos pudessem ter a mesma sensação que minha mão.

Ela pressiona os dedos na janela e eu imito seu movimento, minha palma envolvendo a dela. Meu estômago revira, embora haja uma espessa vidraça entre nós. Ela exala lentamente, seus seios subindo e descendo

como se estivesse sendo embalada pelo oceano, e então ela sorri antes de virar as costas e ir embora.

Meu peito estala bem no meio e minha mão se fecha em punho enquanto pressiono os nós dos dedos no vidro.

Isso dói.

Ela vai até a cama, puxa as cobertas, desliza para baixo delas e se esconde da minha vista.

Fico muito tempo depois de sua respiração se estabilizar, um buraco negro infestando meu plexo solar, girando e cuspidando até que uma ideia se forme em minha mente. Algo que possa limpar o nome dela.

Ela veio até mim primeiro.

Afasto-me do quarto dela, olhando ao redor antes de ir para a calçada em ruínas e pegar a maior laje quebrada que posso encontrar. A luz amarela bruxuleante do poste de luz emite luz suficiente, e eu viro a esquina até *outra* janela, que presumo ser da colega de quarto dela.

Há uma chance de ser de Quinten, mas é um risco que estou disposto a correr.

Olho ao redor mais uma vez, só para ter certeza de que estou sozinho, e então jogo o concreto com toda a força que posso no vidro. Ele se quebra imediatamente e é rapidamente seguido por um grito alto. Saio correndo, me escondendo na esquina, mas não saio completamente até ouvir a colega de quarto de Amaya gritando para ela chamar a polícia.

O alívio toma conta de mim e desço a rua e dou a volta no quarteirão, sabendo que só tenho alguns momentos preciosos para fugir.

Talvez eu não possa limpar o nome de Amaya... mas posso fazer isso.

Quando chego à praça principal de Festivalé, aquela que fica ao redor da Catedral de Notre-Dame, faço uma curva acentuada à esquerda e continuo até sair de Festivalé e entrar na traseira de um ônibus, em direção a Coddington Heights para procurar os depravados e os condenados.

Encontrarei uma alma presa por demônios e os matarei da mesma forma que matei Andrew Gleeson.

Porque acabei de dar um alibi à Amaya.

Capítulo 35

Amaya

Quinten senta-se à mesa da cozinha, Dalia está na nossa frente, os dois olhando para mim enquanto eu sorvo Cinnamon Toast Crunch da minha colher.

Estou muito ocupada me afastando para ser útil a alguém. Nenhum de nós dormiu muito; a pessoa que jogou uma pedra na janela de Dalia às três da manhã garantiu que hoje nos colocaria em um estado de zumbi.

Dalia está assustada desde então, embora eu tenha tentado acalmá-la, assim como os policiais que apareceram pouco depois para prestar depoimento.

— *Tem havido muitos assaltos no bairro.*

— *Provavelmente apenas algumas crianças.*

— *Podemos apresentar um relatório, mas não adiantará muito.*

Não é por isso que não consigo me concentrar. Em vez disso, é porque fico pensando em como Cade finalmente apareceu na minha janela novamente ontem à noite e como, em vez de ficar enojada, eu fiquei... confortada.

Como se meu mundo tivesse parado de girar porque sua atenção me manteve firme.

E como acho que pode ter sido *ele* quem quebrou a janela, mas não contei à polícia.

Estou louca.

Que tipo de pessoa está meio apaixonada por seu perseguidor?

O mesmo tipo de pessoa que deixa um padre prendê-la contra a parede e transar com ela com os dedos, eu acho.

Saia dessa, Amaya.

Dalia limpa a garganta e estreita os olhos para mim. Ela insistiu que eu dissesse a Quinten que nos mudaríamos esta manhã. Ele ficou assustado depois do que aconteceu ontem à noite, e é uma boa chance para eu virar isso a nosso favor.

Ele está agindo de maneira indiferente, mas sei melhor do que ninguém como Quinten gosta de internalizar. *Deve ser uma característica familiar.* Ainda assim, não há nada que eu queira fazer menos do que contar a Quinten sobre Parker e eu. Suspiro, batendo as unhas em cima da mesa. — Ei, Quin? — Ele não olha para cima.

— Quin, — repito.

Finalmente ele levanta a cabeça, fixando seu olhar inocente em mim.

— Você sabe que quando você era pequeno eu costumava ler livros sobre princesas se mudando para castelos e cavaleiros transformados em reis?

Ele pisca para mim.

Meu estômago aperta.

— Encontrei um lugar melhor para nós. Como um castelo, com muito mais espaço e muito espaço para você e todos os seus brinquedos. — “Muito espaço,” — ele repete.

Eu concordo. — Isso mesmo. Você também terá um quarto

totalmente novo.

Você gostaria disso?

— Dalia também ganhou um quarto novo? — ele pergunta, olhando para os dela e depois de volta para mim.

A tristeza me atinge bem no plexo solar.

Dalia interrompe. — Quin, vou ficar aqui para que você possa vir sair comigo.

Suas sobrancelhas franzem e então ele balança a cabeça como se tivesse chegado a uma conclusão. — Eu ficarei aqui.

Eu dou a ele um sorriso aguado. — Não, bebê. Eu quero que você venha comigo. Você se lembra de Parker?

Tenho certeza que ele lembra. Eles só se encontraram algumas vezes, quando eu não conseguia manter Parker afastado, mas Quinten nunca esquece nada.

Ele volta seu olhar para mim.

— Isso vai me deixar feliz e vai ser divertido! Uma nova aventura. — Eu sorrio, tentando infundir o máximo de otimismo possível na minha voz. — Que tal na semana que vem?

Ele fica em silêncio por alguns longos e tensos momentos, e então posso ver quando a lâmpada acende em seu cérebro.

— Quer ir para a casa nova na próxima semana com a cama nova e alinhar seus brinquedos? — ele diz, chutando as pernas contra as pernas da cadeira.

O alívio me inunda e eu solto um suspiro trêmulo. — Isso mesmo, cara.

E assim, ele volta para sua refeição e seu aplicativo de aprendizagem, e eu olho para Dalia com um sorriso aliviado. — Vê? — ela diz, sorrindo. — Isso foi tão difícil?

— Sim. — Cruzo os braços.

Posso dizer que ela também está aliviada. Isso foi muito melhor do que o esperado.

Suspirando, ela morde o canto do lábio, os olhos percorrendo a sala.

— Ei, — eu digo, inclinando-me para frente e cobrindo a mão dela com a minha. — Tem certeza que está tudo bem para ficar aqui? Quero dizer... provavelmente posso falar com Parker, para que você se instale no hotel.

— Parker já está pagando para eu ficar *aqui*, Amaya. Eu vou ficar bem. — Ela zomba, revirando os olhos, mas vejo a umidade em suas pálpebras inferiores. — O que você está fazendo hoje?

Dou de ombros. — Levar Quin para a escola e depois ir para o estúdio de Phillip, provavelmente.

— Você disse a ele que está oficialmente fora da lista de Chapel?

— Eu não *preciso* contar a ele. Não é como se eu fosse propriedade dele, — respondo, na defensiva porque a culpa me deixa nervosa. — Já se passaram semanas. Tenho certeza que ele entendeu a ideia.

Ela balança a cabeça. — Bem, sim, mas é decência comum, minha cara. Deixe-o saber que você terminou.

Suspirando, aperto a ponta do nariz, apertando os olhos com força. — Não quero que ele tire o estúdio de mim.

— Talvez ele não vá. — Ela dá de ombros. — Você sempre poderia

pagar a ele por isso.

Eu mordo a resposta, sabendo que Parker nunca deixaria isso acontecer. Duvido que ele me queira lá em primeiro lugar, e estou constantemente preocupada que ele descubra e tire a última coisinha que me resta, que é só para mim.

— Talvez, — murmuro. — E você? Você tem planos?

Ela bate na perna. — Fisioterapia.

— Precisa de uma carona? Eu tenho um carro chique agora. — Eu mexo minhas sobrancelhas.

Ela me acena. — Não, eu posso dirigir sozinha.

— Como quiser. — Coloco minha colher de volta na tigela e me levanto, colocando-a na pia e girando de volta, com as mãos nos bolsos de trás. — Vamos, Quin. Hora de ir para a escola, cara.

Quinten pula da mesa, e eu o ajudo do mesmo jeito que sempre faço, colocando seu moletom, depois seu casaco, seu gorro e, finalmente, seus fones de ouvido.

Ele está acostumado com o carro agora, então ele me segue para fora e entra, e não posso deixar de notar como ele está à vontade com tudo. Há um tipo de conforto em ter o mesmo motorista e o mesmo carro todos os dias e, até este momento, nunca percebi como isso afetaria Quinten positivamente. A rotina é tudo para ele.

A satisfação corre através de mim, feliz por poder dar isso a ele.

Depois de deixá-lo, peço a Barney, o motorista, que me leve ao estúdio de dança em Coddington Heights. Não tenho certeza se alguém está usando isso agora, e tenho menos certeza ainda sobre permitir que um dos caras de Parker me leve até lá, mas a necessidade de encontrar

um pouco de tempo para sair da minha cabeça e voltar para minha corpo lava as reservas.

Em vez de me concentrar nisso, pego meu telefone do colo e disco o número do meu antigo chefe, Phillip, e fico aliviada quando o correio de voz dele toca.

Odeio confronto; isso é muito mais fácil.

— Ei, Phil, é Esmeralda, er... Amaya. Só estou ligando porque, bem... estou fazendo algumas mudanças em minha vida e por isso não poderei mais dançar em Chapel. Quero que você saiba que realmente *aprecio* tudo o que você fez por mim, e talvez eu seja uma vadia por contar isso a você pelo correio de voz, mas eu realmente *aprecio* você e não quero que você tente me convencer a ficar. Mas... hum... espero que você esteja bem em me deixar usar o estúdio de dança, porque estou indo para lá agora, na verdade, e eu, bem, sim. Não sei. Deixe-me saber se for um problema. — Faço uma pausa, encolhendo-me com meu vômito de palavras. — Vejo você por aí, eu acho? Ok. Obrigada.

Desligo o telefone, passando a mão pelo rosto enquanto repasso tudo o que acabei de dizer, percebendo que pareço um desastre.

Mas é isso que eu sou, eu acho.

Uma destruição.

Duas horas depois, estou suada e exausta, me sentindo mais eu mesma do que no mês passado.

O suor escorre da minha testa e meus músculos gemem a cada passo, meu peito arfando com respirações agudas.

Eu já sabia disso antes, mas agora *realmente* sei que não posso desistir disso. Não posso me perder, não completamente.

E talvez seja por isso que Cade me afeta tanto, porque ele é a única pessoa no mundo que coloca toda a sua atenção em *mim* só porque sou eu. Ele é o único lugar além do pole onde me sinto eu mesma.

Penso na primeira noite em que nos conhecemos no clube, me perguntando se ele já sabia quem eu era, se talvez ele tivesse me seguido até lá. *E se ele tivesse convidado para dançar?* Se ele não fosse padre e eu não estivesse nervosa por ver Parker, o que teria acontecido? Ele teria me deixado dançar para ele?

Eu teria gostado?

Ou essa conexão tóxica e estranha entre nós só se tornou mais intensa porque as coisas aconteceram exatamente como aconteceram?

Não importa agora, eu acho.

Meu telefone toca e eu atendo, o nome de Dalia piscando na tela.

— E aí, galinha?

— Onde você está? — Sua voz é estridente. — Vá para casa. *Agora*. E ligue para Parker. Eles encontraram outro corpo.

Capítulo 36

Cade

Desta vez, o cadáver chega ao noticiário quase imediatamente.

O Estrangulador da Montanha Verde é como a mídia me apelidou, e sua falta de criatividade é quase um insulto. Eu nem sequer os estou matando *nas montanhas*.

E fiz muito mais do que apenas *estrangulá-los*.

Na verdade, foi quase catártico, de uma forma que a expiação nunca consiste em reconstituir cada passo de como matei Andrew. Consegui substituir o rosto do homem aleatório pelo dele, deleitando-me com a satisfação dos ossos quebrados enquanto estalava todos os dedos por tocar o que deveria ser meu.

Por pensar que ele poderia tê-la. Magoá-la. *Tocá-la*.

Anseio por ir até Parker e exigir saber se o nome de Amaya foi limpo, mas resisto. Honestamente, não há uma boa razão que eu possa dar para estar *tão* envolvido, e tenho sido muito desorganizado com minhas mortes para dar qualquer munição a alguém.

Especialmente alguém como Parker.

Além dos sussurros murmurados de um assassino à solta, o resto da semana passa sem muito alarde, um dia sangrando no outro até chegar a hora de outra Santa Missa. E lá está ela, aparecendo do nada em um dos bancos da frente com Parker em seu braço e o queixo erguido.

É preciso tudo dentro de mim para não correr para o lado dela. Trata-la como se ela fosse apenas mais um rosto aleatório na multidão, quando ela é tudo menos isso. Visões minhas caindo de joelhos na frente dela, abrindo bem os braços e implorando, “Você vê o que fiz por você? O que *farei* por você?” me bateu com força, e foi a coisa mais difícil que fiz para me manter afastado.

Forço minha mente a pular dela para Ele, onde *deveria* estar, enquanto cito as passagens da Bíblia para as pessoas.

Mas o poder por trás das minhas orações é fraco quando ela está perto.

Ela me consumiu completamente.

Minha doença fica mais forte na presença dela, até que eu nunca mais deseje me sentir bem.

Quando entro em meu escritório na segunda-feira de manhã, Amaya já está lá, esperando por mim.

Meu estômago revira, mas cai rapidamente no chão quando vejo Jeremiah sentado atrás da minha mesa, com os braços cruzados e os olhos castanhos semicerrados.

Eu o encarreguei de preparar as acomodações do Festival dos Tolos. Vai fazer frio e as pessoas vão querer uma área interna para se aquecer, e eu disse a ele que poderíamos nos encontrar para uma atualização em algum momento hoje. Só não especifiquei *quando*.

— Jeremiah. — Minha voz corta o ar.

Eu não gosto do jeito que ele está olhando para ela.

Seu olhar se volta para mim e suaviza antes de devolvê-lo mais uma vez. — Desculpe, padre. Eu não sabia que você estava esperando *visitas*.

Amaya sorri, mas seus dedos se fecham em punhos. Ela se controla bem, do jeito que a vi fazer inúmeras outras vezes com as pessoas desta cidade. Ela parece ter um controle extraordinário com todos que encontra... exceto eu.

— Isso mesmo, — eu digo, entrando mais na sala. — A senhorita Paquette está aqui a pedido de seu noivo, o Sr. Errien, para tutela.

As sobrancelhas de Jeremiah se erguem. — Oh, eu não sabia.

— Porque não é da sua conta, — respondo.

Um breve olhar de choque surge em seu rosto antes que ele o guarde, e eu suspiro enquanto tento descobrir o que fazer. Não é culpa dele eu não ter contado a ele antes do tempo, mas a energia ansiosa de Amaya está deslizando pelas paredes, como se ela mal pudesse esperar por uma desculpa para escapar de mim.

Passo a mão pelo cabelo e balanço a cabeça. — Não vamos demorar. Você pode apenas esperar aqui e trabalhar na homilia de domingo.

Um sorriso toma conta de seu rosto e sei que tomei a decisão certa. Será a primeira vez que lhe darei a liderança em algo assim. Com toda a franqueza, quase não passei tempo com ele, pouco mais do que passei focado em Festivalé em geral, então deixá-lo abrir as asas é o mínimo que posso fazer.

Principalmente porque decidi deixar Festivalé para sempre assim que souber que o nome de Amaya está limpo.

Amaya nos encara, mas permanece quieta.

— Senhorita Paquette. — Viro-me para ela e sinto câibras nos pulmões. Há tanta coisa que quero dizer, tanta coisa que quero fazer. Tantas coisas que eu gostaria de poder contar a ela e ainda mais sei que

nunca contarei.

— Padre Cade.

Um sorriso brinca em seus lábios e uma faísca de calor sobe pelas minhas pernas e pela minha cintura.

Ela é tão bonita.

Por muito tempo, eu a odiei porque a temia. E agora eu a temo porque a *desejo*.

Mas no final, Parker a consegue. A ideia de ela estar com ele é um furador de gelo no peito, mas é o melhor.

Não há nada que eu possa oferecer a ela. É ridículo fingir o contrário.

— Gostaria de dar um passeio, senhorita Paquette? — Coloco minha mão no espaço entre nós, sabendo que não deveria permitir o toque, mas não sendo capaz de me impedir de oferecê-lo.

Ela balança a cabeça, seus olhos indo e voltando entre mim e Jeremiah antes de deslizar sua mão delicada na minha.

Meu estômago voa para a garganta, meu coração bate forte no esterno.

Eu a puxo para ficar de pé, com um pouco de força demais, fazendo suas pernas tropeçarem enquanto ela se levanta. Sua mão voa para o meu peito. Nós dois respiramos fundo e minha palma pousa na parte inferior de suas costas para equilibrá-la.

O calor se espalha pelo meu braço e se instala no meu peito.

Meus dedos apertam o tecido de sua camisa e puxam, um pouquinho, e seu corpo desliza ao longo da frente do meu.

É só um segundo. Um momento que certamente se perderá no espaço e no tempo infinito. Mas isso me sacode como um terremoto de qualquer maneira.

Nós nos separamos rapidamente e abro a porta, acenando para Jeremiah mais uma vez enquanto a conduzo para o corredor.

Eu nos mantenho em movimento até sairmos e seguirmos pelo pequeno caminho que liga a catedral ao chalé. Longe o suficiente para a ilusão de privacidade e perto o suficiente para explicá-la.

Ninguém realmente volta para esta área de qualquer maneira.

Ela olha para mim quando estamos perto da porta da frente, seu corpo ficando tenso. — O que você está fazendo aqui?

Dou de ombros, porque a verdade é que não tenho certeza. Eu nunca sei o que estou fazendo quando se trata dela. — Algo que provavelmente não deveríamos.

Um pequeno sorriso enfeita seu rosto e, quando abro a porta da frente, ela entra, tirando o casaco e colocando-o no encosto do sofá. Imediatamente, sei que trazê-la aqui foi um erro.

Tudo o que posso fazer é imaginar a última vez que ela esteve em minha casa, como ela estava molhada, quente e perfeita.

Se eu fosse um homem inteligente, diria a Parker que não tenho interesse nessas ridículas sessões individuais.

Não há nada de honroso em minhas intenções com Amaya Paquette, e eu deveria tentar manter os pequenos fragmentos de decoro que tanto tento possuir. Mas não consigo evitar.

— Faz sentido, — diz ela, virando-se para me encarar. — Somos amigos agora, afinal. Certo? — *Não.*

— Achei que você gostaria de estar em algum lugar familiar, — respondo.

— Eu quero estar em qualquer lugar que você esteja. — Seus olhos se arregalam e meu peito se ilumina como fogos de artifício. — Oh, eu não quis dizer... bem, você sabe o que eu quis dizer.

— Não, *petite pécheresse*. — Dou um passo mais perto. — Acho que não.

Ela recua até bater no encosto do sofá, e eu rio, passando por ela e indo para a cozinha, presumindo que ela me seguirá.

Ela faz.

Quando você passa tantos momentos observando alguém viver sua vida, você aprende todas as idiossincrasias que fazem dele *uma* pessoa.

E posso não saber quais foram as primeiras palavras de Amaya ou quantos anos ela tinha quando percebeu que queria dançar, mas sei que ela lambe os lábios quando está nervosa e que entoia canções silenciosas quando está sozinha.

Eu sei que ela adora o controle e odeia que lhe digam o que fazer, e ela reprime a emoção até começar a vibrar por contê-la.

Eu sei que a cor favorita dela é verde esmeralda, ela odeia se fantasiar e é tão linda que nem um anjo pode comparar.

Então eu sabia que ela me seguiria até a cozinha, porque conheço *Amaya* Paquette, talvez melhor do que ela mesma.

Capítulo 37

Amaya

— Jason acha que estou livre e limpa. — Apresso as palavras, tentando mudar o ar para algo menos... seja lá o que for.

Estou na cozinha de Cade e ele está me olhando fixamente. *Aquele* olhar, aquele que ele dá quando está prestes a fazer algo ruim. Algo proibido.

Suas sobrancelhas se levantam e ele se inclina contra a bancada, cruzando os braços. — Oh?

Eu concordo. Na verdade, não falei com Jason, apesar de ter perguntado a Parker se poderíamos assim que o mais novo assassinato chegasse ao noticiário. Ele disse que não havia motivo para isso, que a polícia estava na minha casa por causa da janela quebrada quando ocorreu o assassinato e que não havia como eu ter estado nos dois lugares ao mesmo tempo.

Eu tenho um álibi. *Eu tenho um álibi.*

Embora eles ainda possam tentar me atribuir os outros assassinatos, suponho, mas Jason parece pensar que será mais difícil de provar, já que todas as três vítimas tinham as mesmas marcas de estrangulamento no pescoço, e as duas últimas parecem ter sido especificamente mutilado exatamente da mesma maneira.

Estou aliviada, mas depois do alívio vieram os questionamentos. Passei dias ligando os pontos e todos eles levaram a uma coisa.

Cade.

— Houve outro assassinato, — digo, observando-o com atenção.

— Você sabia? — Ele concorda. — Eu sei.

— Você se importou?

É um exagero pensar que ele teve alguma coisa a ver com isso, mas minha intuição é forte e nunca me levou a mal.

Ainda estou debatendo se a ideia me horroriza ou me fascina.

É loucura pensar que Cade poderia ser a razão por trás de tudo isso?

Ele tem uma tendência a me seguir, e houve inúmeras vezes perto dele quando senti meus cabelos se arrepiarem e as bandeiras vermelhas balançarem, me avisando que eu estava em perigo. *Ele também estava em Chapel naquela noite com Andrew?*

Mas então penso em Candace também com marcas de estrangulamento, e isso simplesmente não faz sentido.

Não poderia ser ele.

A menos que Candace tenha sido um acaso.

Talvez eu esteja conectando pontos onde não há nada para conectar, porque de alguma forma doentia e distorcida, a ideia de Cade ser o único a assassinar o homem que me agrediu e depois matar outro para limpar meu nome... é emocionante.

Ninguém nunca me protegeu dessa forma. Ninguém nunca se importou.

— Amaya. — Sua voz me tira dos meus pensamentos. — Onde você acabou de ir?

Sorrindo, balanço a cabeça. — Só pensando, eu acho.

— Bem, — ele continua, virando-se para colocar a chaleira no fogão.
— Eu *me importo*. Claro que me importo.

— Ok. — Mordo o lábio, passando os dedos pelo colar de pérolas e esmeraldas em volta do pescoço.

Ele se vira para me encarar. — Você vai se casar com ele então?

— Eu o quê?

— Parker. — Ele dá um passo em minha direção. — Não me diga que você o *ama*.

Meus dedos se torcem. — É complicado. — Cade zomba.

— Ele não vai me deixar ir, — eu defendo.

Os olhos de Cade escurecem e ele dá outro passo.

E outro. Estendi minha mão para detê-lo quando ele se aproxima novamente, e minha palma atinge seu torso, parando-o. Engulo em seco, meu peito apertando. — Você *sabe* que ele não vai me deixar ir.

Sinto sua respiração em meu cabelo e olho para cima, vendo o músculo de sua maxilar afiada se contrair. — Você não pertence a ele, *mon trésor*.

Nossos olhos se encontram e meus dedos se enrolam no tecido de sua camisa.

— Então a quem eu pertenço?

Um assobio agudo interrompe o momento e nos separamos.

— Chá? — Cade murmura, passando a mão pelos cabelos e virando-se para tirar a chaleira do fogão.

— Claro, sim. — Torço meus dedos novamente para parar o tremor.

Ele puxa as canecas e prepara o chá, e eu entro na cozinha, sentando-me em uma das cadeiras.

Quando ele vem se juntar a mim à mesa, pergunto, — Você acha que alguém nos viu entrar aqui?

Ele inclina a cabeça. — Isso importa?

Pego a caneca, o calor chamuscando minha pele. Eu uso o leve desconforto para me firmar no momento, em vez de deixar minha mente vagar do jeito que realmente quer.

— Você me diz. — Levanto um ombro. — Você é quem tem a reputação em jogo.

Ele se senta, leva a xícara à boca e sopra o líquido quente antes de tomar um gole. Observo a maneira como seus lábios se moldam ao redor da caneca e, em seguida, a forma como sua garganta funciona com o engolir, o calor se espalhando pela minha espinha e se acumulando entre as minhas pernas.

— Não estamos fazendo nada que eu não faria com mais ninguém na paróquia, — comenta.

Isso dói de uma maneira que eu não esperava.

— Oh, tudo bem. — Concordo com a cabeça, levando o chá aos lábios para não dizer algo de que me arrependerei. Eu o observo por cima da borda da xícara, aquela curiosidade profunda surgindo novamente. — O que você faz durante a noite?

Ele arqueia uma sobrancelha, tomando outro gole. — Eu acho que você sabe.

Minhas bochechas coram e meu clitóris lateja, e eu estou assim. Porra. Ridículo. Bato minha xícara, o chá quente espalhando-se pelas laterais.

— Será que algum dia vamos conversar sobre as coisas?

— Eu prefiro que não.

Balançando a cabeça lentamente, bato os dedos na mesa, tentando controlar a súbita onda de raiva. — Tudo bem. Bem, eu quis dizer *depois* daquela coisa sobre a qual definitivamente não estamos falando. Na verdade, depois daquele último momento específico sobre o qual não estamos falando... onde você estava?

— Aqui, obviamente. — Ele inclina a cabeça. — Onde mais eu estaria?

Dou de ombros, tentando ler nas entrelinhas de um homem que é impossível de ler. — Não sei o que você faz com seu tempo. De nós dois, não sou *eu* quem tem o hábito de perseguir.

Ele pisca, e então um sorriso lento se espalha por seu rosto, e ele se levanta, rindo e balançando a cabeça. Como se *eu* fosse o inacreditável.

Pego minha caneca novamente e bufo, mas antes que eu possa tomar outro gole, ele está bem aqui na minha frente, seus dedos roçando os meus enquanto puxa a xícara da minha mão.

Meu estômago revira.

— Vamos, — ele diz, colocando-o de volta no lugar. — Precisamos voltar.

Nós não, na verdade. Mas eu entendo a necessidade dele da mesma forma que ele deve entender a minha. Não precisa ser falado. Ele está tentando ser bom, para não nos deixar ficar sozinhos por muito tempo, porque nós dois sabemos o que pode acontecer se fizermos isso.

Ou talvez ele não goste que eu questione seu paradeiro.

Esse sentimento intuitivo surge novamente, mas eu não o pressiono por mais. Em vez disso, aceno e concordo, já me levantando e voltando para a sala para pegar meu casaco e luvas, porque também não confio em mim mesma.

— Você sabe. — Olho para ele com minha visão periférica enquanto caminhamos pelo caminho de volta à catedral. — Você é péssimo nessas sessões individuais.

Ele ri, sua respiração soprando no céu gelado como uma nuvem. — As sessões acontecem apenas porque meu superior exige. Porque *seu* noivo tem bolsos fundos e os usa para influenciar a igreja.

Eu mordo meu lábio. — Isso não te incomoda?

— Oui. — Ele dá de ombros. — Mas a política e o suborno são o caminho do homem.

Paro de andar, olhando para ele, precisando que ele saiba.

— Cade, — murmuro, minha mão se estendendo para agarrar seu antebraço.

Ele para, olhando para mim.

— Vou morar com ele amanhã.

Capítulo 38

Cade

O desespero nada por mim antes do anoitecer chegar. Ele existiu esse tempo todo, desde o momento em que coloquei os olhos em Amaya, mas está fervendo logo abaixo da superfície. Suas palavras quando ela me deixou esta manhã acenderam o pavio e o fizeram explodir em minhas veias, enegrecendo meu sangue com cinzas e fuligem.

Eu *tenho* que vê-la mais uma vez.

E aí vou fazer meu pedido para sair de Festivalé.

O beco atrás do apartamento dela é tão familiar para mim agora que eu poderia contorná-lo com os olhos fechados. Meu peito dói quando chego aos arbustos, sabendo que esta é minha última visita aqui. Esses momentos, por mais errados que sejam, tornaram-se algo especial. Alguma coisa importante. E logo eles desaparecerão e se transformarão em nada mais que uma memória.

Sim. É melhor eu ir embora.

Não suporto a ideia de ficar por aqui e observá-la com Parker.

Ansiando por seu toque.

Desejando que ela me escolhesse, embora eu nunca tenha dado a ela essa escolha.

Não. Impossível.

Espio pela janela dela, minha respiração falhando quando a vejo. Ela é uma visão, sentada em seu quarto vazio, nada além de um colchão no chão.

Meus dedos batem contra o vidro e ela encontra meu olhar imediatamente.

Como se ela estivesse observando e esperando.

Como se ela soubesse que eu viria.

Nós nos encaramos por longos e torturantes momentos, e ela se aproxima lentamente, do mesmo jeito que sempre faz, meu coração batendo contra o peito, embora esteja dolorido e machucado.

Nada de bom pode resultar disso, mas estou muito além do ponto de me conter.

E se este for o nosso último momento juntos, vou cair em chamas.

Ele é misericordioso.

Ela chega à janela e suas mãos deslizam por baixo da moldura, agarrando a borda e levantando-a lentamente até que haja uma abertura grande o suficiente para eu passar.

Meus músculos ficam tensos de nervosismo, mas dobro meu corpo através da pequena abertura, prendendo a respiração enquanto ela fecha a janela atrás de mim e baixa as persianas.

Ela gira para me encarar.

Nenhum de nós fala, mas há uma saudade, densa e pesada, sangrando pelo ar. Ela deveria ter corrido para as colinas. Se eu fosse inteligente, faria o mesmo.

Mas nenhum de nós está disposto a partir agora. Mesmo que nós dois

saibamos o que é isso.

Isto é adeus.

E é por isso que quando ela pisa em mim, seus seios roçando meu corpo, eu balanço a cabeça e saio do meu alcance.

Eu não posso tocá-la.

Se eu fizer isso, nunca me recuperarei. Não poderei deixá-la *ou* a esta cidade.

— *Laisse moi te voir, mon trésor,* — eu falo. *Deixe-me ver você.*

Nunca conheci uma tortura maior do que ficar enraizado em meu lugar, sabendo que poderia tê-la se apenas estendesse a mão e decidisse tomá-la.

Meu dedo enluvado desliza por baixo da alça de sua blusa e sinto cólicas estomacais de tanto querer sentir sua pele. O tecido fino cai de seu ombro, e eu o sigo com o dedo, traçando seu braço, absorvendo a forma como os arrepios surgem após meu toque.

— *Tu es magnifique,* — murmuro, arrancando minha mão.

Sua boca se abre e ela fica imóvel como uma estátua, esperando para ver o que farei a seguir.

Cerro os dentes e me afasto. — Tire a roupa para mim, *petite pécheresse.*

Seus olhos brilham e ela levanta a mão, removendo a alça do outro ombro até que a blusa caia, agarrando-se ao topo dos seios, provocando-me pela forma como se molda ao seu decote, me convidando a simplesmente ceder.

Eu poderia colocá-los em minhas mãos. Deslizar entre eles e sentir o

calor de sua pele enquanto eu fodo seu decote e borrifo esperma em seus seios. Meu abdômen aperta.

— Preciso que você me prometa uma coisa, — digo.

Sua mão se move sobre o tecido da camisa, deslizando por baixo dela e afastando-a até que seus seios sejam revelados, um centímetro metuculoso de pele de cada vez.

O sangue corre para minha virilha, meu pau lateja. — O que você quiser, — ela responde.

— *Não* me deixe te foder esta noite.

— Cad...

Balanço a cabeça, interrompendo-a. — Eu *não posso*, Amaya. Não sobreviverei a você se fizer isso.

— Então por que você veio? — ela pergunta, sua voz parecendo dolorida.

— Eu queria ver você mais uma vez. — Dou um passo à frente, testando-a, e como a garota perfeita que ela é, ela se move, mantendo o espaço entre nós. — Tocar você. — Aproximo-me novamente e novamente ela se afasta. — Ver se consigo conciliar a imagem perfeita de você em minha cabeça com a realidade do que devemos ser. — Mais uma vez, até que a parte de trás das pernas dela bate na cama e ela cai no colchão. — Mostre-me como você deseja ser tocada, — imploro. — Mostre-me do que estou desistindo.

Ela franze a testa, mas sobe mais na cama até chegar ao centro.

Suas mãos deslizam pelo interior de suas coxas até que ela separa suas longas pernas, permitindo-me uma visão completa de sua boceta rosa perfeita e brilhante.

Minha boca fica com água.

Esta mulher me encantou. Me *enfeitiçou*. Roubou minha voz de Deus e a fez cantar só para ela.

Aproximo-me, meu joelho afundando no colchão enquanto me inclino para frente, precisando vê-la mais de perto, imprimir sua imagem em meu cérebro para que, quando me sentir perdido, possa me lembrar de que, uma vez, pelo menos eu tive isso. Seria tão fácil agarrar suas coxas com força e arrastá-la até que ela estivesse na ponta da cama. Para manter suas pernas abertas enquanto minha língua a bebe e eu me batizo em seu esperma. Meu corpo vibra com a *necessidade* de fazer isso e movo minha mão em direção a ela.

Mas ela puxa a perna para trás, então eu bato no ar.

Minhas narinas dilatam quando solto um suspiro frustrado. — Boa menina.

Com o máximo de contenção que consigo reunir, permaneço no lugar, observando enquanto ela se toca, movendo os dedos da clavícula sobre a pele lisa de sua barriga e ao redor da ampla extensão de seus quadris.

Ela desliza por cima de sua boceta, um gemido escapando de seus lábios enquanto ela empurra sua boceta em sua mão.

Pré-semen vaza da minha ponta, e estou desesperado por alívio, louco com a necessidade de separá-la e mostrar a ela como nos encaixaríamos perfeitamente.

Mal estou me segurando por um fio.

Agarro o lenço em volta do pescoço e o desenrolo, enrolando-o no punho e avançando novamente até que ela seja forçada a se recostar

ainda mais do que antes. Ela respira fundo, a excitação brincando em seu rosto enquanto eu paio sobre ela, me segurando para não nos tocarmos.

— Deslize os dedos em sua boceta e se fode do jeito que eu faria, *petite pécheresse*.

Ela segue a direção lindamente, um suspiro escapando de seus lábios perfeitos quando ela mergulha dentro de sua boceta.

Seus olhos tremulam e rolam para trás.

— Olhos em mim, *mon trésor*. — Eu exijo.

Ela desvia o olhar, suas pupilas dilatadas e seus lábios de um vermelho escuro. Pego o lençol que está enrolado em minha mão e seguro-o acima do corpo dela, deixando a ponta deslizar sobre sua pele.

Suas costas se arqueiam e seus dedos deslizam mais fundo, a palma da mão esfregando círculos em seu clitóris. Arrasto as bordas do tecido ao longo de sua lateral, admirado com a forma como sua carne se aperta e se endurece sob meus cuidados.

Meu estômago revira quando levo a ponta até seus seios, circulando lentamente sobre um mamilo e depois sobre o outro, minhas bolas se contraindo quando ela geme meu nome. — Cade, eu estou...

Ela está perto. Eu posso dizer.

Movo meu corpo para trás até que estou acomodado entre suas pernas abertas, tão perto, mas tão *longe*, e deslizo o tecido em sua barriga e, em seguida, desço sobre os ossos do quadril enquanto ela esfrega sua mão, perseguindo seu orgasmo.

Ela move a palma da mão, permitindo-me passar o tecido sobre o inchaço de seu clitóris.

Uma vez.

Duas vezes.

E então ela goza.

Meus lábios estão perto o suficiente para sugar seus gemidos, meus olhos revirando ao sentir o gosto de sua voz na minha língua.

— *Tu es la mienne, au cours de toutes nos vies*²¹, — sussurro em seu ouvido.

Eu me afasto dela, forçando a distância que eu faria qualquer coisa para apagar.

Então eu vou embora, sabendo que isso foi um adeus.

Capítulo 39

Amaya

Eu sabia que Cade viria ontem à noite.

Da mesma forma que sei que preciso ficar totalmente longe dele. Depois da noite passada... é muito arriscado. Não confio em mim mesma e a última coisa que quero é que Parker descubra.

Eu *tenho* que ficar longe.

Essa estranha conexão que nos une desde o início está ganhando força como um torpedo, e a única maneira de sobreviver é cortá-la completamente.

Ele só pode ser o padre de Notre-Dame.

Isso é tudo que ele será.

Os braços de Dalia estão pesados enquanto envolvem minha cintura, apertando com força como se ela tivesse medo de me deixar ir. Estou no apartamento, tendo acabado de colocar a última caixa na traseira do carro dela para levá-la até minha nova *cobertura*.

Ela está nervosa por ficar aqui sozinha depois que aquela pedra bateu na nossa janela, mas ela é tão teimosa que nunca vai admitir isso. Tento convencê-la a não ficar de qualquer maneira, embora esteja mais convencida do que nunca de que foi Cade.

— Tem certeza que vai ficar bem? — Eu empurro uma última vez.

Ela zomba, acenando para mim, mas sei que ela está fingindo. Você vive com alguém por tempo suficiente e aprende a ler nas entrelinhas.

— Você pode ficar no hotel se quiser, — tento, como já fiz mil vezes antes.

Ela se afasta e faz uma careta engraçada, torcendo o nariz. — Amaya, pare.

— Parker disse que cuidaria da minha família, e você é minha família. — Movo minhas mãos pelos seus braços e aperto seus dedos.

— E perder a chance de ter este lugar só para mim às custas do seu novo marido? — Ela torce o nariz. — Passo.

— Tudo bem. — Suspiro, tirando minhas mãos das dela e colocando-as nos bolsos de trás.

Olho em volta mais uma vez para ter certeza de que não estou esquecendo nada meu ou de Quinten, embora entre nós dois não tenhamos muita coisa. Ele está na escola agora, e eu quero mudar tudo antes que ele volte para casa hoje à noite, para que ele não tenha que ver o processo e possa simplesmente se acomodar em seu novo espaço.

— Pronto para rolar? — ela pergunta.

Dou-lhe um sorriso triste e aceno com a cabeça, e seguimos para o carro dela. Imediatamente, a música começa a tocar nos alto-falantes, e normalmente eu daria a ela uma merda por isso, mas agora eu absorvo o barulho, esperando que isso nos impeça de ter que nos despedir. Eu sei que ela estará do outro lado da cidade e a um telefonema de distância, mas ainda assim. Será diferente.

Quando passamos por onde Candace morava, Dalia chupa os lábios e abaixa o volume.

— Alguma atualização de Parker ou de seu advogado? Sobre qualquer coisa? — ela pergunta.

— Não, — respondo, abrindo a *página*. — Não desde que ele me disse que um homem sendo assassinado era uma “ótima notícia”.

Ela ri. — Bem, meio que é.

— Sim, eu acho. — Eu reprimo o sorriso. — É ruim eu não me sentir culpada por ele estar morto?

— Amaya! — ela repreende através de suas risadas. — Você não deveria dizer merdas assim em voz alta.

Eu sorrio. — Eu sei, mas... privilégio de melhor amiga. Você pode ouvir todos os pensamentos não filtrados que não conto a mais ninguém.

Ela assente. — Bem, se for esse o caso, então, como sua melhor amiga, exijo que você me diga por que ainda está indo morar com Parker, se acha que seu nome está limpo.

Inclino a cabeça, mordendo o lábio. É incrível como esqueço facilmente que nem todo mundo conhece o mesmo Parker Errien que eu. Eu sabia no que estava me metendo quando concordei em ser dele, e não sou ingênua o suficiente para acreditar que ele me deixaria ir. Agora que ele me tem, ele nunca me permitirá sair.

Além disso, ele não perdeu tempo se envolvendo em tudo que tinha a ver com a minha vida, tornando-me dependente dele de uma forma que uma vez jurei que nunca seria. Cuidado extra com Quinten. Pagando pela terapia. Dando-me transporte. Colocar Quinten para uma entrevista naquela escola particular em Coddington Heights.

— *O egoísmo é uma característica feia, Amaya. — A voz da minha mãe ressoa em meus ouvidos.*

Eu aceno, chupando meus lábios. — Ele é... Ele dá a Quin uma vida que eu não posso dar a ele, sabe?

As sobrancelhas de Dalia franzem enquanto ela olha para mim com sua visão periférica. — Acho que você dá a Quin a melhor vida porque *está* nela. Não há ninguém que aquele garoto ame mais do que você.

— Sim, bem, todos nós somos nossos piores críticos, eu acho. — Eu me inclino para frente e aumento o volume novamente. Não sinto mais vontade de conversar.

Vinte minutos depois e estamos parando em frente ao Errien Hotel.

O porteiro traz um grande carrinho dourado e, antes que eu possa piscar, todos os meus pertences e os de Quinten estão carregados e desaparecendo lá dentro.

— Bem, então, — diz Dalia. — Essa foi fácil.

— Acho que sim, — respondo, olhando para o tijolo vermelho escuro. Há uma sensação de pavor afundando em minhas entranhas quanto mais eu olho, mas eu empurro de volta para baixo.

Dalia assobia. — Você está arrasando agora, irmã. Não se esqueça de nós, pequeninos.

Eu bufo. — Por favor. É um insulto você dizer isso.

Ela se inclina, cutucando meu ombro com o dela. — Vamos. Vou ajudá-la a desfazer as malas.

Não tenho certeza do que esperava quando entramos no hotel, talvez que as pessoas olhassem para mim de forma estranha ou que houvesse julgamento no ar sobre o fato de que Parker me escolheu para sua esposa, apesar de quem eu sou e do que esta cidade pensa de mim, mas em vez disso, é o oposto. Recebo sorrisos de todos os funcionários e, enquanto

Dalia e eu passamos pela entrada e vamos até o elevador, enfio a mão no bolso de trás e retiro a chave que Parker me disse para passar para ter acesso ao nosso andar.

Funciona perfeitamente e então as portas se abrem direto para a cobertura.

Dalia faz uma careta. — Ele simplesmente abre direto para a sua casa assim?

Dou de ombros. — Eu acho que sim. — Entramos, meus passos ecoando no chão de mármore, e eu giro com os braços estendidos ao lado do corpo.

— Aqui está ela em toda a sua beleza.

Dalia assente, olhando em volta. — Meio chato.

— E grande.

— Definitivamente isso, — ela concorda. — Ele sabe quais são os esquemas de cores ou você acha que ele optou por tons suaves de cinza de propósito para combinar com sua personalidade?

Eu rio, vendo que os porteiros colocaram as caixas encostadas na lateral da parede aqui da sala, e vou até elas, passando o dedo sobre as letras que soletram o nome de Quinten.

Meu coração aperta.

Dalia caminha ao meu lado. — Ele vai ficar bem, garota. Ele sempre faz isso.

Eu engulo a emoção, balançando a cabeça. Eu sei que ele vai ficar bem, mas ainda me preocupo. Ainda me pergunto se estou fazendo a coisa certa. — Sim.

— Ele pegou você. E falo por experiência própria quando digo que isso é realmente tudo o que qualquer uma de nós precisa.

Rindo, reviro os olhos e me viro em direção a ela. — Você só está me bajulando porque agora sou rica.

— Ha! Pode apostar que sim. Agora peça comida para viagem e vamos instalar você.

Capítulo 40

Cade

Eu assobio enquanto a irmã Genevieve aplica pomada nas minhas costas.

— Cuidado, — eu respondo.

— Desculpas, padre.

Não há nenhum lugar no mundo onde eu queira estar *menos* do que nas montanhas novamente. As estradas estão escorregadias e geladas, o clima torna a jornada terrível de dirigir e, honestamente, estar aqui quando as condições podem ficar muito difíceis para voltar à cidade me dá coceira.

Não há nada aqui exceto segredos e solidão, coisas que eu não quero ter. Estar sozinho me dá tempo para pensar. Sobre Amaya. Sobre minha vacilante lealdade a Ele. E é melhor deixar esses segredos enterrados onde nem eu possa encontrá-los.

Meu coração dói e cerro os dentes para abafar isso. Essa sensação *ridícula* em meu peito é o motivo pelo qual me esforcei tanto com a disciplina ontem à noite, esperando que a dor física entorpecesse aquele que rasgava meu peito.

Eu disse a mim mesmo que não pensaria mais nela.

Que eu faria o que precisava ser feito. Nos despedimos, então é hora do meu mundo parar de girar em torno dela como se ela fosse meu sol.

Tenho que sair de Festivalé, digo novamente a mim mesmo.

— O que você poderia ter feito que exigisse esse nível de surra? — Irmã Genevieve pergunta enquanto faz curativos nas feridas.

— Não estou aqui para conversa fiada, irmã.

Ela cantarola, os joelhos estalando enquanto ela se levanta e começa a arrumar o kit de primeiros socorros. — Eu não sou tão inocente quanto você pode pensar.

Inclino a cabeça, observando-a. — Não? No entanto, você está aqui como freira.

Seus lábios finos, seus olhos verdes se estreitando. — Deus perdoa.

Eu concordo. — Isso Ele faz.

— Você gostaria de uma xícara de chá? — ela pergunta, já indo para a cozinha.

Suspiro, recostando-me e olhando pelas pequenas janelas que emolduram os dois lados da pequena lareira. Eu não deveria ficar. A neve está caindo em rajadas mais espessas e as estradas certamente só vão piorar, mas se eu voltar, terei que fazer um show.

E aqui, pelo menos, a Irmã Genevieve não me faz esconder.

Além disso, minha mente precisa de distração para que eu não faça algo selvagem como pensar onde Amaya está agora, com *quem* ela está.

O que ela está fazendo.

Não é problema meu.

Não mais.

Irmã Genevieve volta com duas xícaras de chá e me entrega uma

antes de se sentar no sofá.

— Você já se apaixonou, irmã? — Eu pergunto, vestindo minha camisa.

Ela ri. — Várias vezes, infelizmente.

— Oh? — Minhas sobrancelhas se erguem, surpresa com a resposta dela.

Ela sorri para mim. — Eu nem sempre fui freira da mesma forma que você nem sempre foi padre. Levei muitos anos da minha vida para descobrir que era aqui que eu deveria estar.

— Algum deles já te amou de volta?

Ela toma um gole de chá. — Você está apaixonado, padre?

Eu zombei. — É uma questão teórica.

— Hmm, — ela cantarola, tomando outro gole. — Bem, se você estivesse, *teoricamente*, eu diria que não vale a pena. Assuntos do coração raramente o são.

Não sei por que a resposta dela envia uma faísca de algo sombrio em meu peito, especialmente quando ela está certa.

Além disso, o que sinto por Amaya vai além do amor. É incomparável. E está claro que tudo o que a irmã Genevieve sentiu em sua vida não chegou nem perto disso, porque se tivesse, duvido que ela estivesse aqui comigo.

Saio pouco depois e, embora as feridas nas minhas costas estejam melhores, a dor no meu coração piora.

Uma semana se passa e Amaya parece um fantasma. Se eu não tivesse minhas memórias e esse desejo desagradável corroendo meus

nervos como um viciado sem solução, seria como se ela nunca tivesse existido.

Mas onde eu esperava recuperar o foco, tudo parece ter perdido a cor.

Estou vivendo em algum lugar entre simplesmente existir enquanto espero uma resposta do Bispo Lamont, com quem solicitei uma transferência, e procurá-la em cada rosto que passa. E essa é a razão pela qual estou constantemente entrando no espaço de ensaio da peça da Escola Primária Louis, sempre olhando para vê-la aparecer, mas apenas vendo a supervisora de Quinten.

Eu sei que ela está me evitando.

Portanto, é com uma energia ansiosa que me preparo para a missa de Natal. Parker certamente estará presente, e não posso imaginar que ela *não estaria* aqui com ele. Visto meu traje, repetindo as orações que fiz tantas vezes antes, só que desta vez pareço entorpecido. Onde antes eu sempre sentia um propósito, agora sinto apenas um silêncio vazio. É desanimador e me faz questionar tudo em que sempre acreditei.

Não a vejo imediatamente durante o culto, mas como um anjo caído, lá está ela, usando um lindo vestido vermelho de manga comprida, o cabelo escuro penteado para fora do pescoço e um colar de esmeraldas novinho em folha pendurado no pescoço.

Meu estômago se revira toda vez que a jóia brilha, e tenho vontade de arrancá-la de sua garganta e enfiá-la na boca gordurosa de Parker.

Meu vício volta ao foco, arranhando minha pele com unhas afiadas como garras.

Faço o possível para ignorar porque hoje é um dia sagrado.

De alguma forma, consigo passar por todo o culto, mesmo que meus olhos continuem se desviando para a mão dela emaranhada com a de Parker, e assim que termina, eu saio correndo, com tudo em mim *implorando* para me virar só para estar perto dela. Para roubá-la e limpá-la dele.

Em vez disso, entro em minha casa, caio de joelhos e rezo.

Dois dias depois, não posso deixar de passar novamente pelo ensaio da peça da Escola Primária Louis. Eles estão no santuário hoje, porque é lá que eles vão encenar a peça, e meus olhos procuram por Quinten, esperando que se eu conseguir vê-lo, talvez seja o suficiente para saciar a vontade de querer ver sua irmã.

Encontro-o perto das velas votivas, pegando as apagadas do depósito e alinhando-as em uma fileira. Não há mais ninguém perto dele, e olho ao redor, me perguntando por que ele está aqui sozinho e se é por escolha própria ou porque o colocaram aqui.

A mulher que vi com Quinten antes está do outro lado da sala conversando com o diretor de arte, Sr. Anderson, e no corredor entre os bancos estão Florence Gammond e a Diretora Lee, parecendo duas ervilhas em uma vagem com as cabeças inclinadas juntas.

Há um pequeno grupo de crianças no estrado, segurando papéis e recitando falas, e outro pequeno grupo no canto rindo baixinho, ocasionalmente olhando para Quinten. Mas ninguém faz nada para incluí-lo em nada do que está acontecendo.

Meus pés estão se movendo antes de eu tomar a decisão conscientemente, me levando em direção a ele. Certifico-me de que ele possa me ver antes de me sentar no chão, empurrando a caixa de armazenamento que contém as velas apagadas. Levanto as pernas,

apoiando os cotovelos nos joelhos enquanto me encosto na parede e olho para ele.

Ele fica inspecionando cada vela, uma por uma, antes de alinhá-las, e quando olho mais de perto, percebo que ele também pegou pequenas estatuetas do presépio que tínhamos em exposição na frente.

Sento-me com ele em silêncio, observando-o trabalhar, apenas lhe fazendo companhia até que ele me diga para ir embora. Pela primeira vez em semanas, sinto-me em paz.

Eventualmente, ele olha para mim, um sorriso lento se espalhando por seu rosto. Seus olhos são do mesmo tom dos de Amaya, verdes brilhantes com toques de amarelo, e uma estranha sensação de déjà vu embaça meu cérebro.

— Você gosta de dinossauros, — afirma Quinten.

Um pequeno sorriso surge no meu rosto, um pouco lisonjeado por ele se lembrar de mim, embora encontrá-los no supermercado e falar sobre dinossauros pareça ter acontecido há muito tempo.

— Isso mesmo. — Aponto para mim mesmo. — Cade, lembra?

— Cade, — ele repete, balançando o corpo para frente e para trás e colocando outra vela no final da linha. — Olá, Cade.

— Olá, mon petit. — Olho para o estrado e volto, notando brevemente que Florence está com o olhar fixo em nós dois. *O que ela está fazendo aqui?* — Por que você está aqui sozinho?

Quinten pisca e fica com uma expressão concentrada no rosto, como se estivesse desmontando minhas palavras e reformando-as para caberem em seu cérebro. Ele se vira para olhar para todos do outro lado da sala. — Vou ficar fora do caminho, aqui.

— Aqui? — Aponto para onde estamos.

— Fique aqui. — Ele repete minha indicação.

— Você *gosta* de estar aqui?

Ele me observa com atenção novamente, seus dentes afundando no lábio inferior. — Não.

É apenas uma palavra, mas é a resposta mais direta que ele me deu até agora, e está bem claro o que está acontecendo.

Esse menino não tem ninguém aqui que esteja do seu lado. Ninguém aqui se importa.

Amaya confia nessas pessoas para cuidar de seu irmão quando ela não está por perto, e é isso que elas fazem?

A raiva corre através de mim quando me lembro da minha conversa com a Diretora Lee quando vi Quinten sendo empurrado pelos corredores, e eu deveria ter previsto isso. Eu deveria ter feito mais para garantir que ele não seria tratado dessa maneira depois de fazê-la incluí-lo. Mas naquela época, eu ainda estava convencido de que a emoção extrema que sentia por Amaya nada mais era do que meu monstro querendo vê-la morta.

— Ei, você quer passar um pouco no meu escritório? — Pergunto-lhe.
— Podemos fazer o que você quiser.

Ele inclina a cabeça antes de concordar. — Ok.

Eu sorrio. — Ok. Vamos.

Capítulo 41

Amaya

Uma mão acaricia lentamente meu lado e minhas pálpebras tremem. Sorrindo, estico os braços acima da cabeça e me encosto no corpo quente.

Cade.

Estou prestes a murmurar seu nome quando uma voz diferente fala em meu ouvido.

— Doce menina.

Meus olhos se abrem e eu me sento, olhando para Parker.

Ele está totalmente vestido e parece que está prestes a sair para o escritório. Levo a mão ao peito, tentando recuperar o fôlego, o pânico formigando meus músculos quando percebo que quase gemi o nome de Cade na frente dele.

Parker ri. — Bom dia, futura esposa. Tome um café e vista-se. Jason quer nos encontrar..

Isso chama minha atenção e me endireito, passando a mão pelo cabelo enquanto tento abafar um bocejo com a outra. — Oh, tudo bem. Boas notícias, espero?

Ele sorri. — Você está livre e limpa, querida.

Minha mão cai para o meu lado e eu olho para ele, sem saber se devo acreditar ou não. — O que? Você está falando sério?

Ele se inclina, dando um beijo em meus lábios, e eu enrijeço involuntariamente antes de relaxar com seu toque. — Eu disse que cuidaria de você, Amaya.

O alívio me inunda e jogo meus braços em volta de seu pescoço sem pensar, contendo a emoção de saber que finalmente terminou essa merda pairando sobre minha cabeça. — Obrigada, Parker. Obrigada, obrigada, obrigada.

Suas mãos deixam minhas costas e deslizam até o topo das minhas coxas, subindo por baixo do meu short de dormir. — Eu conheço outra maneira de você me agradecer.

A bile sobe pela minha garganta e forço uma risada, tirando as mãos dele das minhas coxas. Tive sorte porque até agora ele esteve ocupado à noite com o trabalho. — Você acabou de dizer que Jason precisava se encontrar e parece que está de saída. Verificação de chuva?

Ele geme, apertando-me com força suficiente para me machucar antes de me soltar e se levantar para endireitar seu terno. — Tudo bem, mas não pense que vou esperar para sempre. Você concordou em ser minha e eu cumpro minha parte no trato. É hora de você começar a mostrar alguma gratidão por tudo que estou lhe dando.

Meu nome foi oficialmente limpo e mal posso esperar para pegar Quin em seu ensaio na igreja e passar por casa,- quero dizer, na casa de Dalia, e comemorar.

Eu a pedi para buscá-lo e deixá-lo porque não queria arriscar ver Cade quando me saí tão bem em evitá-lo, mas hoje eu contei a ela a boa notícia e decidi dizer foda-se e ir para lá eu mesma.

Parte de mim, a parte mais depravada, espera encontrar Cade de qualquer maneira, para que eu possa contar a ele também.

— Onde está Quin? — pergunto a Lydia, olhando para todos os outros estudantes sendo embrulhados em seus casacos e levados para as ruas.

Ela coça o pescoço e olha para o chão, a culpa tomando conta de seu rosto. — Padre Cade o levou embora em algum momento durante o ensaio.

Meu corpo inteiro congela. — *O que?*

Seus olhos estão se desculpando quando ela olha para mim. — Ele estava bem, então fui falar com o Sr. Anderson e, quando voltei, ele havia sumido. Passei meia hora procurando de cima a baixo antes que Florence me dissesse que os viu saindo juntos. Achei que estava tudo bem, já que era o padre Cade. — *Inacreditável.*

— O que Florence estava fazendo aqui? — Cuspo e levanto a mão. — Você sabe o que? Deixa para lá.

A lógica me abandona completamente. Essa é a maneira dele de me fazer falar com ele?

Achei que tínhamos um acordo, ainda que silencioso, mas imaginei que ambos entendíamos o que precisava acontecer. E cumpri minha parte no trato; eu fiquei longe. Não quero arruinar a vida dele, assim como não quero que ele arruíne a minha, e o fato de ele sequestrar meu irmão de onde ele deveria estar *não está* sustentando seu fim.

— Vamos então, — digo a Lydia, sem esperar que ela me siga. — Vou me concentrar em por que você não sabia o que aconteceu com Quin *trinta minutos* depois e, em vez disso, você pode esperar com ele enquanto eu converso com o padre Cade.

Lydia suga os lábios e acena com a cabeça, a culpa escorrendo por seus poros.

Olho para ela enquanto caminhamos. — Não é preciso dizer que enquanto você o observa, você não deve perdê-lo de vista.

Uma onda de satisfação toma conta de mim quando a coloco em seu lugar. *Uau*. Quem diria que defender-se poderia ser tão bom? Não sou o ninguém sem poder que costumava ser. E já é hora de aprender a usá-lo, especialmente se vou me casar com Parker.

Estou furiosa quando chegamos ao escritório de Cade, visões de Quinten finalmente interagindo com seus colegas, depois sendo privado da oportunidade e colocado com um *estranho* correndo pela minha cabeça.

É a primeira vez que isso acontece? Ele estava se encontrando secretamente com Quinten esse tempo todo?

Chegamos ao escritório dele e dou uma olhada para Lydia para que ela saiba que ela precisa ficar onde está antes de girar a maçaneta e abrir a porta com força, a maçaneta batendo na parede como um trovão.

Mas minha ira não dura, porque o que encontro me choca e me deixa em silêncio.

Cade e Quinten estão sentados no meio da sala e estão... *pintando com os dedos*.

Minhas sobrancelhas sobem até a linha do cabelo, e meu olhar se move de onde Cade está sentado olhando para mim, sua camisa branca de mangas curtas agarrada aos braços musculosos e pontilhada com arco-íris de tinta colorida, para Quinten, que tem um sorriso gigante no rosto. seu rosto e as palmas das mãos cobertas de verde e azul.

Eu *nunca* vi Quinten com tanta bagunça nas mãos antes, nem mesmo em suas sessões de terapia, e uma onda de euforia corta meu ar, fazendo

minha garganta inchar. Meus olhos se prendem aos de Cade.

Quinten sorri, erguendo os dedinhos e abrindo-os bem. — Tintas a dedo!

Eu me afasto do olhar intenso de Cade e me concentro em Quinten. — Eu vejo isso.

Dando um passo mais perto, minha raiva derrete como neve ao sol, e olho para o enorme lençol branco que está colado no chão, grandes e pequenas marcas de mãos cobrindo 90% da superfície.

— Isso parece incrível.

— Talvez da próxima vez possamos pintar um só para você, — a voz de Cade interrompe.

Meu coração pula. — Sim, talvez. — Eu me agacho ao lado de Quinten. — Ei, a senhorita Lydia pode levá-lo ao banheiro e limpá-lo para que possamos ir para casa?

Ele balança a cabeça lentamente, olhando entre Cade e eu. — Podemos pintar amanhã?

— Claro, mon petit, — Cade diz. — Contanto que sua irmã esteja bem com isso.

— Ele faz terapia.

Cade dá de ombros. — Depois então.

Lydia bate na porta aberta e enfia a cabeça, olhando ao redor antes de sorrir para Quinten. — Vamos lavar você, amigo.

— Amanhã? — ele pergunta novamente.

— Veremos, — respondo, meu estômago afundando ao pensar em

Quinten ficando mais apegado do que claramente já está.

Lydia se aproxima e segura a mão dele, e então eles vão embora, a porta se fechando atrás deles.

O silêncio enche o ar.

Cade se levanta, parecendo gostoso pra caralho em sua camisa branca e calça preta, manchas de tinta decorando seus braços. E assim como quando nos conhecemos no supermercado, estou cheio de gratidão pela maneira como ele é com Quinten.

Os “e se” encham minha cabeça.

E se ele não fosse padre?

E se eu pudesse tê-lo?

E se? E se? E se?

Meus olhos passam do rosto dele para os braços e depois para baixo, e quando os levanto novamente, as íris de Cade parecem fogo derretido.

Isso me irrita e, de repente, minha raiva anterior volta.

Porque isso é injusto. É *injusto* que eu não possa tê-lo. E com certeza é injusto que eu esteja noiva de outra pessoa e Cade seja quem ele é quando ninguém nunca, *já* me fez sentir do jeito que ele faz.

E foda-se ele por agir como se tivesse o direito de acolher Quinten e ser tão atencioso quando ele não está disponível para ficar em nossas vidas.

— Você realmente tem muita coragem, — eu cuspo, indo em direção a ele e empurrando-o no peito.

Ele tropeça um pouco para trás. — Com licença?

Dou um passo à frente novamente, enfiando o dedo em seu peito. — Como você se atreve. O que foi isso, algum plano mestre para me suavizar e me trazer de volta para sua vida?

Os olhos de Cade ficam tristes. — Amaya.

— Não. — Eu o soco novamente. — Isso não é *justo*, Cade. Eu não posso ter você, sabe? Não somos bons um para o outro. E aqui está você, sentado em seu escritório parecendo... *isso*... — eu gesticulo para cima e para baixo em seu corpo — e sendo do jeito que você é com Quin, e eu deveria fazer o quê, esquecer todo o resto?

Ele balança a cabeça. — Não sei o que você quer que eu diga.

— A verdade! — Eu grito. — Que tal você tentar a verdade pelo menos uma vez?

Diga-me por que Quin estava aqui com você e depois me diga quem você realmente é, porque com certeza não é um homem santo.

Ele ri e, quando passa a mão pela frente da camisa, seus músculos ficam inchados, redemoinhos de arco-íris subindo por seus braços, manchas de tinta pontilhando seu pescoço e os ângulos agudos de seu maxilar.

Eu *odeio* o quão bom ele parece agora. Quão normal. Não quando estou desesperada para lembrar por que ele não está.

— Aqui está a verdade, *mon trésor*. Você está delirando. — Ele entra em mim. Claramente, ele está com raiva. As veias de seu pescoço latejam e suas narinas se dilatam como se ele estivesse segurando seu controle por um fio. — Ingrata.

Cruzo os braços e bufo. — Não me diga que sou ingrata, seu... seu *falso*!

Ele franze a testa, depois levanta a cabeça até ficar de frente para o teto e solta uma risada incrédula.

O ar fica mais rarefeito, vibrando como se estivesse absorvendo nossa fúria. O momento parece congelado e espero ansiosamente para ver o que ele fará. Se ele vai se controlar como deveria ou se vai quebrar.

A verdade é que quero *brigar*. Quero algo que destrua esse sentimento e me liberte dessa prisão.

Cade passa as mãos cobertas de tinta pelo cabelo preto despenteado e puxa as raízes. — Você é *irritante*.

Abro a boca para responder, mas então seus braços se estendem, rápidos como um raio, me agarrando pela cintura e me puxando até que eu esteja encostada em seu corpo. Eu suspiro, o calor se espalhando por mim como um incêndio. Seus dedos ficam tensos ao meu redor como se ele estivesse guerreando consigo mesmo para me afastar ou me arrastar para mais perto. Fecho os olhos, rezando ao seu Deus para que ele me mantenha por perto.

Este é o maior contato que tivemos em semanas e, como a mulher patética que sou, me derreto no sentimento.

— Você acha que estou *fingindo, petite pécheresse*? — ele murmura.

Arrepios percorrem minha espinha como uma lixa, ásperos e arranhando meus nervos em frangalhos.

— Você acha que isso não é real? — Ele agarra minha mão e a puxa para baixo até cobrir seu pau duro. Mordo o interior da minha bochecha para não gemer com a sensação, minha boceta tendo espasmos de desejo.

— *Porra. Você*. — Eu arranco minha mão, me contorcendo em seu aperto. Não consigo pensar com os braços dele em volta de mim.

Quanto mais eu luto, mais seu aperto fica mais forte. — Achei que você queria a verdade, Amaya. Que tal um pouco mais? — Ele se inclina, seus dentes mordendo meu queixo.

Arrepios espalham-se pelo meu pescoço e ombros, ondulando pela minha espinha.

— Você finge me odiar porque isso torna tudo mais fácil. Você vem aqui com a raiva como escudo, atacando antes de ser atingida.

— Não. — Balanço a cabeça, suas palavras perfurando meu peito.

— Mas nada em nós é *fácil*. E o único nesta sala que está fingindo alguma coisa é você.

Um soluço sai da minha garganta porque sei que ele está certo. Estou *com* raiva, mas não com ele. Estou zangada com a forma como as coisas estão. Sobre como não posso ter a única pessoa que finalmente me faz *sentir* tanto.

— Eu só quero que isso pare, — imploro, meus dedos agarrando o tecido de sua camisa e puxando-o para mais perto. — Eu quero ser capaz de existir sem você atormentando cada um dos meus pensamentos. Sinto-me doente e... e obcecada. *Por favor*, Cade.

Ele ri, mas o som é oco. — E o que você sabe sobre obsessão? Você tem atormentado minha mente desde o primeiro momento em que te vi.

Uma lágrima rola pelo meu rosto e eu viro o rosto.

Ele solta meu quadril esquerdo, levantando a mão para segurar meu maxilar com força, me forçando a olhá-lo nos olhos. — *Si seulement tu savais quel est mon amour pour toi*²². Você me consome, Amaya. Quebra minha fé com o fogo de mil sóis e domine cada pesadelo até que tudo que eu sonhe seja você.

Outra lágrima escapa e então ele se inclina, sua língua deslizando e *lambendo* minha bochecha, seu gemido reverberando em meus ouvidos.

Seu sentimento distorcido quebra minha parede de defesa e eu afundo em seu abraço.

— Você se acha *obcecada, petite pécheresse*? Você não sabe o significado da palavra. — E então ele está em mim.

Ambas as palmas das mãos seguram meu rosto enquanto sua língua mergulha entre meus lábios. Seu gosto inunda minha boca, e ele inala meu gemido, não me deixando respirar nem por um segundo enquanto me beija de uma forma que ninguém mais fez. É violento, nossos dentes se chocando e mordiscando, e meus dedos voam em seu cabelo, puxando com força enquanto subo em seu corpo, tentando me aproximar, com medo de que, se eu o deixar ir, nunca mais conseguirei senti-lo novamente.

Algo cai no chão enquanto ele me gira e me pressiona contra sua mesa, seu corpo empurrando o meu, uma de suas mãos se movendo do meu queixo até a raiz do meu cabelo e me puxando para trás. Nossos lábios se separam quando ele puxa, minhas costas se curvando. Ele dá beijos ao longo do meu pescoço, pontadas agudas de dor ardem em minha pele pela maneira como ele chupa e morde enquanto abre um caminho pela minha garganta com seus lábios.

— Cade, — eu imploro, embora não tenha certeza do motivo.

O riso vem do lado de fora da porta e nos traz de volta ao presente, e nos separamos.

Imediatamente, ele se endireita, os olhos escuros e a boca vermelha e inchada. Levanto-me de sua mesa, limpando a garganta enquanto tento acalmar meu coração acelerado. Abaixando-me, endireito minhas roupas

e me levanto, respirando fundo.

Jesus.

Eu balanço minha cabeça. — Isso foi...

— Uma inevitabilidade, — ele termina.

Ele se eleva sobre mim, sua mão inclinando meu rosto até que eu estico o pescoço para encontrar seus olhos.

— Isso era uma inevitabilidade, — ele repete.

— Talvez sim, — admito, balançando a cabeça. — Mas isso não pode acontecer novamente.

— Porque você é de Parker? — ele zomba.

— Porque você é de Deus, — respondo, minha mão indo para seu queixo enquanto fico na ponta dos pés e dou um beijo no canto de sua boca.

E então mantenho minha cabeça erguida e saio pela porta para levar Quinten para casa.

Meu nome estava limpo, mas de repente não tenho vontade de comemorar.

Capítulo 42

Cade

Minha cabeça está inclinada e minhas mãos apertadas enquanto me ajoelho na frente da minha cama.

Eu rezo pela absolvição. Para resolução. Por algo “*qualquer coisa*” que me dê alguma clareza sobre o que devo fazer. À primeira vista, sei o que é certo, pelo menos o que sempre pensei *ser* certo. Passei todos os anos com uma agenda em mente: ser um soldado leal de Deus, alguém que condenou os condenados enquanto eu mesmo era condenado.

Mas o que sempre soube *ser* certo não parece mais servir. Está raspado com bordas irregulares e continuo tentando enfiá-lo no mesmo buraco redondo.

Agora, a única coisa que parece certa é ela.

Ainda tenho minha fé, ainda acredito no que prego e na Sua palavra. Mas, pela minha vida, não consigo conciliar a dor que sinto por não poder tê-la enquanto eu O servir. Não parece justo.

E não gosto de ficar com raiva de Deus.

Esta é minha última tentativa de me apegar à minha justiça, ao que sempre acreditei ser assim. Eu oro e imploro por orientação. Mas, assim como antes, só há silêncio em troca.

O nome de Amaya bate no meu peito a cada batida do meu coração. Seus gemidos ecoam em minha mente, e seu gosto está impresso em

minha língua.

Eu quebrei. Ela cutucou e cutucou, e meus nervos já desgastados quebraram em milhares de fios que se acumularam a seus pés. As intermináveis horas de tormento por desejá-la, *sonhar* com ela, persegui-la, culminaram em uma explosão, e a única maneira de apagar as chamas era me afogar *nela*. Então cedi. Agarrei-a com força, mergulhando no sabor delicioso e pecaminoso de sua boca.

E ela é parte de mim agora, integral de uma forma que a chicotada mais forte não abafaria.

Uma piscada, um olhar em sua direção e minha vida mudou irrevogavelmente. Torcido e moldado em algo completamente irreconhecível.

Talvez eu tenha me tornado o pecador que sempre procurei matar. Ou talvez eu sempre tenha sido.

De qualquer forma, estou achando difícil me importar.

Amaya foi *feita* para mim. E agora que aceitei o que isso significa, não a terei de outra maneira, exceto ao meu lado.

Levantando-me do meu espaço ao lado da cama, vou até minha cômoda e tiro minhas roupas, correndo para me vestir. Visto meu casaco e luvas antes de sair da casa e ir para as ruas da cidade.

Hoje está muito frio e estão começando os preparativos para o Festival dos Tolos, com dezenas de trabalhadores colocando aquecedores externos e pequenas tendas a cada poucos metros ao longo da praça.

Eu deveria ficar aqui e garantir que eles não precisem da minha ajuda em nada, mas é para isso que eles têm Jeremiah. E não posso ser incomodado com meus deveres para com a igreja agora, não quando não

consigo nem respirar sem ver Amaya mais uma vez.

Por que Deus a colocaria em meu caminho se não fosse para que ela se tornasse minha?

Se ela for uma súcubo, então me *seduza*.

Se ela for meu demônio, então queimarei com prazer.

Alguns homens estão salgando os degraus de concreto em frente à Notre-Dame enquanto passo, mas não lhes dou atenção. Não me importo com quem vê que estou indo embora. Deixe todos saberem. Vou fugir desta cidade e roubar Amaya e Quinten também, construindo uma nova vida em outro lugar.

É cedo, pouco depois das sete da manhã, e sei que se eu me apressar, ela vai deixar Quinten na escola. Chego à Escola Primária Louis bem a tempo; o carro de Parker não pode faltar em nada no mundo.

Bato meus dedos no volante enquanto paro no meio-fio, ficando fora da fila de carros, e vejo Quinten saltar da traseira, sua supervisoralá para cumprimentá-lo e levá-lo para dentro. E quando o carro se afasta, coloco meu carro em movimento e sigo.

Da mesma forma que a acompanho desde o início.

Não tenho certeza de onde espero que ela vá, apenas sei que estarei onde ela estiver, mas quando o carro continua se afastando de Festivalé e entrando em Coddington Heights, fico surpreso.

Ela não vai para a Chapel, certo?

Mas não vamos nessa direção. Em vez disso, passamos por ele, atravessamos os limites da cidade até chegarmos à periferia da cidade e paramos perto de um pequeno prédio na esquina de uma rua. Pequenas empresas se alinham em ambos os lados, e inclino a cabeça, tentando

procurar sinalização na frente que me diga onde estamos e o que ela está fazendo aqui.

É um edifício indefinido, porém, e uma ponta de ciúme cresce na base do meu estômago, imaginando-a conhecendo outro homem aqui e dando a ele tudo o que deveria ser meu. Eu zombei, afastando o pensamento ridículo. Ela não usaria o carro *de Parker* para se encontrar com outra pessoa.

Espero com a respiração suspensa para vê-la aparecer, a memória de seus lábios carnudos contra os meus aquecendo meu sangue e fazendo meu pau encher e endurecer. Ela sai da traseira do carro, dizendo algo ao motorista antes de entrar, e quando o carro vai embora, minha curiosidade está prestes a me comer vivo. Debato pelos próximos dez minutos se devo ficar aqui e esperar ou entrar e avisar que estou aqui. Que ela não pode escapar de mim novamente.

Que não vou deixá-la fugir.

Fora do carro, é isso.

Entro correndo no prédio e paro quando entro, me perguntando em qual dos vários quartos ela estaria. É um interior bege básico com carpete curto de estilo industrial e cinco portas de cada lado, cada uma com uma placa de identificação na frente descrevendo um negócio diferente.

Lentamente, sigo pelo corredor, espiando pela janela fina de cada uma das portas para ver se consigo localizar Amaya.

O que ela está fazendo aqui?

Quando chego na metade do corredor, meus ouvidos se enchem de um baixo forte, abafado e abafado enquanto atravessa as paredes.

Dançando. Claro.

Ando mais rápido, algo puxando o meio do meu peito, como se eu estivesse preso a ela por uma corda, e quando chego à porta, a música está saindo, eu a vejo.

E fico imediatamente paralisado, da mesma forma que fiquei na primeira vez que a vi. Estou me movendo antes que possa me conter, minha mão girando a maçaneta e entrando na sala, esperando que ela sinta minha presença imediatamente e pare o que está fazendo para ficar com raiva de novo ou ficar feliz por eu estar aqui. Não tenho certeza de qual. Com ela, é sempre uma disputa.

Mas ela está tão envolvida em tudo o que está fazendo que não perde o ritmo. Seus olhos estão fechados e seu corpo voa ao redor do poste, uma única cadeira empoleirada não muito longe.

O desejo me sufoca como fumaça vermelha.

É um pequeno estúdio. A parte traseira é forrada com espelhos e um banquinho de madeira ao lado com um alto-falante Bluetooth, uma garrafa de água e o telefone de Amaya.

Encosto meu ombro na parede e a observo.

Ela dança por mais dois minutos antes de seus olhos finalmente se abrirem, e ela me vê no reflexo, seu corpo parando repentinamente. Lentamente, ela escorrega pelo poste, com os pés tocando o chão.

Seu peito está se movendo para cima e para baixo com sua respiração pesada, sua boca ligeiramente aberta e a pele brilhando com uma fina camada de suor, e quando nossos olhos se fixam no espelho, eu sorrio.

Capítulo 43

Amaya

Eu o senti antes de saber que ele estava aqui. Isso parece bobo, mas é a verdade. Houve uma mudança na energia durante a minha dança, e cedi à sensação, um peso tomando conta e tornando meus movimentos mais sensuais, menos apressados. Eu só não sabia que era *ele* até abrir os olhos.

Quando estou dançando, estou num estado alterado; minha mente desliga e meu corpo assume o controle, e encontro um alívio feliz do caos que ocorre constantemente no mundo. Eu sou apenas *eu*. E hoje, eu precisava da fuga.

Não me surpreende que Cade esteja aqui. Que ele me seguiu.

É isso que ele faz, e fui muito além de fingir que não gosto de sua atenção. Somos tóxicos um para o outro; os terapeutas me diriam para gritar o mais alto que pudesse e correr na direção oposta. Mas nunca fui de fazer o que me mandam.

A única coisa que realmente me faltou foi coragem. Coragem para enfrentar os valentões da cidade. Para não deixar outras pessoas controlarem minha vida. Mergulhar de cabeça em algo que poderia ser a melhor coisa que já conheci, mesmo que seja assustador pensar em perdê-lo quando for meu.

Passei *anos* trabalhando incansavelmente para manter tudo estruturado e rígido. Inflexível e rotineiro. Tanto pelo bem de Quinten

quanto pelo meu. Quando você não tem desvios no seu dia, você nunca encontra o inesperado. Cada interação que tive foi controlada, mantida à distância. Achei que manter meu coração bem trancado e Quinten e eu em uma pequena bolha protegeria qualquer outra pessoa de fazer o que nossa mãe fez.

Você não pode se machucar se não deixar ninguém entrar.

Achei que era isso que me tornava forte.

Mas de alguma forma, Cade abriu caminho através do escudo, e talvez seja isso que realmente seja a verdadeira força. Permitir-se a chance de se machucar e encontrar sua fé através do medo.

Então, quando abro os olhos e vejo Cade encostado na parede como se estivesse exatamente onde deveria estar, eu desisto.

Completamente. Livrementemente. Sem restrição.

Estou *cansada* de resistir. Cansada de me preocupar com o que todo mundo pensa e se Quinten e eu algum dia nos encaixaremos nesse molde.

Cansada de me importar, para ser completamente honesta.

A música desaparece, uma música termina e deixa algumas batidas de silêncio tenso enquanto nós dois estamos presos nos olhares um do outro, e então uma nova começa. Mais devagar. Mais suave. Mais sensual.

O baixo pulsa através de mim como uma coisa viva e me impulsiona em direção a Cade.

Ele está olhando para mim, porque está *sempre* olhando para mim, e eu mantenho seu olhar, sabendo que ele gosta quando eu o faço.

Meus quadris balançam de um lado para o outro enquanto me movo até ele, e quando estou a alguns passos de distância, sua mão se estende e

fecha a fechadura da porta, virando-se para mim.

Paro quando estou na frente dele, olhando em seus olhos. Um sorriso lento surge em meu rosto. — Oi.

Ele se endireita na parede, e meu estômago revira em antecipação quando ele começa a tirar as luvas, um dedo de cada vez.

Seu olhar me devora, seguindo da minha clavícula exposta até o comprimento do meu sutiã esportivo e passando pela minha barriga exposta até meu short e pernas nuas, depois subindo novamente. — Olá, *petite pécheresse*.

Ele enfia as luvas no bolso do casaco e depois se move para desabotoar, tirando-o completamente e colocando-o ao lado dele, sem se importar que esteja no chão de madeira sujo.

Eu espero, não querendo pronunciar outra palavra. Aterrorizada se eu fizer isso, o feitiço será quebrado. Nós dois podemos cair em si e lembrar que não deveríamos nos encontrar assim. Não deveríamos *estar*.

O pensamento me impulsiona à ação, porque se este for o nosso momento, vou agarrá-lo com as duas mãos. Minhas palmas se estendem e descansam em seu torso, seus abdominais tensos sob minhas mãos. Deslizo meus dedos por ele, espalhando-os sobre seu peito enquanto dou um passo mais perto até que nossos corpos estejam a centímetros de se tocarem.

Cade fica em silêncio e imóvel enquanto olha para mim, seus olhos escuros e ferozes. Essa rédea solta sobre seu corpo é inebriante, e estou embriagada com a sensação. Eu me pergunto o que mudou, o que o fez finalmente ceder ao que quer que isso esteja acontecendo entre nós, mas, na verdade, estou achando difícil me importar com o *porquê*, desde que *seja...*

A música continua pulsando e eu o exploro mais, deslizando os dedos por baixo da gola de sua camisa, esfregando para frente e para trás, desejando estar sentindo o calor de sua pele e não o tecido de sua camisa.

Eu fico na ponta dos pés, dando um beijo suave na parte inferior de seu maxilar, e suas mãos serpenteiam e me agarram pela cintura, arrastando meu corpo até o dele. Respiro fundo com sua ereção pressionando em mim, e meus dedos cavam em seus ombros quando ele pressiona profundamente em minhas costas.

— Não me provoque, Amaya, — ele rosna.

— Ninguém está brincando, — eu asseguro, dando outro beijo em seu queixo e me empurrando ainda mais contra ele. — Eu *preciso* de você, Cade.

Ele solta um suspiro profundo antes de me empurrar um pouco para trás, soltando minha cintura e agarrando minha mão.

Olho para nossos dedos emaranhados, minhas sobrancelhas franzidas com o simples toque e a forma como isso me faz sentir como se fogos de artifício estivessem explodindo dentro do meu peito. Ele nos move pela sala até que estejamos de volta ao poste e me solta, sentando na cadeira e segurando meus quadris, manobrando meu corpo até que eu fique entre suas pernas abertas.

— Dance para mim, — ele ordena.

— Você já veio me ver no clube? — Eu pergunto. — Além daquela primeira vez que nos conhecemos, quero dizer.

Ele me observa, mas demora para responder. Suas mãos se movem dos meus quadris para a parte externa das minhas coxas, seus dedos provocando a parte inferior do meu short e deslizando por baixo do

tecido, fazendo cócegas na minha pele com seus toques suaves. E então ele os move até que ele apalpa a carne da minha bunda e me puxa para seu colo, minhas pernas posicionando-se em cada lado de seus quadris. Minha boceta lateja quando sinto o quão duro ele está contra mim, e eu tenho que evitar esmagar seu pau grosso.

— Você quer que eu diga sim, *petite pécheresse*? — Ele se inclina, lambendo a concha da minha orelha. — Não seria mentira. Eu estive em todos os lugares que você está. Observando você. Doendo por você. *Matando* por você. — Eu gemo quando ele empurra para dentro de mim, seu comprimento arrastando ao longo da costura do meu short, e uma emoção passa por mim como eletricidade, me iluminando de dentro para fora.

Estou desesperada por mais de suas palavras.

Mais de sua obsessão.

Mais de sua verdade.

— Você já está com medo, *mon trésor*? — Ele dá um beijo no meu pescoço antes de morder a carne e chupar, marcando minha pele com a boca.

— Não, — eu digo, expirando.

E é a coisa mais honesta que já disse. Eu sei o que ele acabou de admitir para mim, já sabia há algum tempo, para ser honesta. E talvez eu devesse estar fugindo, enojada com quem ele é e com o que representa. Mas eu não. E eu não estou.

Cade me faz sentir livre. Me faz sentir *vista*.

Ele me faz sentir amada.

E não me importo com mais nada.

Sua mão direita se move do meu quadril e desliza pelo meu lado até que ele a enrosque no cabelo da minha nuca, seu lugar favorito, e puxa até minhas costas arquearem. Sua língua desliza pela lateral do meu pescoço, e ele dá beijos em minha garganta, e eu afundo em meu peso, empurrando meu clitóris contra ele.

— Bom, — ele sussurra contra a minha pele. — Eu nunca te machucaria. Me desculpe por ter feito isso. — Outra picada afiada me perfura quando ele belisca minha pele, e então ele se inclina para trás, seus dedos flexionando em meu cabelo. — Dance para mim, *mon trésor*. — Então eu faço.

Giro meus quadris, minhas pálpebras tremulando quando sua ereção desliza ao longo de meus nervos sensíveis da maneira certa, e repito o movimento, querendo pular as preliminares e tirar seu pau para que ele possa deslizar profundamente dentro de mim. Eu sei que ele vai fazer doer *muito*.

Meu corpo rola, meu peito passando por seus lábios a cada impulso para frente, e eu me movo para levantar meu sutiã esportivo, tocando a bainha antes de arrancá-lo completamente e jogá-lo em algum lugar para o lado.

Suas pupilas dilatam e então sua boca está em meu seio, sua língua batendo contra o mamilo antes de ele sugar *com força*.

— Jesus, Cade, — eu gemo, minha mão voando para a parte de trás de sua cabeça enquanto eu esfrego seu pau.

— Meça suas palavras. — Ele geme contra mim, depois se move para prestar atenção no meu outro lado, e estou tão molhada que tenho certeza de que estou deixando uma mancha em suas calças. Mas eu não me importo. Preciso que ele me foda ou acho que posso morrer.

— Cade, — murmuro, meu clitóris doendo mais a cada passagem em seu colo. — *Por favor*.

Ele libera meu mamilo com um estalo, sua mão deixando meu cabelo e indo para o zíper. Eu me levanto um pouco e ele desabotoa as calças, e então seu pau está em sua mão, o pré-sêmen vazando pela ponta. Minha boca fica com água. Eu me afasto de onde estou sentada e caio de joelhos, engolindo-o garganta abaixo antes que ele possa me dizer não.

— *Porra*, — ele geme, sua mão voltando para segurar meu cabelo.

Ele nunca xinga, e isso envia uma onda de desejo através de mim, o gosto salgado dele *cobrindo* minha língua enquanto eu movo para cima e para baixo em seu comprimento.

— É isso, *petite pécheresse*. Leve-o garganta abaixo até engasgar. — Ele pontua suas palavras com um golpe forte, e a ponta dele me amordaça, meus olhos lacrimejam enquanto ele se enterra até o punho e se mantém lá.

Respiro pelo nariz, o desejo apertando meu estômago.

Minha cabeça é puxada para trás e seu pau desliza para fora, grosso e latejante, uma fina linha de saliva grudada da cabeça até meus lábios. Avanço novamente, minha língua girando em torno da ponta, desesperada por mais.

Ele faz uma careta, puxando os fios do meu cabelo até eu estremecer. A pontada aguda de dor me faz ver estrelas, e minha boceta está em chamuscas com o quanto eu preciso gozar. Inclinando-se, ele morde meu lábio inferior, sua língua deslizando ao longo da minha boca e mergulhando dentro como se estivesse tentando sentir seu gosto em mim.

Preciso dele como preciso de ar.

— Diga-me que posso ficar com você, — ele murmura contra mim. — Diga-me que você é minha.

— *Sua*. Sim. *Por favor*, — eu imploro. Meu corpo treme quando ele me coloca em pé, suas mãos deslizando por baixo do cós do meu short e arrastando-o pelas minhas pernas, torturantemente lento. Meu coração bate contra minhas costelas enquanto deixo ele definir o ritmo.

Enquanto desisto do controle e me rendo a qualquer coisa que ele esteja disposto a me dar.

Meu short é jogado para o lado, e então a palma grande dele está na frente da minha calcinha de algodão e ele puxa, o tecido queimando minha pele deliciosamente enquanto rasga.

Ele me agarra firmemente pelos quadris e me puxa de volta para seu colo, e quando minha boceta toca seu pau nu, nós dois soltamos um gemido.

Sonhei *com* esse momento.

Pensei nisso toda vez que enfiei meus dedos dentro da minha boceta e desejei que fosse ele.

— Foda-me até doer, Cade. *Por favor*.

— Eu não vou te foder, Amaya. — Ele puxa meus quadris para frente, minha boceta encharcando seu pau de tanto que estou molhada.

Eu gemo, apertando os olhos fechados.

Uma de suas mãos deixa meu quadril e segura minha bochecha. Eu me inclino para o toque.

— Eu vou te amar. Porque amar você dói muito mais.

Meu coração explode e ele me bate em seu pau, nossos quadris batendo juntos enquanto ele me preenche com cada centímetro grosso.

Ele me levanta levemente com a outra mão e depois me derruba novamente, iniciando imediatamente um ritmo punitivo, e minha mente está entrando em colapso e se expandindo como uma galáxia nascendo nas estrelas.

Somos uma confusão de membros e beijos desleixados e dedos que puxam e arrancam. É sujo, imundo, *raivoso* e parece que estamos com tempo emprestado.

— Deus, Cade, você parece... — Minha voz engasga quando ele fode comigo e rouba meu fôlego.

Deslizo minha mão pela frente do meu estômago, meus dedos mal tocando meu clitóris antes que ele retire meu toque. — Não, — ele diz. — Quando você está comigo, você está *comigo*.

Ele cobre minha palma com a sua e nos move de volta para minha boceta, seus impulsos desacelerando enquanto ele manobra nossos dedos em forma de V para envolvermos seu comprimento, minhas mãos ficando escorregadias por causa da umidade em sua pele. Eu levanto um pouco para poder sentir mais dele sob meus dedos e depois desço, a tensão aumentando fortemente em meu abdômen quando toco onde ele desaparece dentro de mim.

Eu respiro fundo.

— Sinta-se em mim, *mon trésor*? Como você encharca meu pau e como eu te preencho? — Ele empurra novamente, a outra mão se movendo para segurar minha nuca, me arrastando para frente até que nossas testas se toquem. — Olhos em mim, Amaya.

Nossos olhares se travam.

Eu respiro. Ele inspira.

Tudo em nós parece conectado e é inebriante, fazendo minha cabeça girar e meu corpo zumbir.

— Nenhum outro homem pode fazer você se sentir assim, — ele rosna.

— Cade, — eu sussurro.

— Diga, Amaya.

— Só você, — gemo, o calor formando uma bola apertada na base da minha coluna e explodindo.

E então eu gozo, meu corpo tremendo e minha boceta apertando dolorosamente ao redor dele, até parecer que minha alma está deixando meu corpo e voando para o céu.

Ele geme, longo e baixo contra mim, e seu pau pulsa enquanto ele pinta meu interior com seu esperma.

Eu desabo contra ele, tentando recuperar o fôlego.

Meu corpo dói e minha alma está saciada, e fecho os olhos e pressiono meu ouvido contra seu peito, deixando-me relaxar ao som de seu coração batendo.

Ele tem razão.

Nosso amor dói muito mais.

Capítulo 44

Amaya

Cade me fodeu de novo antes de sair, e agora estou de volta à minha nova “casa”, tentando agir normalmente perto de Parker. Tenho corretivo no pescoço e minhas roupas cobrem cada centímetro possível do meu corpo porque as impressões digitais de Cade estão tatuadas na minha pele em marcas roxas claras.

Eu o sinto toda vez que me movo e adoro isso.

Parker está em casa para jantar pela primeira vez desde que nos mudamos, e mesmo que eu não estivesse me sentindo desconfortável e dolorida, eu ficaria nervosa porque esta é a primeira interação real entre ele e Quinten. Minha mente está em guerra entre o quanto desejo fazer algo funcionar com Cade, mesmo que ele nunca tenha me dito que me daria mais do que temos, e saber que realmente não tenho escolha.

Já fiz um pacto com o diabo.

Os olhos de Parker me examinam do outro lado da mesa, e eu me forço a ficar parada, mesmo que queira me mexer na cadeira.

— Como foi seu dia, querida? — ele pergunta.

Eu dou de ombros.

Incrível.

Mudança de vida.

Eu não posso me casar com você.

Ele machucaria Quin?

Eu nunca deveria ter ido até ele.

Mais do que tudo, anseio por falar com Dalia, confessar meus segredos mais obscuros e deixar que ela me dê outra perspectiva, mas então penso em Cade. E até eu descobrir mais sobre sua posição, não posso colocá-lo em risco de que as pessoas descubram sobre nós. Embora eu confie em Dalia com tudo o que há em mim, a lealdade que sinto por proteger Cade e sua posição reina suprema.

— Amaya. — A voz afiada de Parker abafa meus pensamentos errantes e eu pulo no lugar, contendo o estremecimento de como estou dolorida entre as pernas.

A cabeça de Quinten se levanta de seu iPad ao ouvir o tom agudo de Parker, estreitando os olhos.

O ar na sala fica tenso e eu respiro fundo, a ansiedade deixando minhas palmas úmidas e minha garganta fechada.

— Desculpe, meu cérebro está um pouco confuso hoje. — Eu sorrio para ele, tentando acalmar as coisas.

Ele não sorri de volta e meu estômago afunda como uma pedra de concreto.

— Você fez algo emocionante? — ele continua, dando uma mordida em seu bife e recostando-se na cadeira, mastigando lentamente.

Meu coração pula na garganta. — Não muito. Levei Quinten para a escola, fiz algumas tarefas e depois fui com Quinten para a terapia. — Eu apunhalo a alface da minha salada. — A propósito, isso é delicioso. Obrigada por fazer o pedido esta noite.

Ele balança a cabeça e pega seu copo de uísque, as veias de seu pescoço saltando enquanto ele engole e o coloca de volta na mesa, ainda em silêncio.

Continua observando.

Sinos de alarme tocam na minha cabeça.

Ele sabe?

Não tenho ilusão de que ele não receba relatórios do meu motorista Barney sobre onde estou indo e o que estou fazendo. Mas eu não estava pensando nisso quando estava tão perdida em tudo, Cade. Além disso, mesmo que eu tivesse contado ao Barney alguma história inventada sobre o porquê de eu estar indo para onde estava indo, isso não teria importância. O homem nunca fala uma palavra comigo.

— E você? — Eu pergunto.

Ele balança a cabeça. — Foi... esclarecedor.

— Oh, isso é bom. — Eu engulo, minha boca seca de repente. — Está tudo bem?

No segundo em que as palavras saem dos meus lábios, eu gostaria de poder sugá-las de volta. Mas estou tentando parecer indiferente, e não sei... normal?

— Perfeito, doce menina. — O sorriso de resposta de Parker é uma linha fina que não mostra os dentes. — Na verdade, — ele continua, olhando entre Quinten e eu, — decidi que não deveríamos esperar mais. Estou cansado de seguir as regras da igreja.

Meu estômago cai. — O que você quer dizer? Achei que a igreja era importante.

— Lembre-me novamente do que você aprendeu em suas aulas individuais? — ele pergunta, inclinando a cabeça. — Não consigo me lembrar.

Meu coração bate tão alto que temo que ele possa ouvi-lo do outro lado da mesa.

— Eu não...

— Certo. — Ele balança a cabeça, esfregando a mão na parte inferior da maxilar. — Vamos nos casar no próximo fim de semana.

Meu garfo cai, o barulho do metal contra a porcelana branca soa alto em meus ouvidos. Parker está olhando para mim e eu limpo minha expressão.

Ele coloca os talheres suavemente, pegando o guardanapo de linho e pontilhando os lados da boca antes de colocá-los também. — Achei que você ficaria feliz.

Deslizo meu olhar para Quinten, que continua olhando para Parker e depois para mim.

— Podemos conversar sobre isso mais tarde? — pergunto, apontando para Quinten.

Parker suspira, pegando seu uísque e levando-o aos lábios, bebendo o resto da bebida. Levantando-se, ele abotoa o paletó e se aproxima, dando um beijo firme no topo da minha cabeça, sua mão segurando possessivamente minha nuca até que todos os pelos do meu corpo se arrepiem.

Seus dedos pressionam as marcas de Cade, e eu mordo minha bochecha pela dor que causa quando ele pressiona os hematomas.

— Não, — ele diz. — O que está feito está feito. Minha decisão foi

tomada.

E então ele se foi, de volta para onde quer que ele fosse, e eu fiquei com Quinten de olhos arregalados e eu tentando sorrir em meio ao pânico para que ele não soubesse que algo está errado.

Capítulo 45

Cade

Cheguei a um impasse. Uma rocha é um lugar difícil. Eu pensei que assim que tomasse uma decisão firme, seria isso. Chega de olhar para trás, chega de perguntas.

Quando estou com Amaya, a vontade de me bater desaparece.

Acontece que quando estou sozinho, velhos hábitos são difíceis de morrer.

Sentado em meu quarto, com o cheiro de Amaya ainda em minha pele, estou travando um tipo diferente de batalha. Um que está oscilando entre o que soube fazer durante toda a minha vida e o que anseio fazer agora.

Arreponder-se. Expiar. Lamentar.

Mas já decidi que Amaya não é algo para se sentir mal, mesmo que isso signifique perder o favor de Deus.

Levanto-me, andando até o canto da sala, olhando para o baú aberto. A indecisão dá um nó em meu interior e solto um suspiro, me afastando antes de voltar novamente. Desço e agarro a disciplina em minha mão, a corda agarrando minha pele como papel áspero.

Voltando para a minha cama, sento-me e olho para ele.

— *Deus quer que eu supere isso.* — A voz da irmã Agnes bate em meu cérebro, como acontece desde que eu era criança, e sei que a única

maneira de fazê-la ir embora é ceder.

Mas a expiação por Amaya faz com que ela pareça suja. Pecadora.

Ela é *tudo* para mim. Ainda assim, o desejo rasteja sob minha pele como insetos, até que eu quero arrancar minha carne do osso só para apagá-la.

Eu me levanto, tiro minha camisa pela cabeça e a jogo na cama, meus dentes cerrados com tanta força que parece que meus molares vão quebrar.

— *Pequenos demônios que não aprendem as lições ganham o chicote novamente.*

Meus olhos se fecham, meu coração se parte e eu levanto minha mão lentamente, meus dedos tremendo com a força que aperto a corda.

Então eu abaixo e golpeio. *Um.*

Vou me confessar hoje. É a última chance antes do Festival dos Tolos, na primeira. Não vejo ou falo com Amaya há dias, tanto porque estou me recuperando da surra que me dei depois que finalmente a tive, quanto porque parte de mim quer que ela venha até *mim*.

É decepcionante ainda estar esperando, embora não tenha certeza do que mais poderia realmente esperar. Decidi dar a ela até o festival e, se ela não se entregar a mim, aceitarei a oferta do bispo Lamont de me transferir de volta para Paris.

Temo que viver na ausência dela seja uma tortura pior que a morte.

Mas eu faria isso, por ela.

Se ela me escolher, entrego o colarinho.

Não tem o mesmo apelo de antes, embora meu amor por Deus permaneça forte e seguro.

Já é tarde quando saio do confessionário, minha mente está tão cansada quanto meu corpo está dolorido. Em vez de sair do santuário, vou para a frente do estrado, caio de joelhos e me curvo em oração, buscando uma pausa na constante gangorra de perguntas que vão e voltam em meu cérebro.

— Por favor, — eu sussurro, olhando para o crucifixo que paira sobre mim como uma promessa. — Me diga o que fazer.

Uma porta se abre, ecoando nas altas paredes arqueadas, passos leves percorrendo o corredor atrás de mim. Levanto-me da minha posição vulnerável, virando-me para ver quem poderia ser, e meus pulmões entram em colapso, meu coração gagueja em sua gaiola.

Claro que é ela.

Amaya

E este é o meu sinal de Deus.

Estou correndo em direção a ela antes que ela possa pronunciar uma única palavra e a tomo em meus braços, minhas mãos segurando seu rosto com força enquanto levo meus lábios aos dela. Ela geme enquanto me beija de volta, seus sentimentos derramando em minha boca tão ferozmente quanto eu estou sangrando os meus na dela.

A umidade escorre pelos nós dos meus dedos e eu me afasto, vendo lágrimas escorrendo pelo seu rosto. Meus polegares roçam seus olhos.

— O que é isso, *mon trésor*?

Ela balança a cabeça. — Eu não deveria estar aqui.

Meu estômago revira. — Você deveria estar sempre comigo.

Seus olhos examinam os meus como se ela estivesse tentando perscrutar minha alma.

— Foi você?

Meu coração gagueja. — Foi o que eu?

— Você sabe o que eu quero dizer. Você... você disse que era você. Você *admitiu* isso.

A clareza me preenche, lembrando do meu deslize da última vez que estivemos juntos, quando eu disse a ela que tinha matado por ela.

Movo minha mão direita, segurando sua nuca, meu polegar roçando a marca desbotada que deixei em sua pele.

A possessividade explode em meu peito, uma satisfação doentia inundando minhas veias como uma droga.

— *Por favor*, — ela sussurra, suas mãos se estendendo para agarrar minha camisa. — Eu preciso saber.

Eu exalo lentamente, meus músculos contraindo. — Você pode me odiar quando o fizer.

Ela balança a cabeça, pressionando-se mais perto. — *Nunca*.

Inclino sua cabeça para o lado e me inclino, roçando meus lábios em sua orelha. — Eu mataria mil homens se isso garantisse que você fosse minha.

Minha mão que estava apoiada em seu rosto cai como um fantasma

sobre sua clavícula e depois ao longo de seu lado até deslizar por baixo do cós de sua saia e por baixo de sua calcinha, mergulhando em sua boceta molhada.

Ela engasga.

— Eu vi você com ele e perdi a cabeça, — eu digo, enrolando meu dedo dentro dela. — Eu o matei por tocar em você. — Um gemido escapa de seus lábios e ela cai em meu peito. Eu a arrasto até que estejamos nivelados, bombeando dentro dela com um ritmo lento e constante. — E eu matei o segundo homem para mantê-la livre.

Empurro o meu polegar contra o seu clitóris, e a sua boceta aperta-se à minha volta.

— E Candace? — ela pergunta.

— Uma alma torturada.

Ela hesita. — Foi porque ela é uma profissional do sexo?

— Não, — eu zombo, mas então penso no que ela está perguntando, meus dedos parando em suas ministrações. — Suponho que de uma forma indireta. Não se tratava tanto de sua profissão, mas de ela ter demônios dentro dela, como qualquer outro pecador. — Eu a puxo pela nuca até que ela fique na ponta dos pés e seus lábios rocem os meus. — Você me odeia agora, *petite pécheresse*? Você vai correr para o outro lado? — Seu corpo treme e meus pulmões doem enquanto espero pelo que ela diz, com medo de que ela vá embora e me condene a uma vida sem ela. Ou peça-me para me arrepender, substituindo as expectativas Dele pelas dela.

Eu faria isso por ela. Eu faria qualquer coisa por ela.

— Eu não odeio você, Cade, — ela murmura, seus olhos travando nos

meus. — Eu estou apaixonada por você.

Suas palavras batem em mim como uma bola de demolição, e estou escorregando para fora de sua boceta e pegando-a em meus braços, movendo-a para o banco mais próximo e jogando-a no chão. Sua saia voa para cima, e eu empurro sua calcinha para o lado e então minha boca está sobre ela, presa em torno de seu clitóris inchado e chupando como se fosse morrer se não prová-la.

Ela grita e minha mão voa, abafando o barulho, e no segundo em que deslizo minha outra mão de volta para dentro de sua boceta, ela está gozando, arqueando os quadris enquanto esfrega meu rosto, sua excitação cobrindo meus lábios.

Sento-me e limpo a boca com as costas da mão, mas ela se levanta e agarra minha cabeça, sugando minha língua. Eu gemo, meu pau latejando. Sem olhar, desajeitadamente desfaço as calças e me liberto, alinhando a ponta na entrada dela e empurrando-a de volta para o banco de madeira. Afasto meus lábios dos dela e afasto seu cabelo emaranhado de sua bochecha antes de segurá-lo possessivamente em minha mão.

Ela é tão linda.

— Você me ama, *mon trésor*?

Ela balança a cabeça, virando a cabeça ligeiramente para chupar meu polegar em sua boca.

— Eu *vivo* para você. — Empurro dentro dela então, até meus quadris baterem contra o interior de suas coxas, suas mãos voando para minhas costas, coçando minhas feridas mal curadas através do tecido da minha camisa. A dor faz minhas bolas ficarem tensas e eu gemo, meus olhos rolando na parte de trás da minha cabeça.

Isso não vai durar muito, mas é tão intenso quanto da primeira vez que afundei dentro dela, e crio um ritmo severo, puxando meu pau todo para fora antes de mergulhar de volta para dentro. Meus dedos se movem para beliscar seu clitóris, minha mão livre ainda pressionando sua boca para acalmar seus gemidos, e então ela goza novamente, as paredes lisas de sua boceta abraçando meu pau enquanto ele pulsa.

— *Merde*, — murmuro, arrepios de prazer percorrendo meus membros. Meu saco aperta e minha visão escurece, e eu me empurro o máximo que posso, derramando meu esperma nela enquanto ela tem espasmos em volta do meu pau.

Eu caio em cima dela, tentando recuperar o fôlego enquanto nós dois voltamos do alto. E quando o fazemos, a razão começa a voltar. Sento-me, passo a mão pelo cabelo e olho ao redor do santuário, certificando-me de que ninguém entrou.

Certificando-se de que ninguém viu.

Ela me faz perder a cabeça.

Espero que a onda de culpa tome conta da minha pele, mas ela nunca chega. Tenho mais certeza do que nunca de que ela é o meu futuro, mesmo que isso signifique me afastar de todo o resto.

— Onde está Quinten? — pergunto, saindo dela e fechando o zíper das calças. Volto em direção a ela, ajudando-a a endireitar a saia longa, e não consigo resistir a dar um beijo no pedaço de pele ainda visível em sua barriga.

A ideia de ela deixá-lo com Parker, mesmo morando no mesmo lugar, me deixa nervoso. Descubro que me importo com o menino, e qualquer coisa que aconteça com ele envia uma centelha de desconforto pela minha espinha.

— Na nossa antiga casa com Dalia para uma “festa do pijama”.

Aliviado, estendo a mão, enroscando meus dedos em seu cabelo. —
Volte para minha casa durante a noite.

Ela franze a testa, a tristeza açoitando seu olhar, e meu peito se
contraí, a decepção se instala antes mesmo de ela dizer sua resposta.

Ela balança a cabeça. — Eu não posso ficar.

Balanço a cabeça. — Só por um momento então.

Ela hesita, mas concorda, e eu a puxo, ajudando-a a fechar o zíper do
casaco e a arrumar as roupas antes de levá-la para fora da porta.

Capítulo 46

Amaya

Eu sabia que era melhor não vir aqui, mas não consegui ficar longe. As palavras de Cade sobre matar por mim estavam em constante repetição na minha cabeça, por mais que eu tentasse apagá-las, então, quando Dalia se ofereceu para fazer uma festa do pijama com Quinten, aproveitei a oportunidade.

É arriscado vir aqui, mas Parker já disse que não chegaria em casa até tarde, e eu não usei Barney para me trazer, só por precaução.

Ainda assim, posso sentir a pressão do tempo se aproximando de todos os ângulos, mesmo enquanto estou deitada na cama de Cade depois que ele me convenceu a voltar para sua casa.

— Eu realmente preciso ir, — digo, odiando estar interrompendo o momento.

Cade está deitado de costas ao meu lado, seminu, tendo perdido a camisa em algum momento entre o momento em que chegamos em casa e quando ele me deitou em sua cama e com o rosto plantado entre minhas pernas. Ele suspira e rola, levantando-se e balançando a cabeça.

Meus olhos o seguem, querendo arrastá-lo de volta. Para dizer a ele que eu não quis dizer isso, embora nós dois saibamos que sim. As palavras morrem na ponta da minha língua enquanto olho para suas costas.

Não consigo evitar o suspiro que escapa e fico de joelhos, lutando até

a beira da cama no momento em que ele se vira, com a mão no meio do cabelo.

Meu rosto deve mostrar meu choque porque a confusão atravessa o dele por apenas um momento antes de se tornar realidade.

— Cade, — eu começo, minha mão chegando à boca e a outra estendendo-se para tocá-lo.

Ele se afasta e tento ignorar o modo como isso faz meu coração quebrar.

— Não é nada, — ele retruca.

Lentamente, balanço a cabeça, desejando que a queimação atrás dos meus olhos desapareça. — Isso não é nada, querido.

Tento novamente, estendendo a mão e agarrando seu antebraço, e desta vez ele não se afasta. Seu corpo está rígido e seu maxilar está tenso, mas ele fica parado e não luta quando eu o incito a se virar.

Um peso enche meu peito enquanto observo a pele marcada de suas costas. Isto é... *anos* de marcações. Carne saliente e irregular que funciona como uma escrita em sua pele. Balanço a cabeça levemente, me perguntando o que aconteceu e por que tantos deles parecem tão novos. Abro a boca para falar, mas não sai nada, então me inclino e pressiono os lábios em uma das cicatrizes.

Ele enrijece.

Não deixo que isso me impeça, passando de uma para o outra, evitando as que estão com cicatrizes recentes. Ele não incentiva o ato, mas também não se afasta, e considero isso uma vitória. Depois que termino, deixo o lençol cair da minha cintura e me levanto da cama, me movendo até olhar nos olhos dele.

— Como?

Suas narinas se dilatam, seus olhos ficam escuros com uma emoção pesada. — É a única maneira que conheço. Sou um homem mau, Amaya. Um pecador. Esta é a minha explicação.

Expirando lentamente, eu aceno, tentando controlar minha expressão. De alguma forma, tive a sensação de que era isso que ele diria, e fico incrivelmente triste ao pensar que ele se machuca para tentar se sentir digno de Deus.

Eu me aproximo dele e o puxo para um abraço, descansando minha cabeça em seu peito e fechando os olhos, ouvindo cada batida de seu coração, deixando isso me acalmar. Seus braços se fecham em volta da minha cintura, apertando com força.

— Você disse que nunca me machucaria, — murmuro em sua pele.

— *Nunca* mais.

— Cada vez que você se machuca, você *me* machuca também, — eu sussurro. — Por favor, pare de me machucar.

Ele não fala, mas eu o sinto acenar contra o topo da minha cabeça, e uma única lágrima escapa enquanto dou um beijo em seu peito, odiando ter que amá-lo e ir embora.

Mas não sei ser de outra maneira.

Na manhã seguinte, Parker me chama em seu escritório em casa. Já estou acordada e pronta para o dia porque Dalia deve passar por aqui com Quinten nas próximas horas, e quero tentar convencê-la a ficar por aqui e esperar um pouco, já que Parker disse que não iríamos a Missa.

— O que é isso? — pergunto quando entro na sala e o vejo empurrar um pedaço de papel sobre a mesa.

— Isto...— ele bate com o dedo — ...é a nossa certidão de casamento. Gostaria que você assinasse, por favor.

Eu me movo, a náusea revirando meu estômago. — Oh, não podemos esperar até um pouco antes da cerimônia?

Parker ri e anda ao redor da mesa, sua estatura agressiva e dominadora. Dou um passo para trás, mas ele está lá antes que eu possa fugir, agarrando-me pela frente da garganta e apertando até cortar minhas vias respiratórias.

Minhas mãos voam até seus pulsos, tentando cavar sua pele para afastá-lo, porque não consigo *respirar*, mas ele só aperta com mais força.

O pânico faz meus ouvidos zumbirem e meu coração falhar enquanto passo de tentar arranhar sua pele para segurar seus pulsos, esperando que ele decida me deixar viver.

Ele me arrasta para perto, seu nariz batendo no meu, e minha cabeça fica tonta, meus pulmões queimando com a necessidade de ar. — Você deve pensar que sou tão estúpido quanto seu irmãozinho, — ele cospe.

Meu estômago cai no chão, e tento balançar a cabeça e pisar em seus pés, *algo* para tirá-lo de cima de mim, mas ele é muito forte e já estou ficando fraca demais por falta de oxigênio para causar qualquer dano duradouro.

O medo genuíno começa a invadir meu sistema, preocupado que ele vá me matar.

— Você realmente acredita que eu não soube de cada passo que você deu desde que você e sua mãe prostituta pisaram na minha cidade? — ele continua, um sorriso doentio se espalhando por seu rosto. — Eu sou o *deus* desta cidade, e você deveria estar honrada por eu ter decidido deixar

você ser minha. Mesmo assim você zomba de mim. Esgueire-se como uma putinha imunda e você acha que eu não saberia? Tenho olhos e ouvidos em todos os lugares, doce menina. Até mesmo em Coddington Heights.

Minhas pálpebras tremem enquanto tento permanecer consciente, meu estômago subindo para o peito e depois descendo, cada órgão do meu corpo ficando descontrolado enquanto luta para encontrar fôlego.

Eu sabia que ter Barney me levando até aquele estúdio era um erro.

Sua mão cai e eu caio de joelhos, meus dedos agarrando minha garganta dolorida enquanto lágrimas escorrem de meus olhos e eu sugo dolorosamente montes de ar.

— Você vai assinar, Amaya, — Parker diz enquanto fica ao meu lado. — Porque não gosto de perder. Porque você pertence a *mim*. — Ele se agacha ao meu lado, tirando o cabelo do meu rosto.

Meu corpo treme com seu toque, e desejo a Deus ter forças para fazer qualquer coisa além de me encolher no canto enquanto ele lança suas palavras odiosas.

— Se você não fizer isso, irei à igreja e encontrarei aquele padre blasfemo e o amarrarei na sua frente enquanto corto seu pau e o faço engasgar com ele.

Meu pescoço lateja tão intensamente que sei que já estão se formando hematomas, mas aceno com a cabeça, desesperada para concordar, para fazer *qualquer coisa* para que ele me deixe em paz. Ele se endireita, mas não recua. — Levante-se, — ele exige, me chutando na coxa.

Estremeço, mas fico de pé, enxugando a umidade que não consigo

evitar de escorrer pelo meu rosto. Odeio *estar* chorando, porque isso me faz sentir fraca.

Impotente.

O que eu acho que é o que eu sou.

É o que ele sempre me fez.

Parker me empurra entre os ombros até que eu tropeço para frente, a frente das minhas pernas batendo em sua mesa, e ele se move atrás de mim, agarrando a caneta e forçando-a em meus dedos, sua mão nojenta e carnuda envolvendo a minha enquanto ele empurra a caneta. para baixo para tocar no certificado.

— Você não deve vê-lo novamente, *esposa*. Entendeu?

Hesito e ele desliza a outra mão pela parte de trás da minha saia e arranca minha calcinha do meu corpo com força.

A queimadura na minha pele não parece boa desta vez.

— Parker, *por favor*, — eu imploro, um soluço saindo da minha garganta antes que eu possa contê-lo. — Não faça isso de novo.

— Assine.

Fecho os olhos com força, rezando por um milagre quando ouço o barulho de sua fivela e a pressão de sua mão enquanto ele pressiona minha frente sobre a mesa.

E quando ele empurra dentro de mim, assino meu nome, minhas lágrimas estragando a tinta.

Capítulo 47

Amaya

Dói andar.

Dói me mover.

Dói respirar.

Mas ainda tenho Quinten e ainda tenho *a mim mesma*, embora esteja abatida e quieta.

Eu sou uma sobrevivente.

E eu sei que vou superar isso da mesma forma que passei por tudo antes.

Hoje é o Festival dos Tolos, então, apesar de preferir estar em qualquer lugar que não seja aqui, na frente de Notre-Dame, onde sei que Cade estará, colo um sorriso no rosto e finjo, pelo bem de Quinten. Ele está de ótimo humor desde o Natal comigo e Dalia.

O braço de Parker repousa sobre meus ombros, e a sensação disso me deixa enjoada, a bile subindo pela minha garganta e queimando meu esôfago até que sinto vontade de esticar a mão e arrancar toda a minha pele.

É 1º de janeiro e o tempo mostra isso, o ar gelado açoita meu rosto e congela as pontas dos meus dedos, mesmo que estejam cobertos por luvas. Toda a praça está repleta de pequenas tendas brancas de vendedores e aquecedores dispostos para manter as pessoas aquecidas.

Artistas de rua alinham-se na passarela, vestidos com roupas justas de spandex enquanto fazem malabarismos com pinos de boliche e se equilibram em monociclos, o que só é mais impressionante porque há gelo e lama no chão. Ainda assim, há uma sensação geral de alegria no ar, de pessoas se reunindo para rir e comemorar. É o único dia do ano em que Festivalé não é tão sombria, insensível e *fria*.

O calor é quase *mais* sinistro, e eu afasto a sensação desconfortável que está mexendo em meu pescoço como uma corda.

As portas da catedral estão abertas hoje, servindo chocolate quente e doces na entrada principal, e as pessoas se misturam lá dentro, conversando e rindo enquanto conversam com os amigos. E no próprio santuário há um palco improvisado, montado ao longo do estrado, onde as crianças da Escola Primária Louis estão prestes a encenar a sua peça.

Meu estômago balança para frente e para trás como um navio em uma tempestade enquanto examino a área em busca de Quinten. Não o vejo desde que chegamos aqui e o passei para Lydia.

Parker e eu descemos as fileiras de bancos e sentamos bem na frente, esperando a peça começar. Fico em silêncio e imóvel, tentando não estremecer toda vez que me movo na madeira desconfortável. Estou sangrando um pouco esta manhã e se me mexer muito, isso chamará a atenção.

A única atenção que desejo hoje é para Quinten. Por *finalmente* fazer parte de algo na cidade depois de tantos anos sendo o alvo da ira de todos.

O pensamento provoca náusea em minhas entranhas, da mesma forma que estar em Notre-Dame com toda a cidade sempre faz, flashbacks da última vez que vi nossa mãe brincando atrás dos meus

olhos em um loop constante.

Não. As coisas são diferentes agora. As coisas estão mudando, lembro a mim mesma. É por isso que estamos aqui, com Quinten participando da comunidade.

Quero olhar ao redor e ver se Dalia está a caminho, mas estou com muito medo de olhar para cima e ver Cade. Posso sentir que ele está aqui, mas não vou procurá-lo. Parker deixou bem claro o que é esperado e não tenho ilusões de que ele não cumprirá sua ameaça.

Além disso, não tenho dúvidas de que se Cade der uma olhada no meu rosto, ele saberá que algo está errado, e eu ainda estou aceitando o que aconteceu. Não quero que ele saiba, porque ele encontrará uma maneira de chegar até mim, e anseio demais por seu conforto para ficar longe.

Ele poderia matar Parker por você, sussurra um pensamento.

Mais vozes filtram-se atrás de nós, pessoas enchendo os bancos e conversando enquanto esperam, e meus ombros ficam tensos, meu corpo nervoso, mesmo que não haja nenhuma razão lógica para isso. Meu pé bate no chão e a mão de Parker se move do meu ombro até a coxa, apertando com força suficiente para me fazer estremecer.

Paro o movimento, deixando a ansiedade crescer dentro de mim.

Alguém bate em meu ombro e meu coração dá um salto. Saio do meu torpor, olhando para o rosto sorridente de Dalia.

— Ei, garota. — Ela se inclina para frente. — Ei, Parker.

Ele acena para ela, seu braço apertando meus ombros.

Eu não tinha percebido que só de ver um rosto amigo me daria vontade de gritar, mas aqui estamos, comigo querendo fazer exatamente

isso. — Ei, — eu forço.

O sorriso de Dalia desaparece e suas sobrancelhas franzem quando ela olha para mim. Eu sorrio para ela, tentando ao máximo ser convincente, porque ela não pode saber que há algo errado.

Eu não *quero* que ela saiba.

Eu só quero esquecer que isso aconteceu.

— Você acredita que Quin está prestes a participar de uma peça? — pergunto, assumindo o risco e olhando para o palco.

A preocupação desaparece de seu rosto e ela ri, acomodando-se no banco. — Eu sei. Ele vai ser um pouco durão. Ele está animado?

Dou de ombros porque, honestamente, esta manhã ele agiu como se não estivesse nem aí. — Ele parecia meio *meh*²³ sobre a coisa toda. Eu nem sei o tamanho do papel que ele tem.

— Não importa. — Ela balança a mão no ar. — Ele será o ladrão de shows de qualquer maneira, obviamente.

— Você está certa, — eu suspiro, mudando e tentando não estremecer visivelmente. Olho ao redor novamente, esperando ver Quinten se preparando, mas nenhuma das crianças está à vista. Mas eu *vejo* Florence Gammond, seus olhos penetrantes fixos em Parker e em mim.

Não tenho energia para lidar com ela, então desvio o olhar e eles caem sobre Cade.

Ele está parado na lateral do palco, com o ombro encostado na parede e as mãos nos bolsos, o colarinho clerical em volta do pescoço e, como sempre, está me observando.

A saudade se espalha pelo meu peito, pegajosa e lenta como melão,

e eu desejo *tanto* me levantar e correr para seus braços. Para que ele acalme a dor que pesa em minha alma.

Inspiro profundamente, e a dor na lateral do corpo causada pelo chute de Parker me aperta com força, me fazendo estremecer, minha mão voando para o local.

Cade se endireita, estreitando os olhos.

Parker se inclina, seus lábios contra meu cabelo. — É melhor você parar de olhar para ele, ou serei forçado a fazer uma cena.

Minha coluna enrijece e eu desvio meu olhar, fingindo um sorriso para Parker.

Há uma estranha bola de energia girando em meu plexo solar, apertando-se e tensionando-se como arame farpado prestes a quebrar.

As pessoas continuam a ocupar os bancos e então Florence assume o centro do palco, anunciando as crianças e dizendo que foi uma honra para ela trabalhar com elas. Eu nem tinha percebido que ela fazia parte da produção e mordi o lábio inferior, me perguntando o que mais não sei.

Eu deveria ter prestado mais atenção.

As crianças entram no palco e eu procuro Quinten na área, mas não o encontro. Então eu espero. Minutos passam e eu me distraio, indo para o canto seguro da minha mente onde não tenho que sentir as coisas passando pelo meu corpo ou pelo meu coração.

Dalia se inclina quando a peça está chegando ao fim. — Onde ele está?

Dou de ombros, pensando a mesma coisa, mas não expresso minha preocupação porque aquela bola de energia no meu meio está se enrolando demais para falar. A mão de Parker passou do meu ombro para

a coxa e ele aperta bem em cima de um hematoma.

Mordo minha bochecha até sangrar e aquela sensação estranha ficar mais apertada.

A peça termina e todas as crianças fazem suas reverências, e estou furiosa porque Quinten não estava lá. *Onde diabos ele está?*

Florence aparece no palco novamente, seus olhos se voltando para mim, e eu sei, como sei de qualquer coisa, que algo ruim está para acontecer.

— Este ano, estamos fazendo as coisas de maneira um *pouco* diferente. — Ela aperta os dedos e ri. — Pensamos que, como a igreja tem sido tão gentil em participar do festival este ano, poderíamos trazê-la de volta às suas raízes para homenagear a origem do festival.

Eu sento um pouco mais reto.

— E originalmente, o Festival dos *Tolos* sempre coroou um rei. — Seus olhos encontram os meus e o pavor enche meu estômago.

Não.

Tento me levantar, mas a mão de Parker me puxa para baixo e bato no banco com um tapa audível. Lágrimas brotam em meus olhos por causa da dor que sangra entre minhas pernas e se espalha pelas minhas costas.

Pelo canto do olho, posso ver Cade se afastar completamente da parede, e arrisco um olhar de soslaio, balançando a cabeça, esperando que ele entenda a mensagem.

— O que diabos está acontecendo? — Dalia pergunta, apontando para Florence. — Por que aquela vadia está olhando para você desse jeito?

Um casal de crianças, incluindo seu filho idiota, traz um pequeno trono improvisado, feito de uma pequena cadeira infantil com serpentinas nas laterais e uma placa gigante nas costas que diz — Rei Tolo.

Meu estômago queima e minhas unhas cortam as palmas das minhas mãos.

Olho para Dalia. — Quando você encontrar Quin, leve-o daqui.

Ela franze a testa. — O que?

— Prometa-me, Dalia. Leve-o para longe.

Lentamente, ela assente. — Eu prometo.

Viro minha cabeça para meu marido.

— Parker, — eu digo com os dentes cerrados. — Permita-me subir. — Ele olha para mim, carrancudo.

— Parker, juro por Deus, se você não me deixar levantar, vou *gritar* a plenos pulmões.

Seu maxilar fica tenso e, por um momento, acho que ele vai me testar, mas estou apostando no fato de que ele não gosta de ficar envergonhado. Não é bom para a imagem dele se sua esposa parece estar enlouquecendo.

Ele solta minha coxa e eu me levanto, abrindo caminho através do banco e indo para a lateral do palco. Os olhos de Parker estão nos meus, e eles se estreitam quando deslizam logo além do meu ombro, e eu sei, sem olhar, que Cade está bem atrás de mim.

Endureço meu maxilar e não digo uma palavra.

— Por favor, dê as boas-vindas ao nosso Rei Tolo, Quinten Paquette!

— Florence comemora.

Risos e aplausos ecoam pelo santuário enquanto Quinten é trazido por um pequeno grupo de crianças.

Meu coração se parte ao meio e meus olhos ficam turvos de raiva, porque embora ele possa não entender o que está acontecendo, eu com certeza entendo.

Ela está *zombando* dele. Na frente de todos.

Aquela bola apertada dentro de mim se desenrola e se rompe, e estou perdida para tudo, exceto para minha fúria.

Florence sai do palco, andando em minha direção, com um sorriso bajulador no rosto que mal posso esperar para arrancar de seu rosto.

Porque eu terminei. Estou farta *de* todo mundo pensar que pode fazer merdas como essa e sair impune. Ela passa por mim e vai para o corredor dos fundos, e assim que vejo Dalia tirar Quinten do palco, vou atrás de Florence.

Acho que ouço Parker chamar meu nome, mas o ignoro, minha visão se concentra em um foco singular. Ele pode estar me seguindo, mas eu não me importo.

Ela vai para o banheiro no final do corredor, e eu estou bem atrás dela, a raiva estalando e sibilando nas minhas costas.

— Sua *puta*. — Minha voz ecoa no azulejo, e ela para onde estava inclinada sobre a pia para se olhar no espelho, girando lentamente em minha direção e arqueando uma sobrancelha.

— Oh, por favor. Superar a si mesma. — Ela revira os olhos.

Meu corpo treme. — Isso foi cruel. E ele pode não saber, mas eu sei, e

daqui a alguns anos ele olhará para trás e se lembrará.

Ela solta uma risada. — Não seja tão dramática, Amaya. É apenas um pouco divertido.

Dou um passo à frente lentamente, uma sensação de antecipação vibrando em minhas veias, e estendo a mão e bato no rosto dela, com tanta força que ela tropeça no balcão, com a cabeça jogada para o lado.

Ela respira fundo, a palma da mão cobrindo a bochecha avermelhada, e olha para mim, endireitando-se com um sorriso de escárnio no rosto. — Você é um lixo, Amaya Paquette. *Você é um lixo*, seu irmão é um lixo e sua amiga vagabunda, Dalia, é um lixo.

Aponto para ela, meu dedo tremendo. — Cale a porra da boca.

— Não estou dizendo nada que não seja verdade. Até sua própria mãe sabia disso. — Ela sorri. — Por que você acha que ela não está por perto?

Perco todo o sentido, estendo a mão e rodo o dispensador de lenços de papel de metal que está na pia. Eu nem sequer registro o peso quando o agarro e bato em sua cabeça.

Uma porta se abre atrás de mim, mas não dou a mínima para quem vê, e bato o metal no rosto dela novamente. Ela cai no chão e eu a sigo, pairando sobre ela enquanto bato em seu crânio e observo seu sangue derramar no chão.

Braços me cercam e me puxam para trás, e então sou levantada em braços fortes e arrastada para fora do banheiro, meus dedos cobertos de sangue e presos ao dispensador de lenços que ainda está em minha mão.

O cheiro familiar de pinho preenche meus sentidos, e expiro completamente pela primeira vez desde ontem, caindo contra o peito de Cade enquanto ele me leva embora pelo corredor.

Capítulo 48

Cade

— Calma, *petite pécheresse*, — eu sussurro em seu ouvido.

Acho que ela nem percebe que está tremendo em meus braços.

Meu coração está batendo forte e, embora certamente não seja o momento apropriado para isso, estou duro como uma rocha. Ela era uma visão em sua violência, um anjo caído em busca de vingança por ter sido injustiçada.

Ela é uma obra-prima e é minha.

— Cade, — ela murmura, com os olhos arregalados e cegos. Ela está coberta de sangue, e a única razão pela qual não tirei os dedos do dispensador de metal em suas mãos é porque não quero que ela deixe nenhuma evidência. Em primeiro lugar, tive sorte de chegar antes de Parker ao banheiro.

— Amaya, — eu digo, nos apressando pela entrada dos fundos e entrando no estacionamento.

Ela solta um soluço e se enrola ainda mais em meus braços, e embora eu queira sentar e embalá-la, acalmar o que quer que esteja pesando tanto em sua alma, não há tempo para isso agora.

Há uma *boa* chance de ela ter assassinado Florence Gammond, e preciso afastá-la para que ela não acabe na prisão.

— Amaya, — repito. — Diga-me onde Quin está.

— Quin? — Ela balança a cabeça, fungando. — Ele está bem. Ele está seguro. Com Dalia.

— Você tem certeza?

Ela hesita, mas depois assente. — Sim, eu a vi com ele.

Concordo com a cabeça porque isso é tudo que preciso saber. Assim que eu a levar para algum lugar seguro, posso voltar para buscá-lo.

Chegamos ao meu carro e abro a porta do passageiro, empurrando-a para dentro e agarrando o cinto de segurança antes de prendê-lo. Afasto o cabelo de seu rosto e seguro seu queixo. Ela olha para o sangue cobrindo suas mãos, aquele pedaço de metal ainda preso com força.

— Escute-me. Estou te tirando daqui, entendeu? Você confia em mim?

Ela levanta o olhar, com os olhos vermelhos e inchados. Ela balança a cabeça, inclinando-se para frente e pressionando seus lábios contra os meus.

Fecho os olhos e me forço a me afastar, porque por mais que eu queira mergulhar no beijo dela, não há tempo.

Imediatamente sei para onde pretendo levá-la e, assim que tenho certeza de que ela está segura e protegida, vou para o lado do motorista e saio do estacionamento para o único lugar onde sei que ela estará escondida.

Onde ela pode estar segura até eu descobrir o que diabos está acontecendo.

Uma hora depois e estamos no alto das Montanhas Verdes. Amaya não disse uma única palavra durante a subida; ela apenas senta e olha fixamente para as árvores vazias, ocasionalmente olhando para as mãos e

suspirando antes de olhar pela janela.

Eu gostaria de poder dizer que me identifico com o que ela está sentindo, mas não tenho certeza se posso. A verdade é que não senti remorso na primeira vez que tirei uma vida. Minha culpa sempre girou em torno da *falta* do que eu deveria sentir e, embora não saiba o que se passa na cabeça dela, só posso presumir que ela está pelo menos um pouco afetada pelo que fez.

Então, novamente, ela é minha outra metade, e eu nunca imaginei que ela fosse capaz de quebrar a cabeça de alguém do jeito que acabei de vê-la fazer.

Paramos no mosteiro e estaciono o carro, saio e abro a porta, segurando seu rosto novamente para ter certeza de que ela ainda está comigo.

Ela olha para cima, me dando um pequeno sorriso. — Não sinto muito por machucá-la, — ela sussurra, com a voz trêmula. — Foi bom.

— Então você foi feita para mim em mais de um aspecto, *petite pécheresse*. — Dou um beijo em sua testa. — Vamos limpar.

Ela me deixa desafivelá-la do assento e puxá-la para fora do carro, e respira fundo quando se levanta, olhando ao redor. — Isso é lindo. Onde estamos?

— Em algum lugar que ninguém sabe. — Pego a mão dela e a levo até a porta da frente, meu estômago embrulhando com a ideia de deixá-la aqui com a irmã Genevieve, mas sei que até que eu possa pegar Quinten e descobrir um plano, pois é aqui que ela estará mais segura.

Não bato na porta da frente, optando por entrar imediatamente, e quando não vejo a irmã Genevieve no santuário da frente ou na sala de

estar, levo Amaya escada acima até um dos quartos vazios à esquerda.

Ela olha para o espaço, mas não diz uma palavra, apenas me segue até o banheiro. O sangue começou a secar em suas mãos, mas pedaços de onde estávamos nos tocando caíram nas minhas, e eu ligo a pia, apoio meu quadril no canto e estendo a mão para agarrar o dispensador de metal que ainda está escondido em sua mão esquerda. Lentamente, arranco seus dedos um por um até que ele caia, fazendo um barulho alto quando atinge o chão.

Eu me inclino para frente, agarrando seus quadris e levantando-a sobre a borda do balcão, então passo entre suas pernas, pegando uma toalha que está pendurada na parede e deixando-a umedecer embaixo da pia. Então eu me inclino e começo a lavar seus pecados.

Devagar. Metodicamente.

Um dedo limpo e eu me abaixo e dou um beijo na junta, depois repito com cada um deles depois. Assim que suas mãos terminam, subo seus braços, limpando qualquer resquício de vermelho, maravilhado com a maneira como ela fica parada e em silêncio, deixando-me cuidar dela. Do jeito que *sempre* cuidarei dela.

A água fica vermelha, mas sua pele está encharcada e limpa, e quando termino, seguro seu queixo na minha mão e arrasto sua boca até a minha para um beijo. Seu corpo relaxa e ela envolve os braços em volta do meu pescoço, me puxando para mais perto dela. Meu pau endurece e eu me pressiono contra seu centro, moendo contra seu núcleo.

Seu corpo estremece, mas não de prazer, e ela respira fundo entre os dentes.

Eu me afasto, franzindo a testa.

Ela desvia os olhos, virando a cabeça.

Agarro sua bochecha e trago sua visão de volta. — Olhe para mim.

Ela levanta o olhar de volta para o meu e vejo o mundo em seus olhos. Sua saudade, seu amor, seu sofrimento.

Sua vergonha.

Meu peito queima, meu monstro estalando em sua jaula, desesperado para ser libertado. Expiro profundamente pelo nariz, tentando controlar minha reação, sabendo que ela precisa que eu esteja calmo e controlado.

— Você está com dor, *mon trésor*? — Eu pergunto com cuidado.

— Um pouco. — Ela chupa os lábios e desvia o olhar novamente. — Não importa.

Bato minha mão na parede ao nosso lado e pressiono contra ela, minha mão segurando seu rosto até que seus olhos estejam arregalados e abertos, olhando diretamente para os meus. — Você é a *única* coisa que importa, você me entende?

Sua respiração falha, como se ela estivesse tentando não gritar, e então ela para, um soluço saindo de sua boca enquanto ela cai em meu abraço. — Eu não queria fazer isso, Cade. Eu...

Eu coloco a mão na parte de trás de sua cabeça e a abraço contra meu peito, deixando suas lágrimas mancharem minha camisa. — Shh, está tudo bem, — eu acalmo. — Tudo ficará bem.

Ficamos assim por um longo tempo, até que seus soluços se transformam em gemidos e suas explicações gaguejantes se transformam em confissões longas e cheias de tristeza. Minha raiva lateja em meus ouvidos, mas entendo a essência do que ela está dizendo.

Parker. Virgindade. *Estupro*. Casamento forçado. *Estupro*.

Eu a seguro até que ela adormeça em meus braços, e então a levo para a cama, aconchegando-a e dando um beijo em seus lábios, sussurrando minhas garantias de que voltarei.

Depois fecho a porta atrás de mim e desço para a cozinha, onde a irmã Genevieve está sentada à mesa tomando uma xícara de chá.

— Eu vi seu carro, imaginei que você viria aqui eventualmente para explicar. — Ela sorri. — É estranho eu ter sentido sua falta?

O kit de primeiros socorros está ao lado dela, claramente presumindo que eu estava aqui para ser suturado novamente.

Balanço a cabeça, desconfortável com o que ela acabou de dizer. — Eu tenho uma amiga aqui. Ela precisa de um espaço seguro para ficar. Posso confiar em você para cuidar dela?

Irmã Genevieve balança a cabeça, bebendo um gole de sua xícara. — Claro.

— Voltarei o mais breve possível, — digo. O desconforto aperta meu estômago, não querendo deixar Amaya aqui de jeito nenhum. Mas preciso encontrar Quinten.

E agora preciso encontrar Parker também.

— Irmã...— acrescento, pouco antes de sair pela porta. — Se algo acontecer com ela enquanto eu estiver fora, farei o diabo parecer um santo.

Capítulo 49

Amaya

Um pouco de baba está seca no lado da minha bochecha, e meu cabelo está grudado nela. Pisco lentamente, me recompondo enquanto estendo a mão e arranco os fios e depois me sento completamente, a colcha azul áspera caindo até minha cintura.

Onde estou?

Eu me espreguiço, levantando os braços acima da cabeça e me deleitando com a forma como um estalo percorre minha espinha. Saindo da cama, olho ao redor do pequeno quarto. É muito sem graça, apenas uma cama grande com lençóis lisos e uma colcha azul-escura e uma pequena escrivaninha no canto com um abajur no lado direito. Do outro lado, há uma porta que dá para um banheiro e, de repente, os acontecimentos do dia inundam-me, lembrando-me que estou no alto das montanhas, escondida como uma criminosa.

Tecnicamente, acho que sou uma.

Eu me pergunto se ela ainda está viva.

Meu corpo cai de volta na beira da cama e meus dedos torcem no meu colo. Olho para minhas unhas, notando que ainda há pedaços de flocos vermelhos secos embaixo delas, e flashes de quanto Florence pode sangrar invadem minha memória. Procuro dentro de mim sentimentos de remorso, mas não encontro nada.

A única coisa que sinto é satisfação porque a cadela finalmente

conseguiu o que merecia e um pouco de poder fluindo de volta para minha alma que eu havia perdido quando Parker enfiou seu pau imundo dentro de mim.

Como ela ousa tentar colocar Quinten num palco como aquele? A única coisa que me arrependo é de ter feito algo que poderia realmente me afastar de Quinten agora, quando trabalhei tanto e me sacrifiquei tanto para poder me manter na vida dele.

Quinten.

Seu nome é uma injeção de ansiedade direto em meu coração, e meu estômago sobe e desce como uma montanha-russa. Tiro os cobertores de cima de mim, o tecido de repente parece sufocante, e pulo da cama, andando de um lado para o outro, meus dedos puxando a raiz do meu cabelo. *Como eu poderia tê-lo deixado assim?*

Considero procurar meu telefone, mas me contenho, presumindo que Cade o levou com ele para que eu não pudesse ser rastreada até aqui. E eu entendo isso, eu entendo, mas até que Quinten esteja aqui comigo, não serei capaz de respirar. Mesmo que eu tenha visto Dalia levá-lo embora com meus próprios olhos, e mesmo sabendo que estar aqui é o melhor... ainda me sinto um pedaço de merda por não estar com ele agora, quando ele é a única coisa que eu preciso.

Ele e Cade.

Cade vai pegá-lo. Tudo vai ficar bem.

Me apavora confiar tanto em alguém, mas eu realmente não tenho outra escolha. E não posso voltar para Parker. Agora não. Tenho certeza que ele já está tentando me caçar, seja para me matar ou para me quebrar, dependendo do seu humor.

Oh Deus. E se ele chegar até Dalia?

A bile queima minha garganta e corro para o banheiro, caindo de joelhos com tanta força que quebram contra o azulejo. Levanto o assento e espero que algo aconteça, mas em vez de vomitar, sinto-me *enjoadada*.

Cade vai chegar até eles, digo a mim mesma novamente.

Meus dedos seguram a lateral do vaso com mais força.

Sentimentos agudos de pânico percorrem meu peito porque ele sabe onde Dalia mora.

Cade trará Quinten para mim e descobriremos o que fazer a partir daí.

Mas espero que ele traga Dalia também. Ela não estará segura na cidade enquanto Parker estiver lá.

Devo ter ficado deitada no chão frio do banheiro por trinta minutos até superar o pânico, me assegurando de que tudo ficará bem porque simplesmente *tem* que ficar.

Lentamente, levanto-me, olhando-me no espelho e vendo, mais uma vez, que estou imunda desde o dia. Minha mente dá cambalhotas, debatendo se devo tomar um banho ou descer as escadas e ver se estou sozinha.

Eu deveria me apresentar para quem está hospedado aqui. Olho para meus dedos novamente, me encolhendo, e decido que um banho é absolutamente necessário.

O calor da água alivia meus músculos doloridos e relaxa a tensão que está grudada em minha pele há sabe-se lá quanto tempo. Ainda me sinto doente e despedaçada, preocupada com Quinten, enojada com Parker e nervosa com o que fiz com Florence, mas algo em saber que Cade está ao

meu lado me faz respirar um pouco mais fácil.

Ele cuidará de tudo.

O espelho fica embaçado depois do banho e fico na frente dele, estendendo a mão e passando uma linha para me olhar no reflexo. Não tenho certeza do que espero encontrar, mas fico surpresa quando a pessoa que está olhando para mim ainda é apenas... *eu*.

Nada de extraordinário, nenhuma aspereza no meu olhar que não existia antes, apenas a velha Amaya Paquette.

Suspirando, volto para o quarto, torcendo o nariz para as roupas sujas que tenho que vestir novamente. Mas não é como se eu tivesse outra opção. Eu me visto novamente, examinando o tecido em busca de manchas de sangue e me sentindo com sorte por ter escolhido algo escuro para vestir, para que não se destacassem, e então saio do quarto, observando completamente o que me rodeia pela primeira vez desde que cheguei aqui.

Eu não estava exatamente no meu perfeito juízo. Honestamente, ainda não tenho certeza se estou.

As escadas rangem enquanto desço, e minha mão agarra o corrimão, a madeira fria e cheirando a Pinho-Sol. Toda a atmosfera é um pouco estranha e arrepios brotam por todo o meu corpo.

Há um fogo crepitando no canto da sala e uma pequena moldura aberta sem porta que leva a uma cozinha estreita à esquerda.

Talvez eu devesse pegar uma bebida. Chá de camomila ou *algo* para ajudar a acalmar meus nervos enquanto fico sentada aqui esperando.

Entro na cozinha mal iluminada, passo pela pequena geladeira branca que vibra no ar e abro o armário ao lado, procurando uma xícara.

O chão range atrás de mim quando pego a xícara e giro, meu coração pulando na garganta. A xícara na minha mão cai no chão e se estilhaça, cortando meus tornozelos e acumulando-se aos meus pés. Mas não sinto a dor.

Os olhos da mulher se arregalam e ela cambaleia para trás, uma mão voando para o peito. — Amaya, — ela sussurra, o sangue escorrendo de seu rosto.

Minha boca se abre e eu pisco em descrença.

Porque bem na minha frente está minha mãe.

Capítulo 50

Cade

Sempre fui um homem bastante violento. É algo que existe dentro de mim desde que eu era criança.

Foi por isso que Irmã Agnes começou a me bater com o cinto.

Naquela época, é claro, eu não sabia como utilizar esse sentimento. Eu ainda não tinha aprendido a transformá-lo em um recurso útil. Em vez disso, ele crescia, crescia e crescia dentro de mim até explodir como fogo saindo da boca de um dragão.

No início, eu rasgava bichinhos de pelúcia ou quebrava um prato só para senti-lo quebrar. Irmã Agnes não gostou muito disso, mas não era algo que eu pudesse controlar.

Foi somente com o tempo, a idade e a paciência que fui capaz de separar quem eu era como homem, e eventualmente como padre, do monstro.

Neste momento, enquanto coloco meu carro em um espaço vazio do lado de fora do que costumava ser o apartamento de Amaya, a neve rangendo sob os pneus, sinto-me como aquele garotinho de novo, a fúria em mim incapaz de encontrar uma fonte ou direção, então, em vez disso, está apenas marinando em minhas veias.

Construindo.

E construindo.

E construindo.

Tem nevado desde que saí do mosteiro, uma fina camada branca fazendo tudo brilhar um pouco mais agora que o sol se pôs. Eu me aprofundo mais em meu casaco, correndo para a pequena varanda rachada da frente, uma sensação de nostalgia me atingindo quando olho e vejo a borda do que costumava ser a janela do quarto de Amaya me espiando do canto do beco.

Subo os degraus gelados e bato na porta da frente, meu estômago tenso tanto pela necessidade de ter certeza de que Quinten está seguro quanto pela necessidade de caçar Parker e voltar para Amaya rapidamente.

Ninguém responde, então bato de novo, algo pesado pressionando meus ombros, empurrando para baixo até que o peso torna difícil ficar de pé.

Vamos, Dalia. Atende à porta.

Bato mais uma vez, desço da varanda e espio pela janela da frente através das persianas abertas, mas não há ninguém lá dentro. Pelo menos não pelo que posso ver. Volto para a porta novamente, minha respiração ficando entrecortada quando estendo a mão e giro a maçaneta, parte de mim esperando que esteja trancada, porque pelo menos então posso me enganar pensando que provavelmente eles simplesmente não estão em casa. Que Dalia era inteligente o suficiente para reconhecer o perigo antes que acontecesse.

A porta se destrava facilmente, como se mal estivesse parada no lugar, para começar. Um peso de chumbo cai em meu estômago.

Está estranhamente silencioso quando entro, e uma forte sensação de mau pressentimento toma conta da minha pele.

— Quinten! — Eu chamo. — Dalia?

Ninguém responde, e o silêncio nunca gritou tão alto.

Descendo o pequeno corredor que sai da cozinha, espio o primeiro cômodo à direita, mas está vazio. Nada além de algumas prateleiras e uma cama arrumada com Buzz Lightyear na colcha. Então volto mais para onde sei que fica o quarto de Dalia, com a porta já entreaberta. A luz entra no corredor escuro e empurro a porta totalmente aberta com o dedão do pé, o rangido da madeira soando como um canhão em meus ouvidos.

Minha mão voa para cobrir meu nariz.

O cheiro é... *forte*.

Merde.

Dalia está aqui, mas desejo com todas as minhas forças, pelo bem de Amaya, que ela não esteja. Sua barriga foi aberta de baixo do peito até logo abaixo do umbigo, a metade inferior de seu corpo nua e severamente abusada.

Eu sou um homem violento. Mas mesmo isso faz com que a bile suba até o fundo da minha garganta até que sou forçado a engolir o vômito.

Meu coração para quando entro no quarto sabendo que isso vai quebrar Amaya e já estou tentando encontrar maneiras de garantir que ela sobreviva à dor. A culpa que sei que ela sentirá, culpando-se por algo que estava fora de seu controle.

Respirando pela boca, vou até onde o cadáver de Dalia está quebrado e machucado, estendendo a mão e cobrindo seus olhos com a mão enluvada até que eles fechem. — Recomendo você, minha querida irmã, a Deus Todo-Poderoso e confio-a ao seu Criador. Que você volte para

Aquele que o formou do pó da terra. — Coloco as pontas dos dedos em sua testa e digo, — Em nome do Pai, — depois em seu peito, logo acima de onde seu corpo se divide e o cheiro de morte emana de sua pele esfolada, — o Filho, — e depois de ambos os ombros, — e do Espírito Santo, amém.

As palavras parecem vazias quando saem da minha língua. Palavras simples que antes continham tanta verdade, tanta fé cega em cada sílaba, mas agora caem da minha boca e caem sobre o cadáver de Dalia, desintegrando-se em cinzas. Sem significado.

Fico rígido ao lado de Dalia, minhas mãos em punhos e meu maxilar cerrado com tanta força que a dor irradia por ele. Pronunciei Suas palavras como se fossem minhas, da mesma forma que tenho feito há anos, mas em vez de encontrar paz Nele, só consigo sentir raiva por ela. Por Amaya. Porque eu sei que isso vai partir o coração dela.

E percebi que ter a minha fé não significa nada se ela não estiver no centro de tudo.

A fúria dentro de mim cresce, passando de uma pequena bola para um inferno ardente, a necessidade de fazer Parker sofrer tanto quanto machucou Amaya batendo em minhas veias até que sinto uma picada nas pontas dos dedos.

Virando-me, observo a cena, debatendo se deixá-la aqui ou chamá-la é o melhor curso de ação.

Mas então algo chama minha atenção, no canto do quarto, ao lado de uma mesa tombada e de um abajur quebrado.

Claramente, ela resistiu.

Ando até o objeto brilhante e vejo uma pequena abotoadura dourada com as iniciais PE na frente.

Bagunça, bagunça, Parker.

Minha mente vibra enquanto penso em um plano.

Preciso encontrar Quinten o mais rápido possível, mas seria tolice da minha parte não ter certeza de que não haverá outras paradas depois de eu fazer isso. Não tenho certeza do que está por vir, mas sei que quando eu sair de Festivalé, espero que com Quinten a reboque, Parker Errien esteja morto e desaparecido. E se as coisas correrem mal, preciso que consigamos escapar rapidamente. Então passo primeiro na minha casa porque se precisar fugir, posso sem me preocupar com o que não terei.

A vontade de largar tudo e caçar Parker como um louco está queimando em minhas veias, mas paro quando chego à soleira e vejo que a porta já está entreaberta.

Meu estômago revira, arrepios se arrepiam quando eu a abro, olhando de um lado para o outro.

Está escuro, não há uma única luz acesa no local, mas o ar está pesado e tenso.

Tem alguém aqui.

A porta se fecha atrás de mim, mas não trava, e eu toco a maçaneta, notando que ela está ligeiramente fora do centro, como se alguém tivesse invadido a porta e tentado cobri-la.

Meu monstro estica os braços, fazendo barulho no meu peito.

— Você conseguiu.

O canto da minha boca se inclina enquanto levanto a cabeça lentamente, virando-me e ficando cara a cara com o homem que estou em uma missão para encontrar.

— Olá, Parker.

Ele está sentado na cozinha escura, com a perna cruzada sobre o joelho enquanto se recosta em uma cadeira à mesa da sala de jantar, uma arma empoleirada na frente dele, ao lado dos talheres de porcelana branca, como se estivesse apenas esperando para atirar em mim.

Balanço minha cabeça levemente com sua confiança.

— Dinos!

Meu corpo balança para o lado, alívio enchendo meu peito como balões de hélio quando vejo Quinten ileso e pelo menos moderadamente imperturbável, sentado no canto do chão, seus fones de ouvido com luzes de arco-íris piscando de azul para verde e para vermelho em sua cabeça.

Aparentemente, Parker tem uma queda por crianças que falta às mulheres. Ou ele o está segurando como isca e sabe que se ele for danificado, não será tão valioso. De qualquer forma, estou grato.

— *Bonjour, mon petit*, — eu murmuro, lançando um sorriso para Quinten, meus olhos examinando seu corpo para garantir que ele está inteiro. — Parker. — Mantenho meus olhos em Quinten. — Deixe-me levar o menino embora.

Parker ri. — Acho que isso construirá seu personagem.

Eu sorrio. — Sem dúvida. — Dou um passo em direção a ele, meus dedos flexionando contra o couro das minhas luvas. — Mas ele também terá pesadelos com o que vê você fazer.

Os olhos de Parker escurecem, e eu olho de lado para Quinten, notando a maneira como seus olhos estão voltados para o iPad, nos ignorando completamente novamente. Nunca estive mais grato por sua propensão para aprender aplicativos e fones de ouvido como estou neste

momento.

— Você veio me matar, Parker? — Eu pergunto, apontando para a arma na frente dele.

Ele dá de ombros, recostando-se na cadeira, relaxado, como se achasse que já ganhou.

— Isso depende do que você fez com minha *esposa*.

Eu sorrio. — Que horas?

Ele avança, a palma da mão batendo contra a mesa até a louça tremer. — Seu *filho da puta*, — ele cospe. — Eu quero que você *vá embora*. Você dirá ao bispo Lamont que está indo embora, ou juro por aquela figura mítica a quem você ora que vou estourar seus miolos no chão da cozinha.

Balançando a cabeça, coloco as mãos na minha frente, tentando parecer que ele está me assustando. — Acalme-se, Parker. — Olho em direção à arma. — Você é quem tem poder aqui. Deixe-me levar o menino embora e farei o que você quiser. — Olho de volta para Quinten. — Pelo menos para o quarto.

O maxilar de Parker fica tensa enquanto ele olha para frente e para trás entre nós.

— Você já ganhou, — afirmo, suspirando e abaixando a cabeça de vergonha. — O que mais eu poderia fazer?

Ele hesita por um momento, e então se levanta, pegando sua arma.

Mas sou muito maior e mais magro do que ele, meus braços ocupando o espaço antes que ele possa, agarrando a arma debaixo dele com uma mão e segurando sua garganta com a outra, puxando seu corpo sobre a mesa e batendo-o no meio até a madeira rachar e a porcelana

tremer.

Ele começa a se debater como um cachorro de costas, e meus olhos se voltam para Quinten novamente, que está olhando para nós com os olhos arregalados e a boca entreaberta.

Aperto ainda mais a garganta de Parker.

— Está tudo bem, *mon petit*. Eu prometo.

Lentamente, Quinten balança a cabeça, olhando para frente e para trás entre nós, seu corpo balançando levemente no lugar como se ele não pudesse controlar o movimento e precisasse deixar sua energia escapar.

A palma da mão de Parker voa e bate na pele do meu pulso e, com a mão livre, pego meus dedos e enfio as pontas na cavidade de sua garganta, logo acima da clavícula, até que ele pare completamente de se mover, gritando de dor.

— *Oui*, eu sei que dói.

Olho de volta para Quinten, mantendo Parker incapacitado pelos meus dedos em seu ponto de pressão. Ele tenta lutar, mas meu corpo é muito maior que o dele e ele não consegue. Além disso, gosto quando eles se contorcem.

— *Mon petit*, eu sei que você está com medo, — digo a Quinten. — Mas vou levar você até sua irmã. Você gostaria disso?

Seus olhos piscam entre nós novamente, e agora ele está balançando completamente, seu corpo balançando violentamente até que estou preocupada que ele vá voar contra a parede. Ele balança a cabeça.

— Bom. Você pode me fazer um favor então?

Parker sacode a mão, golpeando e socando minha barriga, me

fazendo perder o fôlego. Cerro os dentes e aperto ainda mais sua garganta até que suas vias respiratórias estejam completamente cortadas, levantando meu joelho e cravando-o em seu torso para prendê-lo melhor no lugar.

— Eu preciso que você caminhe pelo corredor, e no final dele está meu quarto. Tenho um belo conjunto de figuras de presépio na gaveta de cima. Você pode encontrá-los e alinhá-los para mim?

Os olhos de Quinten ficam maiores, mas ele não faz nenhum movimento.

— Vamos, *mon petit*, — peço com um sorriso. — Depois que terminarmos, vou levá-lo à loja e comprar um novo dinossauro para você. Talvez possamos pintar com os dedos novamente.

Isso chama a atenção dele, seus olhos brilhando com o meu suborno, e ele balança a cabeça, andando lentamente, as mãos espalmadas na parede atrás dele como se estivesse se aproximando de alguém até chegar ao corredor, e então ele sai correndo, seus pequenos passos apressados.. Não faço nenhum movimento até ouvir o trinco da porta do meu quarto.

Alívio inunda meu peito e olho para Parker com um sorriso. — Agora, onde estávamos? — Eu libero o ponto de pressão, estendendo a mão para pegar uma faca de manteiga do jogo americano ao meu lado, o peso de nós dois sobre a mesa fazendo-a ranger. Ele se debate novamente, os olhos esbugalhados e os lábios ficando azuis devido ao tempo que ele ficou sem oxigênio, e eu viro a faca na minha mão, a adrenalina bombeando pelo meu sistema como querosene. — Não posso dizer há quanto tempo sonhei com este momento.

Eu bato a faca de manteiga bem na parte interna de sua coxa. Sua boca se abre em um suspiro silencioso, mas nenhum som sai porque a

pressão da minha mão em torno de sua garganta restringe suas cordas vocais tanto quanto restringe seu ar. Giro a faca para que ela gire noventa graus em sua perna.

— Desculpe por isso, — eu estremeço. — Eu sei que deve ser *incrivelmente* doloroso. Tenho certeza de que cortei uma artéria importante.

Seu corpo treme, seus olhos tremulam como se ele estivesse prestes a perder a consciência.

Eu solto sua garganta e levanto minha mão, batendo em seu rosto. — Oh, não, não. Você não tem permissão para desaparecer. Fique um pouco. Quero que você realmente *experimente* o que planejei.

Seus olhos estão turvos enquanto ele olha para mim e ofega. — Foda-se. Você.

Meu joelho pressiona ainda mais seu esterno, minha mão gira mais a faca cega. — Sabe, se você jogar bem, posso tirar isso e você sangrará até a morte em minutos. — Eu me inclino, certificando-me de que seus olhos travem nos meus para que eu possa ver os demônios que atormentam sua alma e ter certeza de que eles me ouvem. — Mas como você não consegue encontrar *respeito*, acho que vou fazer isso doer.

Solto o cabo da faca e estendo a mão para pegar sua arma. Seus movimentos ainda são espasmódicos, mas têm muito menos força por trás deles, o sangue escorrendo ao redor de sua ferida aberta na perna certamente o deixando tonto por ter sido sufocado a poucos centímetros de sua vida.

Tirando meu joelho de sua barriga, fico em pé, agarrando-o pelo pescoço novamente e arrastando-o até jogá-lo no chão.

Ele cai como uma boneca de pano mole, rolando sobre as mãos e os joelhos, a faca ainda enfiada em sua coxa.

— Certamente, você sabia que chegaria a esse ponto. — Eu paio sobre ele e o chuto na lateral, da mesma forma que Amaya me disse que ele fez com ela. Ele cai e eu me movo, pisando em sua mão, pressionando todo o meu peso contra ele até sentir o barulho de seus ossos quebrando sob meus pés. — Afinal, você machucou a mulher que eu amo. A mulher por quem eu faria *qualquer coisa*.

— Ela é *minha*... minha esposa, seu pedaço de merda, — ele grita, dor e raiva infectando cada sílaba. — Ela assinou os papéis e eles estão arquivados no estado. Ela é minha para fazer o que quisesse.

Rindo, torço o calcanhar e me deleito com o grito estridente que escapa de sua boca. Eu solto sua mão debaixo do meu pé e uso a ponta do meu sapato para virá-lo até que ele fique deitado de costas, uma pequena poça de sangue se formando abaixo dele devido ao que está sangrando ao redor da faca.

— E você também fez com que ela assinasse um acordo pré-nupcial? — pergunto, olhando para ele, tirando a segurança da arma e me agachando ao lado dele, apoiando o metal frio em seu pescoço. Seus olhos se arregalam e eu faço uma careta, balançando a cabeça. — É claro que você não fez isso. Você é católico. O casamento é para a vida toda. — Eu me inclino, pairando sobre seu corpo quebrado e sangrando enquanto a compreensão brilha através de seus olhos. — Agora, o que você disse a ela? — Movo a arma para baixo em seu corpo, apoiando-a em cima de sua virilha. — Que você cortaria meu pau e me faria engasgar com ele?

Ele engole em seco, seu pomo de adão balançando e seu corpo congelado no lugar, provavelmente de medo.

Esta é sempre a minha parte favorita da matança: quando eles percebem que a vida deles está em minhas mãos e não há saída.

— Ela pode ser sua esposa, mas ela é minha *alma*, — sussurro em seu ouvido. — E eu vou cortar você pedaço por pedaço e queimar seu império até virar fuligem, só para poder vê-la ser a rainha das cinzas.

Puxo a faca de sua perna e a enfio bem perto de onde a arma está pressionada, ouvindo o tecido rasgar e o pedaço satisfatório de carne macia sendo dividido, os músculos rasgando e um grito torturado saindo de sua garganta.

Eu rio, o monstro e o homem dentro de mim finalmente se fundindo em um só, tendo um objetivo único em mente.

Vingança para Amaya.

— Não grite ainda, — eu digo, arrastando a faca para baixo até o sangue escorrer pelo tecido de sua calça.

Os olhos de Parker reviram, seu rosto ficando pálido e a força vazando de seus ossos como se o anjo da morte estivesse aqui para sugar sua alma.

Tiro a faca de sua virilha, sorrindo largamente enquanto a levo até meu rosto e vejo o sangue vermelho cobrindo o metal, e então pego minhas mãos e agarro seu corpo, virando-o até que ele fique deitado de bruços.

Ele geme, e eu apresso meus movimentos, sabendo que provavelmente faltam apenas alguns minutos até que ele perca completamente a consciência. Eu me inclino sobre suas costas, colocando a faca entre suas pernas, deslizando-a de onde ele está sangrando e quebrado e depois subo mais até que ela esteja em outro lugar delicado.

Pairando sobre ele, agarro sua nuca com força, empurrando seu rosto no chão.

Ele choraminga. — Pare, *por favor*.

— Ela pediu para você parar? — Eu pergunto. — Quando você a *estuprou*... ela pediu para você parar?

Meus dedos se apertam e eu levanto seu rosto apenas para esmagá-lo no chão novamente. Ele choraminga, mas é abafado pela força com que o empurro no chão.

— Vem de novo? — Eu pergunto.

— Por favor, *Deus*, — ele chora.

Rindo, eu me inclino. — Não vou lhe dizer para buscar a absolvição de minha *figura mítica* esta noite, Monsieur Errien. Veja, eu a adoro agora... então é para Amaya que você deve orar. Que Ela tenha misericórdia de sua alma.

Capítulo 51

Amaya

Estou sentada em frente a essa absoluta estranha.

Ela tem o rosto da minha mãe, mas não é a mulher que conheço.

Esta não é Chantelle Paquette.

Esta é *a irmã Genevieve*. Uma mulher de fé. De esperança renovada.

Alguém a quem foi concedido perdão, embora não de mim.

A verdade nessa afirmação incendeia meu interior até que não reste nada além de raiva em seu lugar. A mesma bola de tensão de antes na igreja se infiltra no centro das minhas entranhas, enrolando-se cada vez mais até apertar meu peito e fazer meus pulmões se encherem de fumaça.

Ela é uma farsa. Uma falsa. Uma narcisista usando um hábito e pregando palavras que nunca viveu.

— Você tem alguma... — Minha voz fica presa no nó na garganta e tento novamente. — *Alguma* ideia do que você fez? A bagunça que você deixou para trás?

Ela balança a cabeça, tomando um gole de chá. — Eu não vou falar sobre isso com você. Eu paguei minha penitência. Eu vivi minha culpa.

— A mesma mãe de sempre, embalagem totalmente nova, hein? — Olho sua roupa com desgosto. — Oh meu Deus, você conhece Cade?

Sua boca se abre, algo sinistro entrando em seu olhar. — Claro.

Estamos... perto.

— Sério? — digo secamente, embora suas palavras façam o ciúme penetrar em meu corpo e envolver minha garganta.

— Isso mesmo, — ela continua, um olhar altivo deslizando em seus olhos. — Ele *confia* em mim. Mais do que qualquer outra pessoa, imagino.

Meu sangue aquece com uma raiva possessiva e me inclino para frente, algo escuro e perverso girando em minha mente como uma teia de aranha. — Você não é especial, mãe. Não como eu. — Seu rosto cai.

Eu sorrio porque sei como apertar seus botões com muita facilidade. Passei dezenove anos da minha vida à sua mercê. Ouvi-la me dizer que eu não era boa o suficiente. Que meus seios eram muito grandes, meus quadris muito largos e eu era uma distração para todos os homens da vida dela.

E eu sei que a inveja é profunda. Profunda o suficiente para deixar suas responsabilidades de lado. Profunda o suficiente para esquecer as pessoas que você deveria amar.

Dou de ombros. — A verdade dói, não é, *mãe*?

Ela coloca a caneca sobre a mesa e se recosta na cadeira. É uma mudança confortável, que mostra o quão acomodada ela está aqui. *Aqui*, a menos de uma hora de onde ela abandonou Quinten e eu, deixando-nos para limpar sua bagunça.

Esse nó em minhas entranhas fica mais apertado. — Se eu pedisse a ele para matar você, ele o faria sem piscar.

Ela zomba. — Ele é um padre, criança. Por favor.

— Não. — Eu balanço minha cabeça. — Ele é *meu*.

— Ainda a mesma pequena Amaya delirante. Com sonhos maiores do que você tem seios.

Eu rio. — Lá está ela, boa e velha Chantelle Paquette. Uma farsa decente, mas uma mãe terrível.

— As pessoas podem mudar, Amaya.

— Besteira, — sibilo com os dentes cerrados, batendo a mão na mesa. — Você estragou tudo, repetidamente, e então foi embora, me pintando como uma bruxa e me deixando para juntar os cacos. Eu não dou a mínima se você mudou. Eu *não* te perdoo.

— Bem, — ela funga. — Deus perdoa e Ele é tudo o que importa. — *Um pouco mais apertado agora.*

Eu solto um suspiro, a tristeza enchendo meu peito, aquela jovem perdida que ainda sofre por uma mãe que levanta sua cabecinha patética. Talvez ela esteja aqui porque queria estar perto. Apenas no caso de. — Você já sentiu minha falta?

— Oh, Amaya. — Sua voz é suave e meu coração ingênuo bate forte no peito. — Não.

Os últimos fios de esperança daquela criança dentro de mim se desfazem, deixando para trás uma leveza que procuro desde o dia em que ela desapareceu. — Como está Qui... — *Boom.*

Eu saio da mesa e atravesso-a antes que ela possa piscar, envolvendo minhas mãos em sua garganta e apertando enquanto nós duas caímos no chão.

Ela grita, e tenho quase certeza de que minha costela está quebrada pela maneira como caímos, mas a fúria que lateja em meu sangue silencia todo o resto. Subo em cima dela, sentando em seu colo até que ela esteja

presa ao chão, e então a raiva bombeia em meu braço e eu balanço antes que possa pensar, dando um tapa no rosto dela, gotas de sangue jorrando de sua boca.

— Não se atreva a dizer o nome dele! — Eu grito, minhas mãos voltando para a garganta dela. Ela luta, e luta bem, as unhas cravando-se na pele do meu braço e arrancando pedaços do meu cabelo, mas não me importo.

Ela não pode me machucar mais do que já fez.

Aumento meu aperto e, eventualmente, seus movimentos se transformam em idiotas e então param completamente, silenciosamente tomando conta da sala.

Minha respiração está pesada e irregular, e um relógio na parede bate. Olho para ele, um zumbido delicioso percorre meu sistema.

E me sinto *livre*.

A porta se abre no fim do corredor e eu me levanto, girando e correndo para fora da cozinha em direção à frente.

Cade fica lá como um anjo negro, alto e imponente, com flocos de neve espalhando seu cabelo preto e a mão de Quinten na sua.

Solto um soluço, correndo até Quinten e agarrando-o em meus braços, abraçando-o com tanta força que ele se contorce. — Tudo certo! Tudo certo! — ele grita.

Soltando-o, sento-me sobre os calcanhares, o nó em meu peito se desembaraçando enquanto catalogo cada característica sua. Lágrimas inundam meus olhos novamente e eu daria qualquer coisa para parar de chorar. Já fiz o suficiente nos últimos dias para encher a porra de um rio.

— Tudo está certo? — Eu pergunto, meus olhos indo para Cade.

Ele sorri para mim, mas posso sentir a preocupação em seu olhar. — Tudo está resolvido, *mon trésor*.

Quinten começa a passar por mim, olhando ao redor deste novo lugar onde ele nunca esteve, e de repente me lembro do cadáver de nossa mãe na cozinha.

O pânico deve aparecer em meu rosto porque Cade enrijece, seus olhos olhando ao redor da sala antes de voltar para mim.

— Quin, — eu grito, meus músculos rígidos e doloridos. Agora que a adrenalina está passando, dói respirar. — Fique por perto, cara. — Eu me viro, observando enquanto ele se move para o pequeno santuário à esquerda, em vez de se aproximar da cozinha.

Definitivamente quebrei uma costela.

Cade se move na minha frente, suas luvas geladas por causa do ar do inverno enquanto ele segura meu rosto, seus olhos procurando meu rosto. — Você está bem?

Meus olhos se fecham enquanto afundo em seu abraço. — Eu fiz algo ruim. E vou precisar da sua ajuda para limpá-lo.

Trinta minutos depois, consegui convencer Quinten a entrar em um quarto no andar de cima, enquanto Cade está na cozinha, vendo o dano que criei. Ainda não contei a ele quem é realmente a irmã Genevieve, mas sei que para ele isso não terá importância. Deito-me ao lado de Quinten na pequena cama, ouvindo sua respiração se estabilizar e agradecendo a Deus, se Ele existe, por mantê-lo seguro, e finalmente me levanto, saindo do quarto na ponta dos pés e descendo as escadas.

Cade está lá esperando com uma xícara de chá fresco, o corpo da minha mãe desapareceu e a cadeira quebrada foi limpa como se, para

começar, nunca tivesse estado lá.

Ele larga a caneca, entrando em mim e me puxando contra ele, uma mão segurando o lado da minha cabeça e a outra segurando meu queixo.

— Sinto muito se ela era sua amiga. Eu acabei de...

— Shh, — ele acalma, acariciando meu cabelo. — Eu não ligo.

E agora as emoções que faltavam brotaram no centro do meu peito, deixando-me cansada, esfarrapada e desgastada. Descanso minha cabeça em seu peito e ouço seus batimentos cardíacos constantes, deixando que isso me acalme como sempre faz. — Ela era minha mãe. — Seu corpo fica tenso. — Ela veio aqui para, não sei, ficar perto, mas longe? Eu realmente não me importo por quê. Eu só... eu não queria matá-la.

Ele se inclina para trás, levantando meu queixo com os dedos e dando um beijo suave em meus lábios. — Se ela machucou você, ela merecia morrer.

Eu suspiro, balançando a cabeça com suas palavras. — Há algo de errado comigo?

Cade sorri, me trazendo de volta para seu peito e envolvendo seus braços em volta de mim, me embalando como se eu fosse dele. Como se eu fosse a única coisa que importa.

Isso faz meu corpo aquecer e meu coração fraturado inchar.

— Há escuridão em todos nós, *petite pécheresse*. Só precisamos aprender a controlá-lo. — Ele dá um beijo no topo da minha cabeça. — Eu posso te ajudar com isso.

Na manhã seguinte, acordo cansada e dolorida, mas pronta para enfrentar o dia. Cade me fodeu noite adentro ontem à noite, beijando minhas lágrimas e dando vida de volta aos meus ossos. Ele foi gentil e ainda doeu, mas também foi catártico. Eu *precisava* que ele apagasse a memória de Parker e a substituísse por ele mesmo. Porque eu o *escolho*.

Ele está sentado na beira da cama quando saio do chuveiro, olhando para suas mãos, aquele músculo em seu maxilar pulsando.

Meu estômago embrulha. — O que está errado?

Ele solta um suspiro, passando a mão pelos cabelos enquanto se vira para olhar para mim, sorrindo e estendendo a mão.

Eu aceito, deixando que ele me arraste para seu corpo até ficar entre suas pernas. Minha mão aperta a toalha em volta do meu corpo com força, medo do que posso *sentir* como más notícias subindo pela minha espinha.

— Eu tenho que te contar uma coisa, e é... não tenho certeza de como fazer isso ficar bem.

Eu me afasto dele, mas ele estende a mão, agarrando meus quadris e me mantendo firme. — O que está acontecendo?

Ele lambe os lábios e olha para o teto antes de encontrar meu olhar. — Dalia, ela... Parker chegou até ela e levou Quinten antes que eu pudesse...

Meu coração cai no estômago, o vômito sobe pela minha garganta, e eu me afasto dele, correndo para a lata de lixo, caindo de joelhos, a toalha desenrolando em volta dos meus quadris enquanto vômito no lixo, o gosto de bile e tristeza queimando a parte de trás da minha língua. Cade

se move atrás de mim e segura meu cabelo enquanto eu me agito a seco.

Eu olho para ele, balançando a cabeça, minha visão embaçada. — Ela está morta?

Ele acena com a cabeça, empatia nadando em seu olhar. — Sinto muito, *mon trésor*.

Minhas narinas se dilatam quando aceno com a cabeça, sentando-me ereta, meu estômago revirando e revirando como um navio em uma tempestade. Meu coração dói, e há um buraco no meu plexo solar, escancarado e com a sensação de que pode engolir tudo o que sou.

A tristeza me aperta pela garganta e fecho os olhos, as lágrimas escorrendo por baixo dos meus cílios e escorrendo pelo meu queixo.

Outro ponto no meu coração já marcado. Muito mais agora do que havia alguns meses atrás. Só que agora estou mais forte. Já passei por mais e tenho alguém ao meu lado.

Eu olho para ele, meus dentes cerrados com tanta força que faz meu queixo doer. — Você fez doer?

Sua mão percorre meu cabelo, algo escuro brilhando em seu olhar. — Sim.

Fechando os olhos novamente, tento controlar minha respiração, o peso desta nova realidade pressionando o centro do meu peito.

— Bom.

Capítulo 52

Cade

— Tenho uma confissão a fazer, — digo, olhando para o buraco que passei as últimas três horas cavando nas profundezas da floresta. O corpo da irmã Genevieve está deitado ao lado da mala onde enfiei Parker, e estou aproveitando esses momentos finais com os dois para ter uma conversa franca. — Tenho uma doença dentro de mim. — Descanso minha mão em cima da pá. — Para o qual não há cura. Mas Amaya... ela alimenta tanto o monstro quanto o homem. Meu par perfeito em todos os sentidos. Lamento que vocês dois tenham morrido para ficarmos juntos, mas Ele é misericordioso e perdoará.

Fazendo uma pausa, penso no que disse. Embora eu ainda tenha fé e acredite em Deus, as coisas mudaram. *Eu* mudei. Já vi a corrupção espalhar-se pela igreja e os “bons” homens acabarem por ser maus. Vi anos da minha vida em que lutei para expiar minha doença serem apagados com simples beijos em minhas cicatrizes.

Quando estou com Amaya, a lembrança da irmã Agnes não grita tão alto.

Encontro minha paz nela. Ela é meu santuário. Minha casa. Minha alma. — Mas mesmo que Ele não o faça, — continuo, — eu sobreviverei.

Levo duas horas para enterrá-los sob as árvores e depois volto para Festivalé para amarrar as últimas pontas soltas. Amaya está angustiada por ter perdido sua amiga e, quer ela admita ou não, há algum nível de

culpa que a seguirá como uma segunda pele, como acontece com qualquer pessoa que faz o papel de Deus e tem a vida de alguém nas mãos.

Vou primeiro para minha casa para me limpar e depois direto para o hospital. Já é noite, já passou do horário de visitas, mas eles não recusarão um padre que está ali para confortar uma vítima.

Esta será a última coisa que farei como sacerdote.

Adequado, eu acho.

Entrando no quarto, fecho a porta atrás de mim, segurando meu rosário e a Bíblia enquanto giro e olho para a mulher descansando na cama no meio do quarto.

Florence Gammond.

Viva e bem.

Ela está conectada a uma bolsa intravenosa e a um monitor cardíaco, e vira o rosto inchado para mim enquanto arrasto uma cadeira e me sento ao lado dela.

Seu rosto está mutilado, quase irreconhecível, e eles tiveram que raspar sua cabeça para colocar vários pontos na lateral de seu couro cabeludo.

Mas ela vai ficar bem.

E se ela quiser continuar assim, fará exatamente o que eu digo.

— Bom dia, Florence.

— Padre, — ela murmura, com a voz áspera e seca. — Meu marido mandou você?

— Parker, — eu afirmo.

Seu monitor de frequência cardíaca emite um sinal sonoro mais rápido e meus olhos se voltam para ele antes de pousar de volta nela. Dei um palpite aleatório, com base na maneira como ela identificava Amaya e sempre o procurava em todas as multidões.

Tiro um pedaço de fiapo do meu braço. — Você se lembra de alguma coisa sobre o que aconteceu?

Ela pisca, tanto quanto *consegue* piscar com as pálpebras roxas e inchadas, e abre a boca como se estivesse pensando. — Sou...

— Não, — eu a interrompi, inclinando-me para frente até meu rosto pairar acima do dela. — Acho que você está prestes a ficar *confusa*. Deixe-me ajudá-la. Ela tenta falar novamente.

— Shh. — Pressiono um dedo contra sua boca e ela estremece quando pressiono. — Não fale, minha filha. Apenas ouça. Você sabia que Parker gostava de gravar fitas?

Mais uma vez, o monitor de frequência cardíaca aumenta e meu olhar vagueia até ele antes de focar novamente. Vou precisar me apressar. Muito mais estresse e uma enfermeira vai aparecer.

Nada do que estou dizendo é verdade, mas ela não sabe disso e Parker não está por perto para contestar a afirmação. — Ele teve muito a confessar nos últimos meses, *Sra. Gammond*. Sua pobre e infeliz alma ficou mais do que feliz em entregar as fitas à igreja, para aliviar sua consciência e permitir que Deus concedesse misericórdia à sua alma. — Levanto uma sobrancelha. — Você acha que havia alguma de vocês?

Ela tenta se sentar e eu me aproximo, pressionando levemente seu peito e mantendo-a presa à cama.

Eu me inclino e sussurro em seu ouvido, — Se você não fizer exatamente o que eu digo, vou libertar todos eles. Você será motivo de chacota em Vermont, colocada na lista negra de todas as *carreiras* que deseja seguir. Vou colocá-lo em exposição para que sua mãe veja. Seu pai. Seu marido. Seu *filho*. Você entende?

— Meu marido não pode saber. Ele não pode...

— Ele sabe que Bradley não é dele?

Isso a cala rapidamente. *Eu tive um pressentimento.*

Sussurro suas instruções e saio tão rápido quanto vim, voltando para as montanhas para ficar com Amaya e Quinten.

E então rezo como nunca rezei antes, esperando que minhas ameaças vazias funcionem.

Elas fazem.

Três dias depois, uma coletiva de imprensa é realizada com o Detetive Fuller anunciando que, com a ajuda de Florence Gammond, eles conseguiram conectar o Estrangulador da Montanha Verde a Parker Errien.

Segundo ela, ele era *obcecado* pela esposa, Amaya, muito antes de ela concordar em ser dele. Ele a perseguiu até o trabalho, matando Andrew por ciúme. Foi uma coincidência fortuita que ele também frequentasse a mulher que assassinei na minha primeira noite.

Florence disse que estava cansada dos jogos, ameaçando contar a Amaya sobre o caso deles, e ele a seguiu furioso, espancando-a até virar polpa no banheiro. Quando encontraram Dalia assassinada com a abotoadura ao lado do corpo, foi um caso aberto e fechado.

Tanto Festivalé quanto Coddington Heights preferem que as pessoas

fiquem calmas e pensem que pegaram o assassino, mesmo que a história não se *alinhe*.

Estou muito grato por Amaya não ter ficado presa na mira.

Como Parker não está por perto para contestar as acusações, eles presumem que ele fugiu do local e uma caçada humana está em andamento.

Eles não o encontrarão. Não, a menos que eu decida que deveriam.

Sua esposa, por outro lado, está livre e limpa, e depois que a poeira baixar e chegarmos onde ela quiser, cuidaremos dos bens que o advogado de Parker insiste que estão agora sob o controle de Amaya. Ele não tem parentes vivos, nenhum testamento, o idiota presunçoso, e nenhum acordo pré-nupcial assinado para impedi-la de ter acesso aos fundos.

Tecnicamente, ele ainda está vivo aos olhos da lei, então se um corpo eventualmente precisar aparecer para que tudo continue sendo dela, eu farei isso acontecer.

Eu faria *qualquer coisa* por ela.

— Você está bem? — Eu pergunto.

Estou na sala de estar do mosteiro, olhando para os pinheiros cobertos de neve com Amaya ao meu lado.

Ela balança a cabeça, mordendo o lábio inferior. — Estou triste. Mas se eu deixar minha dor me consumir, Parker vencerá. E Dalia me odiaria por isso.

Dou um beijo em sua cabeça, meu monstro quieto e saciado, ronronando no fundo do meu peito. Não sou mais padre, pelo menos não oficialmente. Pedi demissão e deixei o sacerdócio ontem com o Bispo Lamont, e ele está nos permitindo ficar aqui no mosteiro até decidirmos

para onde gostaríamos de ir.

— E agora? — Eu penso.

Ela sorri, olhando para Quinten, que está alinhando seu novo conjunto de dinossauros que comprei para ele no caminho de volta da cidade.

Ela se inclina em meu peito, descansando a mão sobre meu coração.

— Agora, nós vivemos.

Estico a mão e levanto seu queixo, inclinando-me e mordiscando sua boca com os dentes até que a pele se rompa e eu possa absorver o sangue.

— E, *petite pécheresse*, — eu sussurro contra seus lábios.

— Diga-me... a quem você pertence?

— A mim mesma.

Minha mão aperta seu rosto.

Ela sorri. — E a você, Cade Frédéric. Meu coração pertence a você. Em todas as nossas vidas.

Epílogo

Cade

Fico nas sombras e a observo.

Ma petite pécheresse. Mon trésor.

Minha esposa.

Ela está coberta de sangue.

Isso me deixa excitado.

Cinco anos se passaram desde que a vi dançando pela primeira vez no clube, e embora ela fosse fascinante como Esmeralda, ainda é, quando ela escolhe fazer apresentações privadas para mim, ela é absolutamente deslumbrante assim.

Mortal. Devastadora. Diabólica.

Houve muito trauma interno que Amaya manteve reprimido durante anos, nunca permitindo que subisse à superfície, enfiado tão profundamente que ninguém sabia que estava lá. Nem mesmo ela.

Mas, como os monstros costumam fazer, ele ficou forte no escuro, banquetecendo-se com a dor inexplorada e inalando-a como se fosse vitaminas.

Não sou estranho a esse sentimento, então ensinei-a a deixá-lo livre.

E ela me ensinou como separar minha verdadeira fé, meus *verdadeiros* ideais daquilo que sofri uma lavagem cerebral para pensar

quando criança.

Juntos, somos equilibrados. Impenetrável. Inabalável.

Ainda assim, enquanto ela olha para mim, com um brilho brilhante vindo de seu sorriso, dividindo as bochechas manchadas e encharcadas de sangue em seu rosto, há uma sugestão de *algo* que passa através de seus olhos.

Como se ela estivesse esperando que eu lhe dissesse que ela é uma decepção. Ou como ela deveria fazer as coisas de maneira diferente. Como ela deveria *se sentir* sabendo que o que ela fez é algo que um ex-padre da Igreja Católica desprezaria e condenaria.

Sorrio para ela, mergulhando no chão de nossa cabana particular, escondida nas montanhas de Auvergne, e seguro seu rosto em minhas mãos, levantando seu queixo para que nossos olhos se encontrem.

— *Mon trésor*, você é uma visão.

Ela sorri de volta, o alívio percorrendo seu olhar.

Como se eu fosse evitá-la.

Não há nada que ela possa fazer que eu me afastaria.

Como ex-padre. Mas ainda mais agora que sou apenas um homem.

Ainda tenho minha fé. Ainda acredito na força inabalável que é Deus. Tudo empalidece em comparação com ela.

Ela é minha Bíblia. Minha escritura. Minha religião.

Ela é tudo e eu não sou nada sem ela.

Não há nada que eu não faria por ela.

Nenhum sofrimento que eu não suportaria só para garantir que ela

vivesse uma vida sem dor.

É por isso que, depois de viajar durante o primeiro ano após a notícia de que Parker era o Estrangulador da Montanha Verde, eu a trouxe aqui para a região de Auvergne-Rhône-Alpes, França. Para resolver.

Quinten aceitou surpreendentemente bem a mudança de rotina e floresceu de uma forma que nunca conseguiria enquanto estava encurralado em Festivalé, e embora ele não tenha tido tanta terapia formal no início, uma vez que nos estabelecemos, Amaya achou-o o melhor, brincar de terapeutas para trabalhar. Ele agora estuda em casa, com um pequeno grupo de outras crianças neuro divergentes, e eu estaria mentindo se dissesse que meu coração não aqueceu ao vê-lo florescer do jeito que está.

Esta noite, na verdade, ele vai passar a noite com um de seus amigos mais próximos. Então Amaya e eu pensamos que era o momento perfeito para nos soltarmos e deixarmos nossos monstros *voarem*.

Além disso, acabamos de nos casar em uma pequena cerimônia ao ar livre. Não católico, claro, mas ao longo dos anos, as minhas crenças passaram de uma religião estrita para uma fé espiritual. Deus me ama por quem eu sou, *assim* como sou. E não preciso me envolver na política e na corrupção que é a igreja.

Eu pressiono beijos suaves na extensão de sua garganta, minhas mãos firmes em seu aperto enquanto eu a viro de um lado para outro, manipulando seu corpo precisamente do jeito que eu quero.

— Cade, — ela geme. — Deixe-me limpar primeiro.

— Hmm, — eu cantarolo contra sua pele. — Acho que prefiro você assim, *mon trésor*. Suja e depravada.

Ela zomba, pressionando meus ombros, mas em vez de me afastar, seus dedos cavam no tecido da minha camisa e me apertam.

— *Imunda*, até, — continuo.

— Eu tenho...

Seus débeis protestos são interrompidos quando eu mordo a junção de seu pescoço e ombro e pego uma de minhas mãos, deslizo-a pela frente de seu corpo e mergulho na parte superior de sua saia esvoaçante, por baixo de sua calcinha fina, encontrando-a encharcada e pronta para mim.

Do jeito que ela sempre está.

— Devo levar você aqui, *petite pécheresse*? — Eu pergunto. — Foder você com meus dedos antes que eu te estique com meu pau?

— Deus, sim, — ela respira.

Eu bato em sua boceta com força. — *Não* tome Seu nome em vão. — Seus olhos brilham e meu pau pulsa.

Ela sabe que ainda tenho fé e, embora ela nunca seja religiosa, descubro que não me importo. Na verdade, acho que ela considera as preliminares para me irritar. Ela acha que vou fazer doer mais quando a levar.

Normalmente, ela está correta.

Ela fica na ponta dos pés e esmaga sua boca na minha, sua língua deslizando entre a costura dos meus lábios e se enroscando nos meus, o gosto dela invadindo cada um dos meus sentidos. Eu gemo contra ela, meu saco apertando enquanto eu a levo de volta e a bato na parede, moendo meu comprimento latejante contra ela.

Parte de mim presumia que, depois de um tempo, minha obsessão

diminuiria com a familiaridade, mas descobri que é o oposto.

Sua depravação mergulha para encontrar meu monstro, e seu espírito voa alto para me dar fé. Não há *nada* além de Amaya para mim.

Caio de joelhos, rasgando suas roupas o mais rápido que posso, os botões voando de sua blusa e o tecido rasgado flutuando para o lado enquanto exponho sua boceta molhada ao ar livre.

Meu antebraço a mantém firmemente contida contra a parede.

— Você e suas paredes, — ela reflete, seus dedos correndo pelas mechas pretas bagunçadas do meu cabelo.

Eu sorrio enquanto me inclino e sopro em seu clitóris inchado.

— Oui. Gosto de você onde posso mantê-la, *mon trésor*.

E então eu me inclino e a adoro. Do jeito que nasci para fazer.

Ela é minha salvação.

Minha esperança

Minha tentação.

Meu sangue.

Meu tudo.

— Cade, — ela geme, seus dedos rasgando as raízes do meu cabelo. Isso faz meu pau latejar com uma gota de esperma, doendo para sentir mais a dor que só ela pode proporcionar.

Minha língua lambe ela, do topo de sua boceta para baixo até que estou circulando sua entrada, o gosto almiscarado de sua excitação me deixando bêbado de necessidade.

Ela empurra seus quadris mais para dentro de mim, esfregando seu

clitóris contra meu rosto, e eu volto para cima, sugando-o em minha boca e esfregando minha língua contra o feixe de nervos.

Suas pernas começam a tremer, e eu saio de onde estou segurando-a e agarro a parte inferior de suas coxas, levantando-a até que seus joelhos estejam sobre meus ombros e sua bunda esteja apoiada em minhas mãos, fazendo sua boceta se abrir ainda mais para mim.

Eu me deleito com ela. Eu poderia me sufocar nela e isso nunca seria suficiente.

E então ela está gozando, *com força* em volta da minha língua, e eu estou me movendo antes que ela possa pensar outra palavra, deixando cair minhas calças no chão e alinhando meu eixo grosso até seu buraco, suas pernas envolvendo minha cintura, antes de eu a separar com uma lança. com um único impulso.

Nossos quadris colidem, um tapa forte ressoando no ar ao nosso redor, e meus olhos reviram com o quão absolutamente perfeita ela parece me segurando como um torno. Ela ainda está gozando, sua boceta apertando e liberando em um ritmo torturante, fazendo meu saco subir antes que eu possa pensar duas vezes.

— Você parece tão perfeita, mon trésor, gozando em volta do meu pau como meu pequeno pecador imundo.

Sua cabeça cai para trás, suor cobrindo seu rosto, as manchas de sangue do homem que ela matou antes fazendo-a parecer um anjo caído enviado à terra só para mim.

Gemendo, eu fodo com ela, repetidamente, até que ela grita meu nome novamente, suas unhas cravando nas cicatrizes nas minhas costas, até mesmo através do tecido, até que eu as sinta sangrar.

Essa dose de dor é o suficiente e estou perdido.

Cegante, com bolhas, que tudo consome.

A luz branca dança diante dos meus olhos enquanto o prazer corre através de mim, e juro que nunca me senti mais próximo de Deus do que quando estou dentro da minha esposa.

Nossos corações dançam juntos, nossos peitos pressionados um contra o outro enquanto descemos do alto e recuperamos o fôlego.

Isto somos nós em sua essência.

Selvagem.

Indomável.

Invencível e brutal em todos os sentidos.

Eu fodo com ela mais duas vezes antes de nos limparmos completamente no chuveiro e depois vou para a sala da cabana, onde preparo chocolate quente caseiro.

É tradição.

Aqueço o leite, o fogão a gás faz barulho enquanto pega fogo, e sorrio quando Amaya vem atrás de mim com o martelo, seus olhos verdes brilhando como se ela não se importasse com o mundo.

Trabalhamos juntos sem falar, apenas aproveitando a companhia um do outro no silêncio, e só quando estamos enrolados no sofá em frente à lareira crepitante é que ela cantarola enquanto toma seu primeiro gole.

— E agora, meu marido?

Meu coração aperta no peito e coloco minha caneca na mesa, indo em direção a ela e pressionando meus lábios contra os dela suavemente. —

Eu adoro quando você me chama assim.

Ela sorri. — Você simplesmente adora que eu seja sua em todos os sentidos agora.

Meus dedos passam ao longo de sua bochecha, movendo-se para trás até que estou segurando seus cachos em minha mão. — Você *sempre* foi minha.

— Sabe, Monsieur Frédéric, acho que você está certo sobre isso.

Lentamente, tiro sua xícara de chocolate de suas mãos e a coloco na mesa de centro.

E então mostro a ela o quanto ela *realmente* pertence a mim. Da mesma forma que pertença a ela.

Lento, macio e suave no tapete da sala, quente do fogo.

E eu a amo.

Em todas as vidas.

Amaya

Se alguém tivesse me dito há doze anos que eu seria um viajante mundial, eu teria rido na cara deles. Provavelmente teria pensado que eles estavam zombando de mim.

Porque há doze anos, neste dia, 5 de julho, eu tinha acabado de completar dezenove anos e minha mãe me abandonou com meu irmão de um ano.

E agora, aqui estou. Morando nas montanhas da França, sete anos depois de conhecer a outra metade da minha alma, casar com ele e amar sem limites.

É de manhã cedo e estou sentada na varanda da nossa casa de campo nas montanhas de Auvergne. É isolado, privado. Lindo.

Ivy traça o tijolo branco e envolve o corrimão, e há um pátio de paralelepípedos no quintal com vista para um lindo jardim de flores. É um espaço amplo, que utilizamos para entreter quando temos vontade. Afinal, somos conhecidos como pessoas ricas aqui.

É o que acontece quando você fica viúva de um magnata bilionário que não deixou testamento.

É claro que houve várias pessoas que contestaram. Afinal, Parker não estava *oficialmente* morto e só ficamos casados no papel por poucos dias.

Mas meu marido providenciou para que fôssemos bem cuidados.

Não lhe pergunto o que teve de fazer para que os outros retirassem as suas queixas, mas tenho uma ideia.

E quando o estado exigiu um corpo, o de Parker apareceu de repente.

E tudo o que ele possuía foi oficialmente transferido para o meu nome.

Usei uma grande parte para injetá-lo de volta na comunidade de Festivalé de uma forma que Parker nunca fez. Tiramos as pessoas das ruas, limpamos as calçadas quebradas e promovemos escolas profissionais e pequenos negócios que permitiriam à comunidade prosperar além da obtenção de dinheiro através do turismo e de fingir ser uma mini França.

E então abri um estúdio de pole e chamei-o de Dalia's Dancers.

Existem agora dez deles nos Estados Unidos e outro será inaugurado aqui na França na próxima semana.

É o mínimo que posso fazer para honrar a memória da minha melhor amiga.

Mas a culpa ainda bate forte sempre que penso nela.

E às vezes *sonho* com ela. Ela vem até mim e me abraça forte enquanto eu grito minhas desculpas e ela me acalma e diz que não há nada a perdoar. Nunca vou acreditar, mas sei que ela não gostaria que eu me afundasse na perda.

Então, em vez disso, vivo para ela.

Uma risada tilintante atinge meus ouvidos e eu sorrio, bebendo o resto do meu café antes de sair do meu quarto e descer as escadas até chegar às portas francesas que se abrem para o pátio dos fundos.

Respiro fundo, o ar gruda na minha pele, uma brisa leve e fresca sopra através dos fios do meu cabelo enquanto olho para as montanhas, e então me concentro em onde Cade e Quinten estão amontoados no chão, bem antes de pedra se transforma em grama. Sorrio enquanto me aproximo, meu coração se expande quando vejo que eles estão pintando.

De novo.

Eles começaram a fazer isso quase todas as manhãs, e Quinten é um artista incrível.

Meu coração explode quando Cade se vira para mim, sorrindo o suficiente para criar covinhas em suas bochechas, seus olhos brilhando de uma forma que nunca fizeram em Festivalé.

É assim que a paz se parece.

Embora nós dois ainda tenhamos nossos momentos.

Às vezes, a escuridão passa pelo seu olhar, e sei que ele está ouvindo a irmã Agnes. Sempre que isso acontece, eu rastejo em seu colo e o abraço com força, meus membros envolvendo-o como um torno enquanto sussurro o quão digno ele é apenas *ser*.

Que se ele se machuca, ele me machuca.

Que podemos cometer erros sem nos arrepender.

Ele geralmente acena para mim e sussurra orações para seu deus enquanto eu seguro suas peças até que ele possa costurá-las sozinho.

Então eu deixei nosso amor doer tanto que ele esqueceu o resto de sua dor.

— Vocês dois parecem bagunçados, — eu digo, sorrindo enquanto me aproximo.

Quinten ri enquanto olha para mim, pulando de joelhos, mas então, como sempre, ele olha para suas mãos e percebe o quão coloridas elas são por causa da tinta, e ele fica rígido antes de se levantar e correr para a bacia de água limpa que eles colocaram na borda da pedra.

Ele é muito mais adaptável do que eu imaginava, e isso é mais uma coisa que faz a culpa tentar estender a mão e cravar suas garras. E é aí que é a vez *de Cade* me lembrar que cometer erros é humano e que a vida é uma questão de aprendizado. Sobre crescer.

E nunca vou parar de crescer com Quinten.

No momento em que chego perto, Cade estende a mão, passando os braços em volta de mim e me puxando para seu colo. Eu grito, a tinta molhada em suas mãos criando impressões roxas e douradas na minha pele, lembretes físicos de que sou dele tanto quanto ele é meu.

— *Salut, petite pécheresse*. Você está bonita hoje.

Ele se inclina, dando um beijo suave em meus lábios e esfregando o nariz no meu. Eu sorrio, afundando em seu toque.

— Você chegou em casa tarde ontem à noite, — murmuro, olhando para Quinten, que está limpando a tinta do braço e pulando na ponta dos pés.

— Eu cheguei. — Ele cantarola.

Ele não dá mais detalhes e eu não peço que faça isso. Algumas coisas sobre Cade nunca mudarão, e eu o amo totalmente, *por causa* de quem ele é, não apesar disso.

Mesmo que eu tente deixá-lo saber que ele não tem um *monstro*, apenas um garotinho machucado que nunca teve a chance de se curar.

Mas suas cicatrizes contam sua história, e seus mecanismos de enfrentamento são dele, da mesma forma que os meus são meus.

Como sempre disse, nossa experiência nos molda, queiramos ou não.

Suas mãos grandes deslizam pela minha espinha, causando arrepios pelo meu corpo.

Deus, eu gostaria que estivéssemos sozinhos.

Anos depois e ainda não me canso dele.

— Quin, — eu grito, percebendo que ele está agora no fundo do quintal e cheirando cada flor. Eu me movo para sair do colo de Cade, com a intenção de perguntar a Quinten se ele quer fazer uma caminhada hoje, mas antes que eu possa, Cade me agarra com força e me puxa de volta para baixo.

— Quando estivermos sozinhos, — ele murmura, — vou foder você

aqui mesmo nesta cadeira e lembrá-la a quem você pertence.

Eu zombei. — Provavelmente vamos quebrá-la.

Seus olhos brilham. — Só podemos ter esperança.

Se ele tivesse dito as coisas tão abertamente quando nos conhecemos, tenho certeza de que teria evitado sua possessão extrema. Mas agora... agora não há nada que eu deseje mais. Eu gosto de ser dele. *Sentindo* que sou dele. Ser lembrada disso.

Adoro ter um homem que nem mesmo *Deus* poderia governar, e sei que poderia pedir-lhe para fazer qualquer coisa e ele me daria.

A verdade é que nós dois nos perdemos no mundo, e o mundo não se importou em nos encontrar, então, em vez disso, nos encontramos.

Ninguém nunca me amou desse jeito.

Então, novamente, não tenho certeza se nosso amor é algo comum.

Dói muito.

Notas

[← 1]

A ecolalia é um distúrbio de desenvolvimento da fala que se caracteriza pela repetição de palavras ou frases, mesmo que não faça sentido para o que se deseja comunicar. É um dos sintomas mais comuns entre as características da linguagem no autismo.

[← 2]

O Processamento Gestalt da Linguagem (GLP) é uma forma de desenvolvimento da linguagem que se baseia na ideia de que as pessoas aprendem a linguagem por meio de frases inteiras, e não por palavras isoladas. No GLP, a pessoa atribui significado a uma frase inteira e usa essa frase para expressar o significado associado na comunicação. Por exemplo, uma criança pode dizer “Quero queijo parmesão!” para expressar a sensação de fome ou vontade de comer.

[← 3]

Capela

[← 4]

Pequena pecadora

[← 5]

Não, bruxa?

[← 6]

Que o corpo de nosso Senhor Jesus Cristo guarde sua alma para a vida eterna. Que o corpo de nosso Senhor Jesus Cristo guarde sua alma para a vida eterna.

[← 7]

Não, ridículo

[← 8]

pequena pecadora

[←9]

Tchau

[← 10]

Sinto muito linda. Você está bem?

[← 11]

Me siga

[← 12]

Meio-jogo é a parte de um jogo de xadrez entre a abertura e o final do jogo. Começa quando cada jogador completou o desenvolvimento de todas ou a maioria de suas peças e trouxe seu rei para uma segurança relativa.

[← 13]

Desgraçado

[← 14]

Shh, morto-vivo

[← 15]

A terapia de Análise Comportamental Aplicada (ABA) é um tipo de terapia comportamental que ajuda pessoas com autismo e outros distúrbios do desenvolvimento a aprender habilidades para viver vidas mais gratificantes

[← 16]

Terapia lúdica é um tratamento psicológico que usa o brincar para ajudar as pessoas, especialmente crianças, a expressar seus sentimentos e lidar com questões psicológicas, envolve atividades como brincar, e os terapeutas observam os clientes durante a brincadeira para aprender sobre seu comportamento

[← 17]

Você me deixa louco.

[← 18]

Garota suja

[← 19]

Essa boceta é minha

[← 20]

Isso é a vida

[← 21]

Você é minha, ao longo de todas as nossas vidas

[← 22]

Se você soubesse meu amor por você

[← 23]

Expressar falta de interesse ou entusiasmo